UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANA E SOCIAIS

WASLAN SABOIA ARAÚJO

FORTUNA E PERIGOS NAS VIAGENS DE NOBRES QUATROCENTISTAS

FRANCA
2018

WASLAN SABOIA ARAÚJO

FORTUNA E PERIGOS NAS VIAGENS DE NOBRES QUATROCENTISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História

Área de concentração: História e Cultura
Orientadora: Susani Silveira Lemos França

FRANCA
2018

Araújo, Waslan Saboia.
Fortuna e perigos nas viagens de nobres quatrocentistas / Waslan Saboia Araújo. – Franca : [s.n.], 2018.

166 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientadora: Susani Silveira Lemos França

1. Castela e Leão (Espanha). 2. Oriente - Descrições e viagens. 3. Escritos de viagem. I. Título.

CDD – 946

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andreia Beatriz Pereira – CRB8/8773

WASLAN SABOIA ARAÚJO

FORTUNA E PERIGOS NAS VIAGENS DE NOBRES QUATROCENTISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura

Orientadora: Susani Silveira Lemos França

BANCA EXAMINADORA

Presidente:

_____

Prof.ª Dr.ª Susani Silveira Lemos França, UNESP/Franca.

1º Examinador:_____

Prof. Dr. Paulo Catarino Lopes, Investigador do IEM e do CHAM - FCSH Universidade Nova de Lisboa.

2º Examinador:_____

Pro.ª Dr.ª Renata Cristina De Sousa Nascimento, UFG e PUC-Goiás.

Franca, 01 de outubro de 2018.

Para minha família e amigos

AGRADECIMENTOS

Em relação à viabilização da pesquisa, agradeço o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo nº 2016/02110-6) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bem como ao Grupo Temático "Escritos sobre os novos mundos*:* uma história de construção de valores morais em língua portuguesa (FAPESP – Processo nº 2013/14786-6)" pelos seminários internos e ampliados, que muito contribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora Susani Silveira Lemos França pelo incansável comprometimento e cuidado que dedicou tanto à elaboração deste trabalho, como às demais etapas da minha formação, bem como por todo o carinho e amizade que sempre me ofereceu de tão bom grado. Meus agradecimentos, também, aos professores doutores Paulo Catarino Lopes e Renata Cristina de Sousa Nascimento pela leitura cuidadosa no exame de qualificação e pelas sugestões para o aprimoramento do trabalho.

Agradeço imensamente aos amigos Ana Carolina Viotti e Rafael Afonso Gonçalves, sempre tão atenciosos, presentes e dispostos a ajudar em todas as esferas possíveis, bem como pela mostra de profissionalismo e empenho, igualmente de suma importância. A Jean Marcel de Carvalho França, Thiago Alvarado e Clara Braz por todos os conselhos, leituras, discussões e, em especial, pela amizade e suporte que ofereceram no decorrer dos anos do mestrado.

Àqueles que acompanharam cotidianamente esta jornada, à Adrielli de Souza Costa agradeço por todo o carinho, companheirismo, e alegria que me proporciona. À Janaína Salvador Cardoso e ao Rodolfo Nogueira da Cruz agradeço a grande amizade que foi construída nesses anos e reforçada diariamente, bem como por toda a ajuda – seja em questões pessoais, seja em questões profissionais – com a qual sempre pude contar. Ao Gabriel Ferreira Gurian por todas as trocas, amizade e ajuda que me ofereceu sempre tão prontamente.

A todos os membros do grupo Escritos sobre os novos mundos*:* principalmente à Michelle Tatiane Souza e Silva, à Simone Almeida, à Danielle Oliveira Mercuri e ao Leandro Alves Teodoro por todas as dicas e contribuições para o andamento do estudo. Aos amigos que, mesmo à distância, se mostraram sempre presentes: Renan Souza, Jackson Santana, Nielson Vagner, Bruce Scheidl, Fellipe Lopes e Agatha Diniz por todo carinho e preocupação.

Para finalizar, agradeço à toda a minha família, por todo o carinho e apoio incondicional. Aos meus pais, Maria Leticia Saboia Araujo e José Emilde dos Santos Vidal, pela formação e ensinamentos, assim como pelo amor e exemplo de vida; à minha tia Izélia Saboia Araujo, pelo

amparo que me ofereceu no fim da graduação, e ao meu irmão Francisco Ailton e à minha cunhada Thaís Carolina por todo o carinho.

Cualquier peligro que veáis, seguid confiados; cualquier cosa que surja, no tengáis miedo: Dios os dará feliz destino, y gracias a la bondad divina habéis de ver aquello que vais buscando. Ahora es cuando se dan cuenta los servidores de Dios que ellos viajan por mandato divino.

El Viaje de San Brandán.

ARAÚJO, Waslan Sabóia. **Fortuna e perigos nas viagens de nobres quatrocentistas**.2018. 166f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Franca, 2018.

Resumo: Ao longo do século XV, o reino de Castela testemunhou a produção de um expressivo número de relatos de viagens rumo a plagas longínquas, viagens essas protagonizadas por membros da nobreza, nomeadamente: a *Embajada a Tamorlán*, *El Victorial*, a obra *Andanzas y viajes de un hidalgo español* e o *Libro del infante Don Pedro de Portugal.* Tais registros, legados por viajantes que mantiveram relações com a Coroa dos Trastâmara, contribuíram decisivamente para alimentar o interesse por viajar e por saber sobre outros povos e lugares, sem deixar, contudo, de enfatizar a má ou boa sorte das andanças. Os riscos e as dificuldades dos percursos mereceram, por isso, especial atenção dos narradores, que buscaram sugerir os cuidados a serem tomados para garantir segurança e assistência aos que se deslocavam. Sem perder de vista as condições e o valor do viajar, em um período em que os reinos ibéricos davam os primeiros passos em busca de expandir-se, o foco específico da presente pesquisa são os perigos e os amparos descritos pelos nobres em viagem para sítios pouco conhecidos.

Palavras-chave: Castela, Século XV, Viagens ao oriente, Nobreza, Relatos de viagem.

ARAÚJO, Waslan Sabóia. **Fortune and danger on the travels of nobles at the fifteenth century**. 2018. 166 pages. Master's Thesis (History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Franca, 2018.

Abstract: During the fifteenth century, the kingdom of Castile testified the production of an expressive number of travel reports to distant sites, travels which were carried out by members of the nobility, namely: the *Embajada a Tamorlán*, *El Victorial*, the work *Andanzas y viajes de un hidalgo español* e the *Libro del infante Don Pedro de Portugal*. Such records, given by the travelers who maintained relations with the House of Trastámara, have contributed in a decisive way to nourish the interest in traveling and knowing about other peoples and places, without, however, emphasizing the bad or good luck that could be faced among the paths. The risks and difficulties of the journeys deserved, therefore, special attention of the narrators, who suggested and described the cautions that should be taken to guarantee security and assistance to those who were traveling. Considering, as well, the conditions and value of travel in this period when the Iberian kingdoms were taking their first steps in search of expansion, this research aims to present and discuss the mentions of danger and assistance described by the nobles who were traveling to little-know places.

Keywords: Castile, Fifteenth century, Travels to the East, Nobility, Travel reports.

Sumário

Apresentação 12

Capítulo 1: Nobres castelhanos em viagem 18

1.1 Viajar pelo reino e pelas redondezas 20

1.1.1 Viajar em nome e em defesa do reino 23

1.1.2 Viajar para festejar e treinar para a guerra 30

1.2 Partir para mais longe 34

1.2.1 Avançar para reinos não cristãos 35

1.2.2 Encontrar nobres em andanças por terras distantes 40

Capítulo 2: As vias, as paradas e os amparos 52

2.1 De uma terra a outra pelo mar 55

2.2 Os caminhos por terra 64

2.3 Os recursos ao longo dos caminhos 73

2.3.1 Provisões indispensáveis: comida e água 75

2.3.2 Segurança e hospitalidade 87

Capítulo 3: Perigos e dificuldades no caminho e na estada 101

3.1 Agressões e ataques 103

3.2 Terras malsãs 114

3.3 Terrenos e climas desafiadores 123

3.4. Mares revoltos 132

Considerações finais 147

Referências bibliográficas 152

Documentação 152

Documentação auxiliar 152

Estudos 153

Apresentação

Nas últimas páginas do *Libro del infante Don Pedro de Portugal*, obra que transita entre viagens realizadas e outras imaginadas,[1] são referidos os preparativos do retorno dos viajantes que tinham alcançado o legendário reino do Preste João, um destino que suscitou interesse nos reinos cristãos pelo menos desde o século XII.[2] A narrativa conta que, ao pedir permissão para deixar tais domínios, D. Pedro (1392-1449),[3] líder da empreitada, dirige-se ao soberano oriental para recordar que "era vassalo do rei Leão da Espanha",[4] mas que tinha sido sua própria vontade "ver e cruzar todas as partes do mundo" para conhecer o poder do Preste João. Após ter declarado suas intenções, o visitante rogou para que fosse vontade do poderoso senhor *"***oferecer socorro***"* para que conseguissem "retornar ao Poente". Visto que eram "vassalos do rei", o pedido foi concedido, com a doação de "nove mil peças de ouro e uma epístola que o mesmo Preste João enviou até as terras latinas[5]".[6] Tal passagem do relato quatrocentista,[7] a

[1] São conhecidos os deslocamentos do infante D. Pedro pelos reinos cristãos entre os anos de 1425 e 1428, contudo, a viagem relatada nessa narrativa contaria, pelo que defendem alguns especialistas, com partes que não chegaram a se efetivar. O relato mesclaria, pois, trechos percorridos e trechos que eram comuns em outros relatos da época. Para maiores detalhes ver: CORREIA, M.S. **As viagens do Infante D. Pedro**. Lisboa: Gradiva, 2000, p.12-14; NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M.V. "Falsos amigos" y "verdaderos amigos" en el Livro do Infante D. Pedro de Portugal (1644), **Revista de Filología Románica,** Madrid, Nº. 22, 2005, p.71.

[2] Para os homens do Poente o reino do Preste João deslocou-se entre regiões como: a Mesopotâmia, a China, as Índias, a Arábia, a África Ocidental e, por fim, a Etiópia, ao longo dos séculos XII e XVI. Para maiores detalhes ver: GONZÁLEZ ROLÁN, T. La Carta del Preste Juan de las Indias. Un ejemplo de la superación de las fronteras culturales y del interés europeo por el mundo maravilloso de Oriente. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, Laguna 2014, p.12-28; RAMOS, M. J. et al. **Carta do Preste João das Índias**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p.09-11; VILHENA, M. D. C.O Preste João: mito, literatura e história. **ARQUIPÉLAGO**. Açores, 2ª série, vol. 5, 2001, p.627.

[3] O relato coloca como líder dos viajantes o filho de João I de Portugal (1357-1433), infante D. Pedro que veio a ser o 1º duque de Coimbra.

[4] O termo Leão da Espanha, *El león de la Espanna*, é uma alcunha atribuída, em algumas ocasiões, ao monarca que ocupava o trono de Castela. Tal denominação pode ser encontrada em escritos anteriores ao *Libro del Infante*, tal como na *Primera crónica general de España* e no *Poema de Fernán González*, ambas obras datadas do século XIII. Esse epíteto referia-se normalmente à bravura do governante cristão frente aos inimigos que ameaçavam o poder do rei, bem como a segurança dos povos cristãos. Para maiores detalhes conferir: CASALDUERO, J. G. La profecía medieval en la literatura castellana y su relación con las corrientes proféticas europeas. **Nueva revista de filología hispánica**, Vol. 20, Nº 1, Cidade do Mexico, pp. 64-89, 1971.

[5] Todas as citações diretas efetuadas a partir de obras originalmente em língua estrangeira foram traduzidas de próprio punho.

[6] "Y de allí nos bolvimos para el Preste Juan y ovo gran plazer cuando supo que éramos bueltos, y allí estovimos treinta días y demandamos licencia para andar nuestro camino, y dixo don Pedro que pues sabía su señoría del Preste Juan cómo era vassallo del rey león de Es¬paña «y fue mi voluntad de ver y passar todas las partidas del mundo por ver si era su señorío tan grande como dezían», que fuesse su merced de le hazer socorro para bol¬ver en Poniente, e mandó que nos diessen como a vassallos del rey nueve mil pieças de oro y una epístola que el mesmo Preste Juan embió hasta las tierras latinas y dizen muchas cosas las cuales dizen assí." **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia, Nº 11, 2008. p.27. (grifo nosso)

[7] A datação desse documento é alvo de debates que serão devidamente abordados no primeiro capítulo.

despeito de seu possível teor fabuloso, fornece alguns indícios de preparativos de viagem relativamente comuns no século XV nos reinos europeus e, mais fundamental, indícios das preocupações quanto às incertezas da jornada de volta, expressa pelo Infante no pedido ao Preste João de assistência para si e seus companheiros de viagem.

Uma situação semelhante pode ser observada no relato – mais amparado em uma experiência e menos no repertório de verdades partilhadas a partir de escritos de longa data sobre as terras orientais – de outro viajante dessa centúria, o fidalgo originário de Sevilha Pero Tafur (1410-1484), que saiu de Castela no ano de 1436 e visitou diversas partes do mundo. Ao descrever sua passagem por Constantinopla, em 1438, Tafur elogiou um regimento local que destinava uma quantidade fixa de "vinho, pão, farinha e azeite", bem como de outros itens para o "sustento" da "gente estrangeira e [da] gente pobre", a fim de evitar que os desprovidos e os viajantes passassem por penúrias.[8] As palavras do castelhano sugerem tanto uma admiração pelas obras de caridade,[9] quanto um olhar atento aos rudimentos destinados a auxiliar o trânsito entre os principais reinos daquela época. Ambas as passagens deixam entrever que as condições do viajar figuraram como um ponto de interesse daqueles que narraram as incursões desses nobres às plagas estrangeiras.

A partir da preocupação manifesta pelos homens daquela época com o que os esperava ao longo das viagens, esta pesquisa busca examinar como foram tratados os meios e as circunstâncias que faziam parte dos deslocamentos para longe durante o Quatrocentos, focando não apenas nos elementos que colaboraram para a locomoção, mas especialmente aqueles que representaram algum tipo de percalço ou perigo para os viajantes, dado que, ao longo das narrativas de viagens, os autores se importaram em arrolar ambos os tipos de fatores. Tal indagação é o fio condutor das considerações aqui organizadas, que buscam perscrutar quais eram os contornos adquiridos pelo deslocar, em um momento particularmente importante para o desenvolvimento desta prática. Momento esse que diz respeito a um processo no qual as viagens, bem como os registros originados delas, passam a alcançar um sucesso maior nos reinos ibéricos,[10] sobretudo em Castela, onde começaram a surgir obras em língua vulgar que trataram mais detidamente dessa atividade.

---

[8] "En el regimiento público se tienen esta manera: vino é pan, farina é açeyte, é otras cosas que son para mantenimiento, non las puede conprar çibdadano ninguno, salvo la gente estrangera é la gente pobre, é á estos se les da á tal preçio, que paresçe que non ganan nada los que lo traen de cabo del mundo, porque la Senoría lo paga porque aya fartura é, como dixe, los pobres é los estrangeros non ayan mengua." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.113-114.

[9] MOLLAT, M. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 132-148.

[10] Estudos apontam para a existência de uma tradução aragonesa do livro de viagens de Marco Polo que teria sido feita por Juan Fernández de Heredia (1310-1396), entre 1377 e 1396, assim como indicações de que o príncipe

Tal movimentação teve um início tímido no século XIV,[11] e conheceu seu ápice no XV,[12] quando os registros denunciam uma maior proximidade entre os homens que integravam os círculos nobiliárquicos, a prática de viajar para longe e a necessidade de legar por escrito as experiências respectivas aos diversos momentos das viagens – o preparatório, o da efetivação e do apanhado escrito a ser divulgado.[13] Os relatórios que descrevem as jornadas em direção a sítios distantes apresentam, como aspecto em comum, a descrição das idas e vindas realizadas por indivíduos que faziam parte da nobreza quatrocentista. A relação mais estreita entre os nobres e as viagens pode ser percebida no trecho do *Libro del infante Don Pedro*, em que é evidenciado, na fala do líder da comitiva, seu interesse de conhecer essas terras distantes, assim como o auxílio concedido ao nobre português e seus acompanhantes, em razão da sua posição de vassalos e subordinados do rei de Castela.[14]

Entre as obras desse tipo surgidas em Castela no período em questão, destacam-se : *El libro del conoscimiento de todos los rregnos et tierras et senorios que son por el mundo*, composto, provavelmente, entre a segunda metade e o final do Trezentos; a *Embajada a Tamorlán*, redigida, ao que tudo indica, em 1406; o *El Victorial*, escrito, possivelmente, entre 1432 e 1435; a obra que narra as viagens de Pero Tafur, intitulada *Andanzas y viajes de un hidalgo español*, que ganhou forma entre os anos de 1453 e 1454; e o supracitado *Libro do infante Don Pedro de Portugal*, oriundo da segunda metade do Quatrocentos. Os quatro últimos relatos, vale destacar, tratam, mais especificamente, de deslocamentos realizados por membros da nobiliarquia, que possuíam alguma relação com a coroa castelhana dos Trastâmaras durante a primeira metade do século XV. São, pois, essas as fontes selecionadas para responder as questões levantadas neste estudo.[15] Embora seja possível identificar algumas particularidades

Juan I de Aragão teria encomendado uma versão do livro de Jean de Mandeville, muito provavelmente na mesma época. CORREIA, M.S. **As Viagens do Infante D. Pedro**. Lisboa: Gradiva, 2000, p.26.

[11] Antes desse momento de maior foco nas terras longínquas, houve em Castela um exemplo isolado desse tipo de escrito, o *Fazienda del Ultramar*, documento de autoria desconhecida, datado possivelmente da segunda metade do século XIII, que mescla passagens bíblicas em língua vernácula com um itinerário da Terra Santa, no qual são descritos os lugares santos de Belém e Jerusalém. RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viages medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.42; LOPES, P. C. Os livros de viagens medievais. **Medievalista on line**, Nº 2, Lisboa,2006, 15. Disponível em https://run.unl.pt/handle/10362/16116 acesso em 21\03\2013.

[12] RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viages medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.10; PRIEGO, M. A. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, N°1, 1984, p. 218; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.28-31.

[13] PRIEGO, M. A. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, N°1,1984, p.235; RIQUER, M. **Caballeros andantes españoles**. Madrid: Espasa- Calpe, 1967, p.124.

[14] Embora o relato mencione o termo genérico "España" para designar os reinos ibéricos, autor se refere ao rei de Castela Juan II (1406-1454), que é mencionado ao longo de todo o relato como o senhor dos viajantes.

[15] As edições dos documentos usadas no presente estudo foram escolhidas visando certos requisitos em vista de um melhor esclarecimento das questões levantadas. As versões dos relatos *Embajada a Tarmolán*, *El Victorial* e *Andanzas y viajes* foram selecionadas tendo em conta da língua e gramática em que foram originalmente escritos – tendo em vista a comparação com mais de uma das edições manuscritas disponíveis nos dois primeiros

que tornam cada documento, em certa medida, único e passível de ser estudado separadamente,[16] seus traços comuns foram priorizados na constituição do *corpus* documental deste estudo, visto que todos abordam experiências de viajantes rumo a plagas afastadas. A seguir, o leitor encontrará um exame das condições dos traslados, que incluirá os tipos de viagens comuns nesse período, a procedência dos viajantes, o estatuto daqueles que efetuavam as perambulações para alhures e, ainda, as semelhanças na forma como esses descreviam as experiências vividas em diferentes espaços.

O conjunto de relatos analisado provém de um período próximo a dois grandes fluxos de viajantes europeus para lugares mais ou menos incógnitos. O primeiro desses fluxos é o das partidas para as terras asiáticas, nomeadamente aos territórios tártaros, levadas a cabo por missionários – frades mendicantes, franciscanos e dominicanos, sobretudo – e comerciantes. Esse movimento iniciou-se em meados do século XIII e teve um enfraquecimento na segunda metade do XIV.[17] O outro dos fluxos, referente aos avanços empreendidos por marinheiros portugueses, especialmente a partir da transposição do cabo Bojador, efetuada em 1434, veio a desembocar na exploração das costas atlânticas do continente africano.[18] Balizados entre essas duas correntes de deslocamentos, esses viajantes quatrocentistas saíram de Castela visando alcançar lugares que, apesar de distantes e pouco visitados, gozavam de algum conhecimento entre seus conterrâneos.[19] Por conseguinte, as expectativas nutridas sobre essas paragens

documentos – e os estudos complementares que incluem, como notas críticas e filológicas. Já o *Libro del infante Don Pedro* será examinado a partir de uma edição crítica em espanhol, que segue a primeira edição conhecida datada de 1515. Sendo as obras em sequência: GONZÁLEZ CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999; DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014; TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995; **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, pp. 01-30, 2008.

[16] Para maiores detalhes sobre o debate em relação a composição dos livros de viagens castelhanos do século XV ver: RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viages medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.09-100; BELTRÁN, R. Los libros de viajes medievales castellanos: Introducción al panorama crítico actual: ¿cuántos libros de viajes medievales castellanos? **Filología Románica**, Madrid, Nº Extra-1,1991, p.121-164.

[17] AZNAR VALLEJO, E. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madrid: Síntesis, 1994, p.37-47; MOLLAT, M**. Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 15-23; GONÇALVES, R. A. **Cristãos nas terras da Cã**: as viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XVI. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.161.

[18] ANDRADE, A. A. B. **Mundos novos do mundo**. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos descobrimentos geográficos portugueses. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972, p. XVII-32; BENNASSAR, B. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In. NOVAES, A. (Org). **A Descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.84; AVELAR, A. P. **Representações de um "Mundo Novo" no Portugal de Quinhentos**. Portugal/Chamusca: Cosmos, 2011, p.32-48.

[19] Para além dos relatos como o *Fazienda del ultramar* ou o *Libro del conoscimiento*, ainda existem apontamento sobre o fluxo das idas castelhanas a lugares de expressão. Para maiores detalhes ver: RUCQUOI, A. Peregrinos de España a Jerusalén y Roma (siglos X-XIII). In. Peregrino, ruta y meta en las 'peregrinationes maiores', VIII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos, Nº 8, Santiago de Compostela, **Ata de Congresso**, Santiago de Compostela: Secretaría Xeral da Presidencia. S.A. de Xestión do Plan Xacobeo, 2012. p.41-60; MARQUES, J. **Peregrinos e peregrinações medievais do ocidente peninsular nos caminhos da Terra Santa**. Porto: Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2001.

incomuns são fundamentais para este estudo, uma vez que é almejado compreender melhor a perspectiva desses homens em relação ao viajar. As referências anteriores e contemporâneas sobre esses lugares também serão consideradas,[20] a fim de analisarmos a maneira como os informes acerca dos deslocamentos e das bandas distantes condiziam com o que era crível para os homens daquele momento.[21]

Levando em conta as formas como as viagens foram recordadas por aqueles que se dispuseram a empreendê-las, bem como a predileção pelas situações que envolviam perigos e os amparos conseguidos durante os percursos, este estudo busca melhor compreender as escolhas dos viajantes quatrocentistas do que informar aos seus coetâneos tanto sobre as formas de manutenção e sustento ao longo dos grandes deslocamentos, quanto a respeito das estratégias tomadas frente às adversidades. As informações selecionadas e os possíveis valores que levaram à seleção são, pois, os eixos condutores da pesquisa.[22]

Os capítulos que constituem a presente dissertação estão, pois, organizados de forma a, primeiramente, esmiuçar os aspectos que viabilizaram as viagens efetuadas por membros da nobiliarquia castelhana quatrocentista. Para tanto, serão sondados certos aspectos do quotidiano da nobreza com a finalidade de avaliar se as ocupações e deveres dessa camada social serviram como impulsionadores de sua partida em direção a outros lugares. Será igualmente questionado se a viagem significou para os nobres uma atividade honrosa e atrativa, para além de sua conotação de um serviço delegado. As deslocações realizadas dentro do território castelhano e suas proximidades merecerão primeiramente atenção e, num segundo momento, as viagens que tiveram como diferencial trajetos mais longos, seguindo em direção às regiões estrangeiras. Conjuntamente, serão esmiuçados aspectos recorrentes e similitudes entre os relatos que trataram das idas para plagas mais afastadas, de modo a saber quais as convergências e pontos recorrentes nesses informes.

Ao adentrar mais especificamente pelas viagens quatrocentistas e suas possibilidades de execução, a pesquisa trará um cotejo dos meios disponíveis para empreender deslocamentos de maior fôlego. A princípio, serão elencados os tipos de vias percorridas pelos viajantes durante esse período, de forma a tornar mais claras as incidências nos relatos, especialmente no que diz

---

[20] VEYNE, P. A história conceitualizante. In. NOVAIS, F.A, SILVA R.F, **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 508.
[21] VEYNE, P. **Foucault: Seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.165.
[22] Estes são alguns dos procedimentos de pesquisa compartilhados pelo grupo temático "Escritos sobre os novos mundos: uma história da construção dos valores morais em língua portuguesa", grupo de pesquisa que fazemos parte, e no qual as avaliações do presente trabalho se inserem. Para maiores esclarecimentos: Processo FAPESP, nº 2013/14786-6. http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/90522/escritos-sobre-os-novos-mundos-uma-historia-da-construcao-de-valores-morais-em-lingua-portuguesa/.

respeito às rotas que levavam aos reinos distantes. Como as rotas estão divididas em marítimas e terrestres pelos próprios viajantes, será possível examinar as circunstâncias encontradas por eles em cada um desses ambientes, bem como a preocupação dos narradores em descrever os caminhos e advertir sobre se poderiam ou não serem seguidos. Concomitantemente, o presente estudo mapeará os recursos e os auxílios de que os nobres puderam dispor durante suas andanças, de forma a complementar as diversas facetas e desafios das viagens quatrocentistas. No rol do que será tracejado, estão: os pontos de descanso e paradas; as provisões disponíveis nos trajetos; e, por fim, algumas formas de segurança concedida aos viajantes durante seus périplos. Com tais focos, a investigação buscará descortinar os aspectos favoráveis nos trânsitos por terras alheias.

Dos amparos recebidos, a pesquisa desloca-se para os riscos vividos, bem como as perdas sofridas. É esta a proposta do capítulo de encerramento, que empreenderá um levantamento dos tipos de perigo mais presentes no decorrer dos itinerários seguidos, bem como uma análise das formas como esses homens se portaram diante deles. Entre os obstáculos vividos durante as idas a terras tão longínquas, merecem atenção, primeiramente, as agressões e os insultos efetuados pelas gentes estrangeiras, pois permitem diferenciar os povos, sua vontade de acolhimento ou sua hostilidade aos cristãos. Nesse plano das inquietações das viagens, não merece tampouco ser esquecido um outro fator: o medo das doenças relacionadas tanto às terras estrangeiras quanto aos homens que nelas habitavam. Tal como na descrição acerca dos itinerários acessíveis por terra e por mar, os perigos são, igualmente, mapeados nesses ambientes, passando dos riscos ligados à preservação da saúde, às agruras e aos percalços vivenciados nos caminhos e terrenos desconhecidos, até chegar aos diferentes climas experimentados por esses nobres quatrocentistas. O último item a ser tratado, por fim, diz respeito aos perigos encerrados nos pélagos navegados pelos viajantes, em que são esmiuçadas as impressões acerca desses ambientes incertos.

A partir do mapeamento desses aspectos mais recorrentes relacionados às condições dos traslados, buscamos delinear as formas de compreensão e valorização de uma prática em um período específico,[23] bem como avaliar como os homens daqueles dias descreviam suas interações com grupos e climas pouco costumeiros. Em outras palavras, seguiremos os caminhos palmilhados e os mares cruzados por esses homens com o intuito de melhor examinar que condições dispuseram para conhecer o mundo distante, como o compreenderam e como versaram sobre ele.

[23] VEYNE, P. **Le quotidien et l'interessant**. Paris : Hachette Pluriel Reference, 2006, p. 174.

Capítulo 1: Nobres castelhanos em viagem

No prólogo de um livro no qual relata suas andanças por terras da Europa e da Ásia, o cavaleiro sevilhano Pero Tafur (1410-1484) ressalta que, da visitação de terras estrangeiras, "um homem pode razoavelmente esperar obter proveitos convenientes ao que a proeza demanda", podendo ser, por suas próprias façanhas, "conhecido pela gente estrangeira".[1] Defende, portanto, que, por meio da viagem, o homem podia realizar façanhas e proezas que os engrandeceriam por si mesmos, pelo fato de o viajante ser um estranho nas terras por onde se deslocava e sua importância ser medida pelas suas próprias obras e não pelo peso da fama dos seus ancestrais. Tal introdução do seu relato deixa entrever uma preocupação que se tornou mais frequente no meio nobiliárquico a partir do século XIV: as formas de valorização e engrandecimento dos nobres.[2] A viagem, neste contexto, mostrava-se para o nobre como uma chance de provar seu valor através dos seus feitos. O deslocamento era pensado pelo fidalgo como uma forma de ocupação relacionada ao estamento social ao qual pertencia. O cavaleiro mostra-se, assim, preocupado em acentuar como a viagem poderia ser caminho para acrescentamento de honra e como um traço de distinção, neste momento em que a nobreza se redefinia e igualmente se redefiniam as formas de prestígio.[3]

Assim como Tafur, o misterioso narrador do livro fabuloso sobre as viagens do infante D. Pedro de Portugal (1392-1449) por terras asiáticas durante a segunda metade do século XV[4]

---

[1] "[…] interviene es visitar tierras extranas; porque, de la tal visitaçion, raçonablemente se pueden conseguir provechos cercanos á lo que proeza requière, ansí engrandeçiendo los fijosdalgo sus coraçones donde sin ser primera conosçidos los intervienen trabajos y priesas, como deseando mostrar por obras quien fueron sus anteçesores, quando solamente por propías fazanas puede ser déllos conoçedora la jente estrangera." TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995. p. 15.

[2] Embora o peso sanguíneo estivesse desaparecendo da hierarquia nobiliárquica, ele ainda se mantinha como um forte crivo da distinção entre estamentos. Contudo, a partir da segunda metade do século XIV, iniciaram-se algumas discussões entre nobres letrados, cujos nomes mais fortes eram Alonso de Cartagena, Diego de Valera e Fernando de Mexía, que insistiram na nobreza como uma qualidade moral, onde os trabalhos e feitos adquiram uma importância maior nos escritos que tratavam da vida da cavalaria e da nobreza. Ao longo do século XV, essa valoração das qualidades morais ganharam uma nova dimensão por meio dos trabalhos prestados ao rei, passando o prestígio dos nobres a ser medido pelo seu vínculo com a monarquia e tais serviços prestados à Coroa. RUCQUOI, A. Entre la espada, el arado y la patena: las tres órdenes en la España medieval. **Dimensões**, Vitória, Nº 33, 2014, p. 25; RODRÍGUEZ VELASCO, J. D. Para una Periodización de las ideas sobre la Caballería en Castilla (1250-1500). Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de literatura Medieval, Alcalá de Henares, 1995, **Ata de congresso**, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1997, p. 1342-1243; QUINTANILLA RASO. M. C., **La nobleza señorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.59-63; FERNANDEZ GALLARDO, L. Alonso de Cartagena y el debate sobre la caballería en la castilla del siglo XV. **Espacio, tiempo y forma**, Madrid, Serie III, Historia Medieval, Nº 26, 2013, p. 102-105.

[3] QUINTANILLA RASO. M. C. **La nobleza señorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.55-63.

[4] A datação do livro ainda é de certa forma um mistério para os estudiosos, embora por muito tempo tenha se suposto ter sido a primeira edição do século XVI, sendo sua primeira edição impressa em Sevilha em 1515. Tese defendida firmemente por filólogos, e posteriormente pelo estudioso norte americano Francis Millet, que atestou que o *Libro* teria sido escrito em 1510, influenciado pelo culto a D. Pedro e instaurado em Portugal e por toda a Europa. O momento de escrita estaria relacionado ainda à entrada diplomática de Portugal na Etiópia, refletindo o

– pelo que foi apurado, Goméz de Santisteban –[5] também se dispôs a ressaltar o valor da visitação a outras terras pelos nobres:

> O infante D. Pedro, que foi filho do rei D. João de Portugal, o primeiro deste nome, conde de Barcelos, era muito desejoso de ver o mundo, tendo já determinado ir-se embora para ver as partidas do mundo. Estando este infante em Barcelos num domingo depois da Páscoa, após comer, disse: Amigos, aqueles que quiserem me seguir, sigam-me e façam-me companhia **para saber e conhecer daquelas quatro partidas do mundo que são desconhecidas em meu coração**.[6]

Nesse trecho da relação sobre as aventuras do infante, o narrador sublinha como o nobre protagonista da viagem possuía uma curiosidade sobre as paragens distantes e como decidiu partir para melhor conhecer os povos e lugares longínquos. O relato da viagem do infante inscreve-se, pois, em um momento em que há um crescente interesse pelo distante e desconhecido, que vinha sendo alimentado pelas viagens de missionários desde o século XIII,[7]

---

antigo sonho da Europa em formar aliança com as Índias. Mais recentemente, contrariando essa vertente, Harvey Sharrer demonstrou que em um texto compilado entre 1471 e 1476, *Las bienandanzas y fortunas* de Lopez Garcia de Salazar, havia uma longa interpolação da obra de Santisteban; argumento que invalidava a construção das hipóteses formuladas por Rogers e inseria a fonte no XV. À luz dos trabalhos de Harvey, surgiram trabalhos que tentaram refletir sobre a datação da primeira edição, como o fez Margarida Sérvulo Correia, *As Viagens do infante D. Pedro*, que insere a fonte no contexto de legitimação política das linhagens, enxergando o *libro* como uma obra em que o condestável D. Pedro buscava reabilitar a memória do infante, seu pai. Para maiores esclarecimentos: ROGERS, F. M. **The travels of the Infante Dom Pedro of Portugal**. Massachusetts: Harvard University Press, 1961; NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. "Falsos amigos" y "verdaderos amigos" en el Livro do Infante D. Pedro de Portugal (1644). **Revista de Filología Románica**, Madrid, Nº. 22, pp.59-95, 2005; CORREIA, M.S. **As viagens do Infante D. Pedro**. Lisboa: Gradiva, 2000.

[5] Embora não seja consenso, existem informações contidas no do próprio relato que indicam que a autoria da obra deve-se a Goméz de Santisteban – nome cuja ortografia varia de acordo com a edição – , um personagem do qual se sabe muito pouco mas que a maioria dos estudiosos afirma ser um letrado, ora religioso ora leigo, que integrava a Corte do rei castelhano Juan II (1406-1454). Para maiores detalhes acerca da autoria desse relato ver: NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. "Falsos amigos" y "verdaderos amigos" en el Livro do Infante D. Pedro de Portugal (1644). **Revista de Filología Románica**, Madrid, Nº. 22, 2005, p.72-73; CORREIA, M.S. **As viagens do Infante D. Pedro**. Lisboa: Gradiva, 2000, p.163-166; RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.98.

[6] "El infante don Pedro fue hijo del rey don Juan de Portugal, el primero deste nombre. Éste fue conde de Barcelos, y era muy desseoso de ver mundo, aviendo ya determinado de partirse para ir a ver las partidas del mundo, estando este dicho infante en Barcelos, salió un domingo después de Pascua, acabado de comer, y dixo: Amigos, los que me quisierdes seguir, seguidme a tenerme compañía para saber aquestas cuatro partidas del mundo que son movidas en mi corazón, para las saber." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p. 12. (Grifo nosso)

[7] Susani Silveira Lemos França mostra, em dos seus estudos sobre viajantes medievais, como houve durante o século XIII uma mudança na visão dos viajantes sobre si mesmos, os quais começaram a valorizar aquilo que viam nas suas viagens, como um fator importante e até de distinção. A autora aponta dois aspectos que se pode ver nos relatos de viajem do XIII e do XIV: um seria o desejo de aventura que levava os viajantes a procurarem os mundos desconhecidos; e o outro seria a valorização da curiosidade, que deixava de ser vista como um ato pecaminoso. Ainda dentro desta questão sobre a curiosidade e as viagens – mas sob uma perspectiva mais voltada para a difusão e recepção de saberes escritos –, a historiadora portuguesa Margarida Sérvulo Correia, em seu livro sobre as viagens do infante D. Pedro, faz uma ponderação sobre a literatura de viagem dentro das terras peninsulares, mostrando que, desde o século XIII, existia uma curiosidade dos homens sobre as aventuras que os viajantes do além Pirineus faziam rumo a leste. Principalmente em Aragão, pelo seu contato com as cidades Italianas, alguns tiveram contato com exemplares do livro de viagens do mercador Marco Polo, assim como o Rei Juan I teria encomendado uma cópia do *Livro das Maravilhas* de Jean de Mandeville. Para maiores esclarecimentos:

mas que começa a ganhar contornos mais mundanos no século XV. O infante ocupa lugar de destaque no relato de um desses homens que seguiram na comitiva supostamente com o anseio de conhecer territórios distantes das fronteiras cristãs. O narrador da história sugere, assim, que a finalidade de conhecer as terras e os povos estranhos podia já ser apresentada como legítima e não como algo a ser ocultado.

Ainda que nem todos aqueles que deixavam suas terras em viagem registrassem apreciações sobre o ato do deslocamento, este hábito era ainda assim relativamente corrente e contemplado pelos homens do Quatrocentos, chegando até a ser entendido por certos autores como um traço determinante dos homens da época.[8] Desse modo, embora não seja objetivo deste estudo levantar aspectos que possam ser identificados como essenciais ou estruturais, é possível dizer que os deslocamentos humanos durante o período quatrocentista eram uma prática comum e com especificidades que merecem uma atenção mais detida, por dela decorrerem contatos e trocas – de fundo material como de hábitos e costumes – entre povos dentro e fora do continente europeu.[9] Vejamos algumas das avaliações explícitas nos relatos e crônicas quatrocentistas sobre os deslocamentos no período, bem como sobre o papel concedido a certas viagens.

1.1 Viajar pelo reino e pelas redondezas

O ato de pôr-se em direção a um local próximo ou distante era um hábito relativamente comum nos reinos cristãos a partir do século XI, graças às cruzadas e ao impulso das peregrinações, mas não só, havia uma vasta gama de motivações para viajar, bem como de tipos de viajantes. Nos caminhos medievais podiam ser encontrados os mais diversos indivíduos: universitários, trovadores, músicos, bufões, mensageiros, monges, mercadores e trabalhadores itinerantes.[10] Os motivos de transitar durante o período eram tão variados como os tipos de

FRANÇA, S.S.L. Andanças de viageiros medievais pelo "Outro Mundo", **Notandum**, São Paulo / Porto, Ano XII, Nº21, 2009, p. 32; CORREIA, M.S. **As viagens do Infante D. Pedro**. Lisboa: Gradiva, 2000, p.26.

[8] José Ángel Garcia Cortazar busca analisar os homens medievais através de uma imbricação do real, simbólico e imaginário entre os séculos XI e XV. Nota um duplo sentido na interpretação do mundo, sendo a viagem um ato onde essa imbricação existia por excelência, fazendo o homem medieval enxergar-se como um eterno viajante, pois a própria vida seria uma viagem da alma até o céu, seu destino final. Assim, a viagem estaria entrelaçada invariavelmente à vida do homem medieval, que é colocado pelo autor como *homo viator*, aquele que se desloca. Paul Zumthor também avalia esse aspecto do *homo viator* na vida do homem medieval analisando a viagem como impulso de vencer os limites espaciais ao mesmo tempo que significava um enfretamento das diversidades quais eram percebidas pelo viajante. Para maiores detalhes consultar: GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996; _____. El hombre medieval como "homo viator": peregrinos y viajeros. In**:** IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.11-30; ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.162-163.

[9] KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.57.

[10] MOLINA MOLINA, A. L. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 4, 1999, p.112.

viajantes. Tais homens que se moviam de um lugar a outro[11] eram levados por interesses tanto materiais – como os trabalhadores que viajavam em busca de ganhos financeiros ou de melhores condições de vida[12]– quanto espirituais, ou, ainda, para se instruírem. O peregrino[13] destacava-se, entre esses vários, como o viajante mais usual.[14] As mais diversas camadas sociais dos reinos de Castela e Leão punham-se em viagem, havendo, além dos célebres, uma grande variedade de viajantes anônimos que se dispunham a transitar pelos caminhos; contudo, focar-nos-emos aqui, em razão de serem esses os relatos por escrito, nas menções a deslocamentos de indivíduos considerados personagens importantes, para tentar perceber se suas viagens são uma espécie de síntese dos tipos possíveis ou se, a partir das andanças dessas camadas mais abastadas da sociedade castelhana, podemos traçar um panorama mais amplo das viagens correntes.

Entre aqueles das camadas sociais mais elevadas da Castela quatrocentista que se deslocavam com frequência, destacam-se os monarcas, em razão da mobilidade da Corte nesse período.[15] O hábito itinerante dos monarcas foi estudado com atenção por estudiosos, tendo os reis da dinastia de Trastâmara merecido especial atenção,[16] muito possivelmente devido ao fato de que, entre o fim do século XIV e início do XV, as andanças de personagens ilustres começaram a ser mais louvadas.[17]

Os pretextos das andanças monárquicas eram variados: capitanear hostes contra os mulçumanos e outros reinos cristãos ou mesmo dissidentes do reino; firmar matrimônios; visitar

---

[11] Paul Zumthor mostra que a viagem medieval se organizava quase que exclusivamente mediante um ou mais itinerários, possuindo como aspecto fundamental do deslocamento o trânsito de um ponto ao outro. ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.162.

[12] Nessa modalidade de viagem em Castela, ressaltamos o papel dos homens que eram escolhidos para habitar as zonas recém-reconquistadas do domínio do Islã, embora, durante o século XV, o processo da reconquista estivesse quase concluído, esse tipo de viagem foi muito frequente e importante, devido à baixa população e o constante avanço das fronteiras. GARCIA DE CORTAZAR, J.A**. Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, 24-25; MACKAY, A. **La España de la Edad Media***:* desde la frontera hasta el imperio 1000-1500. Madrid: Cátedra, 2000, p.48; FERREIRA PRIEGUE, E. Saber viajar: arte y técnica del viaje en la Edad Media. In**:** IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.46.

[13] A peregrinação constituía um tipo de viagem que podia ser empreendida por indivíduos diversos: um rei, um nobre, um embaixador, um mercador, um artesão ou um trabalhador dos campos. GARCÍA DE CORTÁZAR, J. A. El hombre medieval como "homo viator": peregrinos y viajeros. In**:** IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.14

[14] AZNAR VALLEJO, E. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madrid: Síntesis, 1994, p. 18.

[15] Estudos mostram como a mobilidade dos centros político-administrativos dos reinos que hoje constituem a Espanha pode ser identificada desde o ciclo Pamplonés- Najerense, 905-1076, até a dinastia dos Trastâmaras e Foix-Bearne, 1441-1512, os reis não só praticavam o ato de viajar, como alguns poderiam ser considerados como verdadeiros reis itinerantes. RUBIO TOVAR, J. Viajes, Mapas y Literatura en la España Medieval. In **VIAJES y viajeros en la España medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997, p. 12-13.

[16] Destacamos os estudos sobre o caráter itinerante das cortes dos reis Enrique III e Juan II de Castela, que defendem como a estruturação da monarquia durante o século XV se vinculava intimamente à prática de locomoção dos monarcas, assim como os indivíduos que compunham o séquito da corte. Para maiores informações: VEAS ARTESEROS, F. A. **Itinerario de Enrique III**. Murcia: Universidad de Murcia, 2003; CAÑAS GÁLVEZ, F. P. **El itinerario de la Corte de Juan II de Castilla (1418-1454)**. Madrid: Sílex, 2007.

[17] GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.17.

lugares santos; estabelecer acordos; receber aliados; e, sobretudo, locomover-se para melhor governar e exercer a justiça.[18] A viagem poderia, ainda, oferecer distinção e promoção a viajantes de prestígio, especialmente reis e rainhas.[19] Um exemplo curioso da constância desses deslocamentos dos reis é um episódio do encontro entre Pero Niño (1378 -1453), cavaleiro criado na Corte de Enrique III (1379-1406), e este rei. Relatado por Gutierre Dias de Games, companheiro de aventuras e cronista de Niño, tal episódio refere-se ao retorno de uma de suas viagens, quando o nobre vai se encontrar com o rei na cidade de Segóvia. Na altura, a rainha, Dona Catarina de Lancaster (1373-1418), estava perto de dar à luz ao herdeiro do rei na cidade de Toro, de forma que Enrique III mandou edificar um sistema de sinais por meio de fogueiras suspensas em postes, semelhantes a faróis, para avisarem quando o nascimento se efetivasse.[20] Os périplos dos monarcas do período quatrocentista pelo reino eram de tal frequência que, mesmo numa data de importância para a coroa, como o nascimento de um herdeiro, podia acontecer de o rei estar em viagem, devido às inúmeras responsabilidades que sua função exigia.

O rei podia realizar viagens, como a relatada, levando consigo poucos seguidores, mas também era costume dos monarcas mover um contingente considerável de indivíduos da sua Casa e da Corte,[21] pois mesmo essas, com seus oficiais, não eram fixas no período em questão, havendo, por exemplo, durante o século XV, um triângulo de cidades pelo qual o rei e seus oficiais transitavam e onde se estabeleciam de tempos em tempos; triângulo esse formado por Burgos, Valladolid e Madrid.[22]

Durante o século XV, esses deslocamentos passaram por modificações na esteira das transformações promovidas pela ascensão da dinastia dos Trastâmara ao poder, e com a edificação de uma rede de centros urbanos, formando uma malha de cargos da qual o rei fazia uso para melhor administrar o reino, sendo o filho de Enrique III, Juan II (1406-1454), o

---

[18] CAÑAS GÁLVEZ, F. P. **El itinerario de la Corte de Juan II de Castilla (1418-1454)**. Madrid: Sílex, 2007, p.20; GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.19.

[19] Tanto José Ángel Garcia de Cortazar como Margarida Wade Labarge ressaltam nos seus trabalhos sobre viajantes medievais esse aspecto da viagem como um símbolo de distinção e superioridade social. GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.17; LABARGE, M. W. **Viajeros medievales: los ricos y los insatisfechos**. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p.305.

[20] "[...] estava la reina doña Catalina en Toro preñada, en tempo de parir. E tenía puestas l rey paradas en todo el camino de Toro a Segovia; e encima de los oteros estavan puestas atalayas, prestas para fazer almenaras e ahumadas, partidas por senãles, en manera que el rey supiese en poco espacio quando la reina pariese, e qué avía parido." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.179.

[21] Embora casa e corte se confundam ou sejam em muitos sentidos próximas, Júlio Valdeón Baruque demonstra de maneira cuidadosa como, durante o reinado dos Trastâmaras, houve uma delimitação maior das duas, ficando a Corte encarregada mais estritamente de assuntos públicos, ligados à administração, e aglutinando oficiais da *chancelaria*, do conselho real, da justiça e da fazenda, enquanto a *Casa* se relacionava mais com a vida privada do monarca, com oficiais também relacionados a essa esfera da Coroa. VALDEÓN BARUQUE, J. La Corte en Castilla en Época Trastámara. **Aragón en la Edad Media**, Zaragoza, Vol. 2, Nº14-15, 1999, p. 1597-1608.

[22] Ibid., p. 1600.

responsável pela consolidação definitiva da concentração das residências mais frequentadas no centro de Castela.[23] A regularidade desses caminhos seguidos pelo rei e seus servidores chegou até a proporcionar mudanças de encargos e serviços vinculados a essa prática itinerante dos monarcas; como o cargo de aposentador – responsável pela acomodação das comitivas reais ao longo dos trajetos – que ganhou maior evidência a partir dos séculos XIV e XV.[24] As deslocações dos reis e rainhas castelhanos durante o Quatrocentos ganharam certa assiduidade por demanda da governança, todavia, essas viagens eram também restritas e limitadas a um território circunscrito,[25] havendo cidades castelhanas que, por sua pouca importância, deixavam de fazer parte do itinerário real.[26] Dessa forma, mesmo que os reis tivessem o costume de se locomover, suas andanças não passavam por certos destinos, pois legavam a outros a função de viajar em seu nome e em nome do reino.

1.1.1 Viajar em nome e em defesa do reino

O contato entre um ponto e outro, a propósito, era nesse mesmo século uma condição para o estabelecimento e manutenção do poder no âmbito do reino.[27] A rede de comunicações era, portanto, uma das preocupações fundamentais para manutenção da ordem em um reino como Castela. Embora houvesse empecilhos no deslocamento de um ponto ao outro, tais como as más condições das vias e os acidentes naturais – a cadeia montanhosa da Meseta Central, por exemplo, que funcionava como um entrave nas marchas e trocas de informações entre um ponto e outro do reino castelhano[28] –, esses obstáculos, ao contrário de impedirem as viagens, estimulavam esforços para manutenção dos deslocamentos.[29]

O caráter móvel das cortes reais, a necessidade de estabelecer comunicação entre cidades e o poder régio, bem como o aumento das relações políticas com outros reinos a partir

---

[23] CAÑAS GÁLVEZ, F. P. La itinerancia de la Corte de Castilla durante la primera mitad del siglo XV El eje Burgos-Toledo, escenario burocrático-administrativo y político de la Monarquía en tiempos de Juan II. **E-Spania**: Revue électronique d'études hispaniques médiévales, Nº. 8, 2009, p.01-11.

[24] O cargo de aposentador possuía peso social, sendo sempre dado nas mãos dos nobres com promessa de retornos econômicos e isenções fiscais, por ser um cargo apreciado pela proximidade ao rei. CAÑAS GÁLVEZ, F. P. **El Itinerario de la Corte de Juan II de Castilla (1418-1454)**. Madrid: Sílex, 2007, p.160.

[25] Francisco de Paula Cañas Gálvez cita o tracejado de uma linha imaginária que saia de Burgos, passava por Palencia, Valladolid, Tordesillas, Medina del Campo, Arévalo, Madrigal de las Altas Torres, Segovia, Madrid para então culminar em Toledo, cidade com poder simbólico na época. Ibid., p.03.

[26] Este fenómeno devia-se ao poder de intervenção da coroa em órgãos locais, mediante ações dos corregedores. Política levada a cabo por Enrique III, que possibilitava o controle à distância de certos centros urbanos. Ibid., p.02-03.

[27] LÓPEZ GÓMEZ, O. Correos, mensajeros y estantes en la Castilla del siglo XV. Algunas consideraciones. **De Medio Aevo**, Madrid, Vol. 4, Nº 1, 2015, p.04-05.

[28] DIAGO HERNANDO, M; LADERO QUESADA, M. A. Caminos y ciudades en España de la Edad Media al siglo XVIII. **En la España medieval**, Madrid, Nº 33, 2009, p. 351.

[29] Ibid., p. 351.

do século XII,[30] demandavam o envio de pessoas com missivas, assim como em missões a serem cumpridas em partes distantes do reino, ou mesmo para além de seus limites. As viagens delegadas, isto é, com missão representativa, constituíam boa parte dos deslocamentos efetuados durante o século XV em Castela: homens a serviço de um rei, de um senhor, da Igreja ou até a mando de um representante do poder local eram viajantes comuns no período em que os reinos ibéricos intensificaram seus contatos com o além-mar.[31] Tal prática gozava de certo prestígio na sociedade, gerando incômodo quando realizada apenas visando ganhos materiais e não para o reino.[32] Conquanto, pois, tais viagens delegadas não fossem as únicas, por serem excursões com um fim específico, bem determinado e conhecido, elas merecem destaque entre outras formas concorrentes de deslocamento quatrocentista, nomeadamente porque, na primeira metade desse século, os relatos, juntamente com as crônicas dos reis Enrique III e seu filho e herdeiro Juan II – que reinaram de 1390 a 1454 –, oferecem um quadro relativamente detalhado das menções às viagens no Quatrocentos e do seu papel.

Vale reiterar que nobres e cavaleiros ocuparam um lugar cimeiro nas viagens delegadas pela monarquia, sendo, juntamente com os religiosos, os principais encarregados de incumbências que exigiam um deslocamento em prol do reino.[33] As excursões em nome do rei e de outros senhores tornaram-se uma ocupação recorrente entre os indivíduos da nobiliarquia castelhana durante o período quatrocentista,[34] em grande parte graças às mudanças do âmbito social e político que ocorreram com a entrada da dinastia dos Trastâmaras – que favoreceu a constituição de uma nova nobreza castelhana.[35] Com tal ascensão dinástica, os serviços

[30] GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.18.
[31] Alguns historiadores generalizam para todo o período medieval. VERDON, J. **Voyager au Moyen Age**. Paris: Perrin, 2007, p.227.
[32] LÓPEZ GÓMEZ, O. Correos, mensajeros y estantes en la Castilla del siglo XV. Algunas consideraciones. **De Medio Aevo**, Madrid, Vol. 4, Nº 1, 2015, 09.
[33] GARCIA DE CORTAZAR,1996, op.cit., p.18-20.
[34] Figuravam entre esses nobres que viajavam grandes nomes, como o de Pero Lopez de Ayala, cavaleiro da Corte de Enrique III, que acumulou cargos de confiança do rei, como cronista e conselheiro mor. Além disso, atuou como embaixador de Castela, indo até outros reinos como Aragão, França e Portugal. VALDALISO CASANOVA, C. La obra cronística de Pero Lopez Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castila. **Edad Media.** Revista Historia, Valladolid, Nº 12, 2011, p. 197.
[35] Com a vitória de Enrique de Trastâmara sob seu meio irmão Pedro I nas últimas décadas do século XIV, a alta nobreza, que era aliada de Pedro no conflito, sofreu com um certo enfraquecimento, e houve, segundo alguns autores, uma renovação no corpo social da nobiliarquia castelhana, graças às mercês concedidas por parte de Enrique II a uma nobreza de baixa estatura, que começava assim a ganhar maior destaque em relação aos seus trabalhos para a Coroa e na acumulação de cargos administrativos. Forma-se, assim, o que alguns autores vieram a chamar de "nobreza de serviço", termo cunhado para designar as linhagens que se encarregaram dos primeiros níveis de atuação governamental durante o governo de Enrique III, graças à concessão de rendas, títulos e cargos do monarca e à transformação dos cargos e ofícios concedidos pelo rei em hereditários. VALDEÓN BARUQUE, J. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p.26-85; QUINTANILLA RASO. M. C., **La nobleza senorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.21; CERVIGÓN ORTEGA, J. I. Prestigio político y oficios reales: La nobleza conquense bajomedieval en el entorno cortesano. **AEM**, Madrid, vol.37, Nº. 2, 2007, p. 563-564.; SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **Los trastámaras y los reys Católicos**. Madrid: Gredos, 1985, p.48-50.

prestados ao rei e ao reino, como ocorre também nos reinos vizinhos,[36] passaram a ser considerados como um critério de engrandecimento[37] e valoração para os homens que compunham o estamento social da nobreza. Alonso de Cartagena (1384-1456), religioso e letrado, reconhecido pelos seus escritos sobre a cavalaria e a nobreza durante o período quatrocentista, sintetizou em uma das suas obras mais famosas, *Doctrinal de los Cavalleros*, os motivos pelos quais deviam ser honrados os cavaleiros, dando especial atenção à relação destes com o monarca, ou melhor, colocando-os como aqueles que amparavam o rei nas suas ações governativas.[38] As viagens, nesse contexto, constituíam um meio privilegiado para viabilizar os diversos serviços ao rei.

A resolução de conflitos e pleitos entre reinos era algo que geralmente demandava o serviço de mensageiros e embaixadas com a missão tanto de estabelecer comunicação como de solucionar os litígios através de poder delegado.[39] Durante o Quatrocentos, Castela enfrentou certas querelas com os reinos vizinhos, principalmente com Aragão, devido a acontecimentos como: a disputa pela coroa do reino aragonês, após a morte de Martin I (1356-1410), da qual participou o infante de Castela D. Fernando de Antequera (1380-1416), que veio a sair vencedor em 1412;[40] e a contenda entre os infantes de Aragão e o condestável D. Álvaro de Luna (1390-1453).[41] Essas situações conflitantes, pois, fizeram com que se intensificassem as relações entre os dois reinos,[42] tal como é narrado na crônica de Juan II. Nesta é relatado como, no ano de 1424, o rei enviou ao reino de Aragão, como embaixadores, o Bispo D. Diego de Mayorga e o Doutor Diego Rodriguez, ambos do seu Conselho, os quais partiram de Burgos a vinte de

---

[36] A chamada nobreza de serviços. Para maiores esclarecimentos sobre essa "nobreza de serviço", consultar SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **Los trastámaras y los reys Católicos**. Madrid: Gredos, 1985, p, 122-126; GOMES. R.C. "A curialização da nobreza", In: **O tempo de Vasco da Gama**. (Dir.) Diogo Ramada Curto, Lisboa: Difel, 1998, p.180-183.

[37] QUINTANILLA RASO. M. C. **La nobleza senorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.50.

[38] "Onrrados deven ser mucho los cavalleros por tres razones li a una por razon de la nobleza de su linaje. Ha otra por su bondade. La tercera por el que dello viene e pozende los reys los devem honrar como aquellos con quien há de fazer su obra: Guardando e onrrando asi mesmo con ellos acrescentando su poder e su onrra e todas las otras cosas mayormente los deve onrrar." CARTAGENA, A. **Doctrinal de los Cavalleros**. Burgos: Biblioteca de Catalunya, 1497, fol. XIIIr.

[39] LÓPEZ GÓMEZ, O. Correos, mensajeros y estantes en la Castilla del siglo XV. Algunas consideraciones **De Medio Aevo**, Madrid, Vol. 4, Nº 1, 2015, p. 05.

[40] VALDEÓN BARUQUE, J. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p. 99-100.

[41] Após a morte do rei de Aragão, e tio de Juan II, Fernando I em 1416, Castela e Aragão, iniciou-se um novo momento de relações entre reinos, com os infantes de Aragão, filhos de Fernando, insistindo em participar mais ativamente da vida política de Castela, criando uma forte rivalidade com o então condestável Álvaro de Luna; o que levou a um embate político militar entre os reinos. VALDEÓN BARUQUE, J. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p.126-149; CAÑAS GÁLVEZ, F. P. La diplomacia Castellana durante el reinado de Juan II: la participación de los letrados de la cancillería real en las embajadas regias. **AEM**, Madrid, vol. 40, Nº2, 2010, p.694-696.

[42] CAÑAS GÁLVEZ, F.P. La diplomacia Castellana durante el reinado de Juan II: la participación de los letrados de la cancillería real en las embajadas regias. **AEM,** Madrid, vol. 40, Nº2, 2010, p.700.

setembro. O rei de Aragão estava, na altura, em Barcelona e, sabendo que os embaixadores do rei de Castela estavam em seu reino, "mandou-lhes dizer que esperassem em Saragoça [...]".[43] Aqueles escolhidos para comporem a embaixada, como se vê, são um bispo e um letrado, designado doutor. A figura do letrado mostra-se presente em boa parte das viagens relatadas,[44] sendo o século XV aquele em que esses oficiais letrados começaram a ser encarregados também de missões diplomáticas, além das funções administrativas.[45] Na citação destacada da crônica, podemos ver como ambos os embaixadores pertenciam ao Conselho Real, cuja composição passava por certas mudanças ao longo da centúria do Quatrocentos, sendo formado cada vez mais por indivíduos com saber técnico e jurídico.[46]

Ao lado dessas viagens de leigos, nobres ou não, muito deles letrados,[47] as viagens de religiosos em prol do reino também se tornam frequentes. Um exemplo que merece destaque são as idas de bispos castelhanos a Aragão para tratar das escaramuças ocorridas durante o século XV.[48] Merecem igualmente destaque as embaixadas destinadas a Roma, constituídas por religiosos que iam tratar de assuntos seculares.[49] A importância das missões era um fator que influenciava decisivamente na escolha dos homens que viajavam, dado que seguiam em nome

---

[43] [...] y enbió por Enbaxadores al Obispo Don Diego de Mayorga é al Doctor Diego Rodriguez, ámbos á dos de su Consejo, é partiéron de Búrgos á veinte de Setiembre, al qual tiempo el Rey de Aragon era en Barcelona: é sabido por él que los Enbaxadores del Rey de Castilla eran en su Reyno, enbióles á decir que esperasen en Zaragoza […].PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.226.

[44] Podemos destacar na crônica de Juan II ao menos sete embaixadas compostas por estes homens letrados, sendo eles: "Alonso de Cartagena", Deão de Santiago e de Segovia; "Garcí Lopez de Truxillo", que atuou duas vezes como embaixador, uma vez para Aragão e outra para Navarra; "Diego Rodriguez" que participou de um embaixada para Aragão; "Fernan Gonzalez de Ávila", que atuou mediando as contendas entre Castela Navarra e Aragão durante os conflitos entre Álvaro de Luna e os infantes de Aragão, e, por fim, "Diego Gonzalez Baviano", que participou de uma embaixada até Roma com a missão de esclarecer a situação entre Castela e Aragão perante o Papa. Para maiores detalhes ver: Ibid., p. 204, p.224; p.283; p.418.

[45] CAÑAS GÁLVEZ, F.P. La diplomacia Castellana durante el reinado de Juan II: la participación de los letrados de la cancillería real en las embajadas regias. **AEM,** Madrid, vol. 40, Nº2, 2010, p. 692-693.

[46] Estudos que se focam na relação da Coroa com os órgãos e indivíduos que a serviam vêm afirmando já há algum tempo como o século XV foi cenário de uma mudança na constituição do Conselho real, com sua composição, deixando de ser uma representação dos estamentos, com quatro membros de cada estado: nobreza, clero e povo; e passando a ser integrado cada vez mais por letrados especialistas em leis, devido a sua maior atuação nos assuntos administrativos e econômicos do reino. VALDEÓN BARUQUE, J. La Corte en Castilla en Época Trastámara. **Aragón en la Edad Media**, Zaragoza, Vol. 2, Nº14-15, 1999, p. 1603; Idem. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p.26

[47] A função de administradores do reino, junto ao rei, que estas novas linhagens ocuparam, possibilitou uma maior aproximação da figura do nobre e cavaleiro com o saber letrado, já que, para o exercício destas ocupações, era necessário possuir maior letramento, bem como saberes técnicos que envolviam domínio das leis por exemplo. BECEIRO PITA, I. **Libros lectores y bibliotecas en la España medieval**. Murcia: Nausícaa, 2007, p.172.

[48] Sobre as idas de bispos até Aragão, conferir: PÉREZ DE GUZMÁN; GALÍNDEZ DE CARVAJAL; GARCÍA DE SANTA MARÍA, 1779, op.cit., p.224; p.226; p.283.

[49] Caso de uma embaixada dupla enviada a Roma, que tinha como intuito que o Papa aprovasse a passagem das mercês do mestre de Santiago para o infante Enrique. Havendo, na época, um descontentamento de Juan com o primeiro embaixador, um religioso menor de Guadalajara manda cancelar a ida e nomeia um novo embaixador, o Bispo de Cuenca Álvaro de Isorna. Ibid., p.173-193.

do reino. Fazia-se necessário que aquele a ser indicado possuísse capacidade e legitimidade para intervir nas questões para que era designado.[50] Necessidade que explica o uso desses personagens letrados em missões para tratar de assuntos em outros reinos. Entre os casos mais famosos estão as viagens do citado Alonso de Cartagena, que viria a se tornar Bispo de Burgos e que era homem de confiança de Juan II, atuando como embaixador em diversas missões diplomáticas, algumas delas destinadas à Corte portuguesa.[51] As idas desse religioso e letrado são enfatizadas num trecho da crônica de Juan: "Daqui o rei enviou a Portugal o Deão de Santiago [Cartagena], que já havia sido enviado outras vezes, para dar conclusão nos conselhos que haviam de avaliar os prejuízos de ambos os reinos."[52] Na menção da viagem do religioso à Corte lusitana, chama atenção a referência ao empreendimento de viagens anteriores por Cartagena, sugerindo que a missão de resolver problemas entre os dois reinos dependia em grande parte das suas qualidades pessoais, de letrado e homem experiente, capaz de servir em prol do reino.[53] Com esses prestadores de serviços ao rei que se deslocavam para além das fronteiras do reino, outros indivíduos ilustres também viajavam comumente no seu interior, motivados por razões diversas, como a participação em festividades importantes. Em uma celebração de início do ano de 1408, por exemplo, toda a família real, presente na cidade Guadalajara, recebeu a visita dos "grandes" de Castela, estando entre eles "Doutores do Conselho e ouvidores de audiência do rei."[54] Logo em seguida, um significativo número de eclesiásticos veio do mesmo modo até a cidade onde estava o rei, entre os quais estava o arcebispo de Toledo, que retornava de uma viagem a Roma e trazia consigo o então jovem Álvaro de Luna.[55] Se a viagem, portanto, estava no universo principalmente dos homens que

[50] LÓPEZ GÓMEZ, O. Correos, mensajeros y estantes en la Castilla del siglo XV. Algunas consideraciones **De Medio Aevo**, Madrid, Vol. 4, Nº 1, 2015, p. 06; BECEIRO PITA, I. **Libros lectores y bibliotecas en la España medieval**. Murcia: Nausícaa, 2007, p.172.

[51] Tendo passado um tempo considerável em Portugal, tornou-se próximo do então infante D. Duarte – que viria a se tornar o rei D. Duarte – com quem partilhava o interesse pelas letras. GARCEZ VENTURA, M. Espelhos de Espelhos... D. Duarte na Companhia de D. Afonso de Cartagena entre a cultura, a moral e a política. **História Revista**, Mariana, Vol. 18, Nº 2, 2013, p. 41-42.

[52] "É desde aquí el Rey embió en Portugal al Dean de Santiago que ya otras veces habia enbiado, por dar conclusion en los Jueces que habian de ver los dañificados de ánbos Reynos." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon.** Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.227.

[53] BECEIRO PITA, I. **Libros lectores y bibliotecas en la España medieval**. Murcia: Nausícaa, 2007, p.171.

[54] "[…] é Doctores del Consejo, é Oidores del Audiencia del Rey**."** PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon.** Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.58.

[55] "[…] é despues viniéron Don Pedro de Luna Arzobispo de Toledo é Don Lope de Mendoza Arzobispo de Santiago, é Don Juan Obispo de Segovia, é Don Sancho de Róxas Obispo de Palencia, é Don Juan Cabeza de Vaca Obispo de Búrgos, é Don Juan Obispo de Cuenca, é muchos otros Procuradores de los Perlados que allí no viniéron. Y el Arzobispo Don Pedro de Luna que habia venido nuevamente de corte de Roma, porque el Rey Don Enrique nunca le habia dado lugar que hubiese el Arzobispado de Todelo, aunque estaba proveido del, é traxo consigo á Álvaro de Luna, que lo habia allá llevado despues de la muerte de su padre, un Escudero criado suyo, llamado

participavam dos estamentos superiores na hierarquia social, fossem leigos ou eclesiásticos – também estes em geral provenientes das famílias da nobreza, como os bispos de famílias próximas do rei –,[56] vale dizer que é sobretudo a ocupação que exerciam que aparece como principal justificativa da viagem; e os nobres muitas das vezes eram também viajantes delegados.[57]

A função guerreira da nobreza, do mesmo modo, fazia com que os indivíduos partissem de suas terras em expedições militares, que eram, juntamente com as peregrinações, os tipos de viagens mais amplamente conhecidos pelos homens do período.[58] Castela precisou, ao longo de toda a centúria quatrocentista, mobilizar nobres e cavaleiros para que viajassem por motivos bélicos,[59] fosse em decorrência da presença do último reduto mulçumano na Península, no reino de Granada, fosse por querelas com outros reinos. Uma passagem que mostra bem os deslocamentos de nobres devido à guerra contra outros reinos cristãos é a passagem que trata da invasão de Castela pelos reinos de Navarra e Aragão durante as escaramuças dos infantes de Aragão, em 1429. Ali, um nobre que ocupava um cargo de destaque na Corte de Juan II, Pedro de Estúniga, é incumbido de levar mil homens de Peñafiel, próximo de Valladolid, em direção à cidade de Hita, nas proximidades de Guadalajara, tendo o cronista o cuidado de mencionar tanto quem era o nobre encarregado quanto certos detalhes do percurso, como os principais locais que o nobre passou entre um ponto e outro do itinerário.[60]

A posição de servidores beligerantes também levava os grandes alhures. Durante as campanhas militares de Pero Niño a mando de Enrique III, por exemplo, ele realizou uma série de incursões marítimas no mediterrâneo, atuando como capitão de uma pequena frota nas costas da Berbéria – região que atualmente compreende Marrocos, Tunísia, Argélia e Líbia –, entre

---

Juan de Olio, de edad de siete años." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon.** Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.58.

[56] RUCQUOI, A. Entre la espada, el arado y la patena: las tres órdenes en la España medieval. **Dimensões**, Vitória, Nº. 33, 2014, p. 18.

[57] A atuação dos nobres se dava tanto enquanto mensageiros, como no caso de Alonso de Estúñiga, que levou mensagens ao reino de Aragão em 1424, como de embaixadores como Pedro de Mendonça, senhor de Almazan, que atuou em uma embaixada enviada a Aragão no mesmo ano. Para maiores detalhes sobre essas duas viagens, conferir: PÉREZ DE GUZMÁN; GALÍNDEZ DE CARVAJAL; GARCÍA DE SANTA MARÍA,1779, op.cit., p.224.

[58] ZUMTHOR, P**. La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.170.

[59] ANTELO IGLESIAS, A. Estado de las Cuestiones sobre algunos viajes y relatos de viajes por la Península Ibérica en el siglo XV. Caballeros y Burgueses**. Temas medievales**, Buenos Aires, Nº 7, 1997, p.158.

[60] "Otro dia despues que el Rey entró en Peñafiel, fué certificado que los Reyes de Áragon é Navarra eran entrados en su Reyno é llevaban el camino de Hita, de que hubo muy grande enojo: é luego mandó á Pedro Destúñiga su Justicia mayor que partiese y llevase consigo hasta mil hombres de armas, é se fuese juntar con el Condestable é con los otros Caballeros quel Rey habia mandado por resistir la entrada de los dichos Reyes : el qual partió luego é tomó su camino para pasar el puerto de Buytrago é dende á Hita." PÉREZ DE GUZMÁN; GALÍNDEZ DE CARVAJAL; GARCÍA DE SANTA MARÍA,1779, op.cit., p. 264.

1404 e 1405, com o intuito de combater os ataques de corsários que começaram a representar um problema para a coroa de Castela.[61] O nobre ainda foi enviado para assolar as costas da Inglaterra, mais precisamente a Cornualha, entre os anos de 1405 e 1406, quando o monarca o nomeou capitão de três galeras,[62] que foram enviadas em conjunto com a frota real, capitaneada por Martín Ruíz de Avedaño (1320-1410),[63] em auxílio ao rei francês Carlos VI (1380 -1422), durante os conflitos entre França e Inglaterra, que foram depois conhecidos como Guerra dos Cem Anos.[64]

Essas viagens belicosas pelos mares foram relatadas na obra redigida pelo companheiro, cronista e homem de confiança de Niño, Gutierre Diaz de Games (? -?), que narrou a vida e feitos do cavaleiro na sua obra, *El Victorial*, escrita entre os anos 1432 e 1435, após a concessão do título de conde de Buelna, concedido a Niño no ano de 1431.[65] No seu relato, Diaz de Games ressaltou as viagens pelos mares em companhia de seu senhor: "E com ele eu fui para os mares do Levante e Poente,[66] e vi todas as coisas que estão escritas aqui, e outras que seriam muito longas para se contar, sobre cavalarias, bravuras e forças."[67] As palavras de Games denunciam o objetivo principal do relato, que era mencionar os feitos e vitórias[68] do seu senhor. Mas tal desígnio declarado nos permite igualmente notar como os périplos marítimos ganharam um lugar de destaque por serem espaço privilegiado para a realização de façanhas a serem dadas a conhecer e resultarem em honra e glória.

---

[61] "En aquel tiempo, veníam al rey muchas querelas de corsários muy poderosos, naturales de castilla, que andavam robando por la mar de Levante, ansí a los de Castila como a los estraños, donde el rey avía grand pesar […] El rey llamó Pero Niño e encomendole este fecho muy secretamente. Mandole aparejar en Sevilla galeas, e que escogiese él quales él quisesse." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.133.

[62] Niño recebe do rei o direito de nomear aqueles que ele quisesse para comandar as outras embarcações, escolhendo assim dois nobres: "E fizo patrones de sus galeas: la una dio Fernando Niño, su primo; e la outra dio a Gonçalo Gutíerrez de la Calleja, un buen fidalgo de aquella tiera." Ibid., p.181.

[63]Esta frota maior, composta de quarenta naves, não chegou a entrar em guerra propriamente dita, ao contrário do destacamento sob o comando de Niño, que promoveu ataques na região costeira da Cornualha. BÉLTRAN, R. El caballero en el mar: don Pero Niño, conde de Buelna, entre el Mediterráneo y el Atlántico. **Erebea** Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, Huelva, Nº. 3, 2013, p. 88.

[64]'En aquel tiempo de las alegrías que el rey fazía al nacimiento de su fijo, vinieron a la corte embaxadores de Francia, que embiava el rey Charles, a demandar ayuda al rey don Enrique de galeas e naos con gente de armas […] E otrosí mandó armar naos, e fizo capitán dellas a Martín Ruiz de Avendaño, e mandole que partiese luego con Pero Niño." DÍAZ DE GAMES, 2014, op.cit., p.180.

[65] HEUSCH, C. De la biografía al debate: espejismos caballerescos en el Victorial de Gutierre Díaz de Games. **eHumanista**, Santa Barbara, Vol.16, 2010, p.309.

[66] Levante e Poente eram denominações usadas, no período, para designar o Mediterrâneo e o Atlântico, respectivamente, bem como podiam se referir aos dois maiores espaços geográficos conhecidos na época, sendo o Levante a denominação do Oriente próximo, a oeste do mar Mediterrâneo, e o Poente dizia respeito ao conjunto de terras cristãs no continente europeu. BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.71-72.

[67] "E Fui con el por los mares de Levante e de Poniente, e vi todas las cosas que aqui son escritas, e otras que serían luengas de contar, de cavallerías, e valentías, e fuerças." DÍAZ DE GAMES, 2014, op.cit., p.62.

[68] Segundo Rafael Beltrán, o próprio título da obra, El Victorial, provém de um latinismo *victorialis*, que seria o mesmo que vitorioso. Para maiores informações conferir: Ibid., p. XX.

As descrições de Diaz de Games sobre as missões marítimas de Pero Niño constam como um dos únicos, certamente o mais célebre, dos relatos de castelhanos atuando no mar durante o século XV.[69] Um outro testemunho sobre as ações marítimas castelhanas encontra-se na crônica de Juan II e também diz respeito a feitos bélicos de um cavaleiro, nomeadamente o desempenho da frota capitaneada por um filho bastardo do almirante mor de Castela, Alfonso Enríquez (1354-14290, Juan Enríquez (?- ?), um "cavaleiro muito bom e esforçado",[70] que atuou ao lado do seu pai no estreito de Gibraltar no ano de 1407,[71] durante a guerra empreendida contra Granada sob a liderança do então infante D. Fernando, que atuou como regente de Castela, juntamente com a rainha Catarina de Lancaster, durante a menoridade de Juan.[72] Assim como Pero Niño e Martín Ruíz, Enríquez também atuou no Atlântico na missão de reforço, oferecida pelo sucessor de Enrique, ao rei da França no ano de 1420.[73]

As ocupações guerreiras constituíram um dos motivos pelos quais os indivíduos ilustres seguiam rumo a outras partes do mundo durante o Quatrocentos, quando as expedições marítimas começavam a constituir-se como uma nova área de interesse das coroas, que visavam alargar sua presença nos espaços remotos por meio de ações militares, assim como por cargos que representavam a autoridade real; como o de almirante, que ganhou maior destaque durante este período.[74]

1.1.2 Viajar para festejar e treinar para a guerra

Esses homens, de inegável prestígio dentro da sociedade castelhana, encontravam mais de um ensejo para viajar, pois empreendiam viagens tanto como mandatários dos monarcas quanto motivados por interesses próprios ou, ainda, porque a sua posição no âmbito da Corte régia o demandava. Motivações, roteiros e fins diversos caracterizavam essas outras viagens,

---

[69]AZNAR VALLEJO, E. El Mar: Fuente de conflitos y exigência de paz. **Edad Media:** Revista Historia, Valladolid, Nº11, 2010, p. 80; BELTRÁN, R. Para los Antecedentes Literarios de los «Diarios» Colombinos. In. LITERATURA MEDIEVAL, Actas do IV Congresso da Associação Hispánica de Literatura Medieval, Vol. 4, Lisboa,1991, **Ata de congresso**, Lisboa: Cosmos, 1993, p.249.

[70] "Juan Enriquez, el qual era muy esforzado é buen caballero". PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.40.

[71] "E vencida esta batalla, el Almirante se vino á Sevilla con las ocho galeas que ganó, é dió una dellas para reparar la Iglesia de Cález: é dexó en la mar por Capitan General a un su hijo bastardo llamado Juan Enriquez, el qual era muy esforzado é buen caballero." Ibid., p.40.

[72] VALDEÓN BARUQUE, J. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p.119-121.

[73] "En este tiempo el Almirante Don Alonso Enriquez vino allí de Santander donde habia estado por despachar la flota quel Rey embiaba en ayuda al Rey de Francia, en la qual embió por Capitan General á Juan Enriquez su hijo bastardo […]". PÉREZ DE GUZMÁN; GALÍNDEZ DE CARVAJAL; GARCÍA DE SANTA MARÍA, 1779, op.cit. p.174.

[74] AZNAR VALLEJO, E. El Mar: Fuente de conflitos y exigência de paz. **Edad Media:** Revista Historia, Valladolid, Nº11, 2010, p.64.

como participar de alguma festividade, por exemplo. Prestar homenagem ao rei e à sua família, como o caso já mencionado, em que alguns indivíduos ilustres se dirigiram até a cidade de Guadalajara :

> Estando o rei em Guadalajara, e a rainha sua mãe, as infantas, o infante D. Fernando irmão do rei D. Enrique, e D. Alonso e D. Juan seus filhos, no começo do ano da encarnação do nosso Redentor de mil quatrocentos e oito, vieram os grandes deste reino que se seguem: o Almirante D. Alonso Enríquez, tio do rei, D. Ruy Lopez de Ávalos Condestável de Castela, D. Enrique Lopez de Estúniga, Justiça Maior de Castela, e Gómez Manrique *corregedor* de Castela e Pero Manrique, Corregedor de Leão, e Perafan de Ribera, *corregedor* da Andaluzia, Diego Hernandez de Quiñónes meirinho mor das Astúrias, Carlos de Arellano senhor dos camareiros e outros muitos cavaleiros e escudeiros [...].[75]

Dessa lista detalhada dos indivíduos da nobiliarquia que se deslocaram para honrar a família real – complementada com os cargos que ocupavam dentro da hierarquia da administração régia –, é possível deduzir que esse tipo de viagem era tanto uma obrigação como um privilégio, dado que estes eram eventos fechados à maioria e representavam um acontecimento de grande importância. Mas não apenas iam para celebrar o rei, pois podiam, igualmente, seguir viagem em sua companhia para festejos de grande importância para o reino. Exemplo disso foi o caso do casamento de Juan II com a sua primeira esposa, a infanta Maria de Aragão (1396 -1445), na cidade de Medina del Campo:

> [...] E assim se fez o casamento em *Medina del Campo* numa quinta-feira, dia vinte do mês de outubro do ano mencionado [1419], estando presente a senhora rainha de Aragão Dona Leonor, e os infantes D. Juan, D. Enrique e D. Pedro, e muitos dos Grandes do reino onde fizeram muitas festas e justas, [corridas de] touros, jogos de *cañas*. E dali partiu o rei para Madrid, e foram com ele sua esposa a infanta, a rainha de Aragão sua sogra e todos os Grandes e prelados de seu conselho que ali estavam.[76]

---

[75] "Estando así en Guadalaxara el Rey, é la Reyna su madre, é las Infantas, y el Infante Don Fernando Hermano del Rey Don Enrique , é Don Alonso é Don Juan sus hijos, en comienzo del año de la Incarnacion de nuestro Redemptor de milé quatrocientos é ocho años, veniéron ende los Grandes destos Reynos, que se siguen: el Almirante Don Alonso Enriquez tio del Rey, é Don Ruy Lopez de Ávalos Condestable de Castilla, é Don Enrique Manuel Conde de Montcalegre , é Juan de Velasco Camarero mayor del Rey, é Diego Lopez Destúñiga Justicia mayor de Castilla, é Gómez Manrique Corregedor de Castilla, é Pero Manrique Corregedor de Leon, é Perafan de Ribera Corregedor del Andalucía, é Diego Hernandez de Quiñónes Merino mayor de Astúrias, é Cárlos de Arellano Señor de los Caméros, é otros muchos Caballeros, y Escuderos […]". PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.58.

[76] "[…]é así se hizo su desposorio en Medina del Campo en Juéves veinte dias del mes de Orubre del año susodicho, seyendo presentes la Señora Reyna de Aragon Doña Leonor, é los Infantes Don Juan, é Don Enrique, é Don Pedro, é muchos de los Gran des del Reyno, donde se hiciéron muchas fiestas de justas, é toros, é juegos de cañas: é de allí el Rey se partió para Madrid, é vinieron con él su esposa la Infanta, é la Rey na de Aragon su suegra, é todos los Grandes é Perlados de su Consejo que allí estaban." Ibid., p.157.

Neste evento, os grandes não apenas fizeram caminho até a cidade onde o rei celebrou sua união, participando de todos os ritos do dia, como ainda seguiram viagem com o monarca e a família real em direção a Madrid. Tais gentis-homens, como se vê, por sua proximidade da monarquia e pertencimento à sua Corte e até ao Conselho, seguiam nas comitivas não apenas com fins administrativos ou bélicos, mas também nesses momentos de júbilo para o reino, como eram os matrimônios reais.

Para essas festas, lugar de entretenimento dos nobres mas também de exibição de poder e prestígio,[77] e para eventos similares que faziam parte do universo nobiliárquico – segundo também o trecho da crônica de Juan II –, os ricos-homens eram levados a se deslocar, como para os jogos que simulavam a ocupação bélica dos cavaleiros: justas, torneios, corridas de touros e jogos de "cañas".[78] Tais torneios, que ocorriam no âmbito dos festejos, foram ocupando cada vez maior lugar na vida dos nobres desde o século XIV e implicaram em um maior número de deslocamentos.[79] Algumas viagens eram inclusive para outros reinos, onde tais nobres buscavam provar seu valor e honra para os seus iguais de outras partes. Uma mostra desse apreço crescente pela prática é uma notícia referente à Corte de Juan II, quando o nobre Diego de Valera (1412-1488), que viria a ganhar fama tanto pela sua atuação como cavaleiro, embaixador quanto como escritor,[80] aproveitou uma viagem delegada por Juan para poder participar de um torneio de armas que ocorreu na França, nas terras de Pierre de Beuffremont (1400-1472), senhor de Charnay no ano de 1443.[81] A adesão a esses hábitos que simulavam a vida bélica, e contribuíam para aperfeiçoá-la, foi considerável nas cortes dos reis castelhanos,[82] onde se tornou comum a partida de nobres em busca de provar seu valor e honra mediante feitos de armas e desafios desse gênero. Entre diversas menções a nobres que partiam em direção a

[77]LABARGE, M. W. **Viajeros medievales:** los ricos y los insatisfechos. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p.229; QUINTANILLA RASO. M. C. **La nobleza señorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.84-85.

[78] De procedência islâmica, o jogo de canas era uma espécie de torneio, onde a batalha era encenada entre dois grupos de cavaleiros em armaduras leves, munidos com varas de juncos que eram arremessadas nos adversários. LADERO QUESADA, M. A. La Fiesta en la Europa Mediterránea Medieval. In II tempo libero. Economia e società. Sec. XIII-XVIII: Atti della" ventiseiesima settimana di studi", Nº27, 1994, **Ata de congresso**, Florença: Ist. Storia Economica Datini, 1995, p.39.

[79] QUINTANILLA RASO. M. C. **La nobleza señorial en la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.85-86; LABARGE, M. W. **Viajeros medievales**: los Ricos y los insatisfechos. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p.249.

[80] RIQUER, M. **Caballeros andantes españoles**. Madrid: Espasa- Calpe, 1967, p.132.

[81] "[…] é Mosen Diego le suplicó humilmente le diese licencia para en el viage poder ir hacer las armas en el paso quel Señor de Charni te nia, y asimesmo para llevar una enpresa de ciertas armas que él entendia de hacer á toda su requesta: la qual el Rey le dió graciosamente." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.411.

[82] RIQUER, 1967, op.cit., p.124.

outras cortes para participar desses torneios, vale lembrar o exemplo de Juan de Merlo (? -?), nobre que, embora fosse de procedência portuguesa, compunha a Casa de Juan II, chegando a ocupar cargos de destaque, como o de guarda real e posteriormente de mordomo mor do condestável Álvaro de Luna. Merlo pediu permissão ao rei para ir travar desafios de armas em Borgonha na Corte do mesmo senhor de Charny no ano de 1433.[83]

Tais deslocamentos que os nobres efetuavam não se restringiam apenas a comitivas oficiais ou a idas a festejos e torneios. Um motivo que também mobilizou os ilustres a saírem de suas moradas foi a visita a santuários destinados ao culto de santos ou as viagens de peregrinação ou em busca de relíquias. Um registro dessas partidas de ricos-homens rumo aos lugares santos merece aqui destaque, a saber, uma peregrinação do infante Enrique (1400-1445),[84] que partiu de Medina del Campo, acompanhado por alguns castelhanos ilustres com intenção de visitar a catedral de Santiago de Compostela: "E o infante tendo recebido a licença do rei partiu para Santiago acompanhado de muitos cavaleiros e gentis-homens, dos quais o principal foi Pedro de Velasco, Camareiro mor do rei."[85] O excerto, além de noticiar a peregrinação de um nobre aragonês dentro das terras castelhanas, faz alusão ao seu cortejo, frisando a participação em especial de um dos cavaleiros que teriam acompanhado o infante na viagem, Pedro de Velasco (1425-1492),[86] que compunha a Casa de Juan II e ocupava um posto de destaque no período, o de camareiro-mor do rei.[87] Essas idas aos lugares sagrados mais próximos começaram a ganhar maior adesão nas centúrias do XIV e XV,[88] com a peregrinação

[83] "En este tiempo partió deste Reyno con una enpresa un Caballero llamado Juan de Merlo, que era natural de Portogal, é na ciera en este Reyno. Era hijo de Martin Alfonso de Merlo Maestresala de la Reyna Doña Beatriz, que fué muger del Rey Don Juan el primero. Era hombre muy dispuesto, de gentil gesto é cuerpo: fué gran justador é luchador, é hacia toda cosa muy bien. Fuéle tocada su enpresa por un gran Señor de la casa del Duque Felipo de Borgoña llamado Micer Piérres de Brecemonte Señor de Charni." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p. 338.

[84] Filho de Fernando I de Aragão, era irmão da segunda consorte do monarca, Maria de Aragão, e casou-se com a irmã do rei, a infanta Catarina de Castela; tendo uma atuação marcante na política castelhana durante o reinado do monarca.

[85] "[…] y el Infante habida la licencia del Rey, se partió para Santiago acompañado de muchos Caballeros é Gentiles-Hombres, de los quales el principal fué Pedro de Velasco Camarero mayor del Rey." Ibid., p.252.

[86] Nobre da casa dos Velasco que posteriormente iria receber por mercê régia o título de conde das terras de Haro. Para maiores informações sobre este nobre, conferir: PÉREZ DE GUZMÁN; GALÍNDEZ DE CARVAJAL; GARCÍA DE SANTA MARÍA, 1779, op.cit, p.293

[87] CERVIGÓN ORTEGA, J. I. Prestigio político y ofícios reales: La nobleza conquense bajomedieval en el entorno cortesano. **AEM**, Madrid, vol.37, Nº. 2, 2007, p. 566.

[88] No seu estudo sobre a decadência das grandes peregrinações que começaram a ser substituídas pela alegoria da viagem interior no final do período medieval, a historiadora Isabel Beceiro Pita chama atenção para um aumento do interesse por santuários que ficavam mais próximos às residências dos fiéis; movimento esse muito influenciado pelo sucesso do culto mariano em Castela durante o século XV, assim como pelo culto de Santiago de Compostela ou mesmo do monastério de Santa Maria de Guadalupe. BECEIRO PITA, I. De las peregrinaciones al viaje interior. Las transformaciones en la religiosidad nobiliar castellana. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Lyon, Vol.30, Nº1, 2007, p. 109-110.

até o suposto túmulo do apóstolo na Galícia, peregrinação que veio a perdurar como uma prática corrente entre os membros da nobiliarquia castelhana, dado o apreço nutrido pela figura de Thiago Maior.[89]

As locomoções durante o Quatrocentos não constituíram uma prática monopolizada por um determinado segmento social, contudo, as camadas mais altas contavam com melhores meios de praticarem os deslocamentos,[90] como fica claro na peregrinação do infante Enrique de Aragão com seus companheiros castelhanos: quando "cumprida a romaria do Infante, ele andou pelos principais locais da Galícia, onde recebeu muitos favores e foi magnificamente recebido nas terras de Nuño Freire de Andrada, o qual lhe fez muitos serviços e proveu tudo aquilo que precisaram pelo tempo que lá estiveram."[91] A hospitalidade que foi oferecida pelo cavaleiro galego era sobretudo garantida às camadas mais abastadas da sociedade castelhana, cujos périplos mais conhecidos contavam com tais suportes.

Para além desse privilégio, aqueles que ocupavam posições de maior destaque eram aqueles comumente requisitados para missões para pontos distantes, tanto dentro como fora do reino – excursões desse tipo que eram as que mais mereciam ser conservadas por escrito. Assim, dadas as melhores condições de que dispunham para viajar, bem como o maior número de motivos para fazê-lo, os relatos mais famosos que nos foram legados sobre viagens durante o século XV são justamente protagonizadas por esses homens ilustres.[92]

1.2 Partir para mais longe

[89] PLOTZ, R. G. Milites et Nobilites Intinere Stellarum (saeculum XI ad Saeculum XVI). In **VIAJES y viajeros en la España medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997, p.115-117.

[90] Em seus estudos sobre os viajantes medievais, tanto a historiadora canadense Margaret Wade Labarge como o espanhol Luís Ángel Garcia de Cortazar salientam como os segmentos mais altos da sociedade – reis, nobres e clero – contavam com melhores condições para preparação dos seus deslocamentos. GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.40-41; LABARGE, M. W. **Viajeros medievales:** los Ricos y los insatisfechos. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p. 40-55.

[91] "E conplida la romería del Infante, anduvo por los principales lugares de Galicia donde rescibió muchos servicios, é fué muy magníficamente rescebido por tierra de Nuño Freyre de Andrada, el qual le hizo mucho servicio é dió todas las viandas que hubiéron menester tanto quanto ende estuvieron." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.252.

[92] Outros estudos que se dedicaram a estudar as viagens dos castelhanos durante o século XV, desde a década de 1980 até recentemente, reiteram como os relatos conhecidos desse tipo de prática foram protagonizados por membros da nobiliarquia do período. Ver: OCHOA, J. El valor de los viajeros medievales como fuente histórica. **Revista de literatura Medieval**, Madrid, Nº 2, 1990, p.85-102.; PÉREZ PRIEGO, M. A. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, n°1,1984, p.234; RUIBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes Medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.79-96; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos:** del Ocaso de la Edad Medi*a* Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, 28-45.

Certas viagens dos nobres quatrocentistas castelhanos trouxeram, mais que as anteriormente referidas, um novo desafio: a necessidade de vencer o espaço ou superar distâncias para alcançar destinos prestigiados, mas distantes.[93] A extensão do ponto de partida até o ponto de chegada podia variar significativamente de acordo com o tipo de viagem a ser realizada, podendo ser reduzidas ou portentosas as distâncias a percorrer.

A tarefa de ir de um ponto ao outro no Quatrocentos, apesar de ter sido relativamente facilitada, graças a certa revitalização de estradas, construção de pontes e outras obras que asseguravam uma melhor viagem,[94] ainda demandava um esforço por parte do viageiro, mesmo quando se transitava dentro das fronteiras do reino. Tempo e esforços eram necessários, pois as condições nem sempre boas das estradas e caminhos faziam com que a marcha não passasse de uma média de vinte a cinquenta quilômetros a pé por dia, ou pouco mais que o dobro disso, quando o viageiro dispunha de uma montaria –[95] caso da maioria dos nobres que contavam com essa vantagem quando realizavam suas excursões. Nas viagens mais rotineiras pelos caminhos castelhanos, membros da nobiliarquia mesclavam-se com outros indivíduos, que também empreendiam deslocamentos com motivações diversas, mas os ricos-homens não restringiram suas expedições às fronteiras do reino e às fronteiras vizinhas, pois avançaram para terras mais afastadas.

1.2.1 Avançar para reinos não cristãos

As idas para o longínquo constituíam um tipo de viagem que requeria um maior planejamento,[96] bem como meios de custear o translado. Pero Tafur, um dos viajantes quatrocentistas cuja viagem e relato estudaremos mais detidamente a seguir, teve o cuidado de relatar sobre as condições monetárias ao longo de suas viagens, demonstrando noções de câmbio de moedas assim como empréstimos, dada sua proximidade com mercadores.[97] Deslocar-se para paragens remotas era, portanto, um ato com o qual nem todo homem podia

[93]ZUMTHOR, P. **La medida del mundo.** Madrid: Cátedra, 1994, p. 165.
[94] AZNAR VALLEJO, E. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madrid: Síntesis, 1994, p. 18; GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.37-38; MOLINA MOLINA, Á. L. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 4, 1999, p. 113.
[95] FERREIRA PRIEGUE, E. Saber viajar: arte y técnica del viaje en la Edad Media. In. IV Semana de Estudios Medievales, Nº4, 1993, Najera, **Ata de congreso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.48; MOLINA MOLINA, A. L. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 4, 1999, p. 117.
[96] LABARGE, M. W. **Viajeros medievales:** los ricos y los insatisfechos. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p.40.
[97] Sobre as menções de Pero Tafur em relação aos custos da viagem bem como as formas como ele conseguiu se manter durante a mesmas, conferir. TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.118/152.

arcar, de forma que grande parte dos viajantes que saíam em direção ao distante pertenciam às camadas mais abastadas da nobreza, que dispunham de meios para realizar viagens mais custosas.[98] Aliado a esse fator, os nobres eram movidos por interesses próprios para viajar – religiosos ou guerreiros – e, como servidores do reino, eram enviados em missões a terras pouco visitadas por seus coetâneos. A participação usual dos grandes do reino nesses deslocamentos de maior folego é registrada na crônica do rei Juan II, na descrição de uma embaixada enviada a Tunes no ano de 1430, que tinha como intuito sondar sobre um possível auxílio que aquele reino mulçumano poderia enviar a Mohamed IX (1396-1453\54), emir do reino de Granada, contra quem Juan se preparava para entrar em guerra:

> Decidido o rei a fazer guerra contra os mouros, D. Juan enviou até o rei de Tunes Lope Alonso de Lorca, pelo qual mandou dizer que estava muito queixoso com o rei Esquerdo de Granada.[99] [...] assim enviava [Lorca] para informar e pedir que se fizessem guerra, não prestasse favor ou ajuda, o que muito agradeceria. [...] E quando Lope Alonso chegou a Tunes, descobriu que o rei aparelhava galeras e outras coisas para enviar homens e suprimentos ao rei de Granada.[100]

Esta visita ao reino situado na borda superior do continente africano foi uma das viagens mais longas citadas na crônica e foi protagonizada por esse nobre já experimentado nessas idas a reinos mulçumanos, Lope Alonso de Lorca (? -?), um "Cavaleiro e alcaide de Murcia" que "sabia bem a língua arábica"; capacidade que explica sua presença em outras embaixadas dirigidas ao reino mulçumano de Granada entre 1429-1430.[101]

Outros relatos referem-se, do mesmo modo, a viagens castelhanas quatrocentistas, alguns deles com ênfase nos grandes trajetos. À semelhança da crônica sobre o nobre acima citado, um dos relatos mais famosos sobre viagens durante o século XV conta a trajetória de uma comitiva enviada por Enrique III, durante o ano de 1403, até a cidade de Sarmacanda, sede do império do emir mongol Tamerlã (1336-1405) – líder de uma tribo mongol convertida ao islamismo, os Barlas, Tarmelã foi responsável por restaurar o esplendor das hordas tártaras. Tal

---

[98] FERREIRA PRIEGUE, E. Saber viajar: arte y técnica del viaje en la Edad Media. In. IV Semana de Estudios Medievales, Nº4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.51; LABARGE, M. W. **Viajeros medievales**: los ricos y los insatisfechos. Segunda Edição, Madrid: Nerea, 2000, p.40.

[99] O Emir Nasrida Mahmud IX também era conhecido como o "Canhoto" ou o "Esquerdo".

[100]"Deliberado el Rey de hacer la guerra á los Moros, el Rey Don Juan embió al Rey Túnez à Lope Alonso de Lorca, por el qual le hizo saber que estaba muy quexoso del Rey Izquierdo de Granada[…], é que gelo enbiaba hacer saber, rogándole que si él le hiciese guerra, no le quisiese dar favor ni ayuda, lo qual mucho le agradecería.[…] E al tiempo que Lope Alonso llegó en Túnez, halló quel Rey aparejaba galeas é otras cosas para embiar en ellas gente é viandas al Rey de Granada." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p. 305.

[101]Sobre as outras embaixadas de Alonso de Lorca, conferir: Ibid., p.254.

embaixada tinha como objetivo estreitar as relações entre Castela e esse que foi um dos mais proeminentes líderes dos povos mongóis,[102] muito provavelmente com a esperança de transformar esse líder vitorioso em um aliado contra os mulçumanos.[103] A delegação enviada foi composta pelo madrileno Ruy González de Clavijo (? -1412), nobre de confiança e camareiro do rei; Gómez de Salazar (? -1404), membro da guarda real de Enrique; Alfonso Paez de Santa Maria (? -?), religioso e mestre em teologia; e por uma escolta de aproximadamente 14 escudeiros e ajudantes.[104] Mas é em torno de Clavijo que gira a narrativa.[105]

Clavijo e seus homens partiram do porto de Santa Maria, na cidade de Cadíz, no dia vinte e um de maio de 1403. Percorreram um trajeto de pouco mais de oito mil quilômetros –o que para o período significava um deslocamento de grande extensão[106] –, tomando caminho em direção ao mar do Levante. Passaram pelo estreito de Messina, navegaram pelos mares Jônio e Egeu, visitando a ilha de Rodes, dentre outras ínsulas da região, seguiram pelo estreito do Bósforo, rumando depois para Constantinopla, de onde foram até a cidade de Pera, permanecendo por lá até o final do inverno de 1403. Seguiram depois por um caminho por terra entre Trebizonda, Armênia, o Norte da Pérsia pela região de Khorasan[107] para, enfim, chegar a Samarcanda no final de agosto de 1404. Após sua estada junto ao líder dos mongóis, decidiram retornar, devido às conturbadas notícias da morte de Tarmelã em janeiro de 1405, retornando até Pera, na Turquia, para depois seguirem para Genova e posteriormente para Castela,

[102] Após se tornar emir dos crentes em 1370, Tamerlã iniciou uma trajetória de vitórias militares, como aquela sobre a horda dourada, em 1395, e a conquista do sultanato de Délhi na Índia, em 1398. Estas conquistas deram-lhe a possibilidade de organizar um império coeso e forte na região da Transoxiana, com seu centro militar em Samarcanda. O império de Tarmelã ocupou uma extensão que hoje corresponde ao Irã, Afeganistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Cazaquistão, Uzbequistão e parte do Iraque. CARLUCCI.F. Recompondo Tamerlão e Samarcanda: a embaixada castelhana de Ruy González de Clavijo (1403-1404). In. **Os Viajantes medievais da rota da seda**. (Org.) MACEDO. J. R., Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2011, p.198.

[103] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, 29-30.

[104] CARLUCCI, 2011, op.cit., p. 196.

[105] Ao longo do relato, temos algumas indicações que tratam de destacar o nobre dentro da viagem: "E este dia non bevió vino el senor por tener compañía al dicho Ruy Gonçález" / "ficho bestir al dicho Ruy Gonçález una ropa de camocan" / "e Ruy Gonçález se sentia estonces un poco mejor". GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p. 179; p.215; p.217.

[106] Pode-se deduzir que essa distância seria um percurso longo no século XV, se compararmos a viagem dos embaixadores, que durou três anos, com as viagens de um outro famoso viajante do século XV, o religioso francês Pierre d'Ailly (1350-1420), que durante 50 anos de carreira eclesiástica foi incumbido de diversas missões como embaixador, e percorreu durante esses anos uma média de 8 a 10 mil quilômetros. ZUMTHOR, P. **La medida del mundo.** Madrid: Cátedra, 1994, p.164.

[107] Khorasan ou Coração é uma região histórica que compreende um vasto território. Atualmente coincide com o nordeste do Irã, no sul do Turcomenistão e no norte do Afeganistão.

concluindo a viagem no mês de março de 1406, na cidade Alcalá de Henares, onde os embaixadores se encontraram com o rei Enrique.[108]

Esta embaixada ao império Timúrida[109] não foi o primeiro esforço do rei castelhano de enviar mandatários às terras orientais. Em 1402, um ano antes da embaixada em direção a Samarcanda, Enrique enviou outros dois nobres em direção a Constantinopla para acompanhar o confronto entre Tamerlã e o imperador turco otomano Bayezid I (1354? – 1403), que teve como desfecho a vitória, presenciada pelos emissários do monarca castelhano, do senhor dos tártaros sobre as hostes otomanas nos arredores da cidade de Ancara. O relato de Clavijo conta que nesta batalha estiveram presentes os embaixadores castelhanos Payo Gómez de Sotomayor (?-1446) e Hernán Sánchez de Palazuelos(?-?), os quais foram enviados por Enrique III "para saber a pujança e senhoria sobre o mundo do dito Tamerlã e o Turco Aldaire".[110] Por estes emissários, em contrapartida, Tarmelã teve notícias do prestígio "do dito alto rei de Castela".[111]

Embora esta primeira comitiva não tenha composto um relatório sobre seu trajeto, como o de Clavijo, as notícias que chegaram até nós permitem deduzir que outros nobres de Castela se dirigiram até as terras orientais no início do século XV, sendo responsáveis por estabelecer os primeiros contatos entre o rei castelhano e o emir mongol. Após receber esses enviados de Enrique III, Tarmelã enviou ao monarca do Poente um embaixador seu, Mohamed Al Cagi (?-?)– guia e intérprete da comitiva de Clavijo pelas terras do leste –, que se dirigiu à Corte castelhana com presentes e mensagens suas para o rei cristão.[112] Ele veio acompanhado dos referidos nobres castelhanos e de duas mulheres de origem Húngara, Dona Angelina da Grécia (?-?) e Dona Maria Gómez (?-?), que tinham permanecido como cativas dos mulçumanos.[113] Esta breve exposição referente aos embaixadores que precederam Clavijo encontra-se em parte

---

[108]"E lunes, veinte e cuatro dias del mes de marzo del ano del Señor de mil e cuatrocientos e seis anos, los dichos senores embaxadores llegaron al dicho Señor Rey de Castilla, e falláronlo en Alcalá de Henares." GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p. 357.

[109] Assim ficou conhecida a dinastia fundada por Tarmelã durante a passagem do século XIV e XV.

[110] O narrador do relato se refere aqui ao epíteto de Bayazid I de "Yildirim" ou o "Trovão".

[111] "En la cual batalla se acaescieron Payo de Soto e Ferrand Sánches de Palençuelos, embaxadores qu'el alto e famoso señor Enrique, por l agracia de Dios, rey de Castilla e León, que Dios mantenga, enviara por saber la puxança e señorio que en el mundo avía el dicho Tamurbeque e turco Aldaire [...] De los cuales Payo e Ferrand Sanches ovo noticia el señor Tarmurbeque; por amor del dicho señor alto rey de Castilla, e fízoles mucha honra e tóvolos consigo e fizoles grandes convites e dioles ciertas dádivas." Ibid., p.78.

[112] "El cual embaxador veno al dicho senor Rey de Castilla, diole sus letras qu'el dicho senor Tamurbeque le enviava, e su presente e joyas e mugeres que le envió segund su costumbre." Ibid., p.79.

[113]Temos poucas notícias sobre essas duas cativas que Tarmelã enviou como sinal de amizade a Enrique, havendo apenas a menção de um poema endereçado a Dona Angelina nas trovas de Alfonso Alvarez de Villasandino. Sabemos também que Angelina casou-se com o corregedor de Segovia Diego González de Contreras, sobre Maria existem os rumores do envolvimento dela com o embaixador Payo Goméz de Sotomayor, com o qual ela teria se casado por ordem de Enrique III. RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales.** Madrid: Taurus, 1986, p.69; Y RONNA, E.O (Ed.). **Colección de poesías castellanas anteriores al siglo XV**. Baudry, 1842, p.205-208.; CONTRERAS, J. **Doña Angelina de Grecia**: Ensayo biográfico. Sevilha: Antonio San Martin, 1913, p.24.

descrita no próprio relato de viagem referente à embaixada, demonstrando assim como havia alguma preocupação em relatar outras idas de enviados nobres do rei em direção àquelas terras.

Estas trocas e contatos entre os dois senhores estimulou que outras longas viagens fossem realizadas, mas desta vez com uma ordem que dizia respeito não apenas a travar relações com o imperador, mas também de saber sobre algo que começava a gerar interesse: o trajeto. Por se tratar de embaixada "árdua e para as terras distantes", fazia-se necessário "colocar por escrito todos os lugares e as terras por onde os ditos embaixadores" passassem, sem perder de vista tudo que com eles acontecesse e, graças ao apreço crescente da escrita nesse momento,[114] não deixarem cair "em esquecimento" ou em imprecisão as coisas que "melhor e mais verdadeiramente se possam contar e saber."[115] Neste trecho do prólogo do relato é acentuado, pois, de que forma as viagens mais longínquas ajudavam a redefinir as prioridades ou necessidades, ou seja, já não importava apenas o fim, mas o meio. Emergia, como se nota, a necessidade de se colocar por escrito tudo aquilo que os embaixadores presenciassem durante seu trajeto, legando um testemunho crível e fiel sobre as terras distantes.

O relatório dessa embaixada ganha, assim, como traço de destaque, o forte apego aos detalhes descritivos sobre as terras percorridas pelos viajantes. Quando reporta o trecho de transição entre a zona montanhosa do território turco e os desertos da Pérsia, por exemplo, o narrador tem o cuidado de demarcar as mudanças na paisagem: "E todas as montanhas e serras que encontraram depois da terra de Trebizonda eram rasas e sem montes",[116] bem como as diferenças climáticas de um lugar para o outro: "desde que os embaixadores chegaram à terra de Trebizonda até esta cidade, sempre aparecia neve nas montanhas, e dali adiante não encontraram mais, e a terra tornou-se mais quente."[117] Em suma, nesses longos deslocamentos, aos nobres cabia já não apenas cumprir suas missões religiosas ou delegadas pelo rei em paragens remotas, mas cabia-lhes trazerem consigo informações sobre essas outras partes do mundo habitado. A lonjura do trajeto agregava interesse à viagem, assim como prestígio àqueles que a praticavam, pois, para além do interesse da embaixada, podiam contribuir para um conhecimento desta região inacessível para a maioria dos conterrâneos; uma região cujos caminhos tinham se tornado pouco acessíveis em razão da interrupção das relações entre os

[114] BECEIRO PITA, I. **Libros lectores y bibliotecas en la España medieval**. Murcia: Nausícaa, 2007, p.173.
[115] "Porque la dicha embaxada es árdua e a lueñes tierras, es necesario e cumpliedero de poner en escripto todos los lugares e tierras por do lo dichos embaxadores fueren e cosas que les ende acaescieren, por que no cayan en olvido e mejor e más verdaderamente se puedan contar e saber." GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.79.
[116] "E todas estas montañas e sierras que fallaron despues que de tierra de Traspisonda salieron, eran rasas, sin montes." Ibid., p.191.
[117] "E desque los dichos embaxadores tomaron tierra en tierra de Traspisonda fasta en esta ciudat, siempre en las montañas parescia niebe, e de aqui adelante no la fallaron, e fue tierra mas caliente." Ibid., p.198.

cristãos e os povos chineses, após a substituição da dinastia Yuan pela Ming em 1368, assim como em razão do fortalecimento do império otomano, que bloqueou as rotas continentais para a Ásia em meados do século XIV.[118]

1.2.2 Encontrar nobres em andanças por terras distantes

Para além de viagens encomendadas por reis, senhores ou pelo papa, os nobres transladavam-se até sítios remotos guiados por outros interesses, como foi o caso do fidalgo Pero Tafur. Este redigiu um relato, intitulado *Andanzas y viajes de un hidalgo español*, nos anos de 1453-54, no qual narra suas perambulações, realizadas mais de dez anos antes de dar início ao registro, entre 1436 e 1439.[119] Suas viagens, ressalta ele, teriam sido motivadas, como já dito no início do capítulo, pela chance de promover feitos que eram prestigiados pelos fidalgos do seu tempo,[120] dentre os quais podemos destacar atos de cavalaria em Jerusalém,[121] bem como serviços prestados por ele ao longo do caminho, como os que prestou ao rei de Chipre,[122] e a própria viagem que é colocada por ele como um ato em si valoroso. Tafur encerra o prólogo da viagem explicando que sua partida, para as tais andanças, teria sido possibilitada "pela trégua feita entre o nosso senhor, o Rei D. Juan, e os mouros nossos inimigos naturais, além de outras causas". Trégua que lhe tinha permitido conceder a si próprio "tempo para visitar algumas partes do mundo[...]".[123] Para além de destacar como o tempo de paz entre Castela e Granada foi condição para desviar a atenção para outras plagas, o sevilhano inclui informações sobre o que motivou sua partida para visitação de territórios afastados, ressaltando uma função que as viagens ao distante teriam para o nobre, quando este conseguisse retornar à sua terra natal após os esforços e trabalhos empreendidos durante o caminho: regressaria munido de um tipo de conhecimento adquirido através da "diferença dos governos, e pelas qualidades distintas entre

---

[118] MOLLAT, M**. Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 22; AZNAR VALLEJO, E. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madrid: Síntesis, 1994, p. 46; KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 57.

[119] RUBIO TOVAR, J**. Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.85.

[120] CASTRO HERNÁNDEZ, P. Un estado de la cuestión sobre las Andanças e viajes de Pero Tafur: discusiones historiográficas y problemáticas de estudio. **Revista Historias del Orbis Terrarum**, Anejos de Estudios Clásicos, Medievales y Renacentistas, Santiago, Vol. 6, 2013, p.37.

[121]"[...] yo armé tres cavalleros aquel dia, dos alemanes é un françes, e posimos nuestras armas en el lugar acostumbrado, é tomamos de las relíquias quel guardian nos dio [...]". TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.46.

[122] "[…] é fué mucho bien resçebido é con tanta humanidat tratado, como si yo fuera su natural, é agradesçiendo a Dios como yo era tornado á salvamento de tan gran viage, é regradesçiéndome mucho de parte del Rey lo que yo avia fecho en su serviçio, é proferiéndome mucho las cosas que me pluguiesen.". Ibid., p. 72.

[123] "Ê yo, avido respeto que, allende de otras causas, la trégua fecha entre nuestro senor el rey Don Juan é los moros nuestros naturales enemigos, me podia dar lugar é otorgar tiempo, para que yo visitase algunas partes del mundo […]" Ibid., p. 15-16.

uma nação e outra", que era então "do mais proveitoso para a coisa pública e o estabelecimento dela, na qual devem trabalhar primeiramente aqueles que não queiram ser chamados de inimigos da nobreza".[124] Dessa forma, Tafur encerra a abertura do seu relato de viagem relacionando sua partida com certos interesses comuns para um nobre do século XV, como a capacidade de atuar como administradores da vida pública, que ganha um forte peso em suas palavras.

A seguir ao que diz respeito aos objetivos da viagem, o relato incide sobre seus périplos, possibilitando perceber as articulações de suas rotas, que tiveram início com sua partida de Sanlúcar de Barrameda, seguindo depois em direção ao estreito de Gibraltar para depois rumar para cidades como Pisa, Roma e Veneza, alcançando, assim, o Mediterrâneo. Navegando até o Levante, Tafur visitou Jerusalém, Belém, a região da mesopotâmia, Egito, Constantinopla, e as proximidades do Mar Negro. No regresso a Veneza, mais de um ano depois, entre 1437 e 1438, visitou cidades como Ferrara e Milão, de onde seguiu para as terras germânicas e cidades limítrofes do que hoje seriam os Países Baixos. Seguiu, por fim, em direção aos Alpes austríacos, atravessando-os para regressar à região italiana e seguir mais uma vez até cidades como Pádua, Florença, Sicília, Calábria e Nápoles, tomando o caminho de volta para Castela, entre o final de 1438 e o início de 1439, navegando pelo mar Adriático, depois pelo Mediterrâneo, até a Sardenha, onde chega na primavera de 1439 – ponto de parada do manuscrito.

Um dos locais visitados por Tafur foi Jerusalém, destino de maior prestígio no período, apesar da concorrência de lugares mais próximos de peregrinação.[125] A Terra Santa ocupava um dos lugares de destaque na gama de destinos santos que nobres e cavaleiros buscavam para peregrinar. Por vezes o motivo principal de deslocamento dos nobres, em certos casos, como no do fidalgo sevilhano, foi apenas um motivo a mais para partir em direção ao longínquo, pois tinha como objetivo também a aspiração peregrina bem como certo interesse em reconhecer paragens distantes.[126] Nessas viagens, dado o cruzamento das rotas e as paradas comuns, a

[124] "É no menos porque, si acaesçe fazer retorno despues del trabajo de sus caminos a la provinçia donde son naturales, puedan, por la diferencia de los governamientos é por las contrarias qualidades de una naçion á otra, venir en conosçimiento de lo más provechoso á la cosa pública é escableçimiento délla, en que principalmene se deben trabajar los que de nobleza no se querrán llamar enemigos." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 15.

[125] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**: análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.40; RUCQUOI, A. Peregrinos de España a Jerusalén y Roma (siglos X-XIII). In. Peregrino, ruta y meta en las 'peregrinationes maiores', VIII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos, Nº 8, Santiago de Compostela, **Ata de Congresso**, Santiago de Compostela: Secretaría Xeral da Presidencia. S.A. de Xestión do Plan Xacobeo, 2012, p.50-52.

[126] MOLINA MOLINA, A.L, Pedro Tafur, un hidalgo castellano en tierra santa y Egipto. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 27, 2011, p. 642.

possibilidade de encontrar outros nobres era corrente. O cavaleiro, no relatório de suas andanças, descreve alguns dos encontros com conterrâneos. Quando Tafur estava chegando a Veneza, após conhecer a Terra Santa, avista, na entrada do porto da cidade, uma embarcação de peregrinos. O viajante conta que perguntou aos passageiros se entre eles havia conterrâneos seus, tendo recebido a resposta de que "estavam ali Gutierre Quexada e Pero Barba de Campos, que seguiam para Jerusalém, e que estavam na cidade para ver a festa que se fazia". Tafur narra que desceram à terra, seguindo "logo até a igreja de S. Marco para ouvir a missa", onde encontraram "muitas pessoas, já que aquele era dia da Ascenção[127]."[128]

Acrescenta também, a propósito dos dois referidos peregrinos da embarcação, que eram ambos nobres, de forma que o sevilhano fez questão de acompanhá-los pelo período em que estiveram na cidade até que partiram.[129] Estes castelhanos ilustres faziam parte do círculo mais próximo de Juan II, e sua jornada se encontra narrada na crônica do monarca quatrocentista, onde é descrito como sua partida da Corte de Juan se assemelhava à de Tafur, pois tinha a viagem encabeçada por Gutierre de Quexada como motivo primeiro um interesse mundano: travar justas, no ducado da Borgonha, com dois cavaleiros – filhos do conde de Saint-Pol, Pedro de Luxemburgo (1390-1433) – que faziam parte da Corte de Filipe, o Bom (1396-1467).[130] Quexada teria, entretanto, aproveitado sua partida do reino para seguir mais adiante e fazer uma visita à Terra Santa. Tafur chegou a encontrar um dos desafiantes dos castelhanos durante sua passagem por Bruxelas, quando foi prestar homenagem ao Duque Filipe. O castelhano preocupou-se em dar notícias ao cavaleiro francês sobre a viagem do oponente: "Perguntei quem era o bastardo de Saint-Pol, mostraram-me, e fui até ele e contei-lhe sobre Gutierre de Quexada, com quem ele combinara de fazer armas, como ele havia embarcado para Jerusalém

[127] Trata-se da festividade da Ascenção de Jesus, promovida na décima-quarta quinta-feira após a Pascoa, em Veneza. Acontecimento de pompa, por coincidir com a investidura do mar Adriático outorgada pelo papa Alejandro III à cidade no ano de 1177. LADERO QUESADA, M. A. La Fiesta en la Europa Mediterránea Medieval. In II tempo libero. Economia e società. Sec. XIII-XVIII: Atti della" ventiseiesima settimana di studi", Nº27, 1994, **Ata de congresso**, Florença: Ist. Storia Economica Datini, 1995, p.30.

[128] "É pregunté si venían allí algunos Castellanos, é respondióme uno que aí estava, que estavan allí Gutier Quixada é Pero Barva de Campos, que yvan á Jerusalem, é que estavan en la çibdat por ver la fiesta que se fazia. E nosotros entramos é deçendimos en tierra, é fuemos luégo á la yglesia de Sant Marco á oir missa, donde fallamos muy muchas gentes, que aquel dia es el de la Açension." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 107.

[129] "fui con ellos á la mar é embarquélos é fuéronse en buen ora." Ibid., p. 108.

[130] "En este tienpo saliéron deste Reyno dos caballeros, el uno llamado Gutierre Quexada Señor de Villagarcía , y el otro Pero Barba, los quales llevaban cierra enpresa, los capítulos de la qual embiáron á la corte del Duque Felipo de Borgoña, señaladamente requiriendo á dos caballeros muy famosos hijos bastardos del Conde de San Polo, el uno llamado Micer Piérres Señor de Haburdin, y el otro Micer Jáques, los quales recibiéron su requesta, é fué asignado término para cumplir las armas, de lo qual diéron sus sellos. Y en tanto que aquel término llegaba, Gutierre Quexada é Pero Barba tomáron su camino para Jerusalem, en el qual se desacordáron, é Pero Barba se volvió en Castilla, é Gutierre Quexada cumplió su romería, é volvió en Borgoña al tiempo asignado para hacer las armas […]" PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.352.

e que assim que tivesse terminado, voltaria e viria a cumprir sua promessa [...]".[131] Esses gentis-homens vieram a ter seu enfretamento em Saint-Omer, após Quexada concluir sua peregrinação, em 1439,[132] data que coincide com a época em que Tafur fez seu retorno a Castela. As duas viagens, a de Tafur e a comandada por Quexada, em suma, não apenas tiveram seus caminhos entrecruzados, mas o próprio perfil dos dois viajantes as aproxima. Ambos pertenciam ao mesmo estamento social e compartilhavam dos mesmos valores, nomeadamente no que diz respeito à busca por feitos notáveis e as motivações piedosas durante suas jornadas a alhures.

Para além desses encontros em territórios exteriores ao reino, Tafur incorpora no seu relato dados sobre as terras distantes pelas quais passou ao longo das suas andanças, dados esses que se tornavam cada vez mais caros aos homens do seu tempo. Sobre as terras tártaras, mesmo que não tenha chegado a adentrá-las, fez questão de sinalizar como seguiu pelo mesmo caminho que a embaixada de Clavijo percorrera três décadas antes. Durante sua passagem pela cidade de Caffa (Kaffa), perto do Mar Negro, avista a desembocadura do rio Tanaïs, atualmente conhecido como Don, e relata:

> Este é o caminho que fizeram os embaixadores do rei Enrique, quando eles foram até Tamerlã, isso me foi dito por *Alfon Frrns de Mesa*,[133] e dali até o ponto que andaram era tão distante, como dali até Castela, mas eles fizeram caminho direto para lá e, no retorno, viram muitas coisas estranhas pelo caminho, e na casa de Tamerlã, como eles disseram certamente. Este rio de Tanaïs é uma coisa bem estranha de ver, e as nações que vivem em seu entorno[...].[134]

Além de mencionar a coincidência da rota, também faz uma apreciação interessante sobre a distância percorrida na sua viagem, destacando que, do ponto onde se encontrava até Samarcanda, estimava mais ou menos a mesma distância de Castela até ali. Dois ângulos sobre aquilo que para eles era fundamental na viagem, a extensão do território, são, nesta altura do relato, devidamente explicitados: o quanto os embaixadores já tinham superado e, por outro

---

[131] [...] pregunié quién era allí el Bastardo de Sam Polo, e mostráronmelo, é llegué á él é díxele de parte de Gutierre Quesada, que con él avie de fazer armas, como yo lo dexé embarcado para Jerusalem, é que presto seria de buelta é vernía á cumplir su fecho [...]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 131.

[132] RIQUER, M. **Caballeros Andantes Españoles**. Madrid: Espasa- Calpe, 1967, p.120.

[133] Figura ainda não claramente identificada, podendo ser tanto um companheiro não mencionado dos embaixadores de Enrique, como um certo Juan Poeta de Valladolid, conhecido como o *trovador de los viejos*, escrivão da chancelaria de D. Juan II em 1441. Outra hipótese é que este seria um alcaide de Córdoba em 1450, Alfon de Mesa. Para maiores esclarecimentos, conferir: TAFUR, 1995, op.cit., p.162.

[134] "Este es el camino que ficieron los enbaxadores del rey Don Enrique, quando fueron al Tamurbeque; é dizíeme á mí *Alfon Frrns* de Mesa, que avie tanto desde allí á lo postrero que andubo, como de allí á Castilla; pero ellos fueron é vinieron camino derecho, é vieron cosas bien estrañas por el camino é en casa del Tamurbeque, segunt ellos dizen cietamiente. Este rio de la Tana es cosa bien estrana de ver é las naçiones que entorno del biven […]." Ibid., p. 93.

lado, o quanto ainda faltava para percorrer. Lonjura que, pelo que sugere, aproximava suas andanças da dos enviados de Enrique. A informação de Tafur sobre sua rota, porém, como outras do seu tempo, é imprecisa, dado que o impressionismo e as formas de medição por parâmetros não unificados – como partes do corpo humano – eram o que predominava na apreensão do espaço.[135] Na referência à chegada dos embaixadores até as terras tártaras por Trebizonda,[136] na outra margem do mar negro, não consta alusão ao dito rio, contudo, a tentativa de oferecer algum parâmetro sobre as extensões e os limites denuncia como, para o fidalgo, era importante dar informes sobre as bandas longínquas, por meio de dados reconhecíveis para aqueles a quem seu relato se dirigia,[137] ou seja, era proveitoso estabelecer uma relação entre a sua viagem e aquela que já gozava do conhecimento e prestígio dos seus coetâneos. Outro aspecto que é perceptível nesta parte da narrativa de Tafur é seu olhar sobre as diferenças em relação à sua terra natal. O termo "estranho" é aquele que lhe serve para descrever como aquelas paragens lhe pareciam particulares; estranhamento também manifesto a propósito da Tartária, assim que lá chegaram.[138] Este tipo de manifestação de admiração, a propósito, era um dos elementos recorrentes nos escritos que se referiam às terras distantes,[139] funcionando até mesmo como um dos fatores de certificação de que os viajantes tinham realmente ido às paragens longínquas,[140] dado que havia uma expectativa quanto à existência de coisas incomuns em outras partes do mundo.

---

[135] Embora a mensuração do espaço durante o século XV já contasse com medidas mais exatas – como a milha, equivalente a 1, 850 metros, e a mais usual na Península Ibérica a légua, equivalente a cinco quilômetros – ainda era muito comum outros recursos de medição baseados na experiência empírica que podiam fazer parte do cotidiano de qualquer homem da época: como a duração de uma jornada diária, a pé ou montado, ou mesmo a metade desta "meia jornada"; assim como como a distância percorrida por algum projetil, como um tiro de besta ou de catapulta, ou a mesmo a largura de um passo humano. BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**: análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p. 386-389.

[136] "Los dichos embaxadores estidieron en esta ciudat de Trapisonda desde el dicho dia viernes, que y llegaron, que fueron onze dias de abril […]". GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.167.

[137] CORBELLA DÍAZ, D. Historiografia y Libros de Viajes. **Filología Románica**. Madrid, Anexo I, 1991, p. 108.

[138] "E acerca d'las ciudades e lugares onde avía aguas e prados, fallábamos eso mesmo mucha gente, d'ellos tantos, e tan feos andavan del sol, que parescía que del infierno salían. E tantos eran parescían infinitos." GONZALÉZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.238.

[139] Dentre os historiadores que se debruçaram sobre o tema das viagens e os registros sobre elas, a questão da alteridade é um dos pontos mais explorados, com ênfase sobre como a viagem agia como abertura para novas possibilidades e concepções sobre os lugares e seus povos desconhecidos. A carga valorativa da descrição do desconhecido, ou outro, foi, durante décadas, preocupação dos estudiosos. MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.15; KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.63-69; LABARGE, M. W. **Viajeros medievales:** los Ricos y los insatisfechos. Segunda edição, Madrid: Nerea, 2000.p27

[140] CORBELLA DÍAZ, D. Historiografia y libros de viajes. **Filología Románica**. Madrid, Anexo I, 1991, p. 102.

Quando olhamos com atenção para os relatos de viagens de castelhanos durante o Quatrocentos, podemos observar como alguns destinos ganharam evidência, mesmo que não fossem propriamente visitados pelos viajantes. Estes tinham o cuidado, em geral, de colocar alguns pontos em destaque em sua descrição territorial, buscando assim contemplar aspectos de maior interesse para a época, como locais de grande força comercial, centros religiosos ou reinos e lugares considerados importantes por suas conquistas ou importância geográfica.[141] Dentre estas referências que figuraram como admiráveis e relevantes de serem mencionadas dentro dos escritos acerca das perambulações por lugares estrangeiros, podemos citar destinos mais conhecidos, como a cidade de Constantinopla[142] ou mesmo um destino mais afastado do mundo cristão, como a cidade tártara de Samarcanda.

Os emissários de Enrique III tiveram o cuidado de acentuar sua entrada nas terras do Tarmelã, usando um marco territorial igualmente conhecido no período, o desfiladeiro celebrizado como Portas de Ferro.[143] Tal referência servia para demonstrar que se entrava nos domínios do líder mongol: "de uma das Portas de Ferro até as outras havia mil e quinhentas léguas, talvez mais. Vede que é grande o senhor que controla as Portas de Ferro, e é senhor delas e de todo o terreno que existe entre elas, como é o senhor Tamerlã".[144] O narrador da embaixada ressalta um vínculo entre a vastidão das terras e a grandeza do seu governante. Dimensão espacial e potência do líder que eram alguns dos aspectos que mereciam comumente referência dos viajantes e que não foram negligenciados no relato desta delegação.[145]

No rol das alusões a andanças pelas terras tártaras e ao Tamerlã, encontra-se aquela que foi dada a conhecer no *Libro del infante Don Pedro de Portugal*. O narrador dessa viagem, em que os elementos fabulosos se sobrepõem àqueles baseados na experiência, relata:

---

[141] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p. 70-75.

[142] Sobre as menções a Constantinopla nos relatos castelhanos do século XV podemos ressaltar sua presença em dois deles. Na embaixada ao reino de Tarmelã, os embaixadores passam uma longa estadia na cidade, antes de partir para terras do imperador mongol; dessa estadia o relato aponta uma descrição detalhada sobre os entornos, assim como a história da cidade. Uma descrição detalhada sobre a cidade também consta nos escritos sobre as andanças de Pero Tafur, sendo a cidade, como no relato da embaixada, o local de onde o viajante sevilhano parte em direção às terras mais ao leste, com a intenção de visitar as terras tártaras. Para maiores detalhes, conferir. GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.117-150; TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.80-88.

[143] Este desfiladeiro é referido por outros viajantes medievais, como o monge flamengo Guilherme de Rubruck, que, em nome do rei Luís IX da França, foi até as terras mongólicas durante o século XIII.

[144] "De las unas Puertas del Fierro fasta las otras a bien mil e quinientas léguas e más. Ved si es grand senor el que señoría estos dos Puertas del Fierro e es senor d'ellas, e de todo el terreno que es entremedias d'ellas, como lo es Tamurbeque". GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.244.

[145] BÉGUELIM ARGÍMON, 2011, op.cit., p. 78-79.

> E atravessamos pelo deserto de Nínive,[146] e fomos à cidade de Samarcanda e chegando há uma légua, deste lado, entramos em uma cidade de sessenta mil habitantes e saímos com o sol perto de Samarcanda, desde que chegamos à cidade, encontramos alguns mouros comendo leite e manteiga na porta. E falou Goméz de Santisteban: Qual de vocês quer nos mostrar a casa de Tarmelã, senhor das Portas de ferro?[147]

O livro em questão, recorrendo a elementos legendários e notícias extraídas de outros relatos, conta a história de uma possível – porém não efetivada – ida do infante D. Pedro de Portugal (1392-1449) e seus companheiros até o Levante, em busca do reino do mítico Preste João,[148] que se acreditava ser um misto de sacerdote cristão e monarca oriental de grande poder e que comandava um reino fabuloso, situado em lugares diferentes ao longo do tempo – cogitava-se primeiramente que se situava nas terras asiáticas e, posteriormente, nos séculos XIV e XV, em terras do continente africano.[149] O livro recolhe informações a respeito de terras distantes que teriam sido visitadas no périplo do nobre cujas viagens o distinguiram no seu tempo.[150] No relato, a capital do império Timúrida é citada como um dos pontos de visitação. A cidade e o governante mongol são mencionados, assim como o marco territorial. O narrador, que se apresenta como um dos companheiros de D. Pedro, teve o cuidado de, ao redigir sua narrativa, montar um itinerário de lugares. Lugares que, mesmo que se saiba que não foram visitados pelo infante, podiam ser plenamente críveis no século XV – em que foi escrito o relato –, pois incorpora aquilo que outros escritos, por anunciarem ou repetirem, tornaram verdadeiros. Logo no início da obra, menciona alguns dos locais por onde os viajantes teriam passado:

---

[146] Menção às ruínas da antiga capital assíria.

[147] "[…] e atravessamos por el desierto de Nínive, y fuemos a la ciudad de Sant Marcán, y llegando fasta una legua aquende entramos por una gran ciudad de hasta sesenta mil vezinos y salionos el sol cerca de Sant Marcán. Desque llegamos a la ciudad fallamos unos moros comiendo a la puerta leche y miel y manteca. Fabló Garcirramírez y dixo: - ¿Cuál de vosotros nos quiere ir a mostrar la posada del Tamurbeque poderoso de la puerta del hierro?". **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008. p.18.

[148] As primeiras notícias do Preste João surgiram quando, em 1145, através do sacerdote germânico Otto de Freising, que registrou a fala do Bispo de Jabala sobre um poderoso senhor cristão, que marchava contra as hostes mulçumanas do leste e que também tinha prometido libertar Jerusalém do julgo mulçumano. As menções a esse monarca foram recorrentes no mundo ocidental entre as centúrias do XII ao XV, mesmo de maneira singular em cada período, com aproximações a outros senhores poderosos do leste, mas sempre atentando para o seu papel de inimigo ferrenho do Islã. GONZÁLEZ ROLÁN, T. La Carta del Preste Juan de las Indias. Un ejemplo de la superación de las fronteras culturales y del interés europeo por el mundo maravilloso de Oriente. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, 2014, p.12-28; VILHENA, M. D. C.O Preste João: mito, literatura e história. **ARQUIPÉLAGO**. Açores, 2ª série, vol. 5, 2001, p.627-649.

[149] VILHENA, M. D. C.O Preste João: mito, literatura e história. **ARQUIPÉLAGO**. Açores, 2ª série, vol. 5, 2001, p. 630-631; MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeiras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.35.

[150] D. Pedro ficou conhecido por suas viagens pela cristandade, entre os anos de 1425 e 1428, tendo iniciado sua jornada em Portugal, passando pela Inglaterra, Flandres, Veneza, Pádua, Roma, Florença, Aragão e Castela. GONÇALVES, J. **O Infante D. Pedro das sete partidas**: e a gênese dos descobrimentos. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1995, p.241.

> [...] e eu, Gómez de Santisteban, como fui um dos que viajou com o infante D. Pedro, meu senhor, decidi contar algumas coisas notáveis neste breve tratado daquilo que vimos nas quatro partidas do mundo, em especial na Terra Santa, visitando a cidade santa de Jerusalém; o santo Sepulcro de nosso Senhor Jesus Cristo; o corpo de Santa Catarina, que está em carne e osso no monte onde Moisés rachou-o com a vara e de onde brotou água para os filhos de Israel; a terra da Judeia. E vimos se era tão grande como diziam aqui no Poente o senhorio do Preste João das Índias e Índia Maior, onde está o corpo de São Tomás, apóstolo, em carne e osso, na cidade de *Alberch*.[151]

Nesse trecho, o autor, além de reafirmar seu lugar dentro da obra como observador dos feitos do infante, menciona os sítios que foram visitados. Dentre esses lugares, Santisteban frisa justamente o destino, os domínios do Preste João. A fama que este rei cristão, que naquela altura se julgava viver no Levante, adquiriu como um possível aliado dos cristãos do Poente contra a ameaça dos mulçumanos nas terras da Península Ibérica fazia do seu possível reino um local ainda muito estimado no Quatrocentos.[152] Aqueles que seguiam rumo às bandas mais afastadas buscavam ter ao menos notícias sobre este senhor do Leste. Tal busca por informes sobre o monarca oriental pode ser notada durante o encontro entre Pero Tafur e o mercador e viajante veneziano Niccolò di Conti (1395-1469),[153] nas margens do mar vermelho. Ali, o sevilhano se mostra de imediato interessado em saber sobre as terras desse senhor do leste, confessando que perguntou ao viajante "a respeito do Preste João e sua autoridade", tendo recebido a resposta de "que ele era um grande senhor, e que tinha vinte e cinco reis em seu serviço, embora não fossem grandes governantes, e também que muitas pessoas que vivem sem lei, mas seguem ritos pagãos, são submissas a ele."[154] O relato de Conti sobre o reino é creditado por Tafur e

---

[151] "[…]yo, Gómez de Santestevan, como fue uno de los que anduvimos con el infante don Pedro, mi señor, determiné de contar algunas cosas notables en este breve tratado de lo que vimos en las cuatro partidas del mundo, en especial en la Tierra Santa, visitando la casa santa de Jerusalem, el Sancto Sepulcro de Nuestro Señor Jesuchristo, el cuerpo de Santa Catalina, que está en huesso y carne en la peña donde hirió Moisén con la verga y hizo salir agua para los hijos de Israel, la tierra de Judea, a ver si es tal y tan grande como dezían en Poniente, la señoría del Preste Juan de las Indias e la India Mayor, donde está el cuerpo de Santo Thomé Apóstol en huesso y en carne, en la ciudad de Alberh." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008. p. 11.

[152] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.29-31; MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.98.

[153] Niccolò di Conti foi um comerciante e viajante veneziano que partiu em direção ao Levante em 1414, tendo como primeiro destino a cidade de Damasco, então um centro comercial com grande fluxo de caravanas. De lá o veneziano percorreu boa parte do continente asiático, especialmente sua costa, a qual percorreu durante vinte e cinco anos. Suas viagens tiveram fim com seu retorno a Veneza no ano de 1439, pouco depois do suposto encontro com Tafur. Embora Conti não tenha deixado nenhum escrito de suas viagens, seus périplos ganharam fama graças aos escritos de Poggio Bracciolini (1380-1459), amigo de Conti e homem de letras que atuou como secretário apostólico e conselheiro da cidade de Florença. RUIZ DE TOLEDO, F.J. V. El encuentro de Pero Tafur y Niccoló del Conti. **Isimu**, Madrid, Nº14-15, 2011, p.158-159.

[154] "E preguntándole del Preste Juan é de su poder, dize como era muy grande señor, é que cenía veynte é cinco reyes á su serviçio, pero estos non eran grandes onbres, é áun muchas gentes, de aquellos que non hay ley ninguna

anexado dentro da sua relação, pois as notas sobre as terras do reino mítico foram tomadas como verídicas em razão do testemunho de um outro viajante[155] que gozava de credibilidade e que confirmava as expectativas do cavaleiro sobre o longínquo.[156]

Narrativas de viagens efetuadas ou não, ambas, a de Conti ou aquela sobre o infante D. Pedro, partilhavam um interesse por confirmar as expectativas da época sobre os reinos alhures, podendo coincidir mesmo que algumas não tenham sido baseadas na experiência direta. As escolhas sobre o desenrolar da viagem se relacionavam diretamente com o universo de interesses e com os temores e desejos do tempo em que o autor estava imerso. Os sítios que foram mencionados no proêmio de Santisteban sobre a jornada nas terras orientais possuíam um forte valor religioso, dado serem lugares sagrados e bíblicos – como o santo Sepulcro, as terras das tribos israelitas, com ênfase sobre o monte cenário de um milagre do êxodo, e a tumba do apóstolo Tomé nas terras do Preste João. Esses locais eram inclusos na relação a partir do conjunto de saberes e informações que os homens do período dispunham sobre os lugares remotos. Dentro deste conhecimento, as escrituras sagradas tinham um papel significativo na construção de uma geografia sacra,[157] que é citada pelo suposto acompanhante do infante, assim como por outros viajantes que seguiram viagens para o distante.[158]

O roteiro supostamente seguido por D. Pedro incluía localidades dentro do continente europeu, como Valladolid e Veneza; lugares no Oriente de renome, como Chipre, Turquia, Babilônia, Damasco, Bagdá, Armênia, Egito, Meca, assim como destinos que remetiam ao mundo clássico dos conhecimentos tradicionais, como Troia, Grécia e a cidade de nome Sonterra, que se acreditava ser habitada por uma tribo de Amazonas. Santisteban descreve este reino como "uma província" toda ela "povoada por mulheres cristãs e súditas do Preste João

---

é siguen el rito gentílico, le obedesçen." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.62

[155] RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p. 36.

[156] Esta informação ganhou maior destaque com Tafur, muito provavelmente pelo fato de a sua obra ter sido redigida pouco depois da tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos em 1453. Assim, seu escrito se insere num momento onde a cristandade tinha perdido a esperança de um apoio mongol, devido à repartição do império Timúrida após a morte de Tarmelã, em 1405, bem como o avanço do islã frente à última barreira cristã em terras asiáticas que era a Constantinopla quatro décadas depois. Logo, a ideia de um monarca cristão habitando as terras do Levante se mostrava muito tentadora para os homens do período.

[157] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**: análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.52-56.

[158] No que diz respeito a esse aspecto da geografia sacra, merece destaque a menção dos embaixadores de Enrique que, ao caminharem entre o limite da Turquia e a Tartária, dizem ter avistado o monte onde teria "pousado" a arca de Noé após o dilúvio, assim como dizem ter visto a primeira cidade povoada após o dilúvio, chamada de "Çulmarun" ou Calmarin. Pero Tafur também se mostra interessado em descrever sua passagem pelo local onde antes existiam as cidades de Sodoma e Gomorra no deserto da Arábia. GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.190; TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.44.

das Índias".[159] Testemunho sobre a terra dessas mulheres guerreiras que, vale destacar, se aproxima, com algumas diferenças, daquele contido no *Embajada a Tarmolán*, onde Clavijo descreve:

> Estas Mulheres estão sob domínio de Tamerlã, assim como também sob o senhorio do senhor de Catai, são cristãs da fé grega. E foram da linhagem das amazonas que existiam em Troia, quando esta foi destruída pelos gregos, sendo que das que existiram em Troia surgiram duas linhagens destas amazonas, umas foram da linhagem da terra da Turquia, e estas são a outra.[160]

O relato do embaixador de Enrique III, assim como o de Santisteban, descreve as habitantes do reino das amazonas como mulheres cristãs e que serviam a um dos grandes senhores do oriente que os viajantes buscavam encontrar – no caso da *Embajada* era o Tarmelã, e no *Libro del infante*, o Preste João. Essas aproximações entre relatos demonstram, pois, como o escritor do *Libro* usou de inúmeras referências, como notas de viagens anteriores, para criar seu itinerário da forma mais convincente possível, a partir de notícias oferecidas por homens que, como os embaixadores, tinham andado por terras distantes. O reino das amazonas, na sua narrativa, por exemplo, é deslocado dos arredores de Samarcanda para um local entre a cidade de Meca e os domínios de Preste João, nas Índias. No caso de Clavijo, seu relato apresenta uma mescla de saberes antigos e a experiência da viagem, na medida em que relaciona a história daquela terra – que poderia se tratar de alguma tribo de organização matriarcal[161] – com a guerra de Tróia, assim como ao Tarmelã, colocando tanto o saber clássico como a informação sobre o poder do senhor tártaro como referenciais para explicar esse trecho do périplo. Assim, consegue descrever lugares e se fazer crível por meio dos conhecimentos correntes durante o período.[162]

Locais como Jerusalém ou Samarcanda, o reino das amazonas ou mesmo o de Preste João não eram meros legitimadores de um relato que, ao que tudo indica, não foi sustentado na

---

[159] "[…] es una provincia toda poblada de mugeres christianas súbditas al Preste Juan de las Indias […]" **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008. p.23.

[160] "Estas mugeres son del señorio del Tamurbeque, e solían ser del señorio del Catay, e son cristianas a la fe griega. E estas fueron del linaje de las amazonas que acaescieron en Troya cuando la destruxieron los griegos, ca en Troya se acaescieron dos linajes d'estas amazonas: las unas fueron del linaje de la tierra de la Turquia, e las otras son estas." GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.318.

[161] Para maiores detalhes sobre a organização desse tribo feminina ver: Ibid., p.318.

[162] As primeiras menções sobre a tribo de mulheres guerreiras teriam surgido em Heródoto no Século V a.C, mas foram recorrentes em escritos de outros autores clássicos, como Virgílio, Plutarco, Aristófanes entre outros. As informações sobre essas mulheres são variadas, havendo menções de sua provável existência na Ásia menor, Egito, Síria e Turquia. As referências a esse mito continuam ao longo da história, havendo relatos da participação delas na Guerra de Troia, onde sua rainha Pentesiléia teria sido morta por Aquiles; assim como há menções do encontro dessas guerreiras com Alexandre Magno, por volta do século IV a.C, em crônicas medievais, como na *General Estoria* de Afonso X (1221-1284). Para maiores esclarecimentos, conferir: LÓPEZ ESTRADA, F. In. GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.318.

experiência, mas incorporou aquilo que importava para uma narrativa que almejava a veracidade sobre o longínquo. Assim, o opúsculo sobre as idas de D. Pedro pelas quatro partidas do mundo valeu-se dos parâmetros de verdade vigentes para informar sobre as outras regiões e engrandecer o suposto viajante. Durante o Quatrocentos, os indivíduos que seguiam rumo a paragens mais afastadas buscaram dar notícias sobre essas, incorporando-lhes certos traços já compartilhados nos escritos antigos ou de autoridades do seu tempo e de outros viajantes.[163]

Nas principais relações de que se têm notícias, que se ocuparam em descrever lugares mais afastados das fronteiras de Castela durante o século XV, nota-se como ponto em comum a narrativa das viagens de indivíduos que eram nobres. Suas jornadas rumo a paragens longínquas, bem como as informações que delas derivavam, gozaram de certo prestígio dentro dos círculos nobiliárquicos, pelo que se deduz de alguns indícios. O relato de viagem de Tafur, por exemplo, foi escrito com a intenção declarada de presentear um outro nobre, Fernando Guzmán (?-?), que era comendador da ordem de Calatrava e filho de Luís González de Guzmán (?-1443), mestre da ordem e responsável pela educação e inserção de Tafur nas práticas da cavalaria.[164]

Como era habitual no seu tempo, Tafur oferta, no prefácio, seu relato a Guzmán e dá a conhecer seu desejo de que o registro, em que narra seus feitos "em várias partes do mundo", permitisse a Guzmán "encontrar algumas vezes prazer[...]".[165] A homenagem ao nobre com o escrito não apenas sobre feitos de cavalaria, mas também sobre terras mais afastadas, que naquela altura exerciam certo fascínio, não deve, pois, ser considerada de somenos, dado não se tratar de referência única. A embaixada ao Tarmelã contou também com um relatório acerca da viagem e daquilo que foi visto no trajeto; do mesmo modo, Pero Niño deixou preservados seus périplos navais, e o livro do infante D. Pedro se ocupou, por sua vez, em trazer informações sobre lugares de pouca visitação e que suscitavam a curiosidade dos homens do século XV. Esse entusiasmo pelo longínquo é pontuado pelo próprio Goméz de Santisteban, como ensejo do registro sobre a viagem, ao explicar que "todos os homens naturalmente desejam saber todas as coisas do mundo e possuem prazer de ver coisas novas, e aqueles que não as viram recebem

[163] BÉGUELIM ARGÍMON, V**. La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media:** análisis del discurso y léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, 49; MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p.29-34.

[164]PÉRES PRIEGO, M. A. Encuentro del viajero Pero Tafur con el humanismo florentino del primer cuatrocientos. **Revista de Literatura**, Madrid, vol. LXXIII, Nº145, 2011, p. 134.

[165] […]mi muy noble señor, plégavos leer mi tratado, oyr mis trabajos en diversas partes del mundo avidos, é resçibir con amor este pobre presente, con el qual non dubdaré, segunt lo que de vuestra verdadera nobleza conosco, avréys algunas vezes deporte […]. TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.16.

grandes alegrias em lê-las ou ouvir contar" sobre elas.[166] As viagens de membros da nobiliarquia castelhana quatrocentista informam, assim, tanto sobre os meios e condições que esta camada social tinha para fazer suas jornadas, quanto sobre o interesse em descrever aquilo que existia para além das fronteiras do habitual e sobre os caminhos em direção a essas paragens longínquas.

[166] "Porque todos los hombres naturalmente dessean saber todas las cosas del mundo y han plazer de ver cosas nuevas, e los que no las han visto resciben grandes alegrías en las leer y oír contar […]" **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008. p. 11.

Capítulo 2: As vias, as paradas e os amparos

Durante o encontro entre Pero Tafur e Niccolò di Conti nas margens do Mar Vermelho, em 1437, o viajante veneziano reportou ao castelhano um breve resumo de suas andanças pelas terras mais a leste. Conti menciona que, aos dezoitos anos, após sofrer um revés em seus negócios, ele decidiu rumar em direção aos domínios tártaros. Nesse relato em primeira pessoa, expõe: "[...]fui onde Tarmelã andava e estive ali em sua Corte um ano, e dali busquei caminho para passar à Índia Maior e o fiz, porque naquele tempo era totalmente seguro", já que, acrescenta Conti, o líder mongol "dominava tudo desde o Mar Negro até a Índia [...]".[1] Em seu relato, o mercador menciona duas condições sempre lembradas pelos viajantes sobre a prática das viagens durante a centúria de Quatrocentos: as rotas que possibilitavam o trânsito até os destinos almejados e a segurança, ou auxílio, com que o viageiro poderia contar ao longo de suas andanças.

No trecho citado, Conti relaciona a existência de um caminho seguro até as distantes paragens da Índia Maior[2] ao exercício do controle da região citada, à época de sua travessia, pelo império Timúrida. Existe nesta afirmação algo de impreciso e incongruente, dado que Conti só iniciou suas jornadas pelas terras asiáticas ao menos uma década após o falecimento do líder turco-mongol Tamerlã, e do esfacelamento de seu império. Embora as informações que Tafur registrou como testemunho do veneziano possam ser inexatas em relação à ordem dos acontecimentos, elas evidenciam, entretanto, um aspecto que aqui merece atenção: como os homens que seguiam em direção a lugares distantes e pouco conhecidos vinculavam a ida para o longínquo à viabilidade de se transitar por determinados trajetos. Logo, os próprios trajetos, direções e meios de se locomover eram aspectos que os autores dos relatos priorizavam nas suas narrativas, servindo como uma espécie de informe das rotas de que os coetâneos tinham conhecimento e seguiam rumo a outras paragens.

Os homens que saíram de Castela durante o século XV, tais como seus antecessores, eram devedores sobretudo das notícias advindas de outros viajantes, mas alimentavam-se

[1] "[...] sabe, que, en tiempo quel Tamurbeque senoreava, yo me fallé en Alixandría conçierto cabdal de mi padre, é de allí ove de venir en Babylonia, é por mal regimiento é poco seso de mi edat, que seria de fasta diez é ocho años, perdi lo que tenia, é con deseperaçion é vergüença de non bolver á la tierra, fuime á do el Tamurbeque andava, é estive allí en su corte un ano; é de allí busque camino para pasar á la índia mayor é fallélo, porque en aquel tiempo todo era seguro, por quanto fasta la India lo senoreava todo desde el mar Mayor [...]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995. p. 61.

[2] Atualmente pode ser relacionada ao subcontinente indiano, região peninsular do Sul da Ásia onde se localizam a Índia, o Paquistão, Bangladesh, o Nepal e o Butão.

igualmente dos saberes tradicionais e clássicos que versavam sobre a configuração do mundo e suas partes. Essa conjunção de saberes chegou a tomar forma em letras castelhanas por homens que se preocuparam em descrever – e, de certa forma, organizar – o mundo fora das fronteiras próximas e mais conhecidas, ajudando-nos, assim, a ponderar sobre os lugares, os caminhos e a acessibilidade das rotas. No caso de Castela, tal preocupação é já perceptível no *Libro del conoscimiento de todos los rregnos et tierras et senorios que son por el mundo, et de las señales et armas que han cada tierra et señorio por sy* – datado, provavelmente, da segunda metade do século XIV –, um misto de tratado heráldico e compilação de viagens[3] que busca descrever, e nomear em plenitude, os reinos que eram conhecidos até aquele momento.[4]

Entre todos os lugares e percursos descritos no relato, vale ressaltar a passagem na qual o autor descreve as rotas que conduziam ao reino de Catai – nome dado à região da China pelos cristãos no medievo. No trecho do livro é dito que "os caminhos certos para Catai" dividiam-se em dois, um que partia de Constantinopla, atravessava o Mar Negro, passava pelo Mar de Azov – o antigo Mar de Tana – e a Armênia, entrava no Mar Cáspio, para depois "atravessar toda a Ásia", na qual não se encontrariam "cidades nem vilas até o império de Catai". A segunda rota partia do Mediterrâneo, mais exatamente de Chipre, seguindo para os reinos da Armênia e da Turquia, depois rumando para as margens do Eufrates, atravessando o império da Mesopotâmia até o rio Tigre, passando pela Pérsia e Samarcanda, para depois dirigir-se para leste, chegando, finalmente, a Catai, após passar também por um longo trajeto no qual não se encontravam "cidades nem vilas e todos os habitantes moram nos campos."[5] O que o livro

[3] Embora haja discussões em relação à ocorrência das viagens citadas na obra, não existe uma comprovação efetiva a esse respeito. Em grande parte, os estudiosos encaram a obra como uma compilação dos saberes disponíveis sobre a constituição geográfica, política e histórica das terras mais afastadas, que tomou forma de itinerários com um aspecto didático acentuado. Para maiores detalhes: BÉLTRAN, R. Los libros de viajes medievales castellanos. Introducción al panorama crítico actual: ¿cuántos libros de viajes medievales castellanos? **Filología Románica**, Madrid, anexo 1, p.124-130; RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p.65-69; PEREZ MARTÍN, I. Ficción y realidad en las narraciones hispanas de viajes a Bizancio. In. ARCAZ POZO J.L; MONTERO MONTERO, M. (ed.). **Mare Nostrum** viajeros griegos y latinos por el Mediterraneo, Madrid: SEEC, 2012, p.183-185.

[4] LACARRA DUCAY, M. J. La imaginación en los primeros libros de viajes. In: Actas del III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Salamanca, 1989. **Ata de congresso**. Salamanca: Departamento de Literatura Española e Hispanoaméricana, 1994, p. 501; LOPES, P. C. A concepção do espaço no Livro do Conhecimento. **Memoria Europae**, San Juan, Vol.01, Nº 01, 2015, p.05.

[5] "Los caminos çiertos para Catayo son dos. El uno es por Costantinopla et travesar el Mar Mayor, et entrar por el Mar de Letana, et entrar por tierra de Avegazia, et dende entrar por tierra del Rey David, et pasar apres de Armenia la Mayor, et atravesar todo el rreyno de Armenia la Mayor, et yr al Puerto del Fierro, et desi entrar en el Mar de Sara, et yr a la Ysla de Janula por el Golfo de Monimenti, et salir en la çibdad de Trastago, et dendê tomar camino para Norgançia, et dende travesar los Montes Caspios, et desi a la çibdad de Cato, et dende al rreynado de Bocarin, et atravesar toda Asia que non fallara çibdades nin villas fasta el imperio de Catayo. El outro camino es entrar en el Mar Mediterraneo et yr a la ysla de Chipre, et dendê a Armenia la Mayor, et dende a la çibdad de Savasco que es en la Turquia, et yr camino fasta el rrio Eufirates et travesallo en la çibdad de Argot, et travesar el imperio de Mesopotania, et desi llegar al rrio de Cur et travesarlo spor el rreyno de la Eglesia, que es el imperio de Persia, et travesar toda Persia et yr por la çibdad de Toris, et dexar el Mar de Sara a la parte siniestra, et travesar todo el

apresenta neste trecho não é a descrição de um itinerário supostamente seguido, mas um informe sobre percursos que poderiam ser usados para chegar ao reino asiático, recorrendo a pontos de referência familiares para criar um trajeto que permitiria trânsito pelas terras do Levante.[6]

As referências aos caminhos destinados a Catai – mesmo que um pouco anteriores ao período estudado – ilustram como os conhecimentos disponíveis naqueles tempos podiam ser usados para conjuntamente informar sobre as terras distantes, prevenindo os futuros viajantes sobre o que poderiam encontrar e por onde deveriam seguir para chegar a esse ponto que figurou por mais de três séculos como uma das metas geográficas de maior interesse por parte dos homens do Poente.[7] Destarte, ao retratar seus itinerários, os escritos acerca das andanças de homens por outras terras recorriam a uma organização espacial pensada em prol dos lugares mais afastados, visando informar, da melhor forma possível, sobre as rotas que os coevos acreditavam ser acessíveis para seguir em direção aos locais visados.[8] Tendo em conta as inúmeras menções aos cuidados com os caminhos nos relatos, o presente capítulo tratará das formas como os viandantes quatrocentistas descreveram as vias que tomaram durante suas andanças, bem como as formas de suporte que encontraram, com o intuito de mapear as condições que dispunham para prever suas viagens e os cuidados que consideravam necessários para aqueles que seguiriam viagem, considerando as condições gerais.

---

rreyno de Siras, que no ay çibdad nin villas, et travessar otrosi el rreynado de Sarmagant, et yr siempre contra el levante por el rreynado de Sçim. Esta Sçim no es de la que de suso fablamos, por que la otra Sçim es en India la alta et confina con el Mar Oriental, el qual confina con el imperio de Catayo. Pero que Sçim fasta Catayo non ay çibdad nin villa por que los moradores biven todos en los canpos.". **EL libro del conoscimiento de todos los reinos**. (Ed.) MARINO, N.F, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 1999, p.78.

[6] LOPES, P. C. A concepção do espaço no Livro do Conhecimento. **Memoria Europae**, San Juan, Vol. 01, Nº01, 2015, p.07.

[7] O interesse pelas regiões asiáticas conheceu maior robustez após o surgimento dos povos tártaros, e suas incursões bélicas nas bordas orientais do Poente entre 1221-1222. Embora a princípio os nômades das estepes tenham causado pânico nas populações cristãs, os mongóis passaram, paulatinamente, a serem vistos como possíveis aliados contra os mulçumanos, bem como passíveis de conversão. Logo foram correntes, entre o século XIII e a primeira metade do XIV, as idas de homens às terras tártaras com o objetivo tanto de criar relações – políticas, comerciais, religiosas ou militares –, como também melhor conhecer tantos os homens como os lugares dos quais se sabia tão pouco. Para maiores detalhes: Cf. MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.15-23; PHILLIPS, J.R.S. **La expansión medieval de Europa**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994, p.90-107; GONÇALVES, R. A**. Cristãos nas terras da Cã**: as viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XVI. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.100-112.

[8] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.68.

2.1 De uma terra a outra pelo mar

Seguindo os passos dos roteiros descritos pelos viajantes quatrocentistas, avaliemos primeiramente o que os escritores dos relatos acharam por bem registrar de sua partida. No relato da embaixada de Clavijo, logo de saída consta que: "em nome de Deus, em cujo poder as coisas são, e da Santíssima Virgem Maria, sua mãe, **comecei a escrever** a partir do dia em que os embaixadores chegaram a Porto de Santa Maria, perto de Cádiz, para entrar em uma carraca na qual haviam de ir[...]".[9] Este acontecimento ocorreu numa segunda-feira, dia vinte e um de março de 1403.[10] Os pontos de partida da viagem e do relato são, como se vê, coincidentes:[11] a cidade de Porto de Santa Maria, urbe portuária, situada na baía de Cádiz, de grande importância durante o século XV devido ao seu posicionamento geográfico,[12] é o cenário inicial. Um ano após a partida dos embaixadores, no mês de maio de 1404, naquela mesma região, passava uma outra embarcação, a pequena frota de Pero Niño, pelo rio Guardaquivir, vinda de um dos estaleiros reais de Castela, onde as embarcações eram preparadas, em Sevilha.[13] A comitiva bélica adentrou o Oceano Atlântico pela cidade de Saluncar de Barrameda, a poucos quilômetros de Porto de Santa Maria, seguindo então pela costa até chegar ao estreito de Gibraltar.[14]

As duas cidades mencionadas nas relações de viagens, Porto de Santa Maria e Saluncar de Barrameda, figuravam como dois dos principais portos pelos quais os castelhanos conseguiam alcançar as águas atlânticas.[15] Os narradores das duas missões, que partiam em

---

[9] "Por ende, en'l nombre de Dios, en cuyo poder son las cosas, e de la Virgen Santa Maria, su madre, comencé a escribir desde el dia que los embaxadores llegaron al puerto de Santa Maria, cerca de Cáliz, para entrar en una carraca en que avían de ir […]" GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.79-80. grifo nosso.

[10] "Lunes, que fueron veinte e un dias del mes de mayo del ano del nascimiento del Senor de mil e cuatrocientos e tres anos, llegaron los dichos embaxadores en el puerto de Santa Maria." Ibid., p.81.

[11] Esta é uma das únicas vezes que o autor opta pela primeira pessoa em detrimento da terceira – predominante no relato.

[12] AZNAR VALLEJO, E. Corso y piratería en las relaciones entre Castilla y Marruecos en la baja Edad Media. **En la España medieval**, Madrid, Vol. 02, 1997, p.416.

[13] O outro estaleiro real ficava na cidade portuária de Santander no Norte de Castela, na região da Cantábria. Essas duas cidades eram responsáveis pela construção e abastecimento das embarcações destinadas à guerra. Para maiores informações: FLORES DÍAZ, M**. Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476**). 2015. **Tese** (Doutorado em História)– Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.217; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p. 23.

[14] "Partieron las galeas de Coria e fueros a Barrameda, e dende a Cales. Pasando a Santo Pedro, entraron las galeas en el estrecho de Gilbratar, e llegarin a la villa de Tarifa, donde estava el buen cavallero Martín fernández Puertocarrero. Allí fue bien recebido Pero Niño, e todos los suyos." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.136.

[15] Os outros dois portos de grande importância durante o período eram o de San Fernando e Puerto real, também localizados na região andaluza de Cadíz. FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.217.

direção ao longínquo por ordem real, acharam importante legar por escrito os passos seguidos por aqueles que deixavam o reino, demonstrando como e por onde se organizavam as idas e ressaltando os portos da Andaluzia, região que alcançou, no período, protagonismo nas relações marítimas.[16] Pero Tafur, que decidiu, por conta própria, seguir rumo a outras terras, teve igual atenção ao mencionar que saiu de Castela pelo porto de Barrameda, no ano de 1436, colocando por escrito as etapas que as embarcações transpunham até chegar à região do estreito de Gibraltar: "E no dia seguinte, a noite navegamos e dobramos o cabo de Trafalgar e entramos pelo estreito sobre ponta do carneiro, que é na entrada de Gibraltar[...]."[17]

Os escritos desses nobres que viajaram denunciam os meios costumeiros no século XV de se deslocar para fora do território castelhano. Embora as viagens se destinassem a lugares diferentes, algumas recorrências são notáveis, como as referências aos portos que ofereciam acesso ao oceano e às rotas confluentes que seguiam as correntes marítimas em direção ao Mediterrâneo[18] até alcançar a região de Gibraltar – ponto imprescindível para os deslocamentos, dado seu papel de posto de reabastecimento durante os roteiros.[19] Ainda sobre esse caminho em comum, Tafur narra que se movia em direção à baía de Gibraltar não apenas por ser rota habitual, mas também por seu intuito de ajudar D. Enrique de Guzmán (1375-1436),[20] segundo conde de Niebla, em um ataque contra a fortaleza de Gibraltar, que fazia parte do reino Nazarí de Granada.[21] Ao chegar, o cavaleiro sevilhano descreve a fortaleza da cidade, destacando tanto suas propriedades defensivas como o reconhecimento que o local teria naquele momento, mencionando que era "uma fortaleza muito boa e muito conhecida no mundo, por estar na boca do estreito onde se divide o mar Oceano e o mar Mediterrâneo, e ser terra muito abundante."[22]

---

[16] AZNAR VALLEJO, E. Andalucía y el Atlántico norte a fines de la Edad Media. **HID**, Sevilha, Nº 30, 2003, p.104-107.

[17] "Fezimos vela é salimos del puerto de Barrameda; é yo yva en una nao de Galliçia, por quanto yo estava ya aparejado para mi partida é non tenía cavalos nin las cosas nesçesarias para acompanarlo por la tierra. E aquel dia é la noche siguiente navegamos, é doblamos el cabo de Trafalcar, é entramos por el estrecho, é amanesçimos sobre la punta del Carnero, que es en la entrada de Gibraltar, é surgimos çerca de la villa […]". TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995. p.17.

[18] FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História)– Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.244.

[19] AZNAR VALLEJO, E. Corso y piratería en las relaciones entre Castilla y Marruecos en la baja Edad Media. **La España medieval**, Vol. 20, Madrid, 1997, p.416.

[20] Após a investida contra a fortaleza de Gibraltar ser rechaçada por mouros, D. Enrique de Guzmán falece quando sua barca em retirada naufraga.

[21] Embora esta região – localizada no sul da Península Ibérica, que separa o continente europeu do africano – tenha sido reconquistada pelos castelhanos no ano de 1309, ela voltou a ser dominada pelos mulçumanos em 1333, após as investidas das tropas merínidas vindas do reino berbere de Fez, e em 1374 a cidade foi passada aos granadinos. Para maiores informações ver: MONSALVO ANTÓN, J.M. **Atlas histórico de la España medieval**. Madrid: Sintesis, 2014, p. 272.

[22] "Este Gibraltar es una fortaleza muy buena é muy señalada en el mundo, porque está á la boca del estrecho donde se parte el mar Oceano con el mar Mediterrâneo, é es en tierra muy abundosa." TAFUR, 1995, op.cit., p. 18.

Na busca por descrever os caminhos por onde passou, o viageiro quatrocentista recorre a um ponto de referência que, segundo ele, consistia num local de renome: a divisa entre os dois mares abertos aos peninsulares. Em outras palavras, Tafur identifica, ao longo de sua visita à região do estreito, o ponto de convergência entre os dois mares que outros viajantes, e ele mesmo, contavam para ir em direção aos destinos distantes. A descrição das rotas marítimas ocupa lugar considerável dentro das relações das viagens, dado o papel das vias aquáticas como meio de condução dos mais variados indivíduos durante o século XV,[23] e o fato de as viagens desses homens seguirem por caminhos fechados à maioria dos coevos.[24] A alusão aos lugares longínquos, bem como às rotas fechadas aos cristãos daquele momento, surge, no relato da embaixada, na ocasião em que o narrador descreve as embarcações de Catai que "navegam pelo mar Oceano, que é o mar que está fora da terra".[25] Nesse trecho, os viajantes deixam informações obtidas sobre as relações marítimas no Golfo Pérsico, que abria as portas para o Oceano Índico. Embora os homens do Poente tivessem algum conhecimento do Índico por meio de caravanas mercantis que alcançavam o Mediterrâneo,[26] o mar é, entretanto, descrito como fora do alcance, dado que as águas índicas ainda possuíam um forte traço de mistério e fantástico durante este período.[27]

Em relação aos mares que eram acessíveis, o cronista Diaz de Games fez questão de ressaltar que acompanhou Pero Niño "pelos mares do Levante e do Poente"[28] durante suas jornadas, com a função de patrulhar e combater. As missões bélicas do cavaleiro da Corte de Enrique III oferecem um olhar mais detalhado, e único, sobre os périplos marinhos nesses dois ambientes, dado que perambulou por ambos na primeira metade do Quatrocentos.[29] Embora

[23] PELAZ FLORES, D. El medio acuático en los viajes de las reinas a través de las crónicas de la Baja Edad Media. In. VAL VALDIVIESO, M.I. (coord.) **El agua en el imaginario Medieval los reinos ibéricos en la Baja Edad Media**. Alicant: UNE, 2016, p.169-172; CHAUNU, P. **Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978, p.274; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.114; DU JOURDIN, M.M, **A Europa e o mar.** Lisboa: Presença, 1995, p.46-48.

[24] NAVARRO GONZALEZ, A**. El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.174.

[25] "[…]vienen por mar fasta diez jornadas a esta ciudat vienen las nabes; e navegan por el mar Ocidiano, que es el mar que está fuera de la tierra." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.207.

[26] CHAUNU, P. **Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978, p.200-201.

[27] Para maiores esclarecimentos sobre essa faceta encerrada e fantástica do Oceano Índico: Cf. LE GOFF, J. El Occidente medieval y el Océano Índico: un horizonte onírico. In: Le Goff, J. (org.). **Tiempo, trabajo y cultura en el Occidente medieval**. Madrid: Taurus,1983, p.264-266.

[28] "E Fui con el por los mares de Levante e de Poniente […]" DÍAZ DE GAMES, G**. El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.62.

[29] BOCHACA, M. Del Mediterráneo al Atlántico: parla y representaciones marineras en la primera mitad del siglo XV. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, 2014, p.109.

Castela já tivesse certas relações com o meio marítimo desde séculos anteriores,[30] foi na centúria de Quatrocentos que ocorreu uma maior dinamização das práticas navais.[31] No caso dos relatos de viagens, notam-se alusões a um maior impulso à atividade durante a primeira metade do século,[32] relacionada com interesses nobiliárquicos diversos, como a atuação política e diplomática; as ações militares internas e externas; ou mesmo os périplos de reconhecimento de outras terras como forma de prestígio.

Os registros sobre contato castelhano com o Oceano Atlântico mostram que as atividades se organizavam dentro de uma faixa de espaço delimitada,[33] permanecendo o restante daquele Oceano como incógnita entre os viajantes. As descrições quatrocentistas acerca dos périplos pelo Mediterrâneo são, portanto, mais extensas do que as que versam sobre águas atlânticas.[34] Devido à maior familiaridade entre os cristãos continentais e o mediterrâneo,[35] os viageiros que rasgaram as águas mediterrâneas rumo às terras asiáticas se valeram de rotas já estabelecidas e conhecidas por navegantes da época.[36] Contudo, mesmo sendo um espaço de certa forma conhecido, o Mediterrâneo constitui uma série de mares divididos em pequenos horizontes, de forma que a navegação se limitava a locais circunscritos.[37] Marinheiros prudentes raramente se aventuravam a sair de seus locais de navegação habitual, logo, os viajantes que

[30] Sobre os contatos pregressos de Castela nos mares: AZNAR VALLEJO, E. Marinos y pescadores. **Medievalismo**, Murcia, Nº 13-14, 2004, p.233; AZNAR VALLEJO, E. El Mar: Fuente de conflitos y exigência de paz. **Edad Media. Rev. Historia**, Valladolid, Nº11, 2010, p. 63-66; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.113-115; JIMÉNEZ ALCÁZAR, Juan. Francisco. Castilla y el mar Mediterráneo: Encuentros y desencuentros en la baja Edad Media. **Intus-Legere Historia**, Viña del Mar, Vol. 5, Nº 2, 2011, p.07-09.

[31]NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.114-117; AZNAR VALLEJO, E. Marinos y pescadores. **Medievalismo**, Murcia, Nº. 13-14, 2004, p.229-230; JIMÉNEZ ALCÁZAR, J. F. Castilla y el mar Mediterráneo: Encuentros y desencuentros en la baja Edad Media. **Intus-Legere Historia**, Viña del Mar, Vol. 5, Nº 2, 2011, p.28.

[32] JIMÉNEZ ALCÁZAR, J. F. Castilla y el mar Mediterráneo: Encuentros y desencuentros en la baja Edad Media. **Intus-Legere Historia**, Viña del Mar, Vol. 5, Nº 2, 2011, p.17-19.

[33] Até a primeira metade do século XV, Castela mantinha relações quase que exclusivamente com o Atlântico do Norte, utilizando um espaço bem delimitado entre as costas ibéricas e as águas do canal da macha. Para maiores detalhes: AZNAR VALLEJO, E. Andalucía y el Atlántico norte a fines de la Edad Media. **HID**, Sevilha, Nº 30, 2003, p.103; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.157.

[34]O *El Victorial* foi um dos escritos que relatou experiências castelhanas pelos mares ocidentais em suas viagens pelo canal da mancha e as costas da Cornualha. Pero Tafur também chegou a descrever as suas impressões das costas de Bruges banhadas por este mar. As impressões desses viajantes serão abordadas posteriormente, nas partes relacionadas à segurança e aos perigos, uma vez que no presente tópico o que nos interessa são as descrições que remetem ao deslocamento propriamente dito.

[35] DU JOURDIN, M.M. **A Europa e o mar**. Lisboa: Presença, 1995, p.46; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.158-159.

[36] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.160.

[37] BRAUDEL, F. O mar. In. **O mediterrâneo**: o espaço e a história. BRAUDEL, F. (org.) Lisboa: Teorema, 1987, p.43.

seguiam rumo a paragens distantes necessitavam recorrer a uma série de pequenas rotas entrecortadas que seguiam rumo ao Levante.

A importância do conhecimento sobre os meios de viajar é pontuada em *El Victorial*, quando Diaz de Games apresenta o capitão da nave que levou Pero Niño pelas costas da Berbéria, "um velho cavaleiro" de nome "Nicoloso Bonel", um "genovês, muito sabedor do mar e bom marinheiro".[38] Diaz de Games ressalta a experiência do navegador profissional como essencial para a preparação da viagem de maior fôlego. Sobre a missão de Pero Niño, são referidos os meios específicos oferecidos pela coroa[39] de que ele podia dispor. Exemplo disso é a ordem que Enrique III deu a Niño para que "preparasse" suas galés[40] em Sevilha e "escolhesse" as que desejasse.[41] Tal ordem evidencia que o cavaleiro foi munido de plenos poderes e permissão de usar embarcações castelhanas durante suas carreiras, dado que, nesse período, os esforços navais da coroa castelhana se concentravam, quase exclusivamente, nas questões bélicas.[42] Portanto, as viagens de Niño, que eram propulsionadas pelos objetivos militares, contaram com essa regalia em detrimento de outras.

Pero Tafur e outros embaixadores, que também se deslocaram por ordem real, seguiram em direção a leste utilizando tanto as rotas como as embarcações dos reinos que estavam habituados a navegar pelos mares distantes.[43] Não à toa, os nobres que passaram por este mar se preocuparam em descrever tanto os trajetos comuns como a proveniência das embarcações

---

[38] "E llevava por patrón e consejero un caballero antiguo, que llamavan micer Nicoloso Bonel, ginovés, muy sabidor de mar e buen marinero, que avía seído patrón de galeas e se avía acaecido en oros grandes fechos". DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.134.

[39] "Allende desto, diole el rey muchas armas, e buenas e muy rezias ballestas; e mandole dar monedas de oro e plata, para que gastasse en reinos estraños. Pero Niño llevó consigo Fernando Niño, su primo cormano, e Llevó otrosí sonsigo fasta treinta hombres darmas, fidalgos de su edad, valientes e rezios, muy bien armados, que non podiam en los gales ir más; sin otros que levavan en una nao que le dio el rey, la qual llevava Pero Sánchez de Lareto." Ibid., p.135.

[40] A galé ou galera era uma embarcação estreita, movida a vela e principalmente a remos, mais comum em deslocamentos por mares fechados. Era o principal feito dos estaleiros castelhanos do período, dado seu uso militar. Para maiores esclarecimentos: UNALI, A**. Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007, p.41-49; FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História)– Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.217.

[41] "El rey llamó Pero Niño e encomendole este fecho muy secretamente. Mandole aparejar en Sevilla galeas, e que escogiese él quales él quisesse." DÍAZ DE GAMES, 2014, op.cit., p. 135.

[42] AZNAR VALLEJO, E. Marinos y pescadores. **Medievalismo**, Murcia, Nº13-14, 2004, p.233; AZNAR VALLEJO, E. El Mar: Fuente de conflitos y exigência de paz. **Edad Media. Rev. Historia**, Valladolid, Nº11, 2010, p. 63-66; GARCÍA DE CASTRO, F.J. **La marina de guerra de la corona de Castilla en la baja Edad Media**. Desde sus Orígenes hasta el reinado de Enrique IV. 2011. **Tese** (Doutorado em História)– Universidad de Valladolid, Valladolid, 2012, p.44-46.

[43] As embarcações que eram encontradas nas rotas mediterrâneas eram, em grande maioria, naves mercantis das cidades italianas, Veneza e Genova, ou naves catalãs de Aragão, que também marcavam forte presença comercial no Mediterrâneo. Para maiores detalhes: NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.163; CASADO ALONSO, H. Viajes de negocios. Comercio regional y gran comercio en Castilla a fines de la Edad Media. In: **Viajar en la Edad** Media. Instituto de Estudios Riojanos, 2009. p. 318-319.

usadas. O relato da embaixada apresenta uma descrição pormenorizada desses aspectos, como na ocasião em que passam pela ilha de Rodes, no mar Egeu, onde é descrito que, na "Sexta-feira, que era o dia trinta de agosto, os embaixadores, para ir até a ilha de *Xios*,[44] fretaram uma nave, da qual o capitão era o genovês de nome Lunardo Gentil, e partiram daqui de Rodas[...]".[45] Ao longo dos trajetos, os viajantes se preocuparam em tomar nota acerca daqueles que os levavam. Nos relatórios dos embaixadores, a grande maioria das naves que tomaram ao longo do caminho foi de genoveses; o que se pode explicar tendo em vista as relações que os mareantes da cidade italiana tinham com a monarquia de Castela,[46] bem como sua fama de bons navegadores. Pero Tafur, ao visitar a cidade, elogiou esse caráter ao dizer que eram "gente muito pujante no mar, especialmente suas carracas, que eram as melhores do mundo".[47]

O viajante sevilhano também mencionou a rede de embarcações mercantis com a qual era possível contar ao longo do Mediterrâneo. Quando trata da ida ao porto da cidade grega de Modon, por exemplo, destaca que, "entre a dita vila e a ilha de Sapienza", chegaram e desembarcaram em terra em busca de "alguns refrescos para o navio, e ainda por negócios que o capitão e alguns da galera teriam naquele lugar, já que eram venezianos e ali era um lugar seu."[48] Destoando, em certa medida, da relação da embaixada, que busca apresentar uma descrição mais precisa da viagem, Tafur não se apega tanto a aspectos como a data exata na qual passava pelos locais, mas apresenta uma visão bem completa sobre as relações mercantes – ao relacionar os negócios dos tripulantes venezianos ao local do posto de Veneza na região da Morea. Além disso, deixa entrever como eram organizadas as viagens por este espaço, sempre descrevendo como recortavam o mar por entre as ilhas e enseadas. O porto que Tafur cita, aliás, foi uma região importante durante o Quatrocentos. Por ser o local que permitia a

---

[44] Ilha de Quios, ou Quio, situada no mar Egeu.

[45] "Viernes, que fueron trenta e un dias de agosto, los embaxadores afretaron una nave para ir fasta en la isla de Xio, de que era patrón un genués que avia nombre micer Lunardo Gentil; e partieron de aqui, de Rodas […]" GONZALÉZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999, p.101.

[46] Desde o término da primeira fase da Reconquista, na segunda metade do XIII, mercadores genoveses mantinham contatos assíduos com os portos andaluzes e ganharam nesta época a simpatia da coroa castelhana, dadas as vantagens que eles proporcionavam no campo das técnicas navais. O status desses mareantes foi otimizado com os ordenamentos promulgados pelos monarcas Enrique II e Enrique III. Essas ordenações concederam isenção de impostos em gratidão por sua participação na campanha Algeciras, em 1346, e privilégios comerciais exclusivos. Mesmo quando Enrique III concedeu aos navegantes naturais de Castela o monopólio dos transportes em 1399, as embarcações genovesas ainda contavam com permissão de transportar mercadorias castelhanas. Para maiores detalhes: OCHOA, J.A. La Embajada a Tamorlán. Su recorrido por el Mediterráneo occidental. **Dicenda**. Cuadernos de Filología Hispánica, Madrid, Nº 10, 1991, p.151-152.

[47] "É es gente muy pujante porla mar, mayormente sus carracas son las mejores del mundo […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 22-23.

[48] "Este mesmo dia llegamos al puerto de Modon, que es entre la dicha villa é la isla Sapiençia, é allí surgimos, é deçendimos en tierra por algunos refrescamientos para el navio, e aun por algunos negoçios que el patrón é algunos de la galea tenían en el lugar, por quanto ellos eran veneçianos, é el lugar del senorío suyo". Ibid., p.36-37.

cabotagem entre o Mediterrâneo oriental e o ocidental,[49] a embaixada de Enrique passou pela mesma região, três décadas antes de Tafur, de forma que o relato faz menção a esse ponto como o "senhorio de Veneza", em direção à ilha de Sapienza.[50]

A navegação mais segura durante o século XV consistia na de cabotagem. O Mediterrâneo, por sua vez, era um mar que podia ser navegado utilizando as faixas próximas à terra, devido a sua grande profundidade costeira, bem como à existência de inúmeras ilhas que serviam como pontos de paradas durante as carreiras mediterrânicas.[51] Os viajantes que percorreram essas rotas não foram alheios às técnicas de navegação, e Tafur dá prova disto ao descrever a continuação da viagem após sua passagem por Gibraltar. O cavaleiro menciona sua partida da cidade marroquina de Ceuta, "deixando à mão direita, parte da África, e tomando a esquerda da Europa desembocamos no estreito junto ao monte de Gibraltar e saímos no mar alto; e fomos costeando até surgir sobre a plaga de Málaga, cidade do reino de Granada".[52] Neste trecho, o cavaleiro, mesmo que não fosse um homem dos mares, registra o costume das embarcações mediterrâneas de seguir seus trajetos pelas costas. Ele incorpora em seu relato certos aspectos que faziam parte das práticas marinheiras do período, visto que ele próprio fazia uso dessa atividade movido por seus interesses, tal como em sua referida tentativa de esmiuçar as direções das rotas e atestar que seguia à direita, a oeste da África e, à esquerda, a leste das terras europeias. Esses escritos, como o de Tafur, que versam sobre deslocações de indivíduos por itinerários incomuns para a maioria dos coevos, buscavam expor um conhecimento acerca dos trajetos de forma a informar não apenas sobre os lugares distantes, mas o que se devia fazer para chegar até eles.

No citado relato *El Victorial*, Diaz de Games também buscou incorporar certos informes acerca das rotas de Niño, como na ocasião em que navegava por águas próximas ao atual Marrocos e pede conselhos à tripulação sobre qual a melhor rota a seguir em retorno às costas castelhanas:

> Alguns disseram que não se desculpavam por não seguir de pronto, porque o vento era do Poente e muito forte, que seguissem para Sicília. Outros disseram que não poderiam chegar a Sicília, mas que fossem para Rodes. Outros

[49] OCHOA, J. A. La embajada a Tarmolán. Su ruta del Peloponeso a Roda**. Byzantion** Revue internationale des Études Byzantines. Bruxelas, Vol. 60, 1990, p.214.

[50] "E andudieron en él martes e miércoles e juebes; e viernes siguiente en la tarde fueron par de Modon, una tierra firme del senorío de Veneja; eso mismo fueron en par de una isla que ha nombre Sapiência […]". GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.94.

[51] UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007, p.151-159.

[52]"Partimos de Çepta, é dexando á man derecha la parte de África é tomando á la siniestra la de Europa, desembocamos del estrecho junto con el monte de Gibraltar é salimos en la mar larga, é fuemos costeando fasta surgir sobre el esplaja de Málaga, çibdat del reyno de Granada." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.19.

> disseram que seria uma via longa e perigosa, mas que se arriscariam em ir à ribeira de Gênova, ou à costa romana, ou pelo Arquipélago, onde há muitos ilhéus bem povoados, e muitas cidades, como Cândia[53] e Pera, e Modon, dentre outras.[54]

Os mareantes expõem para o cavaleiro as variáveis de trajetos rumo ao Poente por aquelas águas. As opiniões divergentes dos marinheiros, por sua vez, mostram o leque de caminhos disponíveis para as viagens, contando com vias que seguiam por Sicília, Rodes, ou pela costa entre Génova e Roma, ou ainda pelo arquipélago do mar Egeu, entre a Itália e a Grécia, mencionando inclusive o porto de Pera, lugar por onde tanto Tafur como os embaixadores passaram. Esses escritos funcionavam como uma das sínteses mais notáveis de como compreendiam a constituição do mundo que cercava os cristãos.[55] Para além das rotas que eles mesmo seguiram, ou projetaram seguir, os viajantes também descreviam os caminhos que possuíam certa notoriedade no período. Durante a estadia dos embaixadores na ilha de Rodes, o narrador observa a movimentada vida mercantil, ao mesmo tempo em que destaca o papel da ínsula como ponto de passagem das rotas que seguiam para terras mais a oriente, ao registrar que esta cidade possuía "grande escala de mercadorias de muitas partes. E navio algum podia ir para Alexandria, Jerusalém ou Síria, sem que passasse por esta ilha ou pelo seu olho".[56] O relato oferece uma informação de como se podia alcançar as terras do Levante, colocando Rodes como ponto essencial daqueles que rumavam para lugares distantes e desejados pelos coevos.

As viagens do Quatrocentos contavam com um número limitado de caminhos por onde os homens vindos do Poente poderiam atravessar até as cidades e reinos orientais; relatar a travessia por essas vias era, pois, destacar parte importante da prática do deslocar-se durante o período. Assim, os escritos oferecem informações esmiuçadas, como no caso de uma das rotas mais famosas para os cristãos, que era esta via marítima rumo à Terra Santa,[57] percorrida por

---

[53] Nome dado à ilha de Creta durante o período em que foi colônia ultramarina da cidade de Veneza.

[54] "Cada uno dellos dio su acuerdo. Unos dezían que non se escusavan de non correr de luengo: por quanto el viento era del poniente e muy forçoso, que corriesen en Cezilia. Otros dezían que non podrían cobrar Cezilia, mas que corresen en Rodas. Otros dezían que sería luenga vía e peligrosa, mas que se aventurasen a ir la ribeira de Génova, o a Playa Romana, o al Arzopiélago, donde so muchas islas, e bien pobladas, e donde ay muchas villas e ciudades, como es Candía, e Pera, e Modón, e otras muchas." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.175.

[55] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.51-52; RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986, p. 31-43.

[56] "E esta ciudat es muy grande escala de mercadurías, que vienen allí de muchas partes. E ningunos nabíos no pueden ir en Alixandría ni en Iherusalem ni en la Suria, que no vayan a esta isla o pasan a ojo de ella." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.99.

[57] DU JOURDIN, M.M. **A Europa e o mar**. Lisboa: Presença, 1995, p. 47; GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del

Tafur no ano de 1437 e descrita com atenção especial pelo sevilhano. Este começa por explicar como chega a Sereníssima antes do início das viagens anuais e que, ao aportar na cidade, buscou se informar "sobre a passagem para Jerusalém, e soube que não poderia fazer dentro de três meses", dado que os navios que faziam a peregrinação não partiam antes do dia "da Ascenção, que é no mês de maio."[58] Três meses depois, Tafur retorna à cidade e descreve a abertura dos portos durante a festa da Ascenção, dizendo que, nesta data, "os navios, especialmente os de peregrinação, ganham licença e partem para onde hão de ir".[59] O viageiro oferece uma descrição do que um cristão teria que fazer para poder alcançar um dos destinos mais almejados por aqueles que se ocupavam dessa forma de devoção tão cara aos seus coetâneos.[60] Em suas palavras, os portos e naves venezianas eram os meios para se alcançar as outras margens do mar, dado que a urbe italiana dominava, na época, boa parte do fluxo de embarcações que cruzavam o Mediterrâneo.[61]

A passagem por esta cidade era algo quase imprescindível para os homens que buscavam chegar às margens orientais do Mediterrâneo. Um exemplo do apreço pelas rotas venezianas encontra-se em uma das únicas passagens do *Libro del infante Don Pedro* sobre seu suposto contato com as vias marítimas. Nessa passagem, o narrador descreve a partida de Veneza relatando: "embarcamos todos em uma nau que era de Bernal Fordas, e levou-nos sobre o mar até o reino de Chipre".[62] O relato sobre as andanças do infante tem como peculiaridade ser, muito provavelmente, um conjunto de itinerários retirados de outros escritos que mencionaram as terras longínquas. Seu narrador menciona a partida de Veneza, valendo-se da

viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015, p.44; LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.116.

[58] "E aqui me informé bien del pasaje de Ierusalem, e supe como non lo podia fazer dende á tres meses, por que acostumbranlos navios, que fazen el pelegrinaje, non partir fasta el dia de la Açension, que es en el mes de Mayo." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 25.

[59] "[...] é allí estuve treynta dias é más esperando festa el dia de la Açension, que es en el mes de mayo, en que los navios, espeçialmente los del pelegrinaje, an liçençia é parten para donde an de yr." Ibid., p.35.

[60] HOWARD, D. **Writers and pilgrims medieval pilgrimage narratives and Posterity**.Los Ángeles: University of California Press, 1980, p.12-35; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.41.

[61] BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo** – Séculos XV-XVIII, Vol. 03. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1997, p.111.

[62] "[…] y vendimos nuestras bestias en un lugar que está una legua de Venecia, y embarcamos todos en una nao que era de Bernal Fordas, y llevonos sobre la mar hasta dentro del reino de Chipre." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, p.12.

exposição prática do deslocar e destacando um trecho chave das viagens durante o século XV;[63] aspecto que garantia a veracidade do seu itinerário junto aos seus contemporâneos.[64]

As rotas por mar figuravam assim como pontos de cruzamento de gentes vindas de diversas origens, Tafur ressaltou esse caráter ao mencionar, por exemplo, que, uma vez em Veneza, "de hora em hora se sabem novas de todas as partes do mundo". Isso seria possível, segundo o sevilhano, graças ao grande fluxo de navegações empregadas pelos venezianos, pois o porto da cidade recebia continuamente navios de diversas partes e, ali, era possível obter informação "de onde se quiser perguntar".[65] O cavaleiro colocou Veneza como ponto de conexão entre diversas partes do mundo, conferindo-lhe tal posto especialmente por seu papel de entreposto mercantil. As rotas marítimas são colocadas pelo viajante como viabilizadoras do conhecimento de lugares longínquos, algo que, entretanto, não era acessível a qualquer homem do período. As descrições das vias marítimas mostram-se recorrentes nos escritos que se importaram em descrever as idas de homens durante o século XV, dado que os mares eram, neste período, um meio por vezes mais rápido de ligação entre os reinos do Poente e as terras nas bordas mais longínquas do ecúmeno.[66]

2.2 Os caminhos por terra

Embora o mar fosse um caminho bem aceito para viajar para longe, por possibilitar maior rapidez no deslocamento,[67] as rotas terrestres também eram de suma importância para os viajantes quatrocentistas. Não se deve perder de vista que, uma vez atravessado o mar, a maioria dos viajantes seguiu por caminhos e estradas estabelecidos nas terras que desejavam visitar.[68] Durante a missão dos embaixadores de Enrique ao extremo oriente, por exemplo, o narrador da viagem teve especial cuidado em demarcar quando seus roteiros passaram a ser estritamente

---

[63] Pedro Martínez García defende que o aumento do fluxo de viajantes e comerciantes em cidades como Veneza, Nuremberg, Jerusalém, foi um fator que trouxe maior dinamismo dos deslocamentos quatrocentistas. GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien : Peter Lang Edition, 2015, p.32.

[64] FRANÇA, S.S.L De um "falsário" a outro, de patranhas viageiras a legados críveis (século XV). **História (São Paulo)**, Online, Vol. 34, Nº. 1, 2015. p.100-101.

[65] "É de ora en ora se savíe nuevas de todas las partes del mundo; porque el mareage déstos es muy grande, é todo su tráfego anda sobre la mar, é por tanto continuamente vienen navios de todas partes, é se sabíe nuevas de donde onbre las quisiese preguntar." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.35

[66] DU JOURDIN, M.M. **A Europa e o mar**. Lisboa: Presença, 1995, p. 46-49.

[67] Sobre a superioridade da velocidade marítima comparada à terrestre, ver: GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.08; AZNAR VALLEJO. E. **Introducción a los viajes medievales**. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, p.22-23.

[68] Pero Niño será a exceção neste caso, uma vez que seus périplos tratavam especificamente dos périplos marítimos, com apenas algumas notas de viagens terrestres, como seu breve roteiro pela França em 1406.

terrestres. Ao chegarem ao reino de Trebizonda, refere que os embaixadores estiveram nesta cidade "desde o dito dia de sexta-feira quando chegaram, dia onze do mês de abril, até sábado, dia vinte e seis do dito mês, munindo-se de cavalos e das coisas que eram precisas para andar seu caminho por terra".[69] Antes desse ponto, os castelhanos passaram por um longo trajeto marítimo e começaram a se preparar para seguir por um dos caminhos mais célebres e importantes das terras asiáticas[70] – aquele conhecido atualmente como rota da seda.[71]

Na sequência do relato, continuam os minuciosos detalhes sobre os pontos pelos quais os viageiros andaram após sua chegada a Trebizonda, onde, como é observado, se inicia a parte terrestre. Essa enumeração de lugares ao longo do relato, visando a ordenação do espaço, contribuiu para o alargamento dos saberes sobre as rotas asiáticas, pois textualizou dados sobre localidades das quais se sabia pouco.[72] O *Embajada a Tarmolán* constitui-se, pois, como um relato em que o percurso é linearmente dividido por mar e por terra.[73] Por ser esse escrito um dos primeiros testemunhos em língua castelhana sobre essas terras e povos do extremo leste,[74] a parte terrestre era, indubitavelmente, menos conhecida, e por conseguinte muito bem registrada. Um dos elementos anotados sobre as paragens longínquas foi justamente a organização das rotas tártaras, sobre as quais o relato descreve como os embaixadores, ao deixarem a cidade *Jarjam*[75] na Pérsia, começaram a ganhar "em cada caminho e em cada jornada, cavalos descansados do Senhor, onde quer que fossem".[76] Este sistema, para além de auxiliar no deslocamento, foi descrito pelo narrador como um indício de que este império tinha

---

[69] "Los dichos embaxadores estidieron en esta ciudat de Trapisonda desde el dicho dia viernes, que y llegaron, que fueron onze dias de abril, fasta sávado, veinte e seis dias del dicho mes, guisándose de cavallos e d'las cosas que les era menester para andar su camino por tierra." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.167.

[70] ROUX, J.P. **Les explorateus au moyen âge**. Paris : Éditions du Seiul, 1967, p.97.

[71] Esta denominação foi provavelmente criada pelo geógrafo alemão Ferdinand Von Richtofen, em 1877, para referir-se aos sistemas de rotas comerciais que ligavam o Mediterrâneo com as terras do extremo oriente, passando pelos vales dos rios Sir Darya e o Amu Daria. Para maiores detalhes: MACEDO, J.R. Os caminhos da Rota da Seda e os relatos de viajantes medievais. In. **Os Viajantes medievais da rota da seda**. (Org.) MACEDO. J. R., Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2011, p.10.

[72] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.301-305.

[73] Para além do itinerário mediterrânico, os embaixadores também navegam pelo Mar Negro, fazendo uso de cabotagem entre Pera e Trebizonda, como o relato deixa claro: "E desde la ciudat de Pera, onde partieron con esta galeota, fasta la ciudat de Traspisonda, a nobecientas e sesenta millas." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.162.

[74] LÓPEZ ESTRADA, F. Viajeros Castellanos a Oriente en el Siglo XV. **VIAJES y viajeros en la España medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997, p.66; GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien : Peter Lang Edition, 2015, p.32.

[75] Trata-se, provavelmente, da cidade de Isfahan ou Ispão, localizada na região central do Irã.

[76] "E otrosí les fazia dar en cada camino e en cada jornada cavallos folgados del Senor en que fuesen, porque fuesen más aína[...]" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p. 222.

todos os caminhos ordenados "até Samarcanda".[77] O conjunto de rotas contava com "cavalos prontos tanto em terras despovoadas, como em terras povoadas."[78] Em outras palavras, o trajeto passava por lugares fixos, tanto por núcleos humanos como por áreas desérticas, havendo uma delimitação das direções que poderiam ser tomadas.

Outros viajantes organizaram suas viagens de maneira mais desordenada. Pero Tafur fez alternâncias constantes ao longo de suas viagens entre caminhos terrestres e aquáticos, e não deixou de esclarecer sobre as vias trilhadas, pois também percorreu caminhos célebres; como quando buscou retorno a Castela atravessando reinos cristãos desde a península itálica,[79] ou sua excursão pelo oriente mais próximo, região que possuía uma variedade complexa de rotas possíveis.[80] Nesse percurso, o sevilhano preocupou-se em descrever alguns caminhos específicos, como o roteiro que seguiu nas redondezas de Jerusalém, quando, após visitar o Santo Sepulcro e outros locais famosos dentro da cidade, ele e o grupo de peregrinos que acompanhava foram conhecer a cidade de "Jericó, que se encontra a quinze léguas de Jerusalém", no vale do Rio Jordão, no qual Jesus Cristo batizou João Batista e onde uma "cruz de pedra" marcava o local.[81] Após descrever essas localidades, Tafur decide separar-se do grupo com o intuito de fazer um roteiro particular:

> E pedi a um mouro para me levar ao deserto da Arábia, três léguas mais adiante, onde São João pregou, e onde o primeiro eremita, São Antônio, bem como outros santos Padres, retiraram-se para viver, e de lá voltei pelo Mar Morto [...]. No dia seguinte, voltei e comi em Jericó, que é uma vila com cerca de uma centena de habitantes [...]. Na cabeça desse rio está a província chamada Betânia do Além Jordão. Naquela noite, eu dormi na montanha onde Nosso Senhor jejuou, e ali eu novamente encontrei com os cristãos. Esta é uma montanha muito alta e no centro existem algumas pequenas capelas, e há um caminho para a subida, feita por Santa Helena para fazer honra ao lugar santo.[82]

---

[77] "Así tenía ordenados todos los caminos d'esta tierra fasta en Samaricante. […]" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 222.

[78] "[…] e también tenían estos cavallos prestos en logares e tierras despobladas, como en la tierra poblada." Ibid., p. 221.

[79] Após voltar do Levante, Tafur fez caminho pelas cidades italianas, atravessou os alpes suíços, passou por estradas germânicas até chegar à fronteira com a França, visando atravessar os Pireneus. Mas foi impedido pela peste que assolava o reino franco. Este aspecto será melhor desdobrado no terceiro capítulo.

[80] Sobre a complexidade das redes de comunicações desta região, ver: DUCELLIER, A; KAPLAN, M; MARTIN, B. **El cercano oriente medieval de los bárbaros a los otomanos**. Madrid: Akal, 1988, p.18-20.

[81] "Otro dia do manana fuemos á Gericó, que se cuenca quinçe léguas de Jerusalém; este es un valle muy largo é una gran vega, por mírad de la qual pasa el rio Jordan al lugar donde Nuestro Sennor bautiçó á Sant Juan Bautista é fui bautiçado del; alll está una cruz, de cal é canto dentro del agua, por memoria." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo españo**l. Madrid: Polifemo, 199, p. 44.

[82] "E yo rogué á un moro que me pasase al desierto de Arabia, ue está aí junto quanto tres léguas, á donde Sant juan andava preicando é allí fizo su vida Sant Anton el primer hermicano é otros Santos Padres; é de allí me bolvió por el mar de Pentápolin [...] Otro dia bolví á comer á Gericó, que es una aldea de fasta çien veçinos […] de aquel cabo del rio está una provinçia, que se llama Betania trans Jordan. Esa noche me fui á dormir al monte donde Nuestro Senor ayunó, e alli fallé á los xpianos; esta es una sierra muy alta en medio della unas capillas pequenas,

O relato de Tafur faz um balanço cuidadoso dos locais visitados durante sua estadia na Terra Santa, uma região estimada por sua simbologia histórico cristã e por sua posição geográfica fronteiriça entre as terras do Poente e Levante.[83] Por isso, o lugar é exposto de forma linear e bem precisa nos roteiros sacros.[84] A descrição dos caminhos que levavam os viajantes aos lugares sagrados foi, pela sua importância, um traço comum nos relatos, dado que, para além dos aportes sobre a geografia local, as relações sobre as vias também significavam um ato de devoção, por estimular que outros palmilhassem os mesmos caminhos que personagens bíblicos teriam palmilhado.[85] Muitas vezes esses locais funcionavam como pontos de referência dos trajetos listados nos escritos, dada a sua familiaridade para os viajantes.[86]

Reconhecer os caminhos e lugares nem sempre era possível, pois o viageiro que seguia por outras terras podia encontrar-se à mercê de circunstâncias inusitadas. Em dada ocasião, por exemplo, Pero Tafur registrou que passou vários dias "buscando como poderia ir" até o mosteiro de S. Catarina no monte Sinai,[87] tendo sido informado de que a última caravana rumo àquela região já partira com uma embaixada do sultão otomano Murad II (1404-1451),[88] portanto, sua viagem poderia ser atrasada em um ano. Após esta notícia, Tafur encontra uma solução: "o guardião me aconselhou que fosse até Chipre, e que ali encontraria o Cardeal, irmão do rei velho, e que ele me daria passagem até a Babilônia, e de lá até o Monte Sinai, e assim eu o fiz."[89] Esta passagem, que trata de um contratempo vivido por Tafur ao rumar pelas vias

e fecho camino por la pena para sobre á ella, lo qual todo fizo Santa Elena por onrrar aquel lugar santo." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.44.

[83] Michel Mollat afirma que a região da atual Palestina era para viajantes cristãos ocidentais a porta do Levante, bem como representava o início do Poente para viajantes orientais. Para maiores detalhes: MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeiras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.19-20.

[84] LÓPEZ ESTRADA, F. Viajeros Castellanos a Oriente en el Siglo XV. In. **VIAJES y viajeros en la España medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997, p.70.

[85]RUBIO TOVAR, J. Viajes, Mapas y Literatura en la España Medieval. In. **VIAJES y viajeros en la España medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997, p.70; HOWARD, D. **Writers and pilgrims medieval pilgrimage narratives and Posterity**.Los Ángeles: University of California Press, 1980, p.11.

[86] ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.168.

[87] Mosteiro nomeado em honra à mártir cristã, foi construído no sopé do Monte Sinai, por ordem do imperador bizantino Justiniano I, no século VI d.C.

[88] Pai e predecessor de Maomé II, o Conquistador, responsável pela tomada de Constantinopla em 1453. A embaixada é apontada por alguns estudiosos como motivação para que Pero Tafur escrevesse seu relato de viagem, relatando um último testemunho da cidade sob domínio cristão. Para maiores esclarecimentos, ver: CASTRO HERNÁNDEZ, P. Un estado de la cuestión sobre las Andanças e viajes de Pero Tafur: discusiones historiográficas y problemáticas de estudio. **Revista Historias del Orbis Terrarum**, Anejos de Estudios Clásicos, Medievales y Renacentistas, Santiago, Vol. 06, 2013, p.36; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos**: del Ocaso de la Edad Media Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.30.

[89] "En todos estos dias yo avia buscado como pudiera yr á Santa Catalina de monte Synay, que es çerca del mar Vermejo, é fallé que los trujamanes é los camellos eran partidos con un embaxador del Turco, que yva á Babylonia al Soldan, é por esto fué empachado mi camino, é yo quisiera estar allí, si menester fuera, fasta otro año. É el

terrestres que seguiam para o Egito,[90] expõe a organização dos caminhos que entrecortavam a região do Levante mais próximo, bem como os roteiros que eram habituais das peregrinações naquelas terras.[91]

Se por um lado os viageiros procuravam esmiuçar os caminhos percorridos, havia, concomitantemente, uma atenção dispensada a roteiros que não foram, necessariamente, percorridos. Um dos casos mais emblemáticos é o encontro entre Tafur e Niccolò di Conti, quando o mercador conta ao nobre que cursou os caminhos assegurados pelo poder de Tarmelã, e como teve, através deles, acesso à região das Índias, onde foi levado ao Preste João.[92] Tafur mostra-se interessado em se informar sobre aquelas terras, chegando a escrever que ao longo do tempo passado na companhia do veneziano "não fazia outra coisa a não ser saber dele e da Índia".[93]As informações sobre os caminhos e lugares afastados mostram-se, pois, de suma importância para o escrito do sevilhano, devido ao fato de que aquelas terras não eram mais abertas para viajantes; como o próprio Conti deixa claro ao mencionar que fazia seu retorno quando o "Tarmelã morreu e a terra se fechou".[94] O interesse do cavaleiro pelas terras pode ser explicado pelo bloqueio dos caminhos que davam acesso àquele reino,[95] bem como pela fama que a figura do Preste João possuía no período.

Outros relatos também mencionaram as formas como chegar ao reino cristão oriental. O *Libro del infante Don Pedro de Portugal*, que tinha este local como um dos destinos principais da jornada, informa sobre as etapas sucessivas que os viageiros passariam até chegar às terras do monarca:

> E dali entramos nas Índias e fomos à cidade de *Cafola*, que faz divisa com a terra da Judeia, e perguntamos onde encontraríamos o Preste João das Índias, e nos disseram que na cidade de *Coroán* o encontraríamos, e na cidade

guardian me consejo que yo viniese á Chypre, é que allí fallaría al Cardenal, hermano del Rey viejo, é que él me daria camino como pasase en Babylonia, é de aí al monte de Synay, é yo fizelo." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 46.

[90] Existia então um eixo de caminhos norte-sul, que vinha desde Alepo na Síria até as terras mesopotâmicas mais ao sul, próximas ao Egito. DUCELLIER, A; KAPLAN, M; MARTIN, B. **El cercano oriente medieval de los bárbaros a los otomanos**. Madrid: Akal, 1988, p.20.

[91] O principal circuito de peregrinação à Terra Santa, para além de Jerusalém, se estendia ao monte Sinai, Cairo, Alexandria e algumas vezes a Beirut e Damasco. Para maiores detalhes: LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.122.

[92] "[…] é yo, como llegue á la índia, fui levado al Preste Juan, el qual me resçibió mucho bien é fizo muchas merçedes, é me casó con esta muger que aqui traygo, é estos fijos allá los uve, que quarenta anos a que bivo en la Índia con grant deseo de bolver á mi tierra." TAFUR, 1995, op.cit., p.61.

[93] "É en aquel camino non fazia otra cosa salvo saver dél el fecho de la índia […]" Ibid., p.62.

[94] "É como yo alcançé grandíssima riqueza, procure, despues que el Tamurbeque murió é la tierra se çerró […]" Ibid., p.61.

[95] Esta menção ao fechamento do caminho para as Índias pode ser relacionada ao fechamento das rotas continentais para a Ásia durante o século XIV, como foi citado no primeiro capítulo.

> *Coroán* nos disseram que na cidade de *Carasce*[96] o encontraríamos, na divisa com a terra do grande sultão e ainda não o encontramos, // e fomos à cidade de Alves[97] e ali o encontramos, e da primeira cidade até onde o Preste João estava era mais de cinco jornadas, sem nenhum povoado.[98]

O relato de Santisteban remonta a uma parte do caminho percorrido pelo infante e os seus companheiros até finalmente encontrar o famoso monarca, após atravessarem as terras da Judeia e os domínios islâmicos, localizando o reino no que o autor acredita serem as terras da Índia. O *libro del conosçimiento de todos los rregnos* também traça, entre seus inúmeros roteiros, um possível caminho até as terras do Preste, assentando o reino nas terras da Etiópia.[99] Ambos os escritos partilham um aspecto em comum, a saber: serem viagens escritas através da compilação de saberes, logo, as duas obras buscam informar sobre as rotas distantes a partir daquilo de que se tinha conhecimento. Conquanto o *libro del conosçimiento* pertença à centúria anterior àquela em que foi escrito o relato de Santisteban e de Tafur, a obra apresenta uma variável importante em relação às ideias correntes acerca das rotas distantes. Ao relatar a viagem ao reino do rei etíope, o livro menciona que, na "ida, ia sempre pela margem do rio Eufrates",[100] relacionando, pois, estes caminhos com as terras asiáticas. A aparente confusão sobre a localização fazia parte da concepção dos séculos XIV e XV sobre o mundo habitado; concepção que tinha estabelecido a existência de três regiões denominadas como Índias: enquanto duas, a maior e a menor, eram posicionadas no sudeste asiático; a última referia-se às

---

[96] Francis Millet Rogers afirma que Cafola, Coroán e Carasce seriam nomes de três cidades não identificadas. Para maiores esclarecimentos: ROGERS, F.M. **The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal**. Massachusetts: Harward University press Cambrindge, 1961, p.199.

[97] A cidade de Alves, mencionada no início do relato como Alberh, é descrita por Goméz de Santisteban como sede do poder temporal de Preste João, bem como o lugar onde se encontravam as relíquias de São Tomé. Segundo Francis Millet Rogers, a denominação de Alves, ou Alberh, refere-se aos possíveis locais de pregação e martírio de São Tomé, como a urbe de Calamy\Calamye, citada no relato de Jean de Mandeville como lugar onde jazeria o corpo do Santo. Não há um consenso sobre a localização dessa cidade, havendo especulações que possa ser a atual Malipur no norte da Índia, ou São Tomé de Meliapor na Costa de Coromandel. Para maiores esclarecimentos: ROGERS, F.M. **The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal**. Massachusetts : Harward University press Cambrindge, 1961, p.199; **VIAGENS de Jean de Mandeville**. Tradução, introdução e notas de Susani Silveira Lemos França. Bauru: Edusc, 2007, p.167.

[98] "Y de allí entramos en las Indias y fuimos a la ciudad de Cafola, que parte con tierra de Judea y preguntamos que adónde hallaríamos al Preste Juan de las Indias, y dixéronnos que en la ciudad de Coroán lo hallaríamos, y en la ciudad de Coroán nos dixeron que en la ciudad de Carasce lo hallaríamos, que parte con tierra del Gran Soldán y aún no lo hallamos, // y fuimos a la ciudad de Alves y allí lo hallamos, y de esta primera ciudad avía cinco jornadas y más hasta donde estava el Preste Juan, que no avía poblado ninguno." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.25.

[99] O livro descreve como, para chegar neste reino, se seguia por um caminho a Oeste de Ceuta, atravessando uma parte do Atlântico, depois percorrendo vários reinos até chegar às terras do Preste João, descrito como patriarca da Núbia e Etiópia. Para maiores detalhes sobre o itinerário em direção as terras do Preste João, ver: **EL libro del conoscimiento de todos los reinos**. (Ed.) MARINO, N.F, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 1999, p.56-62.

[100] "Et a la ida yva sienpre rribera del rrio Eufrates, que es una tierra muy poblada et abondada." Ibid., p.62.

terras da Etiópia,[101] que se acreditava estarem em conexão geográfica.[102] Essas menções sobre as vias que levavam a reinos como o do Preste João possibilitam vislumbrar um outro aspecto sobre a descrição das rotas terrestres: os limites do mundo habitado.

Um pouco depois da narrativa da chegada da comitiva de D. Pedro à cidade de Alves, no relato vem expresso o desejo do infante de "avançar no mundo até onde não houvesse mais gerações".[103] O Preste João mostrou-se receoso sobre esta vontade do nobre, mas concedeu passagem por suas terras. Santisteban descreve este périplo, mencionando que partiram numa segunda-feira e foram da cidade de "*Edicia*[104] até o Paraíso terreno", atravessando o deserto "em dezessete jornadas de dromedário, que são quarentas léguas cada jornada, o que dá seiscentas léguas ao todo, e nunca encontramos povoado nem gente, tampouco havia caminho que guiasse nem por mar nem por terra". Após vencerem essa distância e chegarem a umas altas serras, o narrador menciona que os homens do Preste João não os deixaram seguir adiante, por isso desviavam-se para "o Tigre, Eufrates, Giom e Pisom, que são os rios que fluem do Paraíso terreal."[105] O narrador oferece um informe detalhado dessa última parada do infante nas terras asiáticas, chegando a oferecer a quantificação do espaço percorrido,[106] bem como a ausência de populações ou mesmo de um caminho para se seguir. Ao fim, os viageiros são proibidos de seguir em direção ao paraíso terreno, sendo a última visão daquela terra distante pelos viajantes a dos quatro rios que julgavam nascidos no paraíso.

A localização dos rios, chamados rios do paraíso, nas terras do Levante figura como ponto recorrente nos relatos de viagens da centúria quatrocentista; recorrências essas que

---

[101] A Índia Maior, ou Hindustão; a Índia Menor que englobaria as penínsulas do Sudeste asiático; e uma terceira Índia, a Etiópia e a costa sudoeste da Ásia. Para maiores detalhes: FONSECA, L.A. O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16. **Estudos Avançados**, São Paulo, Vol. 06, Nº. 16, 1992, p. 37; DORÉ, A. Relações entre oriente e ocidente (séc. XIII- XVII): mercadores, missionários e homens de armas. **Biblos**, Rio Grande, nº21, 2007, p.106.

[102] LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.67.

[103] "Pedro que su voluntad era de ir adelante fasta que en el mundo no oviesse más generación." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.27.

[104] Segundo Goméz de Santisteban a cidade de Alves também era chamada de Edicia. Para Maiores detalhes ver: Ibid., p.26.

[105] "Partimos un lunes y atravessamos desde la ciudad de Edicia fasta el Paraíso terrenal, y para ir al desierto travessamos diez y siete jornadas de dromedarios, que es cuarenta leguas la jornada del dromedario, que nunca fallamos poblado ni gente, las cuales son seiscientas y ochenta leguas, y entre camino y desierto no ay caminos que guiassen por mar, ni por tierra, y llegamos a ojo de las sierras, y los hombres que nos dio el Preste Juan no nos dexaron passar adelante y de allí venimos a Tigris y a Éufrates y a Gión y a Fisón, que son ríos que salen del Paraíso terrenal." Ibid., p.27.

[106] O mais certo é que Santisteban se refere à medida da légua ibérica, já mencionada no primeiro capítulo, logo, a jornada contabilizaria 3400 quilômetros. Uma outra possibilidade também é a existência de algum outro tipo de medida que o escritor quisesse se referir, como a légua que era usada nas terras do Leste pelos mongóis, mencionada na *Embajada a Tarmolán*, que mediria em torno de 11 quilômetros. Para maiores detalhes sobre esta medida: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R**. Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.224.

serviam como parâmetro de verdade[107] sobre as terras que de se tinha conhecimento mais de ouvir falar do que de visitar. O relato sobre a ida dos embaixadores castelhanos dedicou igual atenção à identificação dos rios do paraíso nas terras a leste, mencionando dois deles, o Eufrates, na altura da cidade de *Arzinga*, ou Erzincan no sudeste da Turquia,[108] bem como ao rio Biamo, atualmente conhecido como Amu Dária, que é referenciado como fronteira natural do império Timúrida.[109] Havia, pois, uma expectativa dos que se punham em viagem acerca do que seria encontrado em terras orientais, pelo que as águas descritas nas Escrituras eram identificadas com aquelas que eram experimentadas ao longo da viagem. Por isso, não causa espanto terem sido tanto o Nilo como o Biamo relacionados, durante o período, ao Giom bíblico.[110]

Pero Tafur foi um desses homens que reconheceu o Nilo como um dos rios que corria do paraíso.[111] Pouco tempo depois de apreciar o rio egípcio, o sevilhano ficou sabendo, por Niccolò de Conti, de um episódio envolvendo o rio sagrado e o Preste João. O viajante veneziano conta a Tafur que um dos Prestes João[112] quis saber de onde o rio Nilo fluía,[113] mas a primeira tentativa de alcançar este objetivo acabou falhando: a comitiva enviada retorna após verem "tantas terras e tantos povos", uma vez que os mantimentos entregues aos viajantes teriam acabado.[114] Decidido, ainda, a alcançar a foz do rio, o Preste busca meios de driblar esses problemas de suprimentos, através de uma medida inusitada. De acordo com o viajante, o rei escolheu alguns meninos ainda pequenos, "tirou-lhes o leite e os ensinou a comer apenas peixe cru". Em seguida, assim que estes garotos estavam criados, partiram em barcas contra o curso do rio e, após percorrerem um grande caminho, encontraram por fim um grande lago, alimentado por uma queda-d'água que vertia de uma cadeia de altas montanhas que cercavam

[107] VEYNE, P. **Foucault seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 166.
[108] "Esta dicha ciudat de Arzinga está fecha en un llano acerca de un rio que es llamado Eufrates, e es uno de los rios que salen de Paraíso." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R**. Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.179.
[109]"Iuebes, que fueron veinte e un dias del dicho mes de agosto, llegaron a un grand rio que es llamado Biamo; e este es el tercero rio que sale del Paraíso; e es tan ancho como una légua, e viene por una tierra muy llana, e va muy rezio, a maravilla, e viene rubio todavia." Ibid., p. 239-240.
[110] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos**: del Ocaso de la Edad Media Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.122.
[111]"[...]el rio Nilo, que proçede de Parayso terrenal[...]". TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.49.
[112] Segundo Conti, o Preste João não era um indivíduo, mas o nome daquele que atuava como governante da região. TAFUR, 1995, op.cit., p.60.
[113] "Dize como un Preste Juan quiso saber el fecho del rio Nilo, dónde proçedía […]" Ibid., p. 61.
[114] "[…] é como fizo meter onbres en barcas, e les dió muchas vituallas é los embió, é mandó que truxesen recabdo de donde esta agua nasçía; é como anduvieron tanto, é vieron tantas tierras é tantas generaçiones é tan diversas animalias, que lo avian por una grant maravilla, é que comidas las vituallas oviéronse de bolver sin poder fallar lo que buscavan […]" Ibid., p.61.

o lago e a passagem.[115] Ao atravessar uma passagem que encontraram na primeira montanha, deparam-se com uma segunda elevação que barrava o caminho:

> [...] e um deles que escalou, pelo que dizem, ao olhar para o que estava dentro, nunca quis descer, nem responder a qualquer coisa que lhe pedissem. Eles escolheram enviar outro, e o segundo fez o mesmo que o primeiro. E desde que viram isso, eles não viram nenhum lugar para poder saber mais. Voltaram pelo mesmo caminho, deixando aqueles dois, pois não podiam recuperá-los. E relataram ao senhor tudo o que eles haviam encontrado, dizendo-lhe que não deveria tentar descobrir mais sobre aquilo, já que parecia que Deus não desejava que os mortais soubessem, e por isso tinha posto uma barreira. [116]

Esta passagem sobre a missão em busca da nascente do Nilo, mesmo não tratando necessariamente da condução terrestre, relaciona-se com a descrição do *Libro del infante* sobre os confins da terra e ainda deixa entrever como os homens do século XV descreviam as possibilidades de se deslocar por terras pouco conhecidas. Tanto na viagem do infante como na historieta de Conti, o deslocamento é impedido, havendo uma demarcação de até onde se poderia seguir. As terras do paraíso terreno são estabelecidas, em ambos os casos, como um ponto fronteiriço do alcance humano. Tal noção sobre o paraíso terreno como marco final de onde os homens poderiam ir foi, de certo modo, conhecida dentro do reino de Castela.[117] Este pensamento deixa entrever que, mesmo com a dinamização dos deslocamentos dos homens do Poente desde centúrias passadas, alguns dos que se propuseram a vagar por caminhos distantes de suas moradas compartilhavam a visão, com forte carga moral e religiosa, de que havia certas coisas e lugares fechados aos olhos e conhecimento dos homens, por fazerem parte dos

---

[115] "[…]é quel Preste Juan ovo grand pesar dello; é ovo consejo cómo podría embiar gentes que jamás les pudiese fallesçer de comer; é que fizo tomar ninos é, tiréndoles la leelte, criarles á comer pescado crudo; é non es maravilla que oy se dize, los que van á la Guinea, que de aquella parte allé ay gentiles que non comeu otra cosa sinon pescado crudo; ansí que, despues de criados aquellos ninos, fízoles dar barcas é redes, é mandóles que en ninguna manca non bolviesen sin traerle çierto recabdo de aquello por que yvan; é parciéronse, é fizieron su camino por el agua arriba, como dixe, por diversas naçiones, aunque ellos non comunicavan con ningunos por miedo de non ser detenidos; é que llegaron A un grant piélago como de mar, é que tomaron por la una ribera á fin de rodeallo, por saber donde aquella agua desçendía que fazia aquel píelago. é fueron fasta tanto que llegaron al lugar onde el lago viníá que fazia aquel piélago, é entraron por ella, é tanto anduvieron, que llegaron á una muy grant sierra muy alta é muy enfiesta, é paresçía que fuese una pena tajada, tanto, quel fin della non se paresçía é en ella estava una grande abertura por donde destellava aquella agua, é çerca de aquella sierra estava otra tan alta é tan junta con ella, donde se podie bien ver el agua donde salía […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 61-62.

[116]"[…] é uno que subió, dizen que, mirando en lo que dentro avie, nunca quiso desçender, nin menos responder á cosa que le preguntasen; é fizieron subir otro, é ansí fizo el segundo como el primero; é desque ellos aquello vieron, é non vieron lugar de más poder saber, dexando aquellos dos, que non los pudieron cobrar, por el mesmo camino se volvieron; é fizieron relaçion al Senor de todo lo que avían fallado, diziéndole, que más non devia procurar de saber en aquel fecho, pues que bien paresçía que á Dios non le plaçía que los mortales más sopiesen, é por eso les avia puesto en ella cerradura."Ibid., p.61-62.

[117] *El libro del conoscimiento* menciona o paraíso terreno como fonte dos rios divinos, localizado nos limites do mundo. Sendo relacionado tanto a um dos polos da terra, como um monte muito alto do qual não se podia ver nada; em ambos os casos, este local era fechado aos homens. **EL libro del conoscimiento de todos los reinos**. (Ed.) MARINO, N.F, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 1999, p.56-64.

mistérios da Criação. Essa posição mostra-se bem explícita na história sobre a jornada até a foz do Nilo, que ressalta como, mesmo com a inventividade e interesse do Preste João em conhecer um certo ponto, a vontade divina era inexorável. Os relatos de viagens do século XV valeram-se da compreensão da época sobre o mundo para informar sobre as andanças por bandas distantes,[118] assim, descreveram as rotas seguidas, tendo em vista as convicções daquilo que já se conhecia e esperava sobre os lugares aonde se podia ir ou não, e por quais vias se podia transitar. Desse modo, os nobres viajantes tiveram a preocupação de fazer uma descrição das vias não apenas quando se referiam a novas rotas e destinos, mas sim com o fito de melhor informar sobre caminhos que perpassavam um mundo conhecido e de certa forma circunscrito.[119]

2.3 Os recursos ao longo dos caminhos

Em 1403, a esposa de Ruy Gonzalez de Clavijo, Dona Mayor Arias (? -?), escreveu versos sobre a missão de seu marido. Nesse pequeno texto poético, a dama castelhana demonstra sua preocupação com a segurança do marido ao longo da missão, bem como a honra e o prestígio que ele gozava por ser escolhido para tarefa tão importante. Dentre suas palavras elogiosas, Arias decidiu colocar uma estrofe dedicada à preparação da viagem: "Para ir mensageiro\ Para o rei Tamerlã,\a quem ele daria dinheiro\E um trugimão;\Deu-lhe

[118] Ainda que, entre os séculos XIII e XV, tenham surgido formas mais exatas de representação espacial – como o maior apego aos instrumentos técnicos nas navegações e a redescoberta de obras como *Almagest* e a *Geographia* de Claudio Ptolomeu –, esses fatores não indicam propriamente um esvaziamento das formas tradicionais de ler o espaço. Havia uma mescla entre esses novos saberes e as noções já existentes no período, criando um saber que, embora tivesse o compromisso de informar, buscava enquadrar as visões dentro daquilo estabelecido e aguardado. Para maiores esclarecimentos sobre essas questões acerca da geografia. Para maiores esclarecimentos: CROSBY, A.W. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental - 1250-1600. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p.199-108; PHILLIPS, J.R.S. **La expansión medieval de Europa**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994, p.249-292.

[119] Esta ideia de um mundo limitado, embora recorrente, não foi a única, havendo escritos que mencionavam lugares distantes como as ilhas de São Brandão, ou as Antípodas. Contudo, embora houvesse essa noção de outros lugares para além do mundo habitual, esses lugares nem sempre eram acessíveis, como o exemplo da zona tórrida, que correspondia às águas ainda não exploradas, cuja localização foi sendo alterada paulatinamente de acordo com os avanços de navegantes, como a descobertas das canárias no fim do século XIV e os avanços portugueses em direção a espaços não navegados a partir da segunda metade do XV, com a travessia do cabo Não na primeira metade do Quatrocentos, o Bojador em 1433-34 e o cabo das tormentas em 1488, todos vistos, em momentos anteriores, como os marcos do limite sul do mundo. Assim, a ideia de uma fronteira, que delineava o limite até onde os homens poderiam ir, se mostrou bem presente nos escritos daqueles que buscavam delinear os contornos do mundo durante o século XV. Para maiores detalhes, ver: AZNAR VALLEJO, E. Del Mar Soñado al Mar Hollado. El Redescubrimento del Océano. **Cuadernos del CEMYR**, Laguna, Nº 15, 2007, p. 175-195; TOMÁS, J. Ensaio sobre o Imaginário Marítimo dos Portugueses. CECS, 2013, p.19-22; LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.99-117; WITTMANN, K.R. Las Islas Afortunadas como frontera hacia lo desconocido. Un estudio desde la cartografía medieval. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Las Palmas, Nº18, 2018, p. 233-235.

Marinheiros\E pão biscoito:\Para sempre o terão\Por nobre em Castela".[120] Embora o escrito de Mayor Arias não tenha a pretensão de remontar os pormenores das jornadas do seu esposo, apresenta algumas notas que podem mostrar como os coetâneos pensavam essa prática, uma vez que faz menção a aspectos que poderiam ser pensados como correntes nesses deslocamentos. O trecho destacado se relaciona com possíveis auxílios cedidos ao viajante, e as formas de sustento ao longo dos périplos. Entre os itens listados, encontram-se elementos que dizem respeito ao melhor andamento da jornada, como dinheiro para as despesas; marinheiros que os levassem; e um trugimão, como eram denominados intérpretes e tradutores conhecedores das línguas orientais.[121] Para além desses também é ressaltado o "pão biscoito", uma espécie de pão que não levava levedura na massa, e que era mais facilmente conservado, sendo, por isso, uma provisão muito comum nas navegações da época.[122] Tais formas de amparo foram igualmente pontuadas nas descrições das partidas dos outros viajantes. Pero Tafur descreve como preparar uma nave com tudo aquilo que precisaria para suas jornadas; Diaz de Games descreve como Niño ganhou para suas missões dinheiro, homens e barcos; e mesmo Santisteban conta como o infante D. Pedro teve a "mercê de doze mil peças de ouro" do rei, seu pai, quando partiu do reino de Portugal e, na Corte do rei Juan II de Castela, foram-lhe oferecidos os serviços de Santisteban como "faraute"[123] – outra denominação para intérprete.[124]

Esse tipo de informe sobre suportes e auxílios que os viageiros usufruíam continua ao longo dos relatos, de forma que, a seguir, depois de termos visto sobre as vias percorridas, cabe avaliar quais eram e como eram descritas as formas de amparo, bem como os recursos que os homens do século XV tinham disponíveis quando se punham em marcha por aqueles caminhos do mar ou das terras a que anteriormente nos referimos.

---

[120]"Para yr mensajero\Al rey Tamorlá\Que el daría dinero\E un trujamán; \Diole (sic) marineros\E viscocho pan:\Por siempre lo aurán\Por noble en Castilla." ARIAS, M. In. Abud. MOREL FATIO, A. Dos poesías castellanas inéditas del siglo XV, **Revista de Archivos**, Bibliotecas y Museos, Nº VI, Madrid,1876, p.292.

[121] Este é um termo de procedência árabe, cujo correspondente francês era *drugement* ou *drugemant*. ALVAR. C. Apud. GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015, p.45

[122] UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007, p.110.

[123]"E de allí partimos para Valladolid a fazer reverencia al rey don Juan el Segundo de Castilla, y desque el rey lo supo, que su primo quería passar en Levante por saber todas las partidas del mundo, ovo gran plazer y mandole dar V mil pieças de oro y mandole dar / un faraute, que avía nombre Garcirramírez, que sabía todos los lenguajes del mundo, conviene a saber" **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.12.

[124] ALVAR. C. Apud. GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien : Peter Lang Edition, 2015, p.45.

2.3.1 Provisões indispensáveis: comida e água

Um dos aspectos pontuados no poema de D. Mayor Arias são as provisões ao longo da viagem, que aparecem também na supradita historieta de Pero Tafur sobre a missão até a foz do Nilo; nesta última, é também ressaltada a falta de alimento como um problema que devia ser pensado e solucionado nos deslocamentos diversos. Vejamos, primeiramente, as informações que os viageiros davam sobre as formas de sustento de que dispuseram ao longo das suas jornadas.

O *Embajada a Tarmolán*, por exemplo, traz inúmeras passagens que referem as formas de obtenção de víveres ao longo dos caminhos. Uma delas descreve a partida da cidade de *Tabriz*, ocasião na qual os embaixadores são acompanhados por outras duas embaixadas, uma vinda do sultanato egípcio[125] e outra composta por turcos otomanos. Diz-se que todos os embaixadores contavam com a ajuda de um guia vindo de Samarcanda, chamado de *xagaul*, que mandava dar-lhes, em cada lugar onde chegavam, "alimentos e aquilo de que precisassem".[126] O relato aponta como os embaixadores, tanto castelhanos como orientais, podiam contar com oferecimento de alimentos durante o trajeto, uma vez que eram acompanhados de um representante do império Timúrida que garantia que eles não sofressem de fome ao longo do caminho. Tal atenção dispendida aos representantes de outros reinos é algo que chama a atenção do narrador, que descreve, em uma passagem anterior, como os ditos embaixadores conseguiam "muita comida" dos aldeões.[127] Mesmo para além da companhia do guia, o relato mostra como a ação de doar comida aos viajantes era um traço costumeiro daquelas terras "e lá o costume era de que, no lugar onde chegavam, fosse cidade, vila ou aldeia, logo traziam tanta comida", que abasteciam três vezes mais do que precisavam – [128] partilha de alimentos tomada como especialmente positiva pela carga simbólica cristã.[129]

O costume de doar alimentos não se restringe ao relato sobre as estradas timúridas. Nas navegações de Pero Niño, a entrega de comida também é mencionada, por ocasião da passagem

---

[125] Muito provavelmente enviada pelo sultão da dinastia Burji, An-Nasir Naseer ad-Din Faraj.

[126] *Xagaul* ou *xagha'oul* é, segundo o narrador, a denominação usada para se referir aos guias que auxiliavam os visitantes ao longo das terras timúridas. "Iuebes, cinco dias del mes de março, los dichos embaxadores partieron d'esta ciudat de Turiz, e eso mesmo el embaxador del Soldán de Babilónia e los de Turquia que en uno venían, para ir ver al dicho Homar Miraza a los dichos campos de Carabeque; e con ellos, la guia que los traía de Samaricante, que les fazia dar, en cada lugar do llegavan, viandas e lo que avían menester; e a estos tales omnes llaman ellos xagaul." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 333.

[127] "E de cada aldea d'estas sacavan mucha vianda que davan a los dichos embaxadores." Ibid., p.203.

[128] "E la costumbre era que al lugar onde llegavan, así ciudat como villa o aldea, fazían luego que truxiesen tanta vianda, así para ellos, como para cuantos allí estudiesen, e frutas e cevada, que avastava a tres tanto que ellos eran." Ibid., p.230.

[129] RODRIGO ESTEVAN, M.L. Compartir alimentos en las sociedades medievales: usos y significados. In. **Sharing Food** (coord.) GARINE, E; RODRIGO ESTEVAN, M.L; RAIMOND, C; MEDINA XAVIER, F. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2016, p.199.

por Tarifa, por exemplo, em que encontraram "um bote no qual vinha um cavaleiro mouro" que ofereceu a Niño a "*adiafa*"[130] – prática de oferecer alimentos aos viajantes que chegavam aos portos.[131] Diaz de Games registra que este presente lhe tinha sido oferecido uma vez que "estavam em trégua com Castela".[132] O ganho desses suprimentos é comum no relato das viagens do cavaleiro castelhano, tornando-se parte da rotina da visita aos lugares. Tal prática é igualmente referida em uma passagem sobre quando velejavam pelo arquipélago toscano e ancoraram na ilha de Capraia, onde "trouxeram ao capitão presente de pão e vinho" e, "quando todos terminaram de comer, tomaram remos".[133]

Para além dessas referências à provisão como dádiva dos locais ao viageiro para poder seguir sua jornada, os alimentos favoreciam outras formas de interação ao longo da viagem. Assim, relatar a obtenção de alimentos mostra-se um assunto incontornável a ser referido.[134] Quando Pero Tafur descreve a negociação com o capitão da nave que o levou de Veneza até Jaffa, não deixa de mencionar o que negociou "com o patrão da galera, segundo seus costumes, sobre o frete do navio e sobre comer abastadamente, com as *colaçiones*[135] de muitas e boas conservas, pela manhã, tarde e noite."[136] Nesta passagem são descritos alguns pormenores das viagens em direção à Terra Santa, colocando alguns aspectos que eram importantes para os relatórios de deslocamentos. Um dos pontos que recebem maior destaque é o custo da passagem. O narrador refere o custo da ida, desde Veneza, de "vinte e cinco ducados, por cada pessoa", mas que tinha negociado e pago, para que o deixassem com dois escudeiros em Jerusalém, "sessenta ducados, vinte por cada um".[137] Como membro da nobreza, Tafur não viajava desacompanhado, portanto, o custo dos acompanhantes era também fundamental, e a relação de gastos ao longo de uma viagem figurava, do mesmo modo, como um dos elementos de preocupação dos viajantes a ser registrado.[138] Ao mencionar o custo, bem como sua

[130] Arabismo procedente da região da Berbéria.
[131]BÉLTRAN, R, In. DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.136.
[132] "E vino allí una zabra en que venía un cavallero moro, e rogaraon al capitán que llegase las galeas ante Gilbratar, e que le dárian el adiafa, que es presente, ca entonces avían, ellos treguas con Castilla." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.136.
[133] "Allí traxeron al capitán presente de pan e vino, e comió la gente, e folgó, e aparejaron todas sus cosas. E quando la gente ovieron comido, cobraron remos e fueron las galeas buscar los corsários por todas islas menudas." Ibid., p.149.
[134] GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien : Peter Lang Edition, 2015, p.45.
[135] Muito provavelmente um tipo de refeição à base de pastas e conservas.
[136] "É en este tiempo yo me ygualé con el patron de la galea, segunt la costumbre ellos an, por el nolito del navio é por el comer abastadamente, con las colaçiones de muchas é buenas conservas ansí à la manana como á la tarde é noche[...]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.35.
[137] "[…]yda é venida fasta Veneja treynta é çinco ducados por cada persona; é yo, porque me ygualé que me dexasen en Ierusaiem, diles por mi é dos escuderos mios sesenta ducados, á cada veynte por persona." Ibid., p.35.
[138] GONÇALVES, I. **Imagens do mundo medieval**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p.191.

negociação, o sevilhano inclui o número de refeições que eram oferecidas na embarcação, louvando a quantidade. Informa, ainda, que a alimentação típica das viagens marítimas eram as *colaçiones* e conservas, uma vez que o grande tempo no mar fazia necessário um tipo de alimento de alta durabilidade. Esse excerto mostra, pois, como essas viagens mais longas deram ensejo a relatos circunstanciados dos percursos, sobretudo quando se viajava para lugares pouco visitados, onde os aspectos desconhecidos despertavam o desejo de anotar de forma a informar sobre quais caminhos seguir, bem como sobre os meios e recursos com que se podia contar.[139]

A importância dos mantimentos para os viajantes, ou da falta deles, é referida por vezes para além do seu aspecto comezinho, denunciando certas estratégias de viagem e certos valores correntes. No relato *El Victorial*, consta uma passagem em que é possível notar uma outra faceta. Estando os navios de Niño estacionados numa ilha do Mediterrâneo, impedidos de continuar, os marinheiros estabeleceram uma estratégia contra a falta de suprimentos. Um deles

> [...] entregou às pessoas pão por peso, água e vinho por solicitação, apenas para que pudessem passar, e não perecerem de forme ou sede. Nesta regra, todos entraram, do mais velho ao mais jovem, e o capitão entrou na mesma regra. Até ele, e como tal devia ser todo aquele cujo cargo tem alguma coisa grande e que muito ama: ele deve ser o primeiro. Como bem disse nosso salvador Jesus Cristo: Exemplo eu dou a vós que assim como eu faço, faça vós.[140]

Os recursos minguados fizeram com que a tripulação recorresse a um racionamento dos víveres disponíveis. Gutierre Diaz de Games aproveita esse trecho para fazer um elogio à conduta de Pero Niño, que, mesmo ocupando um cargo elevado na hierarquia da tripulação, se inclui no racionamento, sem garantir para si regalias em relação aos outros. Diaz de Games coloca a ação de Niño em destaque, ao realçar suas qualidades morais e compará-lo a Jesus Cristo. Essa atitude frente aos recursos minguados e más condições mostra-se recorrente no escrito, já que tais ações faziam parte da concepção de Diaz de Games sobre as qualidades do cavaleiro,[141] exaltadas por ele já no início do seu livro. Com uma reflexão sobre a vida dos

---

[139] GONÇALVES, I. Viajar na Idade Média: através da Península em meados do século XIV. **ARQUIPÉLAGO**-Revista da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Nº2, 1980, p.121-122.

[140] "[…] e que diesen a la gente el pan por peso, el agua e el vino por pedida, tan solamente con que pudiesen passar e non pereciesen de mare e sed. En esta regla entraron todos, del mayor fasta el menor, e aun el capitán entró en esta mesma regla. Tal ea él, e tal deve ser todo aquel que el cargo tiene alguna cosa grande e que mucho la ama: él deve ser el primero. Bien lo dixo el nuestro salvador Jesuscristo: << Enxemplo vos doy yo a vosostros: que ansí como yo fago, fagades vós>>" DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.173.

[141] Uma das ideias mais recorrentes ao longo de todo o escrito é de que a vida sofrida dos cavaleiros era um dos apanágios da honra "cavaleiresca", uma vez que, para Gutierre Diaz de Games, o cavaleiro era em muitos aspectos um herdeiro do legionário romano, bem como dos mártires cristãos. Para mais informações sobre as concepções da cavalaria castelhana quatrocentista. HEUSCH, C. De la biografía al debate: espejismos caballerescos en el Victorial de Gutierre Díaz de Games. **eHumanista**, Santa Barbara, Vol. 16, 2010, p.322-324.

homens de armas em missão, o narrador escreve que os cavaleiros deveriam se acostumar a ter "pão de biscoito mofado, refeições mal preparadas[...], pouco vinho ou nenhum. Água de odres e charcos", bem como "pousadas ruins, camas piores, morada de trapos ou de detritos. Má cama, mal sono".[142] O narrador faz uma defesa da cavalaria[143] por sua atitude moderada e resignada frente à escassez de provimentos, realçando, assim, a faceta virtuosa de Pero Niño como cavaleiro e cristão ao longo das suas viagens.[144] Ao mesmo tempo, mostra a familiaridade dos cavaleiros com alguns gêneros alimentícios recorrentes nas viagens, como os pães duros, que eram uma ração mais duradoura e mais apropriados aos deslocamentos, fossem bélicos ou não.

Se, por um lado, os coevos julgavam indispensáveis e se interessavam por essa descrição das privações ou limitações da alimentação dos viajantes, a despeito do seu prestígio na sua terra de origem, por outro, os relatos não deixam sem menção as ocasiões em que a oferta de comida era mais faustosa; e que igualmente deviam interessar aqueles a quem se dirigiam os relatos.[145] De tal modo, descrições sobre banquetes são carregadas de detalhes nos relatos, que, em muitos casos, mostram a visão dos viageiros sobre os gêneros alimentícios e as práticas que envolviam o hábito de comer de outros povos. O relato da embaixada provavelmente contém os informes mais detalhados sobre essas ocasiões. Um dos fatores observados diz respeito aos tipos de alimentos servidos nos banquetes que se mostravam diferentes dos castelhanos, como a carne de cavalo, uma iguaria típica da alimentação dos tártaros. Sobre isso, o narrador registra que "a comida foi muita, carneiros e cavalos segundo seu costume".[146] As descrições dos alimentos que se mostravam diferentes aos olhos dos viajantes ganhavam lugar de destaque no relato, incluindo os modos de preparo, como quando os embaixadores participaram de um banquete no acampamento de "*Çalemaxan Miraxan*".[147] É relatado como, "no jantar, houve

[142] "Pan mohoso bizcocho, viandas mal adobadas. A oras tienen, a oras non nada. Poco vino o no ninguno. Agua de charcos e de odres. Las cotas vestidas, cargados de fierro. Los enemigos al ojo. Malas posadas, peores camas. La casa de trapos o de ojarascas. Mala cama, mal sueño." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.59.

[143] Esse comportamento pode ser relacionado com a virtude da Fortaleza, umas das quatro virtudes cardinais, que compunham as qualidades da cavalaria. O forte, para Gutierre Diaz de Games, era aquele que se dispunha a fazer as coisas árduas e as fáceis, aquele que não se deixava abater pelas adversidades nem buscava apenas as prosperidades; fortaleza era então a humildade sem soberba, e a atitude sem desespero frente às adversidades e prosperidades. Ibid., p.09.

[144] BÉLTRAN, R. El caballero en el mar: don Pero Niño, conde de Buelna, entre el Mediterráneo y el Atlántico. **Erebea** Revista de Humanidades y Ciencias Sociales, Huelva, Nº. 03, 2013, p, 101-102.

[145] George Vigarello defende a existência, durante o século XV, de duas esferas da alimentação medieval, uma comedida e outra opulenta. O que mostra duas concepções do imaginário: a sobriedade retentora que fortifica e purifica; e a abundância que também fortifica e consolida. Para maiores detalhes: VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.42.

[146] "E la vianda fue mucha, de carneros e cavallos, segund su costumbre." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R**. Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.269.

[147] Líder de uma das hordas subordinadas a Tarmelã.

muitas comidas, preparadas segundo seus costumes, cavalos assados e as tripas deles cozidas, e neste jantar vieram muitas pessoas importantes."[148] Em relação aos alimentos que eram vistos durante os deslocamentos, os escritos reservavam um espaço maior e com mais detalhamento para os costumes alimentares que impressionavam os viajantes.[149]

Pero Tafur menciona igualmente a alimentação tártara, mesmo chegando apenas na borda de suas terras, na região do rio Don. O viageiro quis deixar registrado que "aqui não comem pão, porque que não há, mas arroz com leite de camelos e carne de cavalos[...]",[150] acentuando, ainda, não apenas a existência de gêneros diferentes, mas também a ausência de um item que para ele e seus conterrâneos era algo tão precioso na alimentação, como era o pão.[151] Outro relato que esmiuçou os hábitos alimentares dos tártaros foi o *Libro del infante Don Pedro*, que, ao recriar a Corte de Tarmelã, como uma das mais incríveis e suntuosas, cita um repasto repleto das mais variadas carnes. Além da carne de cavalo, ainda contavam com a de dromedário, de elefante, de unicórnio, de diversas aves – incluindo talvez avestruzes – e ainda a misteriosa carne de "besta fera".[152]

As relações sobre a fartura de comida não apenas mencionavam os alimentos exóticos que os viajantes poderiam encontrar ao longo dos caminhos, mas também permitiam avaliar a dimensão do poder daquele que oferecia.[153] É o que se vê, por exemplo, nos banquetes mais detalhados proporcionados pelo Tarmelã, em que eram prestigiados os convidados. No relato da embaixada, o narrador não perde oportunidade de ressaltar como os enviados gozaram de um destaque frente a outras comitivas; como quando é descrito que, "desde que o senhor viu os ditos embaixadores abaixo do embaixador do senhor de Catai, mandou que colocassem os ditos

---

[148] "E luego otro dia fueron comer con él, en el cual comer ovo asaz viandas, adovadas segund su usança, e cavalos asados e las tripas d'ellos cozidas; e a este comer se llegó muy grand gente." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R**. Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.216.

[149] FLANDRIN, J.L; MONTANARI, M. (Dir.). **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.449.

[150] "Aqui non comen pan, que non lo ay, sinon arroz con leche de camellos, é carne de cavallos; de vino nunca ovieron notiçia; é éstos están á la ley de Mahomad." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 94.

[151] CASTRO, T. La alimentación castellana e hispanomulsumana bajomedieval ¿dos códigos opuestos? **Estudios de Historia y arqueología medievales**, Cádiz, Nº XI, 1996, p.42.

[152] "[…] y mandó que todas las viandas que traxessen ante su señoría que nos las pusiessen delante porque viéssemos su gran potencia, y traxeron carne de dromedario y gallinas cozidas y carne de elefante y capones y carne de unicornio y pavones y carne de marfil y papagayos y carne de bestia fiera y halcones y otras aves que buelan poco y corren a pie tanto como un hombre, e los ballesteros no las pueden matar sino a traición, y cuando cierran los ojos llega el ballestero y tírales a su salvo, y pusiéronnos corrobora y pechos de caballo." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, p.22.

[153] RODRIGO ESTEVAN, M.L. Compartir alimentos en las sociedades medievales: usos y significados. In. **Sharing Food** (coord.) GARINE, E; RODRIGO ESTEVAN, M.L; RAIMOND, C; MEDINA XAVIER, F. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2016, p.197.

embaixadores acima, e o outro abaixo deles".[154] O relato descreve o jantar na Corte distante, destacando um aspecto que era caro aos membros da nobreza castelhana, a saber, como o nível de prestígio dos indivíduos podia ser demonstrado por meio das regras estabelecidas em ocasiões semelhantes a essa.[155] O narrador afirma que os emissários castelhanos detinham um reconhecimento elevado por parte de Tarmelã, reconhecimento que é reafirmado ao escrever que "dali em diante, nas festas e convites que o senhor fez, sempre sentaram e se organizaram assim".[156] As honrarias descritas nas mesas tártaras também se relacionavam com a comida propriamente dita, como se depreende ao recontar um determinado jantar, com uma descrição minuciosa dos pratos que possuíam maior honra:

> E a peça mais honrada que eles faziam eram as ancas do cavalo, com o lombo, sem as pernas, e desta fizeram dez travessas de ouro e prata, e neles colocavam lombos de carneiro com suas pernas, sem jarretes. E nestas travessas colocavam as tripas dos cavalos, redondas como o punho, e as cabeças de carneiro inteiras. E deste mesmo modo enviaram muitas outras travessas.[157]

Após registrar como eram organizadas essas ocasiões, o narrador faz questão de ressaltar como Tarmelã "enviou aos ditos embaixadores duas travessas das que estavam diante dele, para lhes fazer honras. [...] E foi trazido tanto desta comida que foi maravilha".[158] As menções sobre a quantidade de comida nesses festins atingem níveis tão altos que ele chega a referi-las como uma "maravilha", buscando assim mostrar como este aspecto era um dos atrativos da viagem. O ato de oferecer alimento mostra-se tão importante que o relato insiste sobre como os mongóis se mostravam solícitos a esse tipo de auxílio, como fica claro no trecho que diz: "Também era normal que, quando alguma comida fosse retirada dos ditos embaixadores, eles davam aos seus homens para que eles a levassem; e desta foi posta tanta para os homens dos ditos embaixadores que, se eles o desejassem, lhe bastaria para meio ano."[159] A passagem, embora assumidamente

---

[154] "E desque el Senor vido a los dichos embaxadores sentados baxo del embaxador del Senor del Catay, envió mandar que asentasen a los dichos embaxadores encima, e al otro, devaxo d'ellos." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.261.

[155] ASSIS GONZÃLEZ, F. J; CHIAPPERO, L. El banquete y la identidad noble. Su representación en la literatura de la Baja Edad Media (s. XIV). **RIVAR**, Santiago, Vol. 4, Nº 11, 2017, p.82-83.

[156] "E de allí adelante, en las fiestas e convites qu'el Senor fezo, siempre los asentaron e ordenaron así." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.261.

[157] "E la más onrada pieça que ellos fazían, era las ancas del cavalo enteras. con el lomo, sin las piernas; e d'esto fizieron fasta diez tajadores de oro e de plata, e en ellos ponían eso mesmo lomos de carneros con sus piernas, sin jarretes. E en estos tajadores ponían tripas de los cavallos, redondas como el puno, e caveças de carnero enteras. E desí, d'esta manera fizieron otros tajadores muchos." Ibid., p.262.

[158] "E el Señor envióa los dichos embaxadores dos tajadores de los que ante él estavan, por les fazer onra […]E d'esta vianda fue traída tanto, que fue maravilla." Ibid., p.263.

[159]"Otrosí es costumbre que cuando alguna vianda quita delante a los dichos embaxadores, danlo a sus omnes para que lo lieven; e d'esta fue puesta tanta a los omnes de los dichos embaxadores, que si levar la quisieran, les avastava para médio ano." Ibid., p..263.

exagerada, refere-se ao abastecimento dos víveres pelos viajantes – um fator de suma importância para os sucessos das viagens que atravessavam sítios desconhecidos.

A preocupação com as provisões e formas de mantê-las ao longo dos trajetos é também motivo de atenção nos registros. No relato sobre as viagens de D. Pedro pelo deserto que circundava Jerusalém, Santisteban descreveu em pormenores como os viajantes percorreram uma longa viagem de três jornadas de dromedário – uma distância considerável –, que, segundo o narrador, correspondia a cento e vinte jornadas de um homem. Ao passo que ressaltava a lonjura percorrida, o escritor também tecia um elogio às qualidades do dromedário como montaria para longos deslocamentos, dizendo que cada "dromedário leva sobre si quatro companheiros e vitualhas para eles de pão, água, mel, manteiga, figos, passas e outras coisas necessárias, frutas e três ou quatro cargas de tâmaras desta terra para dar de comer ao dromedário, que não come outras coisas."[160] A narrativa do infante tinha como intenção informar sobre terras e povos distantes, mas, ao fazê-lo, o escritor não ignora certos aspectos que poderiam fazer parte do cotidiano de uma viagem, como os mantimentos destinados tanto aos homens como às bestas, e que ajudavam a vencer as distâncias.

As provisões pensadas como necessárias iam além dos gêneros alimentícios. Havia entre os suprimentos, é verdade, um elemento que poderia fazer a diferença entre a vida e a morte dos viageiros: a água. Gutierre Diaz de Games sublinha tal assertiva ao escrever que, em 1405, navegando pela costa de *Alcocévar*,[161] o capitão Pero Niño é avisado de uma ameaça ao prosseguimento da jornada pelo Mediterrâneo. A tripulação da embarcação informa que as reservas de água doce estavam muito baixas e que, pelo fato de atravessarem uma região dominada por mouros, o reabastecimento poderia ser mais perigoso do que enfrentar o resto da viagem sem água. Após colocar o cavaleiro a par da situação, a tripulação o indaga sobre o que deveria ser feito. Ao ouvir os receios dos mareantes, o nobre informa a eles a sua posição: "Amigos, o certo e o imperioso não necessitam de conselho. O perigo certo é maior que o duvidoso. E o certo é que não temos água, e que sem ela não poderemos passar. Levemos as galeras à terra e desembarquemos, enquanto uns lutam, outros pegam a água". [162] Ao final desta

[160] "Anduvimos unas tres jornadas de dromedarios, que es cuarenta leguas la jornada que anda uno de aquellos dromedarios, e lleva un dromedario sobre sí cuatro compañeros y vitualla para ellos de pan y agua y miel y manteca y higos y passas y otras cosas necessarias y frutas y tres o cuatro cargas de dátiles de los desta tierra para su comer del dromedario, que no comen otra cosa." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.13-14.

[161] Atualmente conhecida como baia de Aiguades, situada na região de Orã, na Argélia.

[162]"Ovo el capitán su consejo con sus marenates e con los patrones, e dixeron como tenían ya poca agua dulce, e que cumplía ya de tomar agua, mas que en aquella tierra sería muy peligrosa de tomar. Porque las galeas son descubiertas en la tierra, e la gente de la andan todos alborotados e apercebidos, e las aguadas tiénennoslas ya tomadas todas. Que queramos ia a la mar, tenemos muy poca agua; puede venir un tiempo contrario, a que oviésemos a correr de luengo por mengua de la […] Amigos, a lo certo e forçado no á menester consejo. Mayor

discussão sobre as estratégias a serem seguidas diante da adversidade, Diaz de Games descreve como foi a árdua batalha para obtenção de água numa encosta de *Alcocévar*. Este lugar é mencionado pelo narrador como uma *aguada*, denominação comumente usada pelos coevos para designar locais onde se podia encontrar água potável para consumo e abastecimento.[163] Essa passagem das viagens de Pero Niño possibilita antever um aspecto de certa importância e peso dentro dos testemunhos que se ocuparam em descrever as idas de homens a lugares não habituais. A recorrência das descrições de lugares onde seria possível obter água potável no decorrer de um trajeto desconhecido é notável. A menção das ditas *aguada*s foi, pelo que se deduz das inúmeras referências, um ponto de interesse para a mensuração do desconhecido nas viagens quatrocentistas.[164]

O registro da luta por água durante a viagem marítima atesta ainda um outro ponto relevante: o peso dado a este tipo de provisão tão necessária para o prosseguimento da jornada. O nobre que encabeça a missão, mesmo sob o perigo iminente da desvantagem em um confronto contra os mouros, expõe de forma clara que a obtenção da provisão era essencial para a continuação do deslocamento. O abastecimento desse mantimento foi observado por outros viajantes com igual atenção, como por Pero Tafur, que elogiou as embarcações venezianas e sua capacidade de armazenamento de água:

> [...] levam umas barcas grandes e cheias de areia, e tem no fundo uma abertura com uma tampa, e quando estão em um rio de água doce, abrem a tampa e enchem o quanto podem e depois fecham, e assim trazem água para suas necessidades[...] o engenho é tal que a água que encontrei nas cisternas de lá quando fui a Jerusalém nunca adoece ou fede, como as outras, e seria longo descrever o modo como conseguem isso.[165]

Embora o sevilhano diga não ser capaz de descrever como os venezianos alcançam tal feito, ele faz menção ao sistema de cisternas locais no qual a água era abastecida e filtrada por uma massa de areia, de forma a manter maior pureza. O viajante impressiona-se com o abastecimento da cidade e das embarcações, pois essa forma de provimento evitava a deterioração das reservas,

---

peligro es el certo que el dudoso. Cierto es que non tenemos agua, e que sin ella non podemos passar. Llegad las galeas ala tierra, e saltamos fuera; e mientra los unos pelean, tomem los outro el agua." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.171.

[163]BÉLTRAN, R, In. DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.139.

[164] Ibid., p.139.

[165] " [...] levan unas barcas muy grandes é llenas de arena, é tienen en el fondon un agujero con un tapon, é quando está en el rio de agua duçe, quitan el tapon é fínchese de cuanto puede bastar el cargo é despues atápanla, é ansí traen el agua para sus nesçesidades[…] el edifiçio en tal manera, quel agua de las çisternas de allí fallé yo, quando fui á Ierusalem, que nunca adolesçió nin fedió como las otras; é serie luengo de las escrevir el modo que en ello tienen." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.112.

que era uma das preocupações constantes daqueles que então viajavam, em razão de a má conservação ser uma das principais propagadoras de infecções.[166]

Os relatos das andanças por outras terras mostram que, ao longo dos périplos marítimos ou terrestres, a obtenção de água fazia parte do cotidiano das viagens. No *Embajada a Tarmolán*, o autor descreve o auxílio oferecido pelas aldeias, ao longo do império mongol, nos trechos desérticos, "quando haviam de passar algum ermo, ali ofereciam comida, cevada e água para levar[...]"[167] – provimento cimeiro nas listas de preparação de viagens para alguma região mais isolada. O escrito da embaixada pontua com maior ênfase a importância da água ao longo das jornadas, especialmente ao descrever a travessia dos embaixadores pelo deserto persa:

> O caminho era areal, e os homens estavam em grande perigo pela sede, já que não podiam achar água. E um moço cujo cavalo era mais rijo que dos demais, foi adiante o quanto pôde, e chegou a um rio e, como tinha consigo uns camisões, molhou-os na água e levou como pôde, e aqueles que beberam da água desses camisões conseguiram chegar, já que iam esmorecidos pela sede e pelo grande sol que fazia.[168]

Ainda sobre a água enquanto suprimento, é importante ressaltar que a proveniência das fontes e os tipos de águas encontradas eram aspectos que os viajantes tinham o cuidado de deixar por escrito, principalmente quando esses fatores se relacionavam de alguma forma com ideias já estabelecidas sobre as bandas visitadas.

Mas a atenção às águas por parte dos viajantes ia para além da sua função de provimento. Um caso que demonstra bem outros significados das águas são as descrições dos rios sagrados. Tafur registrou suas impressões sobre a água do Nilo, dizendo ter sido a melhor que encontrou, "bem parece água do Paraíso, e no tempo em que ali estive jamais bebi outra coisa que não aquela água, mesmo podendo beber vinho".[169] A água deste rio é descrita, a bem da verdade, como superior a todas as outras que o nobre encontrara. Tal valorização resultava da crença em sua proveniência sagrada, de forma que o castelhano buscava descrever suas impressões sobre o elemento natural em conformidade com as noções compartilhadas pelos coevos acerca do que era esperado encontrar nas terras distantes. Estas águas identificadas pelos viajantes como

---

[166] A forma mais comum, durante o período, de evitar que as reservas hídricas se estragassem era mesclar doses de vinagre à água, o que impedia que os micro-organismos proliferassem. Para maiores detalhes: UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007, p.100.

[167] "Cuando avian de pasar algund yermo, de allí les avían de fazer levar vianda e cevada e agua, a su costa d'ellos, aunque les pesava." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.236.

[168] "El camino era arenal, e los omnes eran en (grand) peligro de sed, que no podían aver agua. E un moço del dicho Maestro avia un cavallo un poco más rizio que los otros, e fue adelante cuanto pudo, e llegó a un rio, e unos camisones que levava, mojólos en el agua, e tornó con ellos cuanto más pudo, e bevieron los que del agua de los camisones pudieron alcançar, ca ivan muy desmaídos de la sed e del grand sol que fazia." Ibid., p.234.

[169] "Esta agua desta rivera es la mejor que yo fallé; bien paresçe agua de Parayso. En el tiempo que yo allí estuve jamás non beví sinó desta agua, pudiendo bever buen vino." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 50.

jusantes do paraíso se destacavam pela sua pureza e salubridade, sendo consideradas como benéficas para as terras que as circundavam e para aqueles que delas bebiam ou que com elas entravam em contato.

As notas sobre as qualidades de certas fontes hídricas, a propósito, geralmente se relacionavam com a descrição do local por onde o viageiro passava, uma vez que esses relatos foram, para os homens desse momento, um dos principais suportes para se pensar e conhecer outras terras.[170] Assim, os narradores, ao passo que descreviam suas jornadas, buscavam, igualmente, delinear aspectos que representariam perigos e adversidades nas bandas visitadas, de forma a informar os coevos sobre aspectos práticos, ao mesmo tempo em que mantinham correspondência com as noções do que era esperado encontrar.

Do mesmo modo que os rios sagrados e suas águas divinas, havia fontes de águas nocivas que eram relacionadas a lugares também mencionados nos textos sagrados. Pero Tafur, ao visitar o Mar Morto, relata que o grande lago salgado já tinha sido o local de Sodoma e Gomorra, cidades destruídas devido ao pecado da sodomia. Sobre sua água, o viajante diz que era "tão fétida" que nada mais se podia dizer, "e não se cria nenhum pescado nela e ainda dizem que nem as aves querem nela pousar."[171] Em contraponto a essas águas insalubres, Tafur afirma ter ouvido, do mouro que o conduzia, "uma grande maravilha, a de que o rio Jordão entra no mar e sai da outra parte sem se misturar com a outra água, e disse que, no meio do mar, podem beber água doce do rio."[172] A informação que Tafur registrou faz alusão às águas do Jordão – mencionadas anteriormente pelo cavaleiro como um lugar de destaque –, como prodigiosas, dado que a sua pureza superava a impureza do Mar Morto, preservando uma faixa de água potável dentro de um ambiente cujas águas eram famosas pela nocividade.[173] Esses pontos de referência sacros ocupavam um grande espaço no delineamento do mundo conhecido no Quatrocentos, o que motivava o interesse de reconhecer de perto esses locais, descritos pelas autoridades sagradas, nas terras distantes.[174]

---

[170] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos**: del Ocaso de la Edad Media Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p. 57.

[171] "[…] çibdades que fueron suvertidas por el pecado de la sodomia; es el agua tan fedionda, que non se podríe dezir más, ê non se cria pescado ninguno en ella, é áun dizen que ave non quiere posar en ella." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.44.

[172] "El moro que me levava me dixo una grant maravilla, que el rio Jordan entra por el piélago é sale de la otra parte sin se mezclar con la otra agua, é dize que en medio del piélago pueden bever agua duçe del rio." Ibid., p. 44.

[173] Essas águas foram igualmente mencionadas como venenosas pelo *Libro del infante*, que menciona como "águas negras e cheias de carvão", cercadas por uma terra totalmente arrasada, onde nasciam frutos feitos de carvão que amargavam na boca. Para maiores detalhes: **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.20.

[174] BÉGUELIM ARGÍMON, 2011, op.cit., p. 57.

Outras águas encontradas ao longo das viagens podiam igualmente se mostrar magnificentes para os viajantes, como era o caso das águas descritas como curativas. Dentre os viajantes que legaram seus escritos, aquele que mais se ocupou em descrever o aspecto benfazejo de certas águas foi Pero Tafur. Em 1437, durante suas andanças pelas cidades da península itálica, ele menciona que, na cidade de Viterbo, havia certos "banhos de água quente que dizem curar toda enfermidade" [175] e onde também residiria "o corpo de Santa Rosa". [176] Algum tempo depois, retornando ferido do oriente, Tafur menciona que, em um mosteiro nos arredores da cidade de Basileia existiam "santos banhos, de água quente", os quais foi visitar devido seu ferimento, e lá encontrou inúmeras pessoas tanto "enfermas" como "em voto de romaria", vindas de longe. Tafur descreve as fontes termais como um lugar de cura tanto para os enfermiços da cidade como para os viageiros, que, como ele próprio, vinham de lugares afastados em busca de seu poder curativo. Conjuntamente, descreve como o lugar era para ele de certa forma incomum, parecendo-lhe que ali não julgavam "desonesto, homens e mulheres entrarem nos banhos nus em pelo".[177] Mesmo que certos hábitos do lugar fossem estranhos ao viajante, o que mais se mostrava relevante para ele era o caráter salutar das águas, pois a ideia da água como elemento de práticas curativas tinha, no lugar de onde vinha, um peso naquele período.[178] Tal percepção ou cogitação sobre a eficácia curativa se sustentava no pressuposto de que certos elementos tinham uma procedência moral e podiam conter componentes virtuosos que seriam transferidos tanto pela ingestão como pelo contato.[179] Aspecto que é encontrado na descrição dos banhos visitados por Tafur, por seu caráter marcadamente religioso. O viajante reitera a relação, corrente no período, entre esses lugares voltados aos cultos e o potencial taumatúrgico e curativo de suas águas.[180]

Outrossim, um dos fatores que fazia total diferença entre um lugar ameno e um lugar inóspito era a existência de rios, lagos, cisternas e outros tipos de fontes de água. Geralmente,

---

[175] "Parti de Roma é fui á Viterbo, que es una gentil çibdat, do están muchos banos de agua caliente, dizen que para sanar toda enfermedat […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.32.

[176] "Aqui está un cuerpo santo, de Santa Rosa." Ibid., p.33.

[177]"É fui á ver los banos, é fallé muy mucha gente, ansí denfermos conto de otras gentes que vienen allí con voto de romería de bien lexos; é allí me paresçe que non an por desonesto entrar en los banos los onbres é las mugeres desnudos en carnes […]" Ibid., p.126.

[178] VAL VALDIVIESO, M.I, Introducción. In. VAL VALDIVIESO, M. I. (Ed.) **La percepción del agua en la Edad Media**.Alacant: publicacions de la Universisat d'Alavant, 2015, p.11.

[179] VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.15.

[180] Para maiores informações sobre as relações entre esses espaços religiosos e as águas, ver: PRIETO SAYAGUÉS. J.A. La percepcíon maniquea del agua en los ambientes monásticos castelhanos durante la Baja Edad Media. In**.** VAL VALDIVIESO, M.I. (Coord.) **El agua en el imaginario medieval los reinos ibéricos en la Baja Eadd Media**.Alacant: publicacions de la Universisat d'Alavant, 2016, p.87.

relacionavam-se as águas com a vegetação local, bem como com a demografia. Quando os embaixadores passam pelo reino de Soltaniyeh, localizado no Irã, Clavijo descreve que, "ao redor das cidades e dos lugares onde havia águas e prados, encontramos muitos dessa gente, [...] e tantos eram que pareciam infinitos".[181] Um dos elementos que chamava a atenção dos viajantes era a dimensão vital dos cursos de água nos lugares avistados, mas as fontes de águas eram descritas especialmente como condição para seguir viagem. Na ocasião em que a embaixada passa pela aldeia de *Quix*,[182] próxima ao mar cáspio, o narrador informa sobre um ponto de descanso nos arredores da cidade:

> E a seguir a esta quadra estava uma grande horta em que havia muitas árvores de sombra e frutíferas de muitos tipos, e havia muitas piscinas de águas [...] E esta horta era tão grande que comportava muitas pessoas que nela quisessem se hospedar durante o verão, com grande deleite, perto da sua água e da sombra daquelas árvores.[183]

Esse trecho da relação de viagem dos enviados de Enrique demonstra preocupação do narrador em traduzir o espaço visto, fixando, neste ponto determinado, um cenário ameno e propiciador de auxílios tanto para os habitantes da cidade como para estrangeiros que por lá passavam, onde a água era um dos elementos mais importantes. O espaço descrito tratava-se, pois, de uma realidade material recorrente nas descrições de viajantes pelas terras do Levante. As ditas hortas eram oásis artificiais edificados nos entornos de cidades e serviam de sustento das populações locais, bem como dos transeuntes.[184]

As menções a esses tipos de ambientes compostos sempre por fontes hídricas não ocorriam apenas pelo seu papel de mantenedores de suprimentos, mas também devido a seu caráter aprazível.[185] A propósito de quando os embaixadores partem da cidade de *Tabriz*, por exemplo, é mencionado pelo narrador que "o resto do caminho que andaram neste dia foi entre hortas, vinhas e águas que se estendiam ao longe, e o caminho era plano e parecia muito

---

[181] "E acerca d'las ciudades e lugares onde avía aguas e prados, fallábamos eso mesmo mucha gente, d'ellos tantos […] E tantos eran parescían infinitos." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.238.

[182] Atual cidade de Shakhrisabz, localizada no sul do Uzbequistão, esta cidade também é descrita como o local onde Tarmelã teria nascido. Para maiores detalhes: Ibid., p.246.

[183] "E delante d'esta cuadra, estava una grand huerta en que avia muchos árboles de sombra e árboles frutales de muchas maneras; e por ella avia muchas alvercas de agua […] E esta huerta era tan grande que podia estar en ella mucha gente aposentada en tiempo de verano con grand deleite, cerca de agua e sombra de aquellos árboles." Ibid., p.248.

[184] AYMARD, M. Espaços. In. **O mediterrâneo**: o espaço e a história. BRAUDEL, F. (org.) Lisboa: Teorema, 1987, p.137.

[185] MARTÍN GUTIÉRREZ, E. Paisages imaginados y paisages reales a finales de la Edad Media. Humeddes y marismas en las comarcas gaditanas. In.VAL VALDIVIESO, M.I. (Coord.) **El agua en el imaginario medieval los reinos ibéricos en la Baja Eadd Media**.Alacant: publicacions de la Universisat d'Alavant, 2016, p.18-19.

encantador andar entre as ditas hortas."[186] O gosto por contar sobre a belezas distantes também é notável nos escritos dos viajantes, uma vez que auxiliava na construção do conhecimento sobre os lugares distantes, que também faziam parte da criação divina.[187] Um aspecto que é visível na descrição desses ambientes, de água e descanso para os viajantes, é a preferíncia pelos lugares de parada habitados em detrimento dos espaços abertos ao longo dos deslocamentos. Essas paradas consistiam em locais onde os viageiros conseguiam descansar e se abastecer de provisões antes de partir rumo aos sítios ermos, onde a escassez de recursos era usualmente colocada como uma das maiores ameaças.

2.3.2 Segurança e hospitalidade

A gama de lugares em que os viajantes poderiam parar e se reabastecer durante as viagens era de certa forma variada, no que se refere aos ambientes disponíveis. Ao longo das viagens marinhas, as menções a esses locais foram abundantes e bem detalhadas. Diaz de Games concedeu atenção especial ao registro desses pontos, como no caso da ilha de Zembra, na costa tunisiana, descrita como "uma ilha desabitada", onde havia "muita água doce, e muita caça e muitas aves que vivem nela". Ali aportaram as galeras devido ao mau tempo no mar, e os homens descansaram alguns dias "esperando se veriam alguns navios de mouros, contudo, não veio nenhum".[188] Após descrever os sustentos do local, o narrador, afirma que os marinheiros tiveram "boa sorte" por chegarem lá.[189]As ínsulas por muito permaneceram no pensamento dos viageiros de séculos anteriores como lugares, em grande parte, fantásticos e misteriosos,[190] já nos relatos aqui examinados, conquanto esse caráter fantástico das ilhas não seja ignorado, a descrição recai mais sobre esses pontos do traslado como locais de refúgio e repouso, com grande zelo pelos meios de sustento que elas ofereciam.[191] No relato do *El Victorial*, o ponto de parada é dado a conhecer com ênfase na localização e nos suprimentos que o local poderia oferecer. A atenção dos escritores em mencionar esses espaços que auxiliavam de alguma forma a sua viagem não se restringe, como se vê, em descrições da

[186] "[…] e lo más del camino que este dia andudieron, fue entre huertas e vinas e aguas que duravan mucho; e el camino era llano, e parescía muy fermoso de andar entre estas dichas huertas." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.188-189.
[187] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.278.
[188] "El Gemolín es una isla desabita; ay en ella mucha agua Dulce, e mucha caça, e muchas aves que crían en ella. Allí echaron áncoras las galeas, e folgó la gente algunos díaz, que eran muy travejados de la mar, esperando si verían algunos navios de morros: nunca vieron ninguno." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.152.
[189] "E si más allí estuvieran, ovieran buena dicha, que las galeas dellos vinieran allí […]" Ibid., p.152.
[190] BÉGUELIM ARGÍMON, 2011, op.cit., p.153.
[191] Ibid., p.153.

natureza, antes se concentram bastante nos locais onde encontravam atividade humana que poderia servir às viagens.

Um pouco antes de Pero Niño sulcar as ilhas da costa da Berbéria, os enviados de Castela rumaram mais a leste do Mediterrâneo, registrando do mesmo modo como havia uma série de lugares que podiam funcionar como refúgio, como a ilha de *Langо*,[192] entre a Grécia e a Turquia. O narrador nota que, "na quarta-feira seguinte, que foram cinco dias de setembro, foram para a ilha de *Lango*; e na medida em que não podiam prosseguir com o tempo contrário, seguiram para o porto da vila desta ilha de *Lango*; e lá permaneceram todo esse dia" reabastecendo-se de água e comida.[193] O relato descreve como os viajantes usaram o local para conseguir mais suprimentos, mas pontua que o motivo que os levava até a ilha era o mau tempo para a navegação; que os obrigava a abrigarem-se no porto. O uso desses sítios para a acolhida de navegantes foi outro aspecto incontornável para os homens que percorreram as águas alheias. Diaz de Games chamou atenção para a ausência de locais de reparo e de "*calas*" – pequenas enseadas que serviam de abrigo para as embarcações – nas costas entre a França e a Inglaterra; fato este que, para o nobre, dificultava os deslocamentos.[194] Contudo, se a visão da falta desses embarcadouros era algo que devia ser aludido, o oposto também se mostrava importante. Pero Tafur demonstra isso quando descreve sua ida de Veneza a Jaffa pela costa da Dalmácia, explicando que seguiam aquela rota tanto por ser de posse veneziana, como "porque naquela margem há muitos portos seguros e ilhas ou lugares para tomar refrescamento."[195] Na descrição do caminho trilhado, pois, os nobres em viagem se interessavam, concomitantemente, em descrever onde era possível conseguir refúgio durante os intervalos nos quais a marcha das jornadas deveria ser cessada por motivos de força maior, como as épocas do ano não recomendáveis para viagens.

Os trechos marítimos eram especialmente afetados por esses fatores. Na ocasião em que o relato da embaixada castelhana descreve como os embaixadores "foram tomar pousada em

---

[192] Atual Cós.

[193] "Miércoles siguiente, que fueron cinco dias de setiembre, fueron a par de la isla de Lango; e por cuanto no podian pujar adelante por el tiempo contrario, sorgieron en el puerto de la villa d'esta isla de Lango; e estidieron allí todo este dia e tomaron allí agua e refresco de viandas." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.101.

[194] "En todas las costas, también de Francia como de Inglaterra, non ay cala ni reparo, por quanto contecerá que tomado la galea buen reparo, ansí de mar como de viento, llegado a la tierra, a oco de rato viene la menguante, e si non se guarda, fálasse en seco." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.347-348.

[195] "É ansí partimos este dia despues de resçibida la bendíçion, é fezimos vela á médio dia, é tomando la parte siniestra del golfo, que es la Esclavonia, porque la mayor parte es de veneçianos, é áun porque en aquella ribera ay muchos puertos seguros é yslas ó lugares para tomar refrescamiento[...]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.35.

Pera",[196] onde chegaram no dia treze de novembro de 1403, são informados de que não poderiam "encontrar nau nem outra fusta[197] com as quais fossem para Trebizonda", uma vez que o "inverno se aproximava e o Mar Negro era perigoso de navegar" nesse período.[198] Tal descrição de como os embaixadores buscaram estadia temporária na cidade informa sobre a organização dos deslocamentos durante o período, uma vez que as navegações nessas regiões se concentravam nos meses do verão. As atividades eram cessadas a partir do mês de outubro, chegando a haver, como fica claro no relato, algumas cidades e reinos que proibiam as navegações durante o inverno devido às más condições, constituindo a invernada uma prática comum para aqueles navegadores.[199]

A menção à prática da invernada não se restringe apenas às viagens em direção ao Levante, mas aparecem como uma prática usual nas navegações por locais mais conhecidos. Em 1406, durante suas viagens pela costa da Cornualha, Pero Niño reuniu seu conselho de mareantes a fim de indagar sobre o procedimento que deveriam seguir com a chegada do inverno. Ao expor suas preocupações, a resposta que o cavaleiro obteve foi um consenso entre todos os marinheiros que mencionaram as atribulações relacionadas à navegação durante aquele tempo, e aconselharam que o nobre deixasse a Inglaterra e "fosse invernar em algum porto da França".[200] O relato segue mencionando que, após fazerem uma breve excursão pela costa inglesa, "concordaram que subissem com as galeras o rio acima do Sena, e fossem invernar em *Ruan*, uma cidade muito digna que fica na margem daquele rio, e é muito abastada de todas as coisas que poderiam precisar".[201] No relato de Diaz de Games, o destino escolhido para passar esse intervalo da missão foi a cidade de Rouen na Normandia, local onde, segundo o narrador, os viageiros encontrariam tudo que precisassem. A menção dessa urbe realça seu papel como

---

[196] "[…]e de allí enviaron los dichos embaxadores tomar posada a la ciudat de Pera." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.114.

[197] A nau, ou naves, e a fusta eram nomes de tipos de embarcações. A nao\nau consistia em uma embarcação de maior tonelagem, de casco arredondado, movida a vela e remo, e que era usada para transporte de mercadorias. A fusta, por sua vez, era um dos outros nomes que a galera possuía. Para maiores informações, ver: UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007, p.44-45; CHAUNU, P. **Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978, p.68-65.

[198] "Los dichos embaxadores estudieron en esta ciudat de Pera desde el dicho dia miércoles que allí llegaron, fasta el martes, treze dias de nobiembre, que en este tiempo no pudieron fallar nao ni otro fuste en que pasasen en Traspisonda. E por cuanto el invierno se llegava, e el Mar Mayor es peligroso de nabegar en el invierno" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.149-150.

[199] BRAUDEL, F. O mar. In. **O mediterrâneo**: o espaço e a história. BRAUDEL, F. (org.) Lisboa: Teorema, 1987, p.46-47.

[200] "Somos ya entrante el inverno; esta mar es muy tormentosa, quanto más galeas, e esya tempo de las requerir, que les faltan muchas de las [cosas] que na perdido en las tormentas. Otrosí, esta partida es muy fría, e pásalo mal gente mal arropada. Nuestro consejo es que dexedes a Ingalaterra, e vades a invernar a algund puerto de Francia." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.263.

[201] [...]acordaron que subiesen con as galeas el río arriba de Saena, e fuesen envernar a Roán, uma muy noble ciudad, que está en lar ibera de aquel río; es muy abastada de todas las cosas que avían menester." Ibid., p.268.

ponto de descanso e propiciadora de certos benefícios para os homens que estavam em viagem e dependiam desses centros urbanos para estacionar e seguir rumo a terras distantes.[202]

Para os homens que viajavam durante o século XV, as urbes consistiam em ambientes que ofereciam abrigo e recursos,[203] logo, foi corrente que os viajantes que seguiam em direção às terras distantes descrevessem em minúcias as cidades que encontravam ao longo dos seus trajetos.[204] As cidades eram tidas no período como espaços onde as relações humanas se organizavam, bem como lugares geradores de bem estar e proteção coletiva.[205] Tal visão é notada nas impressões de Tafur sobre Florênça, na Itália, quando registra que a cidade possuía:

> [...] casas muito lindas e boas ruas, muitas hospedarias limpas e abastadamente ordenadas, igrejas e mosteiros magníficos, e os melhores hospitais do mundo, um de homens e outro para mulheres, com tanta limpeza e tão bem ordenados e abastecidos que se houvesse necessidade de um rei ou um príncipe enfermo se internar que estivesse ali, deixaria sua própria casa para lá curar-se [...][206]

O cavaleiro faz uma apreciação elogiosa da cidade, incluindo todas as coisas que poderiam servir aos viajantes, como as estalagens e os hospitais, que eram alguns dos pontos altos da descrição, por sua ordenação e limpeza, sugestivas do grau de salubridade que a cidade oferecia, em um momento em que a pureza dos espaços começava a tomar mais peso na visão dos homens como condição para o alívio e a saúde.[207] A cidade era, assim, apresentada como um ponto de comodidade, por conciliar elementos que interessavam aos viajantes. Além de uma estadia confortável, as cidades também ofereciam aos viageiros a possibilidade de um descanso seguro dentro dos seus muros e suas construções.

Um elemento enfatizado mais de uma vez pelos viajantes como essencial para a segurança durante as viagens, pelos menos as marítimas, foi a descrição de portos, as qualidades e características desses passadouros ao longo dos traslados. Diaz de Games alertou para a

---

[202] ESCALANTE VARONA, A. La función de la ciudad en un libro de viajes medieval: el Viaje a Oriente de fray Antonio de Lisboa. **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo 2015, Vol.4, Número 1-1 (Número Especial), p. 222. Disponível em http://www.academia.edu/18879162/La_funci%C3%B3n_de_la_ciudad_en_un_libro_de_viajes_medieval_el_Viaje_a_Oriente_de_fray_Antonio_de_Lisboa acesso em 14/05/2017; JOSÉ RODILLA, M. Laudibus Urbium: Ciudades Orientales en libros de viaje. **Medievalla**, nº 34, 2002, p.03-04; PÉREZ PRIEGO, M. A. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, N°1, 1984, p.226-227.

[203] VERDON, J. **Sombras y Luces de la Edad Media**. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2006, p.04-06.

[204] RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986. p.74.

[205] ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.112-135.

[206] "Esta çibdat es de muy gentiles casas é muy buenas calles é mesones é muy limpia é abastadamente ordenados, yglesias é monesterios muy magníficos, espitales los mejores del mundo, uno de onbres é otro de mugeres, con tanta limpieça é tanto regimento é tanto abastamiento, que si nesçesidat de enfermedat ocurriese á un rey ó príncipe estando alli, dexaría su propia casa por yrse alli á curar […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.153

[207] VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.49.

insegurança do porto de Málaga, registrando que "não é protegido de todos os ventos, porque é concha aberta".[208] Mas não só a descrição dos portos que não eram seguros era comum, pois são igualmente lançados elogios a alguns que se destacavam. Caso, por exemplo, do porto entre Constantinopla e Pera que o narrador do *Embajada a Tarmolán* aponta como "o melhor, mais formoso, e o mais seguro", uma vez que possuía um "fundo muito limpo e claro", e pelo fato de que poderia comportar a "maior nau e a maior carraca do mundo".[209] Pero Tafur descreveu este porto de maneira muito semelhante, ao escrever "que é uma das melhores coisas do mundo" e que qualquer embarcação podia tomar terra, já que era "tão fundo e tão limpo".[210] Os viajantes quatrocentistas, em suma, mostravam sobretudo interesse por aspectos que faziam parte da vida material tanto das viagens como das cidades, ressaltando neles o vigor das urbes encontradas.[211]

A exposição do cotidiano das urbes também era pauta corrente dos relatos, dependendo dos aspectos ressaltados e do tipo de viagem descrita.[212] Pero Tafur, que durante suas andanças decidiu seguir em peregrinação até Jerusalém, legou uma descrição pormenorizada da sua chegada à cidade e dos cuidados despendidos pelos peregrinos. Segundo o cavaleiro, logo após o desembarque no porto de Jaffa, "informam o Guardião do Monte Sião, que envia dois ou três frades ao corregedor de Jerusalém, que traziam o seguro[213] do Sultão para receber os peregrinos."[214] A narrativa do sevilhano sobre sua visita à Terra Santa toma como ponto de partida a descrição de uma série de ações dos poderes locais que visavam proteger de alguma forma os peregrinos; proteção que era apreciada tanto no Levante como nas terras do Poente, devido à visão que se tinha dos peregrinos como forasteiros que careciam de um certo

---

[208] "Esa noche començó a ventar el viento berberisco, que es contrario en aquela costa, porque el puerto de Malaga non es guardado de todos ventos, porque es concha aberta." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.138.

[209] "E esta mar es puerto de amas las ciudades. E tengo que sea el mejor e más fermoso e el más seguro, ca es seguro de tormenta de todos vientos; otrosí es seguro que, desque los navíos allí son, está seguros de nabíos de enemigos, que los no pueden empescer si amas las ciudades fueren en uno. E él es muy fondo e limpio e claro, que la nao mayor o la carraca mayor del mundo puede llegar fasta el muro e poner plancha como si fuesen galeas." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.190.

[210]"[…]que es una de las mejores cosas del mundo; una nao, quan grande puede ser, tiene el esporgidura en tierra con tanto fondo é tan limpio, que mejor non puede ser […]". TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.80.

[211] ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p112-113; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media.** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.229-230.

[212] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media.** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.230.

[213] Provavelmente, o viajante usa o termo "seguro" como um sinônimo para salvo-conduto, termo que ele usa ao longo do texto, quando se refere às permissões que garantiam a segurança daqueles que visitavam certos lugares distantes.

[214] "[…] é quando el navio de romería llega, ya poco más ó menos sabe el guardian de Monte Syon, é embía dos ó très frayles al Adelantado de Jerusalem, que vayan con el seguro del Soldan á resçebir los pelegrinos." TAFUR, 1995, op.cit., p.39.

amparo.[215] A urbe alvo das viagens religiosas encontrava-se sob poder dos mamelucos, mas isso não impedia que a estadia de Tafur, e dos demais peregrinos, fosse assegurada por certos meios. No *Libro del infante*, o autor também buscou registrar como seria a estadia de cristãos na cidade santa, onde os viajantes "encontram grande prazer e consolo" com frades de um monastério. Nesse relato, também é mencionado como existia um "trato" para entrar no Santo Sepulcro, o qual consistia no pagamento de sete peças de ouro por cabeça para poder conhecer o lugar sagrado.[216] Para além da promessa de tolerância que os peregrinos ganhavam na chegada à cidade sagrada, Tafur também quis deixar registrado alguns traços que identificou como propiciadores de conforto aos peregrinos:

> E logo ali estão mouros com seus asnos bem preparados para os peregrinos, e eles cavalgam todo o tempo que estão na terra de Jerusalém, e dão por aquilo dois ducados, e não podem aumentar nem abaixar o preço. E dali o corregedor e os frades vão com os peregrinos à cidade de *Rama*, que é bom povoado, a cinco léguas de Jaffa, e ali fica uma pousada, que fez o Duque Godofredo de Bulhão, quando ganhou o Santo Sepulcro, para a hospedagem dos peregrinos. A pousada é muito boa, com muitos quartos, uns para homens e outros para as mulheres; ali estivemos um dia.[217]

Dentre as coisas vistas, o viageiro achou por bem ressaltar as montarias que os palmeiros podiam alugar para sua estadia na cidade; aluguel este com preço estipulado e que não sofria alterações, assim como a hospedagem oferecida aos peregrinos. Tafur relaciona o prédio a um dos grandes nomes da primeira cruzada, o nobre borgonhês Godofredo de Bulhão (1058-1110). Descreve como o prédio era destinado ao pouso daqueles que iam em peregrinação, oferecendo uma estadia segura para aqueles que buscavam ver a Terra Santa. A atenção dos viajantes para a rede de auxílios destinados às peregrinações não se focava apenas na cidade destino dos peregrinos. Pero Tafur, talvez o viageiro que mais notou esse tipo de fator, descreveu ao longo do seu caminho como, na ilha de Rodes, havia um hospital destinado

---

[215] GALLEGOS, F. La tolerância con los peregrinos en la Europa medieval. **Revista de Inquisición**, Madrid, Nº14, 2010, p.09-14.

[216] "Desque ovimos fecho oración entramos a fazer reverencia al guardián del monesterio, que son doze frailes a remenbrança de los doze apóstoles, y con el guardián eran treze, Y de allí ovo gran plazer y consolación, y de allí ovimos trato cómo pudiéssemos entrar al Sancto Sepulcro, y fue el guardián con nosotros al moro que lo guardava; allí dimos siete pieças de oro cada uno por ver el Sancto Sepulcro." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.15.

[217] "E como el navio llega, los frayles entran dentro con el seguro del Soldan, é sacan todos los pelegrinos en tierra, é entreganlos al Adelantado por escripto, é ellos toman ansí mesmo otro escripto, en tal manera que non pase engano ninguno; é luégo allí están moros con sus asnos bien ataviados para los pelegrinos, é ellos los cavalgan todo el tiempo que están en'la tierra de Jerusalem; é a de dar por el alquile dos ducados, que non se puede cresçer nin minguar más el precio; é de allí el adelantado é los frayles van con los pelegrinos á la çibdat de Rama, que es buen pueblo grande cinco leguas de jafa, é allí está una posada, que fizo el duque Godofre de Bullon, quando ganó la Casa santa, para aposentamiento de los pelegrinos; la posada es asaz buena, de muchos apartamientos, unos para los onbres, ottos para las mugeres; allí estuvimos un dia." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.39-40.

às "gentes que vão para Jerusalém", que oferecia "todas as coisas necessárias, e no seu exterior havia as despensas do comer, e uma igreja com certos capelães, que têm função de ministrar missa aos peregrinos que ali estão [...]".[218] O local descrito, diferentemente das pousadas públicas, pertencia à ordem militar dos cavaleiros hospitalários, que tinha como um dos seus objetivos justamente a assistência aos pobres e aos peregrinos.[219] As peregrinações que eram feitas nas terras do Poente contavam, assim, com uma rede de caminhos e hospedarias bem estabelecidos desde o século XIII.[220] Logo, parecia ser interesse do castelhano ressaltar que, no caminho rumo à Terra Santa, havia locais onde os peregrinos contavam com um auxílio na sua jornada. Contudo, a descrição não se fixava apenas na menção à existência do prédio, mas também em avisar sobre alguns benefícios oferecidos, como: a capela onde eram ministradas as missas e a despensa de alimentos direcionados aos peregrinos.[221] O relato ainda dá conta da diferenciação entre o hospital da ordem e aqueles de origem secular e laica, uma vez que, desde o século XIV, o número de estalagens e pousadas particulares apresentou um aumento considerável.[222] As referências aos locais de pousada e demais pontos de paradas nas descrições das cidades não se restringiam apenas àqueles que se relacionavam com as peregrinações. Tafur, ao elogiar a ilha de Sapienza no golfo de Veneza, cita sua riqueza afirmando que era "terra abastada como a Andaluzia" e possuía "boas pousadas".[223] E quando relata as qualidades do lugar, preocupa-se tanto em fazer uma comparação entre aquele sítio e um lugar conhecido

[218] "Ay otro espital, que es aposentamiento para las gentes que van á Ierusalem, e allí cada uno, seguiu lo meresçe, aposentan, é en él están todas las cosas nesçesarias, fueras las despensas del comer, é una yglesia con çiertos capellanes ti es que tienen cargo de dezir missa á los pelegrinos que allí están; esto se faze por los apartar de los mesones públicos […]." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.38-39.

[219] GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.40; CONTAMINE, P. **War in the Middle Ages**. Massachusetts: Blackweel, 1986, p.75-77.

[220] GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015, p.3; DIAGO HERNANDO, M; LADERO QUESADA, M. Á. Caminos y ciudades en España de la Edad Media al siglo XVIII. **En la España Medieval**, Madrid, Vol. 32, 2009, p.354; MOLINA, Á. L, Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, Nº. 4, 1999, p. 111-126; LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.131.

[221] Estudos que possuem como temas aspectos como as hospedarias e a alimentação mostram que, na maioria dos casos, os viajantes podiam contar com pelo menos uma alimentação básica; ainda mais nos estabelecimentos mantidos pelos poderes eclesiásticos. Para maiores detalhes: FERREIRA PRIEGUE, E. Saber Viajar: Arte y Técnica del Viaje en La Edad Media. In. **IV Semana de Estúdios Medievales**: (coord.) DUARTE IGLESIA, J. I, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.62; VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.42.

[222] GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.41; GONÇALVES, I. **Imagens do mundo medieval**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p.53-62.

[223] "Éste es lugar de dos mil veçinos, la mar lo çerca de dos partes, bien murado é asaz fuerte, aunque llano; muchas huertas de todas frutas é tierra muy abastada á modo del Andaluçia; buenas posadas; la lengua griega; el regímiento de Veneza." TAFUR, 1995, TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.37.

– tática de identificação habitual nos relatos –, como também menciona as pousadas como um dos elementos que compunham a riqueza local.

Os elogios às hospedarias foram correntes nos escritos sobre as viagens tanto para lugares pouco conhecidos, como para reinos mais acostumados. Mostra disso foi a estadia de Pero Niño em Rouen, durante o inverno, quando o cavaleiro ficou alojado "em uma grande e formosa pousada, e seus homens em outras ao redor daquela".[224] A propósito da mesma cidade, Diaz de Games tece elogios aos franceses, ressaltando como uma das suas qualidades era justamente a capacidade de honrar "muito os estrangeiros".[225] Seus atos de hospitalidade, valorizados pelos coevos pela simbologia cristã e valores corteses,[226] são usados pelo narrador como um dos seus principais méritos. Nessa passagem, também é exposto como o cavaleiro, por ser de alto nascimento, bem como líder da missão, teve sua estada separada dos demais, dado que sua posição de destaque social também se mantinha na organização do deslocamento. Os viajantes de extirpe nobre, como Niño, contavam com melhores acomodações durante um translado do que aqueles de baixa estirpe.[227] Os primeiros não apenas tinham um tratamento diferenciado em relação aos seus companheiros, como também, por sua notoriedade, desfrutavam de certas comodidades. Sobre a ocasião em que os embaixadores chegam à ilha de Ibiza, é relatado que, "no dia em que os embaixadores tomaram terra, o governador que representava o rei de Aragão mandou-lhes dar pousada onde estivessem, e enviou-lhes homens e bestas para que viessem à vila."[228] Aqui, o relato dá conta de uma acolhida numa etapa mais próxima da viagem, vinda de emissários do reino de Aragão que mantinha controle sobre parte das ilhas mediterrâneas.[229] Mas a menção a essa garantia de uma acolhida distinta será também corrente em terras distantes. Prova disto é que, quando os embaixadores atravessaram o reino de Soltaniyeh, chegaram a uma localidade de nome *Xahavar*,[230] onde, segundo o narrador:

> [...] os moradores da cidade hospedaram bem os ditos embaixadores e lhes serviram de tudo que precisavam. E estando nesta cidade, chegou um cavaleiro que chamavam de *Baxambeque*, o qual lhes disse que o grande

[224] "Allí fue alojado el capítan, en una grand posada e fermosa, e sus gentes en otras posadas alderredor de aquella." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.268.
[225] "Son francos e dadivosos; aman fazer a todas las gentes. Honran mucho los entrangeros; saben loar e loan mucho los Buenos fechos." Ibid., p. 269.
[226] LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.131.
[227] LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.41; GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.40.
[228] "E el dia que y llegaron, los dichos embaxadores tomaron tierra, e el governador que y estava por el Rey de Aragon mandóles dar posada en que estoviesen, e envióles omnes e bestias en que viniesen a la villa." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 84.
[229] SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **Los Trastámaras y los reys católicos**. Madrid: Gredos, 1985, p.30.
[230] Provavelmente a cidade de Sháhábád localizada no Khuzistão no Irã. Para maiores esclarecimentos: YULE, H. (Ed.). **Cathay and the way thithe**r, being a collection of medieval notices of China. Vol III, Nova Delhi: Asian Educational Services, 2005, p.23.

> senhor o enviava para buscá-los e fazer-lhes muita honra, e lhe ordenou dar a eles tudo que precisassem [...], e lhes enviava para pedir que quisessem ir onde ele estava.[231]

As viagens com finalidade diplomática eram favorecidas devido à sua função. Os embaixadores, assim que se apresentavam, contavam com uma acolhida nas melhores localidades, como casas de nobres e cortes reais, bem como um tratamento diferenciado, incluindo serviços e honrarias que ressaltavam a importância tanto dos viajantes como da sua missão.[232] Os embaixadores castelhanos foram os que mais descreveram essas regalias e recebimentos de cuidados, já que fazia parte do costume mongol essa abertura para os mandatários de reinos distantes; ato esse registrado pelo narrador ao dizer que é "costume desta terra, que se alimentem os embaixadores do senhor que chegam por até três dias, se quiserem ficar".[233] Contudo, eles não foram os únicos que descreveram uma boa acolhida daqueles a serviço de grandes senhores. Pero Tafur descreve sua boa recepção na Corte do rei Janus II (1374-1432), ao passar por Chipre em direção ao Monte Sinai, bem como refere o pedido feito pelo irmão do rei e cardeal do reino para que ele atuasse como embaixador enviado ao sultanato do Egito; pedido a que Tafur responde que "era muito feliz em servir, já que o rei era cristão e da nação da França".[234] Assim, o sevilhano parte em viagem ao Egito como um embaixador desse rei cristão oriental, e descreve como isto lhe garantiu uma recepção honrosa em terras egípcias: "o sultão logo mandou que me hospedassem e me dessem as coisas necessárias".[235] Entre as honras prestadas ao cavaleiro, ele ressalta sua estadia na casa do trugimão-mor do sultão, um judeu castelhano convertido ao islã. Escreve: "fui tão bem tratado em sua casa, que ele me deixou andar entre suas mulheres e filhos, como se fosse seu próprio filho, e disse-me

---

[231] "E fueron a una ciudat que ha nombre Xahavar, la cual ciudad era cercada de una cerca de tierra, e al un cabo d'ella estava un castillo. E los de la ciudat aposentaron bien a los dichos embaxadores e serviéronles de cuanto ovieran menester. E estando en esta ciudad, les llegó mandado de un cavallero que llaman Baxambeque, el cual les dixo qu'el grand Senor le mandava que los tomasen e fiziesen mucha onra, e les mandó otrosi dar lo que avían menester; […] lo que les enviava rogar, que quisiesen ir a él en do estaba". GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.214.

[232] LABARGE, M.W. **Viajeros Medievales**: los Ricos y los insatisfechos, Madrid: Nerea, 2000, p.202.

[233] "E aquí les dieron vianda asaz e lo que ovieron menester, como quier que lo no oviesen por costumbre, ca la costumbre d'esta tierra es que a los omnes embaxadores del Senor, que les den de comer, do quier que llegaren, tres dias, si allí quisieren estar […]" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, op.cit., 1999, p.236.

[234] "[…]el Cardenal me dixo de parte del Rey, como avia sabido que yo queria yr á Babylonia é al monte de Synay, é por quanto el Rey avia de embiar un embaxador sobre fechos suyos al Soldan, que me rogava que yo açeptase aquello, é que echaría grant cargo al Rey en ello, - é yo bien conosçí quel Cardenal avie tenido aquella manera por lo que á mí cumplíe, é respondi, que era mucho contento de le servir por ser rey é xpiano é de la naçion de Francia." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.49.

[235] "El Soldan luégo mandó que me aposentasen bien, é me diesen las coas nesçesarias, é ansí se fizo." Ibid., p. 55.

que esta era a maior honra que ele podia me conceder, e que parecia que eu era de sua nação."[236] Em tal passagem, o cavaleiro parece minimizar as diferenças entre ele e o seu anfitrião, fazendo questão de ressaltar como vinham do mesmo reino. Tafur, ao longo de toda sua viagem, mostra-se, a propósito, muito atento ao encontro com homens que proviessem de regiões mais conhecidas, inclusive a sua própria; de forma que, em mais de uma ocasião, esses encontros com semelhantes asseguraram um tratamento privilegiado.[237]

Os viajantes contavam assim com uma garantia de hospitalidade por parte daqueles com os quais compartilhavam certas parecenças, principalmente em relação a uma posição de destaque. Pode-se notar isto no caso de Pero Niño, que se hospedou na casa do almirante francês Renaud de Trie (?-1406) e foi muito bem recebido, tanto que este insistiu para que "ficasse ali com ele e descansasse alguns dias, pois vinha muito fatigado do mar; e descansou ali três dias".[238] Esse convite do cavaleiro ancião é mais um aspecto da narrativa que serve para mostrar as habilidades sociais de Niño durante sua estadia na França, destacado como exemplo notável da amabilidade a ser praticada entre os nobres.[239] A afinidade e o respeito entre os dois nobres é também ressaltada por desempenharem funções parecidas: a proteção dos reinos por vias marítimas. Esse tipo de mercê podia ser encontrada não apenas em cortes conhecidas, onde os atos de cortesia vinham ganhando mais peso,[240] mas também nos deslocamentos por paragens distantes, como quando os embaixadores de Enrique III, ao atravessarem as terras da Armênia, encontraram um senhor de Castela que os "recebeu muito bem, e teve grande consolo com eles por serem cristãos, e hospedou-os muito bem".[241] Esse anfitrião não recebe os viajantes apenas por terem uma relação com o Tarmelã, mas se mostra feliz em hospedar os embaixadores por compartilharem da fé cristã. Se esses fatores de aproximação ganham um peso considerável na

---

[236] "Yo fui tan bien tratado dél en su casa, dexándome andar entre sus mugeres é fijos, como si fuera fijo propio, é dizíeme que esta era la mayor onrra que él me pudíe fazer, é que bien paresçia que yo era de su nación." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 52.

[237] Para além dessa ocasião, Tafur se hospedou na casa do trugimão do rei de Chipre, um castelhano também vindo da cidade de Sevilha. Ainda durante sua estadia em Pera, ele foi hóspede de um capitão castelhano, em ambas ocasiões é descrito como ele encontrou satisfação e bom tratamento. Ibid., páginas: 52 e 81.

[238] "Él lo rescibió muy bien, e rogole que estivesse allí com él e folgase algunos días, que venía muy travajado de la mar: e folgó alí três días." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victoria**l. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.270.

[239] "E Pero Niño todas las buenas maneras e enseñanças e gentilezas le venían por natura, e simepre usó delas en quanto él bivió; e aún bive ou su fama, e biverá entre los cavalleros e entre los nobles." Ibid., p.270.

[240] QUINTANILLA RASO. M. C. **La Nobleza Señorial en la Corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.79; SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **Nobleza y monarquía entendimiento y rivalidad el proceso de construcción de la Corona española**. Madrid: La esfera de los libros, 2005, p.13.

[241] "E los dichos embaxadores fueron d'este Senor d'este castillo muy bien rescevidos, e él tomó con ellos grand consolación por ser cristianos. E ospedólos muy bien; e díxoles que podia aver fasta quince anos que Jança Miraxan, su sobrino del tamurbeque, un su grand privado, que le enviara dezir que lo quisiese acoger en aquel castillo, que queria poner allí su tesoro, e qu'él le respondiera que lo no acogería en él, mas si tesoro tenía para guardar, que gelo diese, qu'él ge lo guardaria bien; e que nunca más sobre ello le requinera." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.195.

obtenção de certos auxílios ao longo da viagem, a descrição de recebimento dos viageiros em cortes alheias é, em contrapartida, igualmente presente nos relatos. Quando o infante D. Pedro e seus companheiros chegam à Corte do sultão da Babilônia e são recebidos pelo filho do sultão, este manda-lhes hospedarem-se ali, "pois queria ouvir notícias do rei e saber se era tão grande quanto diziam". [242]

O papel dos viajantes como portadores de notícias de outras terras, bem como uma certa simpatia que o rei castelhano gozava naquelas paragens, assegura a hospedagem na Corte babilônica bem como outras benfeitorias do filho do sultão, que mandou que não pagassem "salvo conduto por amor ao rei da Espanha" e ainda deu-lhes "quatro mil peças de ouro" e sua permissão para partirem.[243] Esta passagem é ilustrativa de um aspecto importante para aqueles que viajavam por terras alheias, a saber, a permissão de passagem e a garantia de segurança que apenas os soberanos das terras poderiam oferecer aos viandantes. Ao longo de todo o relato sobre as idas do infante para terras a leste foi quase obrigatória a menção do pedido de salvo-conduto em cada cidade ou reino por onde passam, havendo a preocupação do escritor em diferenciar os reinos mais acessíveis, como a Babilônia, na qual os salvo-condutos eram uma gentileza, e os reinos mais fechados, como no reino de "Saba", onde o rei os prende e pede que paguem uma quantia de "26 peças de ouro" por cada homem que desejasse passar.[244] Fosse como fosse, esses salvo-condutos deveriam garantir a livre passagem dos viajantes por outras terras. Embora as menções a essas permissões por escrito não apareçam com tanta frequência nos outros relatos, os quatrocentistas se mostravam bem atentos a aspectos que asseguravam sua passagem ilesa por outras paragens. Tafur, por exemplo, descreve como, ao pedir permissão de Constantino Dragase (1404-1453)[245], irmão do imperador João Paleólogo VIII (1392-1448), para ir ver as terras do império otomano, ele é enviado junto com "uns genoveses que estavam comerciando suas coisas". Dragase mandou-lhes que o "encaminhassem de uma forma que pudesse ir ao Turco, ver sua pessoa e voltar sem perigo".[246] Neste caso, a posição social do

[242] "E allí mandonos que posássemos que quería oír nuevas del rey león a ver si era tan gran cosa como dezían […]" **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.14.

[243] "[…] y detúvonos allí cuatorze días contándole nuevas de Poniente, y allí dixo Garcirramírez que fuesse su merced de darnos licencia para adelante y mandó que no pagássemos salvoconduto por amor del rey león de España y mandonos dar cuatro mil pieças de oro, e partímonos con su licencia." Ibid., p.14.

[244] "[...]mandó que pagássemos nuestro salvoconduto que eran XXVI pieças de oro y nos fuéssemos con la bendición del Criador." Ibid., p. 21.

[245] Que se tornaria em 1449 o imperador Constantino XI Paleólogo.

[246] "[…]é el Senor mando luégo por unos ginoveses que allí estavan faziendo su mercaduría, é mandóles que me encaminasen en manera que yo podiese yr al Turco é ver su persona é estado é bolver sin peligro." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 88.

cavaleiro contribuía para que eles seguissem sua viagem em segurança, uma vez que contava com o apoio de pessoas importantes nas outras terras.

Para além dessa garantia vinda das condições sociais, os viajantes descrevem medidas que possibilitavam outras formas de franqueamento de sua passagem. Em Jerusalém, Pero Tafur descreve uma disputa entre seus companheiros e mouros que cobravam tributo para que os viajantes tivessem acesso à igreja, onde teria ocorrido o milagre de Lázaro. Tafur menciona como o mouro que os acompanhava disse que não pagariam, "pois não era costume". A discussão transforma-se em um embate físico, com o ferimento do guia, mas os cristãos conseguem subjugar os agressores e levam os malfeitores "diante do corregedor, o qual fez uma pesquisa e mandou matar – logo cortaram a cabeça – e açoitar os que estavam presos".[247] Na ocasião, por mais que Tafur tomasse partido, como era esperado de um nobre que valorizava a virtude da justiça,[248] os prejudicados buscam o intermédio de um representante do poder local, e alcançam a compensação contra a injúria sofrida, o que também representava uma forma de busca por reparação aceita no período.[249] No *Libro del infante Don Pedro*, o narrador inclui uma passagem semelhante em que, passando pela cidade de S. João,[250] os viageiros presenciam um mouro agredir um "cristão romeiro". A agressão é repreendida pelo sultão, que mandou que o agressor fosse "pendurado pelas axilas", justificando sua ação como uma forma de prover "justiça aos peregrinos", caso contrário, "ninguém iria à terra de Jerusalém".[251] Para além dessas ações descritas como resposta a afrontas aos caminhantes, os relatos descreveram aspectos que ratificavam a segurança dos viandantes. Os embaixadores presenciaram essas

[247] "Otro dia de manana bolvimos al castillo de Magdalo é el Adelantado quedóse atras andando á caça, é encomendónos á un Cavallero suyo, el qual nos acompanó fasta en la yglesia donde fué resusçitado Lázaro; é el alcayde de allí demandónos çierto tributo, é el moro que nos llevava respondió que non se pagaria, que jamás non fué costumbre, é tanto estuvieron en quistion, que el alcayde e los suyos tomaron armas contra el nuestro Cavallero é aun lo firieron; pêro nosotros lo acotrimos bien, é ferimos bien quantos de los moros é prendimos al alcayde é algunos de los suyos, é truximos los delante el Adelantado, el qual allegava entonçe, é fizo su pesquisa é mandólo matar -luego le fué cortada la cabeça - é açotar á los que yvan presos; este dia estovimos alli fasta la tarde, é fuemos á dormir á Jerusalem." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.45.

[248] A Justiça fazia parte das quatro virtudes cardinais, sendo a responsável, segundo Gutierre Diaz de Games, pela restituição das coisas a seu devido dono e lugar, por dar a cada um sua devida honra e tributo, e amar a Deus acima de tudo. Dela surgiria a misericórdia e a piedade, sendo assim uma das qualidades imprescindíveis para os cavaleiros, que tinham como uma das funções a proteção dos mais fracos. Para maiores detalhes: DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.07-10.

[249] CAETANO, M. **História do direito Português**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1992. p.248.

[250] Possivelmente São João do Acre.

[251] "Estando con él en aquella ciudad, cavalgó un día de Sant Juan y nosotros fuemos con él por la ciudad y ivan con él cavalgando fasta cuarenta mil cavalleros, y ívanle guardando fasta tres mil helches, y en par dél ivan por lo ver algunos romeros christianos, y llegose un moro cavalgando, que era criado del rey de Tremecén, y dio una bofetada a un christiano romero, e súpolo el Soldán, e desque venimos por allí a la buelta hallamos al moro tapiado fasta los sobacos, esto mandó fazer el Soldán, diziendo que si no mandasse guardar a los peregrinos justicia, no passaría ninguno a tierra de Jerusalem." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p. 17-18.

ações ao longo dos caminhos que levavam a Samarcanda. Certa vez, um castelo que outrora abrigava "ladrões e homens que roubavam os caminhos", foi tomado pelo Tarmelã por força e ele executou o antigo dono, ordenando que sua mulher "jamais acolhesse nele malfeitores".[252]

O jugo de Tarmelã sobre suas terras é descrito pelo narrador como um dos elementos que favoreceram o deslocamento, pois a paz nos caminhos dependia intimamente da autoridade desse senhor sobre a organização local por meio da força.[253] O comando de Tarmelã sobre as vias gerava outros benefícios para além da segurança justa, como o sistema de suporte e suprimentos ao longo das rotas, citado mais acima. Dentre todas as menções aos suportes encontrados nos relatos, a ordenação encontrada pelos castelhanos nas terras tártaras se destaca. O narrador registra que aqueles que auxiliavam ao longo do caminho "não faziam isto apenas por embaixadores", mas que era uma atitude prestada a qualquer um que seguisse "com mensagem ao Senhor". Menciona, ainda, que isto ocorria por todos seguirem as ordens de Tarmelã sem discordâncias, dado que "eles tinham tão grande medo do Senhor e dos seus em todas as suas terras, que era maravilha".[254] A rede de auxílios que os embaixadores, e demais viajantes, poderiam contar era, nesse sentido, uma extensão do poder que o senhor exercia sobre suas terras e povos, sendo este respeito algo digno de espanto e admiração para os visitantes.

A organização e proteção que os castelhanos tiveram na ida destoou, entretanto, do caos presenciado na sua volta, logo após a morte de Tarmelã, quando as rotas de saída do império começaram a ser ameaçadas por tumultos internos.[255] Os embaixadores fizeram retorno com ajuda de um dos homens de Tarmelã que "por honra do rei seu senhor, e por ter servido Tarmelã", prometeu "que os guiaria por outro caminho seguro".[256] A menção a esta escolta

---

[252] "Otro dia, viernes, partieron de aqui e fueron dormir a un castillo alto que estava encima de una alta pena, el cual castillo era de una duena mora que era tributada al Tamurbeque con este castillo e con otra tierra que ella tenía. E en este castillo solía aver ladrones e omnes que solían rovar a los caminos. E el Tamurbeque veno sobre este castillo e entró por fuerça e mató al Senor, que era marido d'esta duena. E mandó que nunca jamás acogiese en él malfechores." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.191.

[253] CONTAMINE, P. **War in the Middle Ages**. Massachusetts: Blackweel, 1986, p.238-239.

[254] "E no tan solamente fazían esto por los dichos embaxadores, mas cuando alguno va con cualquier mandado al Senor, d'esta manera fazen, ca dizen que, sobre cumplir mandamiento del Senor, deven matar e penar a quien quisieren; e no haya quien ge lo contradiga, salvo callar a cualquier cosa que faga aquel que con mandato del Senor va, aunque sea el menor de la hueste del Senor. E con esto tenían tan grand miedo del Senor e d'los suyos en toda su tierra, que era maravilla." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.232.

[255] O Relato da *Embajada* descreve como imediatamente após a morte de Tarmelã, o império sofreu com as investidas do antigo vassalo de Tarmelã, Kara Othmá, líder da horda do carneiro branco, e com a tentativa do neto Tarmelã, Homar Miraza o imperador do reino de Soltaniyeh, de se apoderar do trono no lugar do seu pai, Miraxan Miraza. Ambas as situações causaram certa instabilidade dentro dos domínios timúridas. Para maiores detalhes: Ibid., páginas: 325 a 353.

[256] "E desí dixiéronle su negocio, e él les dixo que Caraotoman estava en tierra de Arzinga, por do ellos avían de ir, e que andava faziendo mal, mas que por honra del Rey, su senor, e por servido del Tamurbeque, a quien ellos avían venido, que les guiaria e faria levar por otro camino seguro; e a los embaxadores de la Turquia enviaria por otro camino." Ibid., p.349.

ressalta tanto o prestígio dos viajantes e seu rei como o respeito do cavaleiro mongol pelo poder do falecido líder, para o qual prestava um último serviço.

A visão negativa sobre a falta de mando sobre as terras pode ser igualmente notada no diálogo entre Niccolò di Conti e Pero Tafur, tanto pelo aviso do fechamento dos caminhos, após o falecimento do mongol, como pela tentativa de dissuadir Tafur a ir por aquelas terras, dizendo-lhe: "peço-te por Deus, e pelo seu amor por ele, [...] que não se atreva em tão grande loucura, porque o caminho é muito longo, trabalhoso e perigoso, de gerações estranhas e **sem rei e sem lei**." Conti ainda ressalta que: "Sem senhor, como passaras sem salvo conduto, quem temerá aquele que quiser te matar?"[257] Os motivos elencados no tratado de viagens de Tafur como impeditivos para o prosseguimento de suas andanças são advindos da ausência de um mandatário mor das terras que garantisse a ordem e a justiça por meio do poder.

A descrição dos lugares visitados por esses viageiros nobres apresentava um mundo onde todas as terras possuíam donos.[258] A ausência de um poder maior que ordenasse as terras gerava caos, insegurança e incerteza quanto a qualquer forma de auxílio. Essa dúvida acerca de possíveis garantias fazia com que o deslocamento se tornasse inviável, como Tafur bem quis registrar com a conclusão de Conti de que, se não "fosse voando, seria impossível chegar lá"; e ele, vendo o "grande amor e boa humanidade de natureza" que o movia a aconselhá-lo, bem como a possível veracidade do que dizia, mudou seu propósito.[259]

Os meios de sustento e auxílios para as viagens mostram-se, como foi aqui examinado, tema incontornável para os viajantes que se ocuparam em registrar suas experiências de viagem. Conquanto a atenção às formas de sustento naturais fosse uma preocupação, conferindo um caráter de utilidade aos relatos, é notório que grande parte dos viajantes tinham que contar com a ajuda de outros povos. Essa relação com as gentes mostra principalmente o reconhecimento de certos valores dos cristãos nas outras terras, fosse pelos tipos de suportes que se relacionavam a um modo de viagem ou viajante específico – como os peregrinos e embaixadores –, fosse pela relação entre os auxílios oferecidos e os senhores das terras. Em qualquer das situações, havia uma predileção pelos locais onde houvesse algum tipo de ordem vigente, na qual o viajante poderia se amparar ao percorrer as longas distâncias.

---

[257] "yo te ruego por Dios é por el amor que te e, pues eres xpiano é de la tierra donde yo soy, que non te entremetas en tan grant locura, porque el camino es muy largo é trabajoso e peligroso, de generaciones estrañas sin rey é sin ley é sin señor; é cómo pasarás tú sin salvo conduto, ó á quién temerá el que te quisiere matar?" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.61. grifo nosso.

[258] LOPES, P. C. A concepção do espaço no Livro do Conhecimento. **Memoria Europae**, San Juan, Nº I/1, Vol,1, 2015, p.05.

[259] "[…] é á la fin concluyó, que si yo non pasava volando imposible era llegar allá; yo vi bien que grande amor é buena humanidat de la naturaleza le movió á me consejar, é áun porque bien paresçía verdat lo que dizia mudé de mi propósito." TAFUR, 1995, op.cit., p.61.

Capítulo 3: Perigos e dificuldades no caminho e na estada

No trecho da crônica do rei Juan II de Castela, quando o narrador menciona a viagem dos cavaleiros Gutierre Quexada e Pero Barba, que Tafur encontrou na cidade de Veneza, é informado que esses teriam saído daquele reino rumo a Jerusalém, logo após Quexada ter se comprometido a travar uma justa na Borgonha.[1] Ao se referir à peregrinação, o cronista afirma que "não foi pequeno o erro destes cavaleiros" em seguir para a Terra Santa, depois de Barba ter jurado travar um combate com outro nobre, uma vez que um cavaleiro não deveria se colocar em situações que poderiam trazer-lhe algum "perigo, até suas armas serem cumpridas", pois, "se algum perigo ocorresse no caminho", ambos receberiam para sempre "uma grande reprovação" daqueles versados nos "feitos de armas."[2] Mesmo que fosse por um motivo devocional, a atitude dos dois cavaleiros é descrita em tom de desaprovação, dado que os possíveis riscos do deslocar poderiam ocasionar a não realização do embate marcado.

Um ano antes da partida dos cavaleiros da Corte de Juan II, Pero Tafur também se dirigiu à Terra Santa, mas antes visitou Bolonha a fim de "demandar licença ao Papa para ir a Jerusalém". Esta foi-lhe concedida, e ele recebeu do pontífice, igualmente, a "sua benção" e uma "bula de absolvição plenária em artigo de morte".[3] Tal passagem mostra os cuidados espirituais que os coevos tomavam quando planejavam certas andanças, como a peregrinação à Terra Santa.[4] O sevilhano relata como foi beneficiado pelo Papa Eugênio IV (1383-1447) com

---

[1] Como já mencionado no primeiro capítulo, estes nobres tinham se comprometido a travar um torneio com os filhos do conde de Saint-Pol, Pedro de Luxemburgo.

[2] "En este tienpo saliéron deste Reyno dos caballeros, el uno llamado Gutierre Quexada Señor de Villagarcía , y el otro Pero Barba, los quales llevaban cierra enpresa, los capítulos de la qual embiáron á la corte del Duque Felipo de Borgoña, señaladamente requiriendo á dos caballeros muy famosos hijos bastardos del Conde de San Polo, el uno llamado Micer Piérres Señor de Haburdin, y el otro Micer Jáques, los quales recibiéron su requesta, é fué asignado término para cumplir las armas, de lo qual diéron sus sellos.Y en tanto que aquel término llegaba, Gutierre Quexada é Pero Barba tomáron su camino para Jerusalem , en el qual se desacordáron, é Pero Barba se volvió en Castilla, é Gutierre Quexada cumplió su romería, é volvió en Borgoña al tiempo asignado para hacer las armas: é no fué pequeño error destos caballeros , dexando enprendido hecho de armas irse á Jerusalem ; porque todo Caballero que tiene enprendido algunas armas, no se debe poner en cosa en que peligro le pueda venir, hasta sus armas ser cunplidas, salvo en se ensayar é probar sus caballos é armas, é hacer las cosas que al caso se requieren. E sin dubda si algun peligro en el viage acaeciera á estos caballeros, quedárales para siempre gran reproche entre aquellos que algo saben en hechos de armas." PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon.** Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779, p.352.

[3] "Parti de Florençia é fui por las Alpes de Pystoya por muchos é buenos lugares fasta llegar á Bolona, do fallé al papa Eugénio; é allí rescevi grand honor de los Castellanos que allí estavan ansí perlados como Cavalleros, los quales me acompanaron cuando fui á demandar liçençia al Papa para yr á Jerusalem; é me la dió, é su bendición, é me dió bula de absoluçion plenaria en el artículo de la muerte." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.23.

[4] WEBB, D. **Pilgrims and pilgrimage in the medieval West**. London- New York: IB Tauris, 2001, p.84.

uma indulgência plenária *in articulo mortis*, a qual salvaguardaria a remissão dos pecados em caso de morte sem a possibilidade do sacramento da confissão. Esse tipo de indulgência foi relativamente recorrente durante o Quatrocentos, sendo prevista tanto em casos de peregrinações como de viagens que rumavam a outros tipos de destinos.[5] Era, assim, uma forma de garantir a salvação da alma daqueles que se ausentavam dos locais costumeiros por alguma razão digna.

A apreensão com a possibilidade de se perder a vida ao longo de um translado não se restringia apenas ao caso das peregrinações. No relato sobre as viagens do infante D. Pedro, Gómez de Santisteban descreve a vontade do nobre de partir do monastério de Santa Catarina, onde estavam hospedados. Ao saber dos planos dos castelhanos, o prior do monastério pede para que não partam sem antes comungarem e, devido ao fato de se dirigirem à "terra dos infiéis", são-lhes oferecidos uns tipos de mantos benditos,[6] que deveriam ser usados, caso "algum morresse", para enterrar aquele que falecesse.[7] De forma semelhante à bula com a qual Tafur foi beneficiado, Santisteban mostra como os viajantes despertavam a solicitude dos monges para garantir um enterro cristão em terras infiéis. Tanto o julgamento negativo da crônica sobre a peregrinação de Pero Barba quanto os amparos à alma dos companheiros do infante mostram como os perigos eram um elemento de grande peso e reincidência nos deslocamentos às terras longínquas.[8] Vagar por outras paragens, embora fosse uma atividade corrente entre nobres e cavaleiros, demandava, em muitas medidas, ter ciência do alto grau de periculosidade que se presenciaria ao longo dos caminhos. Os homens que partiam em viagem

---

[5] Existem relatos de que o papa Benedito XIII (1328 -1423) ofertou esse tipo de indulgência tanto para aqueles que participaram da conquista das ilhas das Canárias quanto para alguns religiosos que seguiram para as ínsulas entre 1416 e 1417. Esse indulto também foi ofertado por Eugenio IV(1383 -1447) aos cristãos que se dirigissem a Ceuta após a conquista pelos portugueses. ROJAS DONAT, L. La potestad apostólica *in spiritualibus* en las bulas ultramarinas portuguesas del siglo XV. **Temas Medievales**, Buenos Aires, Vol. 15, 2007. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0327-50942007000100007&lng=es&nrm=iso. Acessado em 15/ 01/ 2018; RUMEU DE ARMAS, A. Colección de Bulas y Letras expedidas por los Pontífices Benedicto XIII, Martín V, Eugenio IV y Nicolás V promoviendo la primera cristianización de las Islas Canarias. La Diócesis de Rubicón. **Anuario de estudios atlánticos**, Nº. 52, Las Palmas de Gran Canaria, 2006, páginas: 06 e 10; MARQUES, J.F. Os mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a evangelização portuguesa no Norte de África até ao século XVI. In Congresso internacional Bartolomeu Dias e a sua época Vol. V, **Ata de Congresso**, Porto: Universidade do Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses ,1989, p.357.

[6] O relato usa o termo "Saya" que seria uma espécie de manto ou casaco. Para maiores detalhes. Saya. In. COROMINAS, J. **Breve dicionário etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1987, p. 527.

[7] "[...] que su voluntad era de ir adelante, y demandamos licencia al Prior y dixo que pues nuestra voluntad era de ir adelante, que no partiéssemos fasta que comulgássemos y díxonos: -Cata que avéis de passar por la tierra de los infieles y vosotros sois treze, porque si alguno muriere, llevad de aquí treze sayas benditas en que entierren al que fallesciere. /" **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.22

[8] Alguns autores chegam a colocar os perigos e dificuldades como aspectos fulcral e definidores da prática da viagem dentro do período medievo. Para maiores detalhes: CASTELNUOVO, G. Difficoltá e pericoli del viaggio. In. GENSINI, S. (Ed.) **Viaggiare nel medioevo**. Pisa : Pacini, 2000, p.447; ROUX, J.P. **Les explorateus au moyen âge**. Paris : Éditions du Seiul, 1967, p.87.

sujeitavam-se a uma gama de riscos advindos tanto do meio natural quanto dos povos com os quais entravam em contato durante os caminhos.[9] Assim, para finalizarmos este percurso pelas viagens de outrora, vejamos os tipos de fadigas e reveses mencionados, pois os contratempos que se colocavam entre os nobres e seus destinos contribuem para a observação das condições do transitar pelo mundo naquele período, com ênfase sobre as menções acerca de como os viajantes se portavam frente às adversidades que surgiam ao longo do caminho.

3.1 Agressões e ataques

Depois de, no capítulo anterior, terem sido esmiuçadas as formas de amparo e condições de segurança de que dispunham os viajantes, em especial nas travessias por lugares habitados e com algum poder e ordem estabelecidos, vale examinar como, em certos lugares, a garantia de assistência por vezes cedia espaço para as ameaças à segurança, dependendo de certas circunstâncias.

Um dos motivos pelos quais se deveria ter cautela com algum povo era a falta de um senhor. Pero Tafur descreve esse receio quando registra seu encontro com Niccolò de Conti, e volta a enfatizar a questão quando chega às imediações da colônia genovesa de Caffa. Nessa ocasião, alude que, por mais que tivesse vontade de conhecer as terras tártaras, tinha sido aconselhado a evitar aquele território por não ser "seguro", devido às "gentes" que andavam "soltas, sem obediência de um Senhor".[10] Posteriormente, descreve mais detalhadamente suas próprias ressalvas em seguir pelas bandas dominadas pelos mongóis,[11] afirmando que, além das terras e populações estarem em decadência, e os alimentos não serem habituais, os povos tártaros eram selvagens e maldosos na ausência de um líder. Logo, encerra sua observação, afirmando que "tanta é a bestialidade e deformidade desta gente que de boa vontade eu abri mão do desejo que teria de ir adiante".[12] Entre todos os relatos analisados, essa passagem do

[9] CASTELNUOVO, G. Difficoltá e pericoli del viaggio. In. GENSINI, S. (Ed.) **Viaggiare nel medioevo**. Pisa: Pacini, 2000, p. 447.

[10] "Yo trabaxé quanto pude por yr por la tartaria, pero fui consejado que non lo devia fazer, porque non seria seguro de las gentes que andan por los campos, sueltos, sin obediençia de Senor[...]." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 94.

[11] Estas terras tártaras a que Tafur se refere correspondem ao território que posteriormente iria ser designado como o Canato da Criméia, remanescente da Horda de Ouro, derrotada por Tarmelã entre 1389 e 1395. Desde a queda do último líder da Horda, o Cã Toctamix (1342-1406), essa porção tártara buscou alcançar autonomia domínio de outras hordas, como a que se estabeleceu nas regiões russas. Muito possivelmente, quando Tafur menciona a falta de um senhor destas terras ele se refira a ausência de uma relação com um reino maior, bem como pelo esfacelamento do império timúrida que dominava a oriente próximo. Para maiores detalhes, ver: SPULER, B. **Les Mongols dans l'histoire**. Paris: Payot, 1961, p.124.

[12] "E mucho quisiera yo tenerme en estas terras, mas por ser gentes bestiales é por los mantenimientos non ser conformes á mi naturaleça, é porque es como çerradura quasi á la índia mayor, que es imposible de yr, é en las otras tierras non ay que ver sinon gentes destruydas é gastadas, éstos los xpianos que dixe, por la maleveçindat de los tártaros, é por mengua de non tener Senor que los defendiese, é ansí pasan fasta que Dios los provea[...] Tanta

viajante sevilhano é uma das únicas a admitir mudanças de trajetos no decorrer da viagem. Nesse trecho, Tafur relaciona a desistência em seguir pelo caminho planejado à selvageria dos povos que encontraria caso adentrasse seus territórios. A forma como o castelhano refere-se aos tártaros se assemelha em certos aspectos a algumas das descrições cristãs dos primeiros contatos com os povos das estepes.[13] Apesar de mencionar a deformidade dos mongóis como algo que lhe causava estranhamento e temor,[14] o cavaleiro afirma que a insegurança se explicava pela ausência de um poder maior que guiasse aquele povo, que, por sua vez, sucumbia num estado de bestialidade.

A falta de organização dos reinos despertava a desconfiança dos viajantes.[15] Esse temor em relação aos tártaros destoa, entretanto, da exposição positiva que é encontrada no *Embajada a Tarmolán*, que apresenta, na ida dos embaixadores, um povo extremamente receptivo e acolhedor sob as ordens de Tarmelã. Contudo, durante o retorno dos enviados – que ocorre no ano de 1405, logo após o falecimento do governante – nota-se uma diferença. O relato descreve uma situação caótica, com as regiões tomadas por rebeliões e disputas por poder. Dentre os riscos mais acentuados na narrativa, o mais evidenciado é a incerteza que se abateu nos caminhos devido às investidas de Kara Othmá, antigo vassalo de Tarmelã, que assolou o território timúrida com suas hordas.

O relato apresenta, nessa parte, um informe detalhado acerca de como os viageiros tentaram ao máximo fugir daquela "terra que estava alvoroçada" tanto em razão das ações de

---

es la bestialidat é deformidat de aquesca gente, que de buena voluntat yo abri mano del deseo que tenía de ver adelante, é tomé la buelta á la Greçia é parti de Cafa, recogidas todas mis cosas." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.95.

[13] A princípio, os cristãos da Europa encararam o surgimento dos tártaros com grande suspeita e temor, uma vez que as primeiras notícias sobre esses povos, em meados do século XIII, tratavam sobre o terror que esses povos incutiram na cristandade. Dado a ferocidade dos mongóis em incursões sobre o território cristão, como a conquista da Hungria e as incursões da fronteira germânica. Durante esse momento as visões sobre os tártaros se ligavam a profecias do apocalipse, e a sua descrição chegava a relacionar eles a bestas e inumanos, selvagens, devassos e canibais também eram visões comuns. As nuanças negativas começaram a mudar a partir de maiores informações sobre os mongóis, feitas por religiosos como Giovanni da Pian del Carpine e Guilherme Rubruck, que de certa forma abrandaram a escatologia dos hábitos tártaros. GONÇALVES, R. A. **Cristãos nas terras da Cã**: as viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XVI. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.103-106; KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 54-57.

[14] Segundo alguns autores as deformidades e os aspectos grotescos não eram entendidos durante o período como algo totalmente negativo, ou mesmo perigoso, uma vez que mesmo esses fatores estéticos faziam parte da criação divina. Logo não cabia aos homens duvidar, ou julgar, a criação e seus mistérios. Para maiores esclarecimentos: KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.295-298; HERNANDEZ, P.C. Monstruos, prodigios y maravillas en los viajes de Pero Tafur. **Medievalista on line**, Lisboa, Nº. 20, 2016, p.07. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-740X2016000200006&lng=pt&nrm=iso Acessado em 25/06/2016.

[15] MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, N.º 25, 2012, p. 265.

Kara Othmá quanto das "outras gentes que vieram para ali fugindo com seu gado".[16] Os apreensivos embaixadores tentaram seguir seu caminho, buscando sempre saber qual era o estado das coisas à frente, como quando é relatado que "tiveram novas notícias de que Kara Othmá estava com sua horda naquele caminho que seguiam". Ao serem informados do que os esperava, o narrador afirma que partiram logo dali.[17] O temor dos viajantes cessa apenas quando, pelo senhor da Armênia, lhes foi cedido um guia, que os "levou pelo caminho da *Gurgania*",[18] abandonando "o caminho de *Arzinga*", tomado na "ida".[19] Como aludido no capítulo anterior, essa instabilidade fez com que os emissários tomassem uma atitude semelhante à de Tafur, evitando trilhar pelo caminho que se encontrava sob desordem e buscando uma nova rota por onde seguir. Essas duas menções a alterações do roteiro demonstram um temor comum acerca de situações desgovernadas das populações estrangeiras, do risco de transitar por uma terra sem um senhor poderoso e digno que submetesse os súditos e provesse justiça ao lugar.

Para além desses momentos pontuais de incertezas, o ato de transitar entre reinos alhures trazia outras inquietações que demandavam certas precauções, como quando os embaixadores, durante o seu retorno, se preparavam para partir da cidade de *Tabriz*. Nessa ocasião, é citado como os enviados de Enrique, além do guia que levavam, iam acompanhados por uma "caravana de duzentos cavalos", que seguia para a Turquia em comboio, dado o receio de haver "ladrões" no caminho[20] – riscos dos mais comuns para aqueles que viajavam. Os roubos e assaltos constituíam grande preocupação ao longo das viagens,[21] como se deduz da predileção dos nobres em seguir acompanhados enquanto percorriam uma zona tida como perigosa. Todavia, nem sempre os viajantes dispunham de informações preliminares sobre os lugares por onde passariam. Na verdade, os coevos contavam, nesse período, com ferramentas pouco

[16] "E toda esta tierra estava alboroçada de Caraotoman e de otras gentes que venían allí fuyendo con sus ganados." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.351.
[17] "E estando aqui, ovieron nuebas ciertas que Caraotoman estava con su hueste en aquel camino que levavan, e ovieron su acuerdo de tornar aquel camino de Aunique. Este consejo fue provechoso para los dichos embaxadores. E partieron luego de aqui, e andudieron cuatro dias e cuatro noches por yermo." Ibid., p.351.
[18] Seria o territorio que compreende o país da Europa oriental da Geórgia.
[19] "Martes, ocho dias de setiembre, partieron de aqui, e con ellos un chacatay que los avia de levar por mandado de aquel Senor de Aunique; e levólos por el camino de Gurgania, e dexaron el camino de Arzinga, por el que avían ido a la ida, a la mano ezquierda." Ibid., p.351.
[20] "E con ellos iva el chacatay que los avia de guiar. E llegóse a ellos una caraba de dozientos cavallos que ivan cargados de mercadurías, que ivan a la Turquia, a la ciudad de Busa por ir en su compañía, por rezelo que avían de ladrones". Ibid., p.346.
[21] CASTELNUOVO, G. Difficoltá e pericoli del viaggio. In. GENSINI, S. (Ed.) **Viaggiare nel medioevo**. Pisa: Pacini, 2000, p.449; WEBB, D. **Pilgrims and pilgrimage in the medieval West**. London- New York: IB Tauris, 2001, p.83.

descritivas sobre outras terras e povos,[22] que os ajudavam a prever o que enfrentariam. Logo, em muitas ocasiões, os relatos mostram como os homens eram pegos de surpresa por contratempos oferecidos pelas populações e indivíduos autóctones das bandas por onde passavam. Ainda no *Embajada*, durante o percurso de ida em direção a Sarmancanda, é descrito como os viajantes, ao deixarem o império de Trebizonda, atravessaram uma zona montanhosa passando por um trecho estreito onde havia um castelo, e não havia ali outra passagem "salvo esta". Neste ponto, os nobres são abordados por homens do dito castelo, que tentam confiscar as coisas que estavam em posse dos embaixadores. Ao presenciar tal situação, o narrador afirma que aquele era um ponto de encontro de "ladrões e homens maus", e que o caminho que tinham trilhado não era usado, a não ser por mercadores que podiam oferecer "grande presente ao Senhor daquela terra e a seus homens."[23] Diante desse contratempo, o emissário mongol tenta negociar com os ladrões, dizendo que os cristãos, bem como suas posses, estavam sob a proteção de Tarmelã; assim, deveriam "ir seguros por aquela terra".[24] As conversações, contudo, mostraram-se infrutíferas, e os viajantes acabaram por ceder, pagando o tributo cobrado com alguns tecidos e uma taça de prata. Não obstante, o senhor do castelo mostra-se ganancioso, exigindo que "lhe dessem mais" e, por mais que tentassem com "cortesia" convencê-lo, o extorsionário afirma que seria mais "conveniente darem o que lhes era exigido". Para tentar contornar, os embaixadores lhe oferecem mais um tecido para sanar o imbróglio rapidamente, dada a aflição dos castelhanos, que "queriam partir dali logo".[25] O episódio, narrado minuciosamente, denuncia como convinha que os escritos sobre andanças por terras

[22] CROSBY, A.W. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental - 1250-1600. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p.99-100.

[23] "E en toda aquella tierra no ha otro paso, salvo este. E del dicho castillo salieron omnes que demandaron a los dichos embaxadores algo e derecho por las cosas que llevavan. E este castillo es eso mesmo del dicho Cavasica; en el cual castillo acostumbran siempre estar ladrones e malos omnes, e el Senor es otro tal. E este camino no se usa andar, salvo cuando van muchos mercaderos en uno, que dan gran presente al Senor de aquella tierra e a sus omnes." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 170.

[24] "E los dichos embaxadores les dixieron que ellos no eran mercadores, salvo embaxadores de su Senor, el Rey de Espana, que los enviava al Senor Tamurbeque, e que ellos no tenían otra cosa, salvo aquello que llevavan al Tamurbeque. E otrosí el embaxador del Tamurbeque que y estava, le dixo que bien savía en como el Emperador de Traspisonda era senor de aquella tierra e que era vasallo del Tamurbeque, e que aquellas cosas que allí llevavan e ellos, que eran del Tamurbeque e que devían ir seguros por aquella tierra." Ibid., p.171.

[25] "Por ende, de todo en todo les convenía de lo dar lo que les demandava. E los dichos embaxadores, veyendo su voluntad, tomaron un pedaço de escarlata que levaban e una taça de plata, e el embaxador del Tamurbeque diole una ropa de escarlata, forrada en florencia, e una pieça de lienço delgado. E no se contento con todo ello, e demandóles que le diesen más; e por cuantas buenas palabras le dixieron de cortesia, no les valió, que todavia les dixoque les convenía de dar lo que les demandava, ca despendían palabras. Por lo cual ovieron de comprar de un mercadero que y iva una pieça de chamolote e diérongelo. Estonces fue contento, e no bien, pero díxoles qu'él estava presto de los guardar de allí adelante o de los fazer poner en tierra de Arzinga, que era del senor Tamurbeque, e les daria cavallos en que fuesen e levasen lo suyo. E los dichos embaxadores quisieron luego de allí partir, mas no pudieron, e alquilaron allí cavallos para levar lo suyo fasta tierra de Arzinga e omnes que los guardasen e levasen." Ibid., p.172.

estranhas contivessem alguns avisos sobre inconveniências que poderiam surgir no contato com certos indivíduos durante os traslados, tais como agressões e ardis; seguidos estes avisos de explicações e julgamentos sobre as ações alheias.

Em outra ocasião, o autor do *Embajada a Tarmolán* apresenta um resumo sobre como teria sido a viagem pelas terras da Geórgia – rota tomada pelos embaixadores para evitar o caos das estradas tártaras –, explicando que, naquela terra, havia "pouco pão" e que, ao passarem por lá, "se viram os ditos embaixadores em grande perigo" diante dos "cristãos armênios", pois, apesar de cristãos, eram "gente de má condição e não deixaram os ditos embaixadores sair[em] desta terra até que lhes deram o que levavam."[26] O narrador formula um alerta sobre toda uma região que prenunciava ameaças a viajantes desavisados. Da mesma forma que busca apresentar uma leitura acerca da razão de aqueles homens cometerem assaltos nas estradas, relacionando a falta à pobreza que se abatia sobre aquele povo, a narrativa tenta justificar o motivo de cristãos representarem um risco à missão. Ou seja, os assaltos e roubos não eram estranhos aos castelhanos do Quatrocentos,[27] contudo, quando esse tipo de ameaça era ocasionado por algum semelhante ou conterrâneo, os relatos buscavam justificar o ato sofrido nas bandas longínquas.

De forma análoga, Pero Tafur registrou sua passagem pelo Sacro Império Romano-Germânico, no ano de 1439, ao qual território, o cavaleiro descreve como uma "terra perigosa".[28] Durante essa incursão, ao atravessar uma floresta nas proximidades de Viena, Tafur foi atacado por salteadores, mas conseguiu fugir graças aos seus "bons cavalos". Superado o perigo, chegou àquela cidade e se dirigiu a uma pousada para descansar, onde se deparou com os homens que tentaram assaltá-lo. Ao reconhecer "um deles", Tafur o interpela e recebe a justificativa de que "eram fidalgos pobres e que se mantinham daquilo". Tafur rebate, afirmando ser ele, do mesmo modo, "fidalgo pobre e estrangeiro", e igualmente necessitado, levando os ladrões ao arrependimento e a se disporem a compensá-lo. O desfecho da história é uma confraternização, segundo o narrador: "eu agradeci-lhes muito, e fiz com que comessem comigo, e dei-lhes alguns florins; eles ficaram muito felizes, tanto que me acompanharam os

[26] "E en esta tierra ha poco pan. E en esta tierra se vieron los dichos embaxadores en grand peligro con los de esta tierra. Como quier que sean cristianos arménios, son gente de mala condición, e no dexaron a los dichos embaxadores salir d'esta tierra fasta que les dieron de lo que levavan." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.353.

[27] Sobre a reincidência desse tipo de delito dentro da sociedade castelhana: LA LLAVE, R.C. Violencia cotidiana en Castilla a fines de la Edad Media. In: **Conflictos sociales, políticos e intelectuales en la España de los siglos XIV y XV**: XIV Semana de Estudios Medievales, Nájera, de 4 a 8 de agosto de 2003. (coord.) IGLESIA DUARTE, J. G, La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, 2004. p.399-403.

[28] "É parti desta çibdat, é fui á otra grant çibdat que llaman Nerlinga, é avie vandos entre ella é un Senor su comarcano, é diéronme gente para que me sacase de toda la tierra peligrosa." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.142.

dias em que estive na cidade".[29] Mesmo sofrendo um ataque, o sevilhano acaba por perdoar os salteadores, chegando, inclusive, a se colocar num patamar semelhante ao deles, uma vez que todos eram fidalgos de baixa estatura. Para além do perdão, ele se compadece daqueles cavaleiros, dando-lhes dinheiro e desfrutando de sua companhia durante a estadia em Viena. Como no relato da embaixada, Tafur faz um julgamento da má conduta daqueles cristãos, mas acaba por demonstrar maior solidariedade para com seus assaltantes por pertencerem ao mesmo estamento que o seu.[30]

Fosse ao visitar reinos cristãos, fosse ao perambular por terras estranhas e distantes, os empecilhos provocados por ladrões eram motivo de medo, principalmente nas viagens empreendidas por grandes espaços abertos e desabitados.[31] Mas os nobres que se deslocaram no período em estudo se importaram, em contrapartida, em descrever como as cidades e cortes estrangeiras – muitas vezes vistas como oásis e postos de descansos – podiam oferecer certos riscos ao andamento da viagem. No *El Victorial*, Diaz de Games escreve uma breve apresentação dos povos que habitavam a ilha da Inglaterra. O castelhano ressalta algumas características daquele povo, aludindo que:

> E se acontecer de algum cavaleiro valente passar por lá, como acontece muitas vezes de alguns cavaleiros e gentis homens que andam por algumas partidas do mundo com brio de coração a buscar ou fazer armas, a admirar, ou em embaixada, eles [os ingleses] procuram maneiras de desonrá-lo, e jogá-lo em um grande embaraço.[32]

[29] "E non fui apartado dellos quanto media légua, quando me saltearon en el carmino á pie çiertos fidalgos pobres de la tierra, por me robar, pero non podieron fazer nada, que yo é mis onbres e trayemos buenos cavallos, e ansí me fui á la çibdat á posar do me avián señalado; é yo, como llegué é me pose à comer, luégo llégaron aquellos que me avían salteado, porque yo conosçi uno dellos; e pregunté como avia seydo aquello; é dixieron, que eran fidalgos pobres, é que de aquello se mantenian; é dixe, que tambien era yo fidalgo é pobre é estrangero, é que lo avie tambien menester como ellos; ellos me respondieron, que pues que ansí era, que les perdonase [...] é yo agradesçígelo mucho, é fizeles comer conmigo, é diles sendos florines, e fueron mucho contentos, é tanto que en la çibdat estuve, los más dias me acompanavan." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.148.

[30] QUINTANILLA RASO. M. C, **La Nobleza Señorial en la Corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008, p.91.

[31] LA LLAVE, R.C. Violencia cotidiana en Castilla a fines de la Edad Media. In: **Conflictos sociales, políticos e intelectuales en la España de los siglos XIV y XV**: XIV Semana de Estudios Medievales, Nájera, de 4 a 8 de agosto de 2003. (coord.) IGLESIA DUARTE, J. G, La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, 2004. p.399-403; AZNAR VALLEJO. E. Introducción a los viajes medievales. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, 2009, p.27.

[32] "E si acaesce que algund cavallero valiente passa allá, como contece muchas vezes de algunos cavalleros e gentiles-hombres, que andan por algunas partidas del mundo con brío de corazón a buscar[lid], o fazer armas, o a mirar, o en embajada, ellos buscan manera como lo deshonren e lo enchen en alguna grand verguença." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.225.

Independente dos motivos[33] que levaram o castelhano a se mostrar contrário àquela nação,[34] é interessante notar que os aspectos ressaltados como repreensíveis dizem respeito ao mau trato para com os viageiros, em especial os nobres, já que os tipos de andanças citadas se relacionavam com ocupações comuns dos gentis homens. Essa exposição de Diaz de Games desvela como os insultos e humilhações eram tidos pelos coetâneos como uma falta grave entre cristãos,[35] de maneira que fazia parte dos temores daqueles que visitavam outras plagas.[36]

Em seu relato, Pero Tafur registrou algumas dessas situações, a exemplo de quando se dirigia à cidade de Mogúncia na companhia de uma embaixada do Duque de Borgonha. Embora estivessem munidos de "salvo conduto", foram detidos por "cerca de duzentos cavaleiros", que levaram os viajantes como prisioneiros de forma "muito indelicada". O sevilhano escreve que, por ser cavaleiro, teve um tratamento mais digno, tendo, ainda assim, sua espada e esporas tomadas. Os nobres foram mantidos prisioneiros por "quinze dias", até Tafur enviar uma mensagem ao duque da Baviera,[37] apresentando-se e explicando sua situação. O duque, por sua vez, "enviou um parente seu" que tirou o sevilhano da "prisão".[38] A distinção que possuía como cavaleiro auxiliou Tafur a se livrar da situação, mas esse estorvo levou os viajantes a andarem acompanhados por "gente de armas" para fazer sua defesa pelo resto do caminho,[39] tendo em

[33] É importante ressaltar o contexto que circunda essa descrição de Gutierre Diaz de Games, uma vez que o nobre buscou explicitar o que levava cristãos a travarem guerra contra outros cristãos. Com esse intuito, o castelhano apresenta um levantamento de todos os defeitos e vícios dos homens que habitavam o reino saxônico. Uma exposição negativa que se devia ao fato de os castelhanos verem os ingleses como inimigos, dado que a coroa dos Trastâmaras era aliada da França desde as disputas entre Pedro I e Enrique de Trastâmaras, quando o primeiro teve como aliados os ingleses e o segundo, e vencedor da disputa, buscou auxílio dos francos. Para maiores detalhes: DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p. 183-229; SILVA, V. D. **Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990, p.143-152; SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **Los Trastámaras y los reys católicos**. Madrid: Gredos, 1985, p.30; VALDEÓN BARUQUE, J. **La Dinastía de los Trastámaras**. Madrid: El Viso, 2006, p.14-24.

[34] Ao longo da obra Diaz de Games usa o termo "nación" para se referir aos reinos.

[35] No capítulo anterior é mostrado como Diaz de Games ao fazer um elogio aos franceses menciona exatamente os aspectos opostos dos ingleses, ressaltando como os homens da França honravam e tratavam bem os estrangeiros.

[36] MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p. 266.

[37] Aqui Tafur cita o duque Estevão III (1337-1413), contudo nesse período quem ocupava o cargo de duque da Baviera em Ingolstadt era Luís VII (1368-1447).

[38] "[…] é partimos de Basileia é fuemos à Mangunçia; é de allí, aquellos señores Embaxadores embiaron por salvo conduto al duque Estéphano de Babura, que era tutor del duque Ludivico, su sobrino, que era Señor de toda aquella tierra de Babura, -esto porque él era muy afiçionado al papa Eugênio pero embió su seguro é partimos de Magunçia, é quanto á tres léguas de allí, saltaron con nosotros fasta doçientos cavalleros é prendíeron á los Embaxadores é á mí con ellos, é leváronnos á una montana á un Castillo, que llaman Livantane, asaz descortesmente; pero á mí, por ser Cavallero, ninguno llegó, fasta que truxeron un Cavallero que me quitó el espada é las espuelas; é allí nos tuvieron quinçe dias, pero sé que non muertos de fambre, que de noche é al alva é á toda ora nos fazían comer é bever al modo de allí, allende de nuestra maneia, lo qual nos oviera de tener mal provecho. E yo embié luégo al duque Estéphano á le dezir quién yo era, é cómo venía, é que me mandase deliberar; é fizolo ansí é luégo embió un su pariente á que me sacase de la prision." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.139.

[39] "[...]é desde aí continuamos nuestro camino, pero levando de cada çibdat gente darmas para su defension[...]" Ibid., p.140.

vista que os homens com quem se deparassem poderiam oferecer resistência à passagem tranquila. O relato aponta como o temor dos viajantes em relação a encontros indesejáveis não se resumia apenas a ladrões, posto que, quando se era estrangeiro em outras bandas, mesmo os comuns podiam oferecer ameaça.[40]

Se esse tipo de infortúnio já ocorria em viagens entre reinos familiares, mais agravados se mostravam em terras menos conhecidas. Um indicativo disso é a preocupação de Gómez de Santisteban em esmiuçar todas as vezes em que a comitiva do infante D. Pedro teria passado por esse tipo de entrave durante suas jornadas. Santisteban descreve, por exemplo, que, ao atravessarem o Egito após terem recebido proteção do Sultão para que não padecessem de "morte nem prisão",[41] os gentis homens chegam a uma cidade de nome *Perona*. Lá, apresentam-se ao líder da cidade como "vassalos do rei Leão da Espanha", e dizem que tinham como objetivo "ver o Monte Sinai". O governante, ao ouvir isso, acusa os cristãos de não falarem a verdade, pois, segundo ele, não podia cada um ir "por si", logo, ordena que os cavaleiros fossem capturados, passando os cristãos "quarenta dias presos". Por todo esse período, os prisioneiros são questionados acerca da "verdade", sob a ameaça de serem executados. Ainda assim, os interrogados insistem em sua versão até serem soltos mediante o pagamento de salvo conduto.[42] O mal tratamento dispendido aos castelhanos relaciona-se a um fator que, naquele período, era especialmente prejudicial aos viajantes: as suspeitas em relação a estrangeiros, pois a presença de visitantes desconhecidos em outros reinos era algo recebido com desconfiança e hostilidade.[43] Tal rejeição é demonstrada pelo líder da cidade ao duvidar que os forasteiros estariam ali apenas pela simples vontade de conhecer outras paragens.

---

[40]MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p. 264.

[41] "Y allí demandamos licencia para partir adelante. Dixo que nos fuéssemos con la bendición del Criador y que no pagássemos salvoconduto y que nos diessen guarda para travessar la tierra de Egipto muy seguramente porque no padeciéssemos muerte ni prisión." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.18.

[42] "E de allí atravessamos un desierto de fasta ochenta leguas, e llegamos a la ciudad de Perona, y fuemos a fazer reverencia al rey, dixéssemos la verdad que si entre nós iva algún rey o príncipe o señor poderoso, y deximos que antes éramos // vassallos del rey león de España, y que nuestra voluntad era de ir a ver el monte Sinaí, e díxonos que no dezíamos verdad, que no podía ser que cada uno iva por sí, e man¬donos echar presos y túvonos cuarentas días presos, y cada día nos fazía preguntar que dixéssemos la verdad, que más nos valdría que padescer muerte. Dixo el faraute Garcirramírez que no dezíamos otra cosa salvo la verdad, cuando el rey esto vido, pagamos veinte y seis pieças de oro y embionos con la bendición del Criador." Ibid., p.18.

[43] Sobre a desconfiança que causavam os viajantes e estrangeiros: MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p. 264; GALLEGOS, F. La tolerância con los peregrinos en la Europa medieval. **Revista de Inquisición**, Madrid, Nº14,2010, p.10-14; GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.18; BARROS, A. Nas origens de uma respublica marítima e mercantil. O acolhimento ao estrangeiro nos portos medievais e modernos. **CEM cultura, espaço & memória:** revista do CITCEM, Porto, Vol.06, p.40.

Se, por um lado, os estrangeiros causavam certo temor naqueles que os recebiam, os anfitriões, por vezes, não causavam menor resistência nos visitantes. Na chegada da comitiva do infante à cidade de Meca, os viajantes são abordados por homens de "*Raboán*", líder religioso da cidade, e levados até o sultão, chamado pelo narrador de "Grande *Gudilfe de Baldaque*", que acumulava títulos como "Senhor da santa casa de Jerusalém e senhor da casa de Meca", "senhor dos árabes", "defensor da lei de Maomé" e "derramador de sangue da cristandade".[44] Os nobres são apresentados como prisioneiros pelos homens de *Raboán*, que também acrescentam que o sultão poderia fazer com eles o que quisesse, porque eram "vassalos do rei da Espanha", adversário do "rei de Granada". Os cristãos são indagados se havia algum "vassalo poderoso" do rei de Castela entre eles, resposta negativa que mesmo assim não impediu que fossem mantidos prisioneiros por "dez semanas", separados uns dos outros e sendo liberados somente após seus captores não conseguirem achar nada que os desmentisse.[45] O infortúnio vivido pelo infante e seu séquito é atribuído a uma animosidade entre Castela e Granada.[46] A ameaça dos infiéis ganha maior destaque na descrição do narrador, que faz questão de descrever o capturador como um inimigo assumido de todos os cristãos, bem como informa que o perigo demandou a ocultação da presença de D. Pedro. Os embaixadores de Enrique III recorreram a uma estratégia semelhante na Turquia no ano de 1403. Ao desembarcarem na costa daquelas terras foram abordados por turcos que indagaram sobre a identificação dos viajantes. Os castelhanos, por sua vez, afirmaram serem "genoveses de Pera".[47] A mentira sobre sua procedência deveu-se ao fato de estarem na companhia do embaixador de Tarmelã, que estava em guerra contra os otomanos. Além de ocultarem suas

[44] "Gran Roboán moro, que es como cardenal en la casa de Meca, a donde está el cuerpo de su propheta Mahomad e mandó ir a dos moros que fuessen con nosotros al gran gudilfe de Baldaque, señor de la casa sancta de Jerusalem, y señor de la casa de Meca, donde está su propheta Mahomad, y señor de los alárabes, y señor de las doblas pequeñas, y señor de los pineos, y señor de mi miembro derecho, rey de Fez, y señor de los Montes Claros, donde se coge el oro celestial, y bevedor franco de las aguas, y pacedor de las yervas del señor pequeño que es el rey león de Granada, y defendedor de la ley de Mahomad, derramador de la sangre de la christiandad." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.22.

[45] "Des¬pués nos llevaron a la ciudad de Meca y fuemos a fazer reverencia al Gran Gudilfe un lunes de mañana, y dixéronle cómo nos embiava en son de presos el Gran Roboán a su señoría, que hiziesse de nós lo que quisiesse porque éramos vassallos del rey león de España, que conquistava al rey león de Granada, e dixo el Gran Gudilfe que dixé¬ssemos la verdad, si entre nós iva algún pariente o vassallo poderoso del rey león de España, y nós todavía negando que entre nós no iva tal señor, e allí nos tuvo presos diez semanas, cada uno a su parte, que no sabíamos el uno del otro, y desque no falló cosa alguna contra nosotros, mandonos soltar y que nos fuésemos." Ibid., p. 22.

[46] A possível datação do *Libro del infante Don Pedro*, embora não seja exata, diria respeito ao período entre os governos do rei Enrique IV (1425-1474) e Isabel I (1451 -1504), dois governos marcados por um aumento das campanhas militares contra Granada. VALDEÓN BARUQUE, J. **La Dinastía de los Trastámara**. Madrid: El Viso, 2006, p.192-255.

[47] "[…] e dixieron que genueses de Pera e que venían en la carraca e que se avia perdido en esa noche en aquel puerto[...]" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.154.

identidades, os embaixadores vestiram Mohamed Al Cagi com roupas de cristão, e disseram que ele "era de Pera", afirmando que os turcos matariam o mongol se soubessem a verdade. Segundo o narrador, os castelhanos "viram-se em perigo por ele".[48] O estado de conflito entre os otomanos e os timúridas potencializou o risco de hostilidades, obrigando os enviados a recorrerem a uma farsa como forma de proteção. As zonas de conflito funcionavam como agravantes para as viagens, fazendo com que os viajantes redobrassem a vigilância para evitar possíveis agressões.[49] Além desse momento delicado, Clavijo expõe igualmente o risco de perambular no meio dos mulçumanos, que por si só já imprimiam um grande temor nos coevos.[50]

Os relatos cotejados, em sua maioria, ocupam-se em descrever como as perambulações por reinos sob o domínio mulçumano traziam ameaças aos viageiros. Pero Tafur mostra-se muito atento aos aspectos temerários que viu em terras turcas. O viageiro menciona que perto da ilha de Tênedos[51] havia um porto notável, "um dos principais do mundo", uma vez que funcionava como principal passagem para as terras da Romênia[52] e que, devido à sua estreiteza, fazia com que todas as embarcações passassem por lá. Após essa descrição, o sevilhano avisa que os turcos se aproveitavam desse ponto estratégico para montar emboscadas e matar ali "muitos dos cristãos".[53] Mesmo na exposição de um elemento que, na maior parte do seu relato, figurava como auxílio e repouso para os viajantes, o porto é descrito, nesse caso, como um local de perigo e assassínio de cristãos, levado a cabo pelos mouros. O cavaleiro refere-se, assim, não apenas à periculosidade do local mas também àquela representada pelos próprios mouros para aqueles que, como ele, viajavam por aquela região.

A ameaça do povo de Maomé surge na fala do cavaleiro como um alerta. Contudo, quando se tratava das relações entre os nobres viajantes e outros povos é perceptível como, em certos pontos, os riscos não serviam apenas como um aviso aos coetâneos, mas como um

---

[48] "E al embaxador del Tamurbeque que y estava, vestiéronlo como crístiano, e dixieron que era de Pera. E si los turcos los conoscieran, matáranlo e viéranse en peligro por ello." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.154

[49]MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p. 265; GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015, 75-76.

[50]DELUMEAU, J. **História do medo Ocidente**:1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p.30.

[51]Também conhecida como Bozcaada, é uma ilha localizada nas proximidades da entrada do estreito de Dardanelos, no noroeste do mar Egeu.

[52] Antiga Trácia, atualmente reconhecida como os Bálcãs ou península Balcânica.

[53]"[...] que éste es un puerto de los principales del mundo, é ningunt navio non puede entrar en Romania sin primero surgir allí á tentar la boca, por la grande estrechura suya, é como los turcos conosçen que los navios an de tocar allí, ármanles çeladas é matan muchos de los xpianos[...]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.79.

convite ao combate. Em Constantinopla, por exemplo, na ocasião em que a cidade entrou em alerta devido à movimentação do exército do sultão Murad II, diante da visão das fileiras turcas próximo aos muros da cidade, Tafur constata a inferioridade bélica do "povo do Poente" para lutar contra tal inimigo ameaçador.[54] Ao saber que não se tratava de um ataque a eles, Tafur confessa que teria até sido bom poder provar suas habilidades, mas melhor ainda foi "vê-lo passar com tão grande exército sem perigo e trabalho". Ele conclui a descrição afirmando que se, por vontade de Deus, Castela fizesse fronteira com tal inimigo, não haveria meios de fugir ou de se defender, "exceto bem lutar!"[55] Ou seja, ainda que nessa passagem o sevilhano se mostre aliviado diante da situação amedrontadora, o seu ímpeto manifesto era combater o inimigo muçulmano, como bom cristão e bom cavaleiro.[56] Durante o Quatrocentos, o processo de reconquista do território peninsular se encontrava, como é sabido, avançado,[57] mas os nobres que viajaram ao longo do século compartilhavam com seus coevos uma imagem dos turcos como inimigos bastante temíveis;[58] e Tafur não foi exceção.[59] O trecho de seu relato, do mesmo modo, sugere a tentativa de expor as fragilidades dos Bizantinos frente às hordas otomanas, que acabariam por extirpar o maior bastião da fé cristã no Levante alguns anos depois de sua passagem por lá.

Em síntese, tanto na descrição de uma agressão direta, como na menção do temor que um certo povo despertava, os registros sobre os perigos oferecidos por outros homens colocam em cena as interações humanas não amistosas ao longo dos caminhos, a relutância em relação a alguns daqueles povos distantes, as expectativas de um tratamento digno e o que merecia vigilância e cuidado. De um modo geral, salvo nas situações que envolviam os povos sem lei

---

[54]"[...]bien creo si con la gente del Poniente se fallasen, non avríe en ellos resistença, non porque de la persona non son buenos, mas fallésçeles mucho de lo nesçesario á la guerra." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.102.

[55] "É por esta venida suya yo me avie detenido, pensando quél queria asentar sobre Constantinopla, é non se detuvo allí é fizo su camino contra el mar Mayor á una tierra que se le avia rebelado e bien que yo quisiera, aunque ceníamos poças gentes, que nos provara á fazer alguna fuerça; más buena cosa fué sin peligro é trabajo verle pasar con tan grant exérçito.!Pluguiera á Dios que á la gente de nuestra tierra nos cayera por veçino, pues que allá non ay amparo nin fusta nin fortaleça, salvo bien pelear!" Ibid., p.102

[56] RIQUER, M. **Caballeros Andantes Españoles**. Madrid: Espasa- Calpe, 1967, p.105.

[57] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.29; RUCQUOI, A. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995, p.220.

[58] Isso se evidencia na medida em que se recorda que tanto o *Embajada a Tarmolán* como o *Libro del infante Don Pedro* possuíam como objetivo maior de suas incursões o estabelecimento de um contato com possíveis aliados do Poente contra o islã, fosse na pessoa de Tarmelã fosse na do Preste João. Por outro lado, o *El Victorial* descreve, durante as incursões no mediterrâneo, a rivalidade entre castelhanos e mulçumanos no mar, embora o objetivo inicial da expedição seja o combate com corsários, acaba se convertendo em uma expedição bélica com pequenas razias contra as costas da Berberia. BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media.** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.30-32.

[59] Isso se prova por exemplo nas diversas ocasiões em que o cavaleiro revela como desejava, ao término de sua viagem, ajudar o rei Juan II nas guerras contra os mulçumanos. Ver: TAFUR, 1995, op.cit., páginas: 91 e 131-132.

ou os embates com os inimigos assumidos dos cristãos, os viajantes – muito provavelmente devido à sua procedência nobre – parecem ter contado com a possibilidade de negociações ou mesmo de um bom tratamento, mais do que com afrontas e assédios.

Para além das ameaças de combate, das agressões e das ofensas, havia outros motivos de cautela nas terras desconhecidas que merecem atenção neste mapeamento dos perigos a que estavam sujeitos aqueles que viandavam por lugares distantes.

3.2 Terras malsãs

Entre outras formas de perigo a que estavam sujeitos os viajantes, Pero Tafur, durante sua estadia em Caffa, ao destacar uma exceção, confirma a expectativa negativa sobre os reinos distantes. Sobre o mercado de escravos da cidade, o fidalgo afirma que "tanta é a multidão de gentes e tão estranhas, que ali convergem, que por maravilha está a terra livre de pestilência".[60] Mesmo sendo um ponto de encontro de grande variedade de povos, o reino, surpreendentemente, se mostrava saudável, o que, pelo que se deduz dos outros relatos, estava longe de ser a regra. Vários dos viajantes, a propósito, deixam indícios da inquietação com a conservação da saúde ao longo dos caminhos e perambulações por terras distantes, especialmente quando em contato com outras gentes.

As doenças e epidemias tão costumeiras e intermitentes nos reinos cristãos, desde longa data,[61] foram alvo de atenção de alguns dos homens que se dirigiam a outras bandas. Em outra ocasião, Tafur – que concedeu bastante atenção a esse tipo de risco – escreveu que, ao visitar a cidade de Arras no ano de 1438, procurou seguir rumo à Normandia, mas, ao se encaminhar para a cidade de Rouen, o viajante se deparou com um foco de peste. Diante desse empecilho, descreveu: "era tão grande a mortandade que tive de deixar meu caminho e retornei à cidade de Bruges na Flandres".[62] Tal como na Tartária, essa menção mostra a recusa do viajante em seguir por um determinado trajeto já escolhido, dessa vez apontando como motivo uma epidemia. Tafur passou por aquelas paragens quase um século após o grande morticínio causado pela peste

[60] "É si tártaros vienen en nuestro poder esclavos, non son sinon furtados é vendidos, como dixe, de sus parientes; é tanta es la multitud de gentes é tan estranas, que allí concurren, que por maravilla está la tierra sana de pestilença." TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.93.

[61] RUIZ DE LOIZAGA, S. **La peste en los reinos peninsulares**. Según documentación del archivo vaticano. Bilbao: Museo Vasco de historia de la medicina y de ciencia, 2009, p.22; GALLENT MARCO, M. El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, p. 48.

[62] "É en esta çibdat estuve très dias, e quise pasar en Normandia por ver á Roan, é de ai á Paris, é era tan grande la mortandat, que ove de dexar mi camino, é bolvíme á la çibdat de Brujas en Flandes." TAFUR, 1995, op.cit., p.136.

negra na segunda metade do século XIV.[63] Embora as notícias sobre a peste em localidades francesas fossem correntes durante esse período, não existem indícios que comprovem um caso da praga durante o ano em que o castelhano percorreu tais áreas.[64] Contudo, o relato entremostra uma ação comum, nos tempos de epidemias, que consistia em evadir-se e evitar locais sob suspeita de estarem maculados por doenças. A fuga e o isolamento eram algumas das medidas mais usuais e difundidas[65] contra os perigos de contaminação e morte que acompanhavam a peste.[66] Todavia, ao longo de um deslocamento, nem sempre havia a possibilidade de evitar ou fugir das moléstias e fadigas. Na verdade, a prática da viagem levava os homens muitas vezes a situações que, em suas palavras, os expunham a moléstias.

Os comportamentos em relação às doenças sofreram certas mudanças após a crise causada pela peste durante o século XIV, havendo uma intensificação do medo e da cautela dos homens em relação à sua vulnerabilidade a fatores que podiam afetar sua saúde.[67] O relato de Tafur é testemunho privilegiado de como esse medo não atingia apenas as terras do Poente. Certa vez, ao retornar da Crimeia para Constantinopla, o fidalgo descreveu como o barco onde viajava foi impedido de aportar na cidade bizantina por conta de uma ordenação que impedia as embarcações vindas do Mar Negro de atracar naquele porto, ou mesmo em Pera, devido ao receio de possíveis doenças trazidas pelas tripulações. Assim, todos os barcos eram direcionados a um estaleiro construído a duas léguas da cidade, onde permaneciam por até dois meses, caso não quisessem seguir viagem de pronto. Ao se deparar com esse tratamento, Tafur registrou que "certamente aquelas nações estrangeiras" traziam "grandes enfermidades

---

[63] CHAUNU, P. **Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978, p.48; ABERTH, J. **An environmental history of the Middle Ages**: the crucible of nature. Londres\Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013, p.02.

[64] Para maiores detalhes sobre os surtos de peste dentro do território da Normandia. C.f PORQUET, L. **La peste en Normandie du XIVe au XVIIe siècle**. Paris : Alexandre Coccoz, 1898.

[65] Tal conduta foi comum para castelhanos, como é visto por exemplo no celebre livro *Becerro de las Behetrías*, que consiste em um inventário sobre as *behetrías*, propriedades nas quais os habitantes tinham direito de eleger seu senhor, escrito época de Pedro I de Castela, por ordem do rei entre 1350 e 1366. No documento são descritas algumas localidades que teriam sido completamente abandonadas devido a *"mortandat"* que se abatera sobre elas. Para maiores detalhes: MARTÍNEZ DÍEZ, G. **Becerro de Behetrías**. Vol. II. León: Centro de Estudios e Investigación 'San Isidoro', 1981, p.326-328; RUIZ DE LOIZAGA, S. **La peste en los reinos peninsulares**. Según documentación del archivo vaticano. Bilbao: Museo Vasco de historia de la medicina y de ciencia, 2009, p.28; Behetría. In. COROMINAS, J; PASCUAL, J.A. **Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1984, p.555.

[66] DELUMEAU, J. **História do medo Ocidente**:1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p.118-125; GALLENT MARCO, M. El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, p.50.

[67] VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.44; GALLENT MARCO, M. El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, p.38.

consigo", uma vez que ele mesmo chegou a ver naqueles alojamentos "muitas pessoas mortas de pestilência".[68] As mortes referidas pelo cavaleiro seriam causadas por algum tipo de pestilência, então relacionada com a peste negra, tal como estava a esta ligado o termo mortandade, usado pelo cavaleiro durante sua malfadada tentativa de passar pela Normandia.[69]

O isolamento vivido por Tafur em Constantinopla deu-se em função de uma ordem imperial que visava impedir a infestação de doenças. Ações como esta vinham se intensificando desde o século XIV, dada a maior preocupação dos reinos com os grandes surtos epidêmicos.[70]A passagem deixa entrever, concomitantemente, como era costumeiro nos mais diversos reinos o temor do contágio através do contato com sujeitos infectados vindos de outros lugares.[71] Pelas palavras do viajante, havia especialmente desconfiança em relação aos estrangeiros, vistos como possíveis propagadores de moléstias.[72] Dados os riscos de propagação assistidos naquele tempo, o medo de doenças tinha se tornado corriqueiro no quotidiano das viagens.[73]

Mas nem só as epidemias relacionadas à peste merecem menção. Muito possivelmente pelo seu alto grau de periculosidade à vida, os escritos mencionaram, igualmente, outras formas de males que afligiam a saúde dos viageiros. Ruy Gonzalez de Clavijo pareceu interessado em incluir nas suas apreciações sobre os lugares visitados notas acerca das condições de salubridade dos destinos. Na passagem dos embaixadores pela grande cidade persa de Teerã, descrita como uma urbe "bem grande", que "não possuía cerca", e que seria um "lugar bem deleitoso e abastado de todas as coisas", Clavijo qualifica-a como um "lugar doente", segundo

[68] "É porque allí avie tal mandamiento fecho, que las naos que veniesen de la mar Mayor non pueden entrar en el puerto de Constantinopla nin de Pera, porque dizen que traen la pestilença consigo, fizieron dos léguas de Constantinopla un alogamiento para lo descargasen sus mercadurías é estuviesen sesenta dias, si non se quiereil yr de largo; é çiertamente aquellas naçiones estrangeras grandes enfermedat traen consigo, que áun yo vi en aquellos aposentamientos gentes muertas de pestilença." TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.95.

[69] FUENTE PÉREZ, M. J. El impacto de la peste en una ciudad castellana en la Baja Edad Media, Palencia. **Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses**, Palencia, N.º 59, 1988, p.420.

[70] GALLENT MARCO, M. El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, p.38.

[71] Sobre os temores do contágio de doenças pelo contato ver: FUENTE PÉREZ, M. J. El impacto de la peste en una ciudad castellana en la Baja Edad Media, Palencia. **Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses**, Palencia, N.º 59, 1988, p.421: VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.15-17; VIGARELLO, G. **Lo limpio y lo sucio**. La higiene del cuerpo desde la Edad Media. Madrid: Alianza, 1991, p.19-23.

[72] DELUMEAU, J. **História do medo Ocidente**:1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p.140.

[73] MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p.272

o que souberam.[74] Como era comum nos itinerários quatrocentistas a especificação de certas condições das povoações distantes,[75] estavam incluídas, no rol das informações, indicações sobre o relevo local, a existência ou não de fortificações, a fertilidade dos campos, além dos principais edifícios e construções.[76] No trecho citado, o narrador faz uma observação sobre esses elementos, afirmando que o local possuía uma série de recursos positivos, que faziam dele uma parada agradável, mas não deixa de identificá-lo como um local insalubre.

Essa observação é exposta pelo narrador um pouco antes de mencionar que, com seis dias de estadia naquelas terras, o "mestre em teologia e Gómez de Salazar" já se encontravam "muito doentes", mas ele próprio, Clavijo, se sentia um pouco "melhor", enquanto "parte dos homens dos embaixadores estava verdadeiramente doente". Assim, os enfermos que acompanhavam a embaixada foram enviados de volta à cidade para receberem cuidados e aguardarem o retorno dos embaixadores, porém, dois deles acabaram por falecer.[77] A nocividade da região, pelo que sugere o narrador, teria levado ao adoecimento dos integrantes principais da embaixada, e a morte de dois deles atesta a gravidade da enfermidade que se abateu sobre eles naquela travessia.

Ainda sobre essas considerações acerca de locais vistos como nocivos, Pero Tafur apresentou uma observação semelhante. Ao navegar em direção à ilha de Chipre, o cavaleiro menciona detalhes da ínsula, alegando que nela havia um lago de nome "*Gostança*",[78] que seria responsável por gerir a "pouca saúde" daquele local, uma vez que, segundo ele, "todo o reino de Chipre" era, em sua "maior parte", "malsão".[79] Ao fim dessa descrição, o sevilhano registrou que foi acometido por um mal-estar ao desembarcar na ilha, quando sentiu "uma dor de cabeça

---

[74] "E esta dicha ciudat era bien grande e no avia cerca, e era lugar bien deletoso e abastado de todas cosas, pero era lugar doliente segund dezían, e la calentura que en él fazia era muy grande." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.215.

[75] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.65.

[76] ESCALANTE VARONA, A. La función de la ciudad en un libro de viajes medieval: el Viaje a Oriente de fray Antonio de Lisboa. **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, Vol.4, Número 1-1 (Número Especial), 2015, p. 223 Disponível em http://www.academia.edu/18879162/La_funci%C3%B3n_de_la_ciudad_en_un_libro_de_viajes_medieval_el_Viaje_a_Oriente_de_fray_Antonio_de_Lisboa acesso em 14/05/2017; JOSÉ RODILLA, M. *Laudibus Urbium*: ciudades Orientales en libros de viaje. **Medievalla**, N.º 34, 2002, p.03; PÉREZ PRIEGO, M. A. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, N°1, 1984, p.227.

[77] "Sávado siguiente, que fueron doze dias dei dicho mes de julio, partieron de aqui; e el maestro en Tehología e Gomes de Salazar eran muy dolientes; e Ruy Gonçales se sentía estonces un poco mejor; e pieça de su gente de los dichos embaxadores se sentían eso mismo dolientes […]e Fizieron tornar estos dolientes a la dicha ciudad de Tieran, e allí estudieron fasta que los dichos embaxadores tomaron, pero murieron dos d'ellos." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p. 217.

[78] Atualmente chamado de Stanza, lago pantanoso localizado no Chipre.

[79] "Dizen que está allí un lago que llaman la Gostança, que aquel faze la poca salud en la tierra, aunque todo el reyno de Chypre por la mayor parte es mal sano", TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.47.

tão grande" que chegou a pensar que "ia morrer". Com o passar das horas, a dor começou a se irradiar para outras partes do seu corpo, como os "peitos", o "estômago", o "ventre", os "quadris", as "coxas" e os "joelhos". Este padecimento se arrastou por toda uma noite, até o outro dia, na hora de "vésperas". A agonia vivida por Tafur era tal que o sevilhano admite ter pensado que, se as dores durassem mais três horas, ele "morreria".[80] Não à toa, o cavaleiro recusou o convite do rei de Chipre, Jánus III, para permanecer mais tempo como servidor do monarca, dizendo que o faria "sem dúvida se a terra não fosse tão malsã". Voluntariamente poderia ter se oferecido para servir o rei "em alguma temporada", mas tinha sido quase impossível para ele como estrangeiro "viver em terra tão doente".[81] Tanto a descrição dessa ilha mediterrânica quanto aquela sobre as terras persas mostram como parecia importante conceder notoriedade aos lugares que, devido a seu caráter insalutífero, pudessem oferecer algum risco àqueles que vinham de fora. Logo, ambas as descrições apontam para uma ideia de que algumas localidades visitadas seriam por si só danosas e virulentas.

Os relatos ocupavam-se, muitas vezes, em destacar as regiões que poderiam, por suas próprias condições adversas, agredir a vitalidade dos incautos.[82] Embora a maioria desses informes surgissem como alertas mais genéricos sobre as características deletérias dos lugares, os narradores buscaram, quando possível, melhor explanar sobre as implicações sofridas pelos viajantes. No *Embajada a Tamorlán*, é narrado como os castelhanos sofreram grandes enfermidades ao atravessar os territórios da Pérsia e adjacências. Não muito depois de descrever a estadia em Teerã, e a enfermidade vivida nos seus arredores, Clavijo relata a chegada da comitiva à cidade de Soltaniyeh, descrita como uma "terra muito quente". O calor seria tal que, segundo Clavijo, a exposição de estrangeiros ao sol naquelas plagas poderia levá-los à morte, dada a tamanha quentura, que, ao atingir o corpo, se dirigia "direto ao coração", fazendo o afetado "enjoar e morrer". O narrador ainda menciona que "aquele que escapava" da morte adquiria uma coloração amarela semelhante à da lua, sem jamais retornar à sua cor natural.[83]

---

[80] "É porque era tarde, yo me uve de detener en una aldea dos léguas de aí, é en allegando me dió tan grant dolor de cabeça, que pensé morir, é de allí aquel mesmo dolor se me abaxó á los pechos, é al estômago, é á la barriga, é á las caderas, é á los muslos, é á las rodillas fasta los piés, é turóme toda esa noche é otro dia fasta viéspras, que pensava, si cada uno me tutara tres oras, muriera[...]" TAFUR, P**. Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 47.

[81] "[…] e sin dubda, si la tierra non fuera tan mal sana, de buen voluntat me dispusiera á le servir alguna temporada, mas fuera quasi imposible poder bivir en tierra tan doliente onbre estrangero, é por eso, é por el deseo que tenia de bolver en Castilla, por causa de la guerra de los moros, ove de continuar mi camino lo más presto que yo pude." Ibid., p.73.

[82] BÉGUELIM ARGÍMON, V**. La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.167.

[83] "E esta tierra es muy caliente, que cuando algund mercadero de fuera parte, le toma el sol, mátalo; e cuando el sol los toma, diz que les va luego al coraçón, que les face vascar e murir; e diz que les arden las espaldas mucho.

Suas andanças por esse território tinham sido feitas à noite,[84] justamente porque o achaque tinha sido relacionado diretamente a uma característica local, a grande força do sol, especialmente impactante para os forasteiros. Tal esclarecimento oferecido por Clavijo funda-se no entendimento de que o corpo humano era suscetível a outros fatores da Criação,[85] como é observado, neste caso, pela alteração que a energia do astro celeste imprimiria ao corpo atingido, causando não apenas um desarranjo que poderia levar à morte, mas também uma mudança definitiva da coloração da pele. Esse trecho é incluído no relato como um aviso sobre aquela região, e mostra conjuntamente como os homens entendiam que seus corpos estavam em correspondência com os demais rudimentos que compunham o mundo. Logo, as condições naturais dos lugares desconhecidos figuravam como os principais indicadores do grau de salubridade das plagas percorridas,[86] e, por isso, eram pormenores importantes a serem registrados.

Desse modo, a atenção dos viajantes em relação aos possíveis aspectos deletérios do longínquo era direcionada principalmente aos elementos que compunham o mundo. Tal cuidado é bem pontuado no relato de Pero Tafur e na exposição dos diversos pontos do seu itinerário, como a ilha da Sardenha, descrita como um lugar "malsão, pela má água e pelo mau ar".[87] O cavaleiro relaciona a nocividade do local visitado à água e ao ar, elementos que figuravam nas preocupações dos coevos como aqueles que poderiam ser facilmente profanados, e que demandavam cautela. Esse receio devia-se à noção de que os corpos dos homens eram constituídos por um conjunto de substâncias vulneráveis a fatores exteriores.[88]

Os temores acerca dos elementos faziam parte até mesmo de prescrições que visavam a manutenção da saúde, como visto no *El Victorial*, na ocasião em que Diaz de Games narra como Pero Niño, ao repousar na cidade de Cartagena, após ser ferido numa refrega contra os mouros,

---

E el que d'ello escapa, dizen que queda amarillo, como alunado, que nunca torna a su color." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.206.

[84] "E sávado, en amanesciendo, fueron en una aldea pequena, e estudieron allí fasta la noche, e por la grand calentura que fazia; e, en anocheciendo, partieron de aqui e andudieron toda la noche." Ibid., p.220.

[85] VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.38.

[86] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.166.

[87] "Esta ysla es mal sana por mal ayre é mal agua." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.158.

[88] Durante o século XV a visão sobre as enfermidades era devedora de tradições galênicas e hipocráticas, como a tese humorística, que pregava que o corpo era constituído por quatro substâncias, ou humores: o sangue, a fleuma, a bílis amarela e bílis negra. Esses humores seriam altamente sensíveis a influências externas, o que causava as doenças e distúrbios do organismo. Para maiores esclarecimentos, ver: VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.18; SOUZA, M.T. S. **O regimento do corpo em Portugal no século XV**. Franca: [s.n.], 2014 185 f. **Tese** (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.p.98; QUEVEDO, E. Cuando la higiene se volvió pública. **Revista de la Facultad de Medicina**, Bogotá, Volº 52, Nº. 1, 2004, p.84.

planeja retornar à Bérberia, mas os "cirurgiões"[89] que cuidavam do nobre recomendam que permaneça, pois sua "ferida estava mal" e poderia piorar a lesão com o "trabalho de armas e a umidade da água", colocando-o em "grande perigo".[90] A passagem não trata propriamente de uma doença, mas de um aviso sobre a ameaça que a umidade representava para o estado de saúde, equiparável às próprias batalhas. O risco, neste caso, não se devia à suspeita de corrupção da água, mas a uma das qualidades intrínsecas a ela, a umidade, que, em excesso, poderia causar algum desarranjo no corpo.[91] Era recomendável, pois, para os homens da época se manterem vigilantes em relação aos elementos que os cercavam.

Aqueles que viajaram para plagas distantes, portanto, não deviam estar alheios às concepções acerca de sua saúde, e das ameaças a ela, por isso se encontram, nos escritos, algumas explanações que destacam os agentes que desvirtuavam os elementos e transformavam-nos em propagadores de mazelas. Durante a visita de Tafur a Roma, é descrito como o cavaleiro encontrou uma cidade em plena decadência material e moral.[92] Assim, em suas apreciações sobre a urbe, o viajante escreve que:

> A cidade de Roma é pouco habitada, se considerada sua grandeza, e é opinião de muitos que, depois de ter sido destruída, derrubada e despovoada, daqueles grandes edifícios, cavernas, cisternas, casas e abóbadas baixas, agora desabitadas, exala ar tão envenenado que faz impressão nos corpos humanos. É por isso que se diz que Roma está insalubre. E, no tempo em que era povoada, era o contrário.[93]

---

[89] Nome dado ao ofício que se ocupava das práticas de cura principalmente aquelas que envolviam incisões e fraturas. Para maiores detalhes: Cirurgía. In. COROMINAS, J; PASCUAL, J.A. **Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1984, p.90.

[90] "E ovo su acuerdo de tornar outra vez en la Berbería. E los cirujanos dezíanle que folgase e no tornase a la mar, que la ferida estava mala, e que se pararía peor con el travajo de las armas e con la huemidad del agua, e que se pornía a gran peligro; e nunca con él pudieron que quedase aquella vez." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.160.

[91] O alerta dos cirurgiões se referia, muito provavelmente, a questão de equilíbrio dos humores. Cada uma das substâncias que constituíam os corpos era, segundo a tradição hipocrática, composta por dois dos quatro elementos da *physis*, bem como duas qualidades opostas: o sangue, quente e úmido, era composto de fogo e água; a fleuma, fria e úmida, de ar e água; a bile negra, fria e seca, de água e terra e a bile amarela, seca e quente, da terra e do fogo. A saúde era entendida por Hipócrates, e por aqueles que seguiram seus saberes, como o equilíbrio entre esses quatro humores e a doença, consequentemente, como o desequilíbrio entre eles, a primazia de um humor sobre os outros. Logo o excesso de humidade na lesão aberta poderia vir a ser um perigo. QUEVEDO, E. Cuando la higiene se volvió pública. **Revista de la Facultad de Medicina**, Bogotá, Volº 52, Nº. 1, 2004, p.84; BAU, A.M; FERNANDA CANAVESE, G. "Agua que cura, agua que alimenta". La dietética para sanos y el uso del agua en la sociedad española bajomedieval y moderna. **Cuadernos de historia de España**, Buenos Aires, Vol. 80, 2006, p.128-129. VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.19-20.

[92] Para maiores detalhes sobre a visão da decadência de Roma ver :TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.32.

[93] " La çibdat de Roma es mal poblada segunt su grandeza, é es opinion de muchos, que despues que fué destruyda é abaxada é despoblada, que de aquellos grandes edifiçios é Cuevas, é çisternas, é casas, é bóvedas baxas, que agora estás desabitadas, sale tan inponçonable ayre, que faze impresion en los cuerpos humanos; é de aquél se dize que Roma es mal sana. É en el tiempo de su poblaçion por el contrario era". Ibid., p.158.

Ao expor o estado prejudicial da cidade, Tafur recorre a uma oposição entre os ambientes habitados e os desabitados, relacionando estes últimos a uma contaminação do ar, que agredia e infectava transeuntes. Tal diagnóstico se devia, provavelmente, ao fato de os ares serem comumente vistos como o elemento mais inconstante e mais facilmente corruptível.[94] A assertiva liga-se a outro traço recorrente nos escritos de viagem, a aversão aos sítios inabitados e ermos, que se prefiguravam temíveis[95] e malfazejos à sanidade dos corpos humanos.[96] Mesmo se tratando de uma cidade célebre e familiar para o cavaleiro, a decadência e o esvaziamento de seus muros eram vistos como causa da enfermidade da urbe.

Tal olhar sobre a conservação dos sítios e sua relação com o bem-estar também se estendia a lugares salutares, como na descrição de Tafur sobre Veneza, cidade que seria, segundo o cavaleiro, "tão limpa de andar" que mais parecia uma "gentil sala", sendo "bem pavimentada e bem emparedada", não permitindo "nenhuma besta de quatro patas" nela entrar. Mesmo assim, "algumas vezes" o ar se tornava nocivo e, por isso, eram mantidos, no inverno e no verão, "muitos fogos", e queimados "muitos perfumes", que espalhavam "grande aroma", havendo ainda uma "especiaria" que era moída pelas ruas e proporcionava "suavíssimo odor."[97] Ao tecer elogios ao asseio da cidade, ao uso de fogos e especiarias para a purificação do ar,

[94] Para os quatrocentistas era comum a ideia de que elementos como terra, água e o ar podiam ser corrompidos, o que fazia com que fossem vistos como propagadores de certas doenças. Dentre essas substâncias, a água e o ar eram os que seriam mais facilmente deturpados, principalmente o ar, por ser considerado um elemento mais volátil, segundo autores como Georges Vigarello e John Aberth. Embora a ideia de que os elementos poderiam ser corrompidos não fosse novidade – como pode ser visto no tratado do famosos médico e pensador grego Hipócrates "Sobre as águas, ares e lugares" – Vigarello e Aberth afirmam que o ar começou a receber essa maior atenção após a segunda metade do XIV, muito possivelmente por influência dos surtos de peste. Para maiores detalhes ver: VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.44-47; ABERTH, J. **An environmental history of the Middle Ages**: The crucible of nature. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013, 53-54; BAU, A.M; FERNANDA CANAVESE, G. "Agua que cura, agua que alimenta". La dietética para sanos y el uso del agua en la sociedad española bajomedieval y moderna. **Cuadernos de historia de España**, Buenos Aires, Vol. 80, 2006, p.129; GARCÍA GUAL, C. et al. **Tratados hipocráticos**. Juramento - Sobre la ciencia médica - Sobre la medicina antigua - Sobre la enfermedad sagrada - El pronóstico - Sobre los aires, aguas y lugares - Sobre la dieta en las enfermedades agudas - Sobre la dieta. Madrid: Gredos, 1983, p.103-153.

[95]BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.197

[96] MARTÍN GUTIERREZ, E. Paisajes Imaginados y paysajes a finales de la Edad Media. Humedales y marismas en las comarcas gaditanas. In. VAL VALDIESO, M.I. (coord.). **El agua en el imaginario Medieval** los reinos ibéricos en la Baja Edad Media. Alicant: UNE, 2016, p.23.

[97]"Esta çibdat es tan limpia para andar por ella, como si anduviese onbre por una gentil sala, por cuanto ella es bien enlosada é bien enladrillada; en ella non entra bestia ninguna de quatro pies, en invierno non para agua en ella, é por tanto non ay lodo nin en verano polvo; é allí la mar cresçe é mengua, aunque non tanto como en Poniente, é saca fuera las suçiedades de los lugares secretos, en otra manera non podrían bevir de fedor; é áun dizen que algunas veçes se infiçiona el ayre, é tienen por eso, invierno é verano, muchos fuegos, é queman muchos perfumes, é traen consigo grandes oluras, e áun la espeçeria que se muele por las calles, que es un suavíssimo olor." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.115.

Tafur descreve práticas difundidas naquele tempo,[98] de identificação dos bons odores à salubridade, e dos maus cheiros a aspectos prejudiciais.[99]

O cavaleiro chama atenção para a boa conservação dos entornos e muros de Veneza, ressaltando a ausência de animais nas suas ruas, o que contribuiria com a limpeza e aprazibilidade da urbe. Esta cidade mostra-se muito diferente de Roma, que, por sua vez, teria algumas partes dentro de seus muros que mais pareciam com uma "densa montanha", com ervas silvestres que brotavam das cavernas e serviam de abrigo para "lebres", "raposas", "lobos", "cervos" e "porcos-espinhos".[100] Para além da oposição clara entre os lugares habitados e sadios, e os ermos malsãos, o relatório do castelhano guarda em suas linhas apreciações nas quais um lugar digno de nota, devido a seu zelo com os cuidados da saúde,[101] era comparado a um cômodo de uma casa pelas suas qualidades, enquanto as localidades decadentes eram associadas a um espaço selvagem e inóspito para convívio humano.[102] Evidencia, assim, uma predileção por certos tipos de habitats, tidos como mais aprazíveis que outros: os lugares ermos ao mesmo tempo que eram tidos como lugares de ataques e roubos – como vimos no tópico anterior –, podiam, segundo os escritos, agredir a resistência física dos viajantes. Os homens desse período, pelo que se depreende, se não repeliram o espaço aberto e não ocupado,[103] parecem tê-lo ao menos evitado.

A prática de viajar, entretanto, colocava os indivíduos em constante contato com esses ambientes não assegurados, o que, de certo modo, aguçava a observação acerca dos perigos a

---

[98]VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999, p.08.

[99] DE LA PEÑA, E, B. Un Regimen Sanitatis contra la peste: el tratado del licenciado Vázquez. **Asclepio**. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia, Madrid, Vol. LXIV, Nº 2, 2012, p. 406.

[100]"[…] pero en partes ay del muro adentro, que non paresçe sinon una montaña espesa, é ay muchas salvaginas que crian naquellas cuevas, ansí como liebres é raposos, é lobos, é çiervos, é dizen que puercrespines." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 32.

[101]Cidades como Milão, Genova, Veneza ou Florência, foram reconhecidas pelo cuidado com a saúde e limpeza. GALLENT MARCO, M. (2009). El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, p.49.

[102]Embora no século XV os homens já tivessem avançado bastante frente o mundo natural, chegando mesmo a domar, em certa medida, zonas que antes figuraram como aterradoras para os humanos – florestas e bosques – ainda existia neste período uma grande desconfiança e juízo negativo de lugares onde a vida selvagem imperava, tal como era no caso citado as montanhas, lugares difíceis de transpor e tomados por vegetação fechada e vida animal fechada. Para maiores detalhes: BARROS, C. La humanización de la naturaleza en la Edad Media. **Rev. História**, Valladolid, Vol. 19, 1997, p. 79-108; MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p.122; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.94.

[103] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.197-200; AZNAR VALLEJO. E. Introducción a los viajes medievales. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, p. 27-28; ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.372.

eles relacionados, em especial as ameaças de doenças recorrentes no quotidiano da viagem.[104] Desta maneira, fosse na distante Tartária, fosse em uma das cidades mais estimadas pelos cristãos, as alusões aos males do corpo denunciam como os quatrocentistas se mostravam atentos às diferentes formas de alteração do mundo externo que poderiam prejudicar sua saúde. Essas notícias sobre as enfermidades vividas durante as viagens trazem à tona, pois, certas circunstâncias comuns nos deslocamentos, e a ameaça de doenças emerge como um dos principais riscos, fosse como resultado do contato com as multidões estranhas, fosse em decorrência do desamparo em lugares desabitados. Estes últimos foram alvos privilegiados dos olhares daqueles que viajavam, pois, além dos riscos de enfermidades, podiam proporcionar uma série de outros empecilhos advindos das incertezas e rigores dos climas pouco conhecidos.

3.3 Terrenos e climas desafiadores

Um aspecto reincidente no relato da *Embajada a Tarmolán* é a relação minuciada dos lugares alhures, bem como do quotidiano daqueles que viajavam por aquelas plagas. Ainda no que se refere ao bem-estar durante as jornadas, um excerto do relato trata da chegada dos viajantes à cidade de "*Bastan*,"[105] onde são recebidos por um vassalo de Tarmelã, que busca cuidar dos embaixadores que então se encontravam "doentes".[106] Embora fosse do desejo dos viageiros descansarem ali por pelo menos "dois dias", eles seguem a recomendação para se apressarem em continuar o caminho que os levaria ao governante timúrida. Partiram, ainda que isso "lhes pesasse", pois estavam "tão fracos" que parecia estarem "mais perto da morte que da vida". Buscando remediar a situação, o cavaleiro que os recebera ordenou que fossem colocadas em suas selas "algumas madeiras nos eixos dianteiros,[107] cruzadas por almofadas no meio", nas quais "foram acomodados [os embaixadores] de peitos" para baixo, e desta forma seguiram viagem.[108] As manifestações de gentileza e recepção observadas nos caminhos comandados

[104]MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie III, Madrid, Nº25, 2012, p. 268-272.
[105]Também chamada de Bistam, se encontra atualmente na província de Semnan no Irã.
[106]"E cuando los dichos embaxadores allí llegaron, fallaron un grand cavallero, que llaman En Ancora, que les estava esperando por mandado del Senor para los levar e fazer onra; e fézoles dar posadas e vino a bever; e por cuanto no podían ir con él, que venían dolientes, envióles mucha vianda e fruta a la posada." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.220.
[107]No original é usado o termo *arzón* que é o eixo dianteiro ou traseiro da sela de cavalgar. Arzón. In. COROMINAS, J; PASCUAL, J.A. **Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1984, p.369.
[108]"E envióles rogar que quisiesen luego cavalgar e que andudiesen, que tal era el mandamiento del Senor, que fuesen en pos él cuanto pudiesen más, asi de dia como de noche. E ellos le enviaron decir que bien veía él cuáles venían, que no estaban para andar, que les rogava que los quisesen dexar estar allí dos días siquier que folgasen un poco; e él les envió dezie que sólo un rato, que no osaría allí detenerlos, que si el Señor lo sopiese, no le costaría ál, salvo la vida. E por mucho que fizieron, ovieron de partir, aunque les pesó; e ellos estaban tan flacos, que estaban más cerca de muerte que d'la vida. E el dicho caballero fézoles poner en las sillas unos maderos en los

pelo líder mongol já foram anteriormente citadas, contudo, nesta passagem, nota-se outra nuance, a imposição de uma marcha contínua, tendo em vista as grandes distâncias que se colocavam entre os nobres e seu destino.[109] Os castelhanos, que outrora elogiaram a eficiência do sistema de transporte tártaro, admiram-se com a disposição desse povo em enfrentar as grandes distâncias com afinco, de maneira que o narrador comenta: "em verdade é difícil de acreditar", a não ser a quem viu, "que esses malditos" andavam todo o "dia e noite", indo até onde seus cavalos aguentassem levá-los. E quando os animais davam algum sinal de exaustão, os ginetes os degolavam onde estivessem, ou então os vendiam, caso estivessem num lugar onde houvesse quem os comprasse. Clavijo termina essa passagem mencionando que os embaixadores teriam visto "tantos cavalos mortos nos caminhos", que era "maravilha."[110] O espanto ao ver o ânimo dos mongóis em seguir viagem sugere que andar por aquelas terras, mesmo com o suporte oferecido, era algo custoso e difícil para os castelhanos.

Assim, não é de espantar que, logo após essa passagem, os embaixadores combalidos tenham acabado por sofrer uma baixa. Alguns dias após deixarem a cidade de *Jarjam*, Gómez de Salazar, que seguia doente, começou a "morrer" ao longo de um caminho onde "não havia água".[111] O relato tem o cuidado de colocar a agonia final do enfermo junto à descrição da falta do precioso recurso, tão destacado nos relatos, como foi visto anteriormente. Com a ajuda de um chefe mongol, os embaixadores conseguem levar Salazar até a cidade de "*Nixaor*",[112] onde foi tratado em "boas casas" e por bons "físicos".[113] Contudo, "quis Deus" que ali mesmo viesse a morrer.[114] As longas andanças diárias eram uma atividade que exigia muito dos viageiros,[115]

---

arzones delante, atravesados poe sendas almoadas en medio, en que fuesen echados de pechos; e desta guisa ovieron de partir de aquí." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.221.

[109]Levando em conta que da cidade onde se encontravam até Samarcanda teria uma distância de 1.500 quilômetros, aproximadamente.

[110]"E en verdat no es de crer sino a quien lo viese lo que estos malditos andan de día e de noche; e no fazen sino andar cuanto los cavalos los pueden levar. E no tan solamente andan lo qu'el Señor manda e ordena, mas andan quinze o veinte d'estas grandes léguas, entre día e noche […] mas cuando se les quieren morir, dególlanlos e vèndenlos si están en lugar do ay gente; pero, con todo esto fallamos tantos caballos muertos en los caminos, de los que los matan andando, tanto que es maravilla." Ibid., p.224.

[111]"E esta noche se oviera de finar Gomes de Salazar, que iva doliente; e en este camino no avía agua en toda la jornada […]" Ibid., p.225.

[112]Atual Nixapur também conhecida como Neishabur ou Neshabur.

[113]Denominação comum para aqueles que professavam a profissão médica. Físico. In. COROMINAS, J; PASCUAL, J.A. **Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1984, p.905.

[114]"E desque sopo que Gomes de Salazar quedava flaco, torno por él e fallólo tan flaco, que no se podia tener. E luego esa noche que llegó, fezo fazer unas andas e poner al dicho Gomes en ellas e fezo tomar omnes que lo levasen a Cuestas, de concejo en concejo; e asi lo truxieron fasta en esta tierra de la ciudat de Nixaor. E desque allí le truxieron, fézole poner en unas buenas casas e que curasen d'él físicos, que los avia muy buenos. E quiso Dios e ovo de finar aqui el dicho Gomes." GONZÁLEZ DE CLAVIJO,1999, op.cit., p.227.

[115]AZNAR VALLEJO. E. Introducción a los viajes medievales. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, p.21; FERREIRA PRIEGUE, E. Saber viajar: arte y técnica del viaje en la Edad Media. In: IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p.45.

e o afinco em avançar continuamente,[116] aliado às grandes distâncias e ao estado dos caminhos, levava-os muitas vezes ao esgotamento, ou mesmo à morte. Fadigas e doenças eram algumas formas de sujeição comuns que os indivíduos enfrentavam nos espaços abertos, mas não eram as únicas.

Os trajetos distantes, dos quais pouco se conhecia, podiam resguardar uma série de empecilhos a serem legados aos coetâneos nos relatos, a exemplo do que se observa no inventário dos reinos e terras conhecidas que consta no *El libro del conoscimiento,* mencionado anteriormente. Embora o narrador dedique pouco espaço em suas páginas para os perigos, o escrito trecentista pontua alguns lugares que poderiam ser perigosos de andar, como os territórios que iam além da cidade de "*Mogdasor*"[117] – localizada pelo autor nos limites da Etiópia –, fronteira para além da qual "o caminho era perigoso".[118] Outro caso é a descrição da zona montanhosa próxima a Marrocos, denominada como "*Çuçia*",[119] que seria composta por "montes muito altos e terra muito perigosa".[120] Os entornos alhures eram evidenciados de maneira a mostrar como poderiam oferecer dificuldades para os forasteiros. O relato anônimo sobre a constituição do mundo menciona como seria arriscado para aqueles que se dirigissem a esse trecho, do outro lado do estreito de Gibraltar, aventurar-se em conhecer uma cadeia de montanhas, que proporcionaria subidas arriscadas.[121] Pero Tafur descreveu uma situação parecida durante sua visita às cercanias de Jerusalém, quando decidiu pernoitar no monte onde, segundo ele, "nosso Senhor jejuou". Ao se dirigir até aquele ponto, o sevilhano acompanhou alguns cristãos e presenciou um terrível acidente, quando "um escudeiro da Galícia" que tentava ajudar "uma dona, caiu do alto da montanha" durante a subida e "chegou" ao solo "feito em pedaços". O sevilhano termina esse relato afirmando que aquela serra seria "um lugar bem temeroso de subir."[122]

---

[116]MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p.92.

[117]Esse reino compreende atualmente a cidade de Mogadíscio na Somália.

[118]"Et este Sorleonis quysiera traspasar al inperio de Grafiona a buscar a su padre, et este Enperador de Magdasor non le consintio yr por que la yda era dubdosa por que el camino es peligroso." **EL libro del conoscimiento de todos los reinos**. (Ed.) MARINO, N.F, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 1999. p.64.

[119]Região montanhosa localizada nas cordilheiras do Atlas próxima à Argélia.

[120]"Et subi en las sierras de Çuçia la alta, que es una tierra muy viçiosa et abondada de todos los bienes. Et sabet que son unos montes muy altos et tierra muy peligrosa […]." Ibid., p. 46.

[121]"[…]que non an mas de dos sobidas peligrosas muy mucho […]" Ibid., p.46.

[122]"Esa noche me fui á dormir al monte donde Nuestro Senor ayunó, e alli fallé á los xpianos; esta es una sierra muy alta en medio della unas capillas pequenas, e fecho camino por la pena para sobre á ella, lo qual todo fizo Santa Elena por onrrar aquel lugar santo. E á la subida, un escudero de Galliçia, por socorrer á una duena, cayó deençima de la montaña, é de que llegó abaxo yva fecho pedaços; es un lugar bien temeroso de subir." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 44.

O relato de Tafur e *El libro del conoscimiento* são obras separadas por quase um século, mas apresentam uma visão semelhante sobre essa variação da superfície terrestre. As notas sobre as montanhas distantes e o testemunho da má sorte do cavaleiro amparam-se em uma visão intimidadora, difundida nos relatos, que associava ao relevo físico as imensidões desconhecidas. Desta forma, montanhas, serras e outras elevações se mostravam, para os viajantes, como lugares amedrontadores.[123] Durante a descida da montanha, Tafur descreve que ali perto, num ponto "mais alto", se encontrava o lugar onde "o diabo tentou Nosso Senhor",[124] reforçando, para si e para os destinatários do relato, a importância do local como palco de uma passagem memorável da vida de Jesus Cristo. Toda a região que cercava a Terra Santa figurava, para os viajantes do Poente, como uma topografia sagrada, inspirada pelas Escrituras.[125] Em contrapartida, esse trecho do território também se mostrava de alguma forma hostil, dado que os escritos que circulavam na terra do sevilhano contavam sobre as agruras que lá poderiam ser vividas.[126] A descrição desse trecho do traslado do sevilhano não é apenas um alerta acerca de um acidente num espaço reconhecidamente perigoso pelos seus coetâneos, mas expõe, conjuntamente, uma visão acerca de um sítio de veneração que era digno de destaque.[127]

Era habitual nos escritos de viagens, como se pode notar nesse e em outros excertos, uma imbricação entre um relato pormenorizado dos terrenos e a tradição cristã que versava sobre determinados lugares.[128] *O Libro del infante Don Pedro*, que é uma junção de itinerários narrados, oferece uma amostra disso, ao mencionar o que seria o monte Ararate, lugar muito prestigiado nas relações de viagens quatrocentistas.[129] Faz alusão às serras da Armênia como

[123]MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 123; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.94; ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.63-64.

[124]"E luego deçendimos, é por otro camino mas llano sobieronençima de todo lo mas alto, á donde el Diablo tento á Nuestro Senor […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.44.

[125]HALBWACHS, M. **La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris: Press universitaires de France, 1941, p.03 -05.

[126]Tal visão pode ser encontrada na *General Estoria*, projeto empreendido por Afonso X no ano de 1270 que tinha como objetivo recontar a história de toda a Criação em língua vernácula. Na sua primeira parte onde é registrada a formação do mundo são descritos os entornos da Terra Santa: "Ca Jerusalem e Ebrón, que es cerca d'ella, en medio de la tierra yazen; lo ál por muchos logares muy ásperos e muy traviessos e muy malos por peñas e montes e aguas e espantos de bestias fieras e serpientes que fallavan ya a logares, demás que non avié ý aún carrera fecha ninguna, ca nunca andudiera omne por ý." **GENERAL Estoria**. Primera parte. SÁNCHEZ- PRIETO, P.B; DÍAZ MORENO, R; TRUJILLO BELSO, E. Edición de textos alfonsíes. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [on line]. Corpus diacrónico del español. <http://www.rae.es> [02\12\2017], fol. 3r.

[127] ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.56.

[128] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.95.

[129] A montanha onde a arca de Noé teria atracado após o diluvio é descrita por Pero Tafur, bem como por Ruy Gonzalez de Clavijo. Para maiores detalhes ver: TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 47; GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.191-193.

"muito altas", de forma que gastaram um "dia e meio" para escalá-las, por serem ainda entrecortadas por "um rio muito quente", onde se encontravam "belas pedras preciosas". Entre aquelas serras, mesclando elementos da mitologia bíblica, registra que estava "atravessada a arca de Noé", coberta, dada a "umidade do rio", "de ervas e de esterco das aves"; o que a fez assumir uma coloração branca como a neve. Acrescenta, ainda, que "homem nenhum" conseguia "chegar até a arca dadas as grandes rochas e águas" que ali estavam.[130] As descrições espaciais que constam no livreto são menos extensas que nos demais relatos aqui cotejados, entretanto, recebem a mesma atenção os lugares sagrados e os aspectos do local que impediam a passagem de pessoas que desejassem ver a embarcação, merecendo, pois, esses aspectos um significativo destaque. A constituição do lugar contava tanto com traços encantadores, como o rio de pedras preciosas, quanto desfavoráveis, como os fluxos de águas e rochas que vedavam o alcance da relíquia. O entorno, exposto como um dos aspectos que atravancava a passagem, é, vale dizer, um problema sempre referido a propósito das viagens.

Os homens que trilhavam pelos caminhos insólitos buscavam, tendo em vista os obstáculos dos entornos das destinações, deixar anotado, junto com as apreciações destas, as condições de translado. Nessas narrações, os elementos que de alguma forma atrasavam o avanço da marcha foram bem delimitados por alguns desses viajantes. No *Embajada a Tarmolán*, é descrito o ritmo exaustivo a que os castelhanos se submeteram a fim de vencerem as grandes imensidões que constituíam os domínios do Tamerlã. O avanço dos emissários pelos territórios mais a leste marca uma maior exposição a ambientes abertos – como nas menções sobre noites passadas em pequenas aldeias[131] ou dormidas ao relento nos campos.[132] Conforme os embaixadores se aproximavam do núcleo do império timúrida, as menções a cidades ficam mais esparsas, principalmente por seguirem a rota dos grandes acampamentos móveis dos mongóis. Essa maior exposição às condições do meio físico também é apontada, nas descrições, como fator que interfere decisivamente no deslocar. Nas notas de cunho prático da obra é onde essa vulnerabilidade é melhor ressaltada. Na passagem pelas terras armênias, ao alcançarem o rio "*Corras*",[133] os viageiros "foram dormir em uma aldeia de nome *Maninan*, e o caminho

[130] 'E las sierras de Armenia son muy altas y estovimos en sobirlas día y medio y entre las sierras passa un río muy ardiente, donde se cogen finas piedras preciosas, y entre las sierras está atravessada el arca de Noé y de la humidad del río está el arca cubierta de yervas, y del estiércol de las aves está el arca blanca como la nieve, y hombre ninguno no puede llegar hasta el arca con las grandes peñas y aguas que aí están." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.17.

[131]GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, páginas:187;188; 189; 352.

[132] Ibid., páginas: 189; 196; 217.

[133]Atualmente é conhecido como rio Arax, que nasce nas planícies da Armênia e corre ao longo das fronteiras deste país com a Turquia e o Irã.

deste dia foi pelas margens deste rio. E o caminho foi muito acidentado e de maus passos."[134] Ao montar a síntese do que seria um dia inteiro de viagem, o relato da embaixada elenca como traço de maior destaque a dificuldade de caminhar, devido à qualidade do terreno. Um pouco antes desse episódio, ao deixarem o império de Trebizonda, os embaixadores foram surpreendidos por um desmoronamento de um lado e um rio de outro, impedindo a passagem, "salvo com grande trabalho", o que teria feito com que andassem "bem pouco" naquele dia.[135] A descrição dos acontecimentos mostra como as particularidades locais forçavam uma diminuição do progresso da viagem, ao mesmo tempo em que apresenta uma relação apurada sobre a constituição do distante. As informações oriundas da prática do deslocar-se focavam tanto na vivência ao longo dos caminhos quanto nas condições e vias do translado, de maneira que o reconhecimento do longínquo era marcado por esses crivos.[136] Os informes sobre os percalços e as dificuldades eram uma das formas de explicitar as circunstâncias do viajar, bem como as peculiaridades físicas dos outros territórios.[137] Se os caminhos por onde seguir eram um dos aspectos de registro válido para os viajantes, a inviabilidade desses mostrava-se ainda mais incontornável de ser relatada.

Gómez de Santisteban descreveu, em seu relato, a partida de Troia da comitiva de D. Pedro, em direção à terra dos gregos, por um "deserto" pelo qual andaram durante quatorze jornadas sem jamais achar um povoado. Ao se encontrarem perdidos, os viandantes decidem subir em uma "grande serra", cuja vista do topo lhes permitiu identificar as terras de Jerusalém, mas só depois de terem ficado "perdidos muito tempo".[138] O livro sobre as viagens do infante português mostra que os desertos figuravam como um tipo de espaço em particular temerário na viagem, como corrobora Pero Tafur ao passar pelas "areias mortas do Egito". O cavaleiro

---

[134]"E otro dia, martes, fueron dormir en una aldea que ha nombre Maninan; e el camino d'este dia fue por riberas d'este rio. E al camino fue muy fraguoso e de malos pasos." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 189.

[135]"E este dia fallaron que se avia caído un pedaço de una sierra, que cerró el camino, e un rio, de manera que los dichos embaxadores no pudieron andar ni pasar, salvo con grand travajo. E este dia andudieron bien poco e fueron durmir en el campo." Ibid., p. 169.

[136]ARCINIEGA GARCÍA, L. **El Saber encaminhado caminhos y viajeros por tierras valencianas de la Edad Media y Moderna**. Valencia: Conselleria d'Infraestructures i Transport, 2009, p. 08-09; GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015, p.39; Idem. Desplazarse en el siglo XV: movilidad y condiciones del viaje. **ActaLauris**, Valladolid, N.º 03, 2016, p.100.

[137] MOLINA MOLINA, A. L. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia. Nº 04, 1999, p.112; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.29; RUCQUOI, A. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995, p.35.

[138]"[...] e partimos de la ciudad y fuemos para la tierra de los grecianos por un desierto, y atravessamos cuatorze jornadas que no llegamos a poblado, y sobimos por una muy gran sierra, desde allí se paresce tierra de Jerusalem, y andovimos perdidos mucho tempo." **LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, 2008, p.13.

assume um tom aflitivo ao se referir a esse trecho, que foi percorrido com "mui grande trabalho e grande perigo".[139]Assim, o viajante contou que não haveria "caminho nenhum, porque o vento" o desfazia, e movia as "areias de uma parte a outra", criando grandes montanhas e, tal "como no mar", os homens se guiavam "pela agulha", e desde a "Babilônia até o monte Sinai" não havia nenhum "povoado."[140]

Ambos os relatos apontam para uma concepção partilhada sobre os desertos como zonas onde o vazio imperava,[141] e a ausência de vida era um dos traços que contribuía para a visão desses ambientes como hostis e perigosos para aqueles que por esses adentravam.[142] No *Embajada a Tarmolán*, também surgem menções a travessias de ermos, como as planícies nos limites da Pérsia, onde o "caminho era por uns areais, e o vento levava a areia de um lugar a outro e ofuscava o caminho para os homens", fazendo com que o perdessem muitas vezes até obterem ajuda de uma tribo nômade.[143] Clavijo descreve um deserto distante daquele citado por Tafur, ou mesmo por Santisteban, mas é possível perceber coincidências e similaridades nas maneiras como esses espaços são descritos por esses viageiros.

As confluências nos relatos, a despeito da referência a lugares diferentes, deixam entrever, além da falta de vida humana, outro fator que intimidava aqueles que passavam pelas grandes extensões áridas, ou seja, o fato de que até as formas de se guiar se tornavam pouco confiáveis ou mesmo desapareciam neste ambiente.[144] Tafur relata o uso de uma agulha imantada como forma de se guiar pelo mar de dunas, bem como Clavijo, que cita que a única forma de andar por esses lugares era com o auxílio de homens que se conduziam por meio de

---

[139] "É partimos del Cayro, é yendo por aquellas arenas muertas del Egypto con muy grande trabajo é grande peligro[..]". TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p. 58.

[140] "[…]aqui non ay camino ninguno, porque el vientolo desfaze é mueve las arenas de una parte á otra, é faze grandes alturas […] é como en la mar ansí navegan por el aguja; é desde Babylonia fasta el monte de Synay non ay poblado, é conviene levar los camellos todas las cosas nesçesarias ansí para las gentes como para ellos." Ibid., p. 58-59.

[141] Sobre a constituição do deserto como espaço vazio e solitário dentro da história cristã ocidental. Ver: LE GOFF, J. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70,1985, p.49-59; ZUMTHOR, P. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994, p.61-67; CASTANHO, G.C. G. A polissemia (social) do deserto: uma história do 'tópos' histórico e historiográfico da solidão no contexto latino medieval. Rev. Hist. (São Paulo), São Paulo, Nº. 173, p. 115-139, Dec.2015. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034830920150002001 15&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19\06\2017.

[142] MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990, p.123-124; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.196-199.

[143] "E el camino era por unos arenal's, e el viento levaba el arena de un lugar a otro e cegava el camino a los omnes. E este día perdieron el camino muchas vezes; e el caballero que los levaba fizo tornar por un omne a las dichas tiendas, que les mostrase el camino." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.239.

[144] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.197.

sinais posicionados na areia.[145] Os relatores das viagens incluem assim os amparos que encontravam para transpor esses trechos que, sem tais auxílios, seriam intransitáveis. As dificuldades de orientação enfrentadas pelos viajantes nesses pontos eram, pode-se dizer, causadas tanto pela baixa visibilidade, como pelo fato de os arredores estarem em constante mudança; aspectos relacionados a tempestades de areia e ventanias, que faziam com que a saída desses lugares fosse um verdadeiro desafio.

Os rigores do clima eram outro fator prejudicial dessas localidades,[146] chegando a impressionar os viajantes, como se percebe nas palavras de Tafur, ao enunciar que o calor do deserto egípcio era "tão grande" que duvidava que os homens poderiam suportá-lo.[147] E as referências às temperaturas extremas não se restringiam apenas aos grandes desertos. As condições climáticas eram parte das severidades constatadas em diversos lugares, fazendo parte dos alertas legados por escrito.[148] Clavijo descreveu que, ao sair da Pérsia e entrar no território de Média,[149] os embaixadores seguiram por um caminho "acidentado entre montanhas muito quentes".[150] Não muito depois, diz que, neste dia, fez grande calor e um vento tão quente que parecia vir "do inferno".[151] As temperaturas acentuadas figuravam como aspectos negativos das terras estrangeiras, como se nota, por exemplo, na maneira como as grandes temperaturas são referidas como nocivas à saúde dos viajantes. Não à toa, Clavijo faz uma alusão a ventos infernais para descrever o trecho próximo da Pérsia, descrita por ele como infecta e doente.

Os climas adversos, para além dos riscos ao organismo, podiam também constituir entraves ao prosseguimento da viagem. No relato de Tafur, o cavaleiro menciona como sua passagem pelas terras germânicas foi apinhada de imprevistos causados pelos homens, mas, aliada a essa falta de segurança, menciona outro grande problema: as baixas temperaturas. O sevilhano conta que, ao ir de Breslávia até Viena, gastou "doze jornadas" diárias, "passando mui grandes frios e geadas"; tamanho era o frio que as carruagens passavam por cima dos rios, uma vez que "estava toda a água congelada". Na busca por relatar o vivido, o cavaleiro chega

---

[145] "E este caminho no le pueden andar sino con guia de omnes que lo saven por senales que tienen puestas; e estos tal's que los saven, estos camino […]" GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.326.

[146] BÉGUELIM ARGÍMON, V. La **geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.197.

[147] "[…] la calor tan grande, que dudaba onbre de poderio sofrir." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.58.

[148] MOLINA MOLINA, A. L. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia. Nº 04, 1999, p.115.

[149] Região geográfica que ocupa atualmente o noroeste do Irã, é descrita como um reino subordinado a Tarmelã durante esse período, indo de Damoga, atual, Damoghan, até Nixaor, Nixapur.

[150] "E el camino fue fraguoso entre montanas muy calientes, e no avia agua, sino muy poca." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.219.

[151] "E este dia fezo grand calentura e viento, e era tan caliente que parescía que salía del infierno." Ibid., p.219.

a fazer um chiste dizendo: “ali me caíram os molares e os dentes de frio”. Mas termina a descrição de forma mais austera, afirmando que, “sem dúvida, grandíssimo trabalho” era atravessar “tal terra no inverno”.[152] Nesse trecho, o registro do sevilhano vai desde a menção à curiosidade dos rios congelados até a anedota sobre perder os dentes, provavelmente pelos espasmos maxilares, de modo a mostrar um clima atípico que se apresentava como um agravante nos deslocamentos. A preocupação com estações mais favoráveis,[153] como foi dito anteriormente, fazia parte do planejamento das viagens quatrocentistas, todavia, os itinerários nem sempre permitiam cumprir essa agenda.

Os contratempos da viagem eram acentuados quando os homens se dirigiam para reinos pouco conhecidos, como na embaixada de Enrique, que, durante a ida para Samarcanda, teve de atravessar as planícies do Levante durante as temporadas mais quentes de 1404. Muitas são as menções na narrativa aos calores e ventos, tão quentes que pareciam queimar a pele.[154] Em contrapartida, no caminho de volta, os castelhanos enfrentaram o inverno das terras timúridas, principalmente nas montanhas de Média, onde “o caminho era mal habitado, e de grande frio e neves”,[155] atrapalhando o andar[156] e ameaçando as paradas.[157] Esse reino pareceu uma terra escaldante durante a ida, e extremamente gélida no retorno, impressões ilustrativas de como os extremos eram igualmente danosos para os viajantes. Naquele mesmo local, os embaixadores presenciaram um fato espantoso envolvendo os fenômenos atmosféricos. Ao se aproximarem de “*Damoga*”,[158] foram surpreendidos por um “vento muito forte”, “tão frio, que era grande maravilha que os homens e bestas” conseguissem resistir. Chegando à cidade, informaram-se sobre um fenômeno que era causado quando “algum animal ou coisa suja” caía em uma fonte ali perto, e o vento, quando isso acontecia, soprava “tão fortemente” até que a fonte fosse limpa, o que o narrador avalia como uma “maravilha”.[159] Nesse excerto, o clima, para além de uma

[152] “[…]é ansí passamos doze jornadas fasta llegar á Viana en Absterlic, passando muy grandes frios é eladas; é por aquel caminho passamos dos riveras por encima delas con los carros, é estava toda el agua elada, é allí se me ovieran de caer de frio todas las muelas é los dientes; é sin dubda, grandíssimo trabajos es cavalgar por tal tierra en invierno.” TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.147.

[153] AZNAR VALLEJO. E. Introducción a los viajes medievales. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, p.21; GARCIA DE CORTAZAR, J.A. **Los Viajeros Medievales**. Madrid: Santillana, 1996, p.21.

[154] “[...] la calentura era tan grande que era maravilla; e faxía un viento caliente, que parescía que ardíe.” GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p. 225.

[155] “[...] e el camino era mal avitado, e de grand frío e niebes[...]” Ibid. p.329.

[156] “E estudieron en esta ciudad el día, martes, que y llegaron, e miércoles e juebes e viernes, que no pudieron partir por las niebes muchas que en el camino avía.” Ibid., p.331.

[157] “E omnes e bestias no fazían ál sino sacar niebe; e tanta caía que estava en peligro; e la que sobre las casas caía, achávanla com palas ajuso, porque no les derrocase las casas.” Ibid., p.331.

[158] Cidade de Damghan no Irã.

[159] “E otro dia, domingo, partieron de aqui, e el lunes llegaron a una ciudat que es llamada Damoga: e seyendo cuanto a una légua d'esta ciudat, levantóse un viento muy grande e frio, seyendo el dia claro. E tan grande era el frio que era una grand maravilla, que los omnes e las vestias no lo podian sofrir. E desque en la ciudat fueron.

manifestação física, é relacionado a um aspecto sobrenatural,[160] não apenas pelo espanto que causa, mas pela forma como o problema é solucionado.

Perambular por outras terras fazia com que os viajantes lidassem com climas estranhos, onde as estações mais rigorosas impunham verdadeiros suplícios. Esses climas mostravam-se parte integrante de um ambiente onde o espantoso era algo, de certa forma, esperado.[161] Os homens que se dispuseram a seguir por outras bandas fizeram questão de registrar para seus coetâneos dados acerca das forças naturais contrárias às quais eles se sujeitaram ao longo de suas jornadas. Esses tipos de empecilho agiam principalmente como retardadores do ritmo da viagem, por isso, tornaram-se tópicos nas narrativas sobre o distante. De todos os fenômenos naturais, um deles, como veremos a seguir, por sua força e imprevisibilidade, demandou maior vigilância e precaução: as intempéries marítimas.

3.4. Mares revoltos

Se as vias aquáticas constituíram uma das formas mais rápidas e eficientes de se deslocar durante o Quatrocentos, como foi visto no segundo capítulo, no caso das viagens mais longas, as rotas marítimas constituíram percursos usuais daqueles que se dirigiram para as paragens estranhas. Ainda que os mares se mostrassem um dos meios privilegiados de se alcançar os lugares distantes, a imagem da via marítima suscitava a sensação de vulnerabilidade, de risco, de ameaça e incerteza.[162] Assim, os mares foram objeto de especial cuidado e interesse dos que colocaram por escrito suas viagens ao longo do século XV,[163] tanto que os relatos aqui cotejados oferecem um rico panorama dos principais mares conhecidos nesse período. Embora os viajantes nem sempre cursassem as mesmas rotas, seus itinerários por vezes se cruzaram. A dispersão dos nobres por águas diferentes possibilita, assim, uma amostragem dos tipos e impactos dos contatos com os meios marítimos. A porção mais tratada nos escritos é a do mar

---

demandaron de aquel viento e dixieron que en una sierra que encima de la ciudat estava, avia una fuente, e que cuando alguna animalia o cosa suzia, que en ella caía, que ventava tan rezio aquel viento que era maravilla; e que no cesava fasta que limpiavan aquella fuente. E otro dia la gente del concejo, con paios e garavatos, alimpiaron aquella fuente, e cesó el viento." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.329**.**

[160] Jonh Aberth menciona que no XV ainda era comum escritos onde fenômenos meteorológicos eram relacionados a forças sobrenaturais. ABERTH, J. **An environmental history of the Middle Ages**: the crucible of nature. Londres\Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013, p.75.

[161] KAPPLER, Cl. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p.39-40.

[162] PELAZ FLORES, D. El medio acuático en los viajes de las reinas a través de las crónicas de la Baja Edad Media. In. **El agua en el imaginario medieval los reinos ibéricos en la Baja Edad Media**. VAL VALDIESO, M.I. (coord.). Alicant: UNE, 2016, p.171; LOPES, P. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.50.

[163] BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.134.

do Levante, o Mediterrâneo, que figurava como o mar mais conhecido e navegado pelos cristãos.[164] Mais a leste, o Mar Maior, ou Mar Negro, possibilitou a ida de Pero Tafur aos limites com a Tartária, na região da atual Crimeia, bem como a ida dos embaixadores de Enrique à Pérsia, rumo a Samarcanda. Outro mar de importância igualmente percorrido foi o do Poente, ou mar Oceano, o Atlântico. Os viajantes tiveram menos contato com este, a não ser Pero Niño, que singrou por suas águas durante suas idas à Inglaterra. Esses foram os três principais mares em que os castelhanos navegaram em seus deslocamentos.[165]

As descrições acerca desses espaços aquáticos merecem especial atenção daqueles que registraram as viagens.[166] Tal como as informações sobre as terras, que se baseavam muito em certos elementos que constituíam os sítios distantes, os informes acerca dos mares focavam igualmente as situações e os fenômenos vividos ao longo das carreiras ou nos eventuais riscos nessas vias; havendo poucas menções às configurações particulares desses mares.[167] Ainda assim, houve casos nos quais os autores teceram comentários que, de alguma forma, sintetizaram características mais relevantes desses mares. No *Embajada a Tarmolán*, por exemplo, o narrador faz uma descrição do Mar Negro destacando a sua periculosidade:

> [...] a razão pela qual este Mar Negro é tão temível e perigoso é porque é um mar redondo e navegável[168] ao redor de três mil milhas, e não há outra entrada nem saída nele, exceto esta próxima a Pera, e é todo cercado por altas montanhas ao redor, e não há praias onde se estenda, e desaguam nele muitos e grandes rios. E, todavia, o mar não faz mais que redemoinhar e andar em derredor [...]. E quando se levanta algum vento forte, logo se agita e se alça o mar, e é uma tempestade, e é incisivamente com o vento de transmontana e com o galego, que chamam de mistral,[169] porque vem transversal. Aquele mar também é perigoso, por isso há o quebra o mar e há poucos portos nele.[170]

---

[164] Como já mencionado no segundo capítulo.

[165] Victória Béguelim Argímon lembra que além desses os viajantes tiveram acesso a mares mais distantes e considerados fechados como o Mar de Mármara e o Mar Vermelho vistos por Pero Tafur Além desses mares vistos, os relatos ainda fazem menções a mares não visitados, dado seu grande poderio comercial, como Tafur que se refere ao Mar de Ryxabaque, e ao Mar de Tana, respectivamente a porção setentrional e meridional do Mar de Azov, Tanto a *Embajada a Tarmolán* como pero Tafur fazem menção ao mar Cáspio, mencionado como Mar de Bacu. Ruy Gonzalez de Clavijo também mencionou o comércio com o Índico, mencionado como Mar Oceano, relacionando ao Atlântico com a visão de mar que circundava toda o ecúmeno. BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.137.

[166] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.15.

[167] BÉGUELIM ARGÍMON, 2011, op.cit., p.136.

[168] No original é citado o termo "boze" que seria o mesmo que *bojar*, referente a navegação de uma circunferência marítima.

[169] O vento da transmontana seria aquele que soprava do Norte, o galego era o que vinha do Noroeste também chamado de mistral. E reconhecido como um vento violento nas águas mediterrâneas. BRAUDEL, F.A Terra. BRAUDEL, F. (org.) **O mediterrâneo**: o espaço e a história. Lisboa: Teorema, 1987, p.22.

[170] "E la razón por que este Mar Mayor tan recelado e peligroso es, es por cuanto es un mar que es redondo e boze en derredor tres mil millas, e no ha otra entrada ni salida en él, salvo esta boca que es acerca de Pera; e es todo cercado de altas sierras en derredor, e no ha playas donde se estienda, e entran en él muchos rios e grandes. E el mar no faze todavia sino revolir e andar en derredor […]E cuando se levanta algund viento forçoso, luego bulle e

Nesse excerto, Clavijo enumera os motivos que fariam daquele um espaço tão temível, retratando uma imensa quantidade de água totalmente cercada e altamente instável, tanto pela formação de redemoinhos quanto pelos regimes de ventos que faziam com que suas ondas se tornassem altamente destrutivas. A falta de portos alia-se a esses outros aspectos, tornando-os lugares muito ameaçadores, já que a falta de atracadouros era um dos receios dos navegadores.[171] Ademais, o relato menciona os perigos de sair daquele mar, uma vez que a única passagem viável para a evasão seria o estreito de Bósforo, um trecho sinuoso e de difícil orientação,[172] onde seria muito fácil para as embarcações colidirem com as margens.[173] Para além de compor o relatório detalhado da navegação por este mar distante, a ameaça surge, nas palavras do viajante, como forma de relatar as particularidades dos locais visitados; um tipo de nota que ganhou maior espaço nos relatos entre os séculos XIV e XV, dado o parco conhecimento sobre o distante e uma maior valorização de saberes mais específicos, como aqueles que as experiências marítimas proporcionavam.[174] Logo, as pormenorizações sobre os espaços aquáticos buscavam fundar um conhecimento sobre esses elementos da Criação, então pouco conhecidos.[175]

Essa compreensão acerca dos mares era, normalmente, acompanhada de uma desconfiança dos coevos em relação ao mar. No *El Victorial*, Diaz de Games registrou não apenas a vivência em águas mediterrânicas e atlânticas, mas buscou do mesmo modo esboçar algum detalhamento sobre esses pontos, como fez ao descrever as diferenças entre os dois mares, explicando que o "mar do Poente" não era como o do Levante, que não possuía "maré minguante ou crescente" nem "grandes correntes", a não ser aquela conhecida como "corrente de Faro", que era "muito perigosa" e onde pereceram "muitos navios". E quando o vento, neste trecho, fazia-se "contrário à corrente", o navio que tomava "aquele caminho" chegava muito

se alça el mar e es tormenta, e senaladamente es con el viento de trasmontana e con gallego, que llaman maestro por cuanto viene en travieso. En aquele mar es otrosí peligroso por cuanto quiebra el mar e a pocos puertos en él." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.156.

[171] AZNAR VALLEJO, E. Nuevas fronteras y viejas miradas. La apertura del Atlántico en los relatos de viajes. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, Nº18, 2018, p.33.

[172] BRAUDEL, F.A Terra. In. BRAUDEL, F. (org.). **O mediterrâneo**: o espaço e a história. Lisboa: Teorema, 1987, p.11.

[173]"E otrosí es peligroso por cuanto los navios vienen acerca de la boca e es mala de conoscer; e si la no conoscen, van a tierra e piérdense como se an perdido muchas vezes. Otrosí, en caso que conozcan la boca, veniendo cerca d'ella, si se levanta cualquier viento de los sobredichos, son en peligro, por cuanto son travesía que los echa a tierra." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1999, op.cit., p.156.

[174] FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.217.

[175] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.171.

perto da morte.[176] A distinção sobre os dois mares mais próximos e acessíveis aos homens do Poente se funda na exibição dos fatores físicos que ofereciam risco a embarcações, desse modo, o Mediterrâneo mostrava-se mais tranquilo de trafegar do que o Atlântico,[177] devido à ausência de marés e correntes marítimas naquele. É ressaltado, entretanto, um ponto perigoso específico no mar a leste: a corrente de Faro, localizada no Estreito de Messina, um canal situado entre a Península Itálica e a ilha da Sicília, cuja fama de temerário remontava aos tempos antigos.[178] O ponto citado não fez parte dos itinerários de Pero Niño durante suas campanhas mediterrânicas, mas o renome desse trecho faz com que Diaz de Games o inclua nas suas elucubrações sobre as viagens marítimas.

Outros viajantes que transitaram por aquelas águas fizeram questão, do mesmo modo, de mencioná-lo. No relato da embaixada ao Tamerlã, é mencionado como a "grande corrente que sai por aquela boca de Faro" impediu os embaixadores de chegarem ao porto de Messina.[179] Tafur passou pelas mesmas águas no início de 1438, relatando sobre a experiência que, ao deixar a Calábria, que se situava à "mão direita", e a Sicília, à "mão esquerda", dirigiu-se à cidade de Messina "com grande trabalho", infligido pelas "grandes correntes de Faro".[180] Além de mencionar a dificuldade ali imposta aos barcos, o sevilhano cita os "poetas" que diziam que aquele seria o local de aparecimento de sereias. Conquanto o viajante não dê crédito às histórias, ele as relaciona aos perigos daquele trecho, dizendo que os seres saiam das águas para atrair os homens para a morte apenas nos dias em que o vento era "tão grande" que seria "maravilha" aqueles que estivessem "no mar escapar".[181]

---

[176] "La mar de Poniente non es ansí como la mar de Levante, que non à menguante, nin más cresciente, nin grandes corrientes, dexando una a aque llaman la corriente de Faro, que es muy peligrosa, e donde perecen muchos navíos: quando es el viento contrario de la corriente, el navío que toma en medio va apalpando la muerte." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.347.

[177] Autores como Adão Luís da Fonseca e Paulo Lopes defendem uma oposição entre os dois mares para medievos, sendo o Mediterrâneo visto como um mar mais seguro por ser um mar fechado e mais conhecido, enquanto o Atlântico seria um espaço de maior risco e temor por ser um mar de limites desconhecidos. FONSECA, L. A. O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16. **Estudos Avançados**, São Paulo, Vol. 06, Nº 16, 1992, p.42. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141992000300004&lng=en&nrm=iso acesso em 19\06\2016; LOPES, P. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.67.

[178] Este seria o lugar onde se encontrariam os redemoinhos Caríbidis e Cila, mencionados na Odisseia de Homero. BRAUDEL, F.A Terra. In. BRAUDEL, F. (org.). **O mediterrâneo**: o espaço e a história. Lisboa: Teorema, 1987, p.11.

[179] "E con la grand corriente que sale por aquella boca de Alfaro e por poco viento que fazia, no pudieron este dia entrar por aquella boca para ir tomar el puerto de Mecina." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.92.

[180] "[…]dexando la Calabria, que es en el reyno de Napol, á la man derecha, é la Çeçilia á la man ysquierda, é con grant trabajo, por las grandes corrientes del Faro, entramos é fuemos surgir á la çibdat de Meçina." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.155.

[181] "Este Faro es el mar do fingen los poetas que ay las Serenas[…] ellas se muestran en la cara del agua faziendo un canto, é dizen que quien las oye non puede bevir, esto es, que es triste canto condoliéndose de aquella fortuna

As notícias sobre o Mediterrâneo eram recorrentes no reino de Castela, tanto pelos saberes clássicos que versaram sobre esse mar, como pelos contatos diretos com esse, intensificados desde o século XIV.[182] Por se tratar de um espaço mais experimentado, alguns dos perigos que oferecia, bem como os temores a ele relacionados, eram igualmente afamados,[183] como visto na alusão ao trecho do *El Victorial*. Os lugares de maior dificuldade eram registrados tanto por questões práticas – de forma a delinear possíveis lugares ameaçadores para outros viageiros –, como pela reputação que alguns locais teriam para aqueles homens, graças à notoriedade herdada das autoridades que lhes antecederam.[184] Não à toa, Tafur relaciona a ameaça indubitável do Mediterrâneo às estórias sobre as criaturas que, desde tempos clássicos, eram ligadas aos infortúnios marítimos;[185] e o faz de forma a apresentar uma explicação para o perigo daquele trecho, a despeito de descreditar os informes fabulosos.

Se o Mediterrâneo, juntamente com seus perigos, foi mais conhecido durante a centúria do Quatrocentos, a fração atlântica que era acessível aos castelhanos nesse período emanava certo grau de mistério. É importante lembrar que os relatos aqui cotejados se referem à primeira parte do século XV, um momento anterior ao avanço em maior escala das navegações atlânticas sentido sul. Logo, o Oceano navegável para castelhanos constituía-se de uma faixa que se estendia, no sentido Norte, da baía de Biscaia até o Mar do Norte,[186] e, no sentido sul, ia um pouco além do arquipélago das Canárias.[187] Assim, as concepções acerca dessas águas giravam

---

que se apareja á aquellos á quien ellas paresçen, é el non bevir, es, porque ellas nunca cantan sinon quando la fortuna es tan grande, que aquellos que están en la mar serie maravilla escapar." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.155-156.

[182] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.155-159.

[183] Outro exemplo disso seria a menção coincidente no relato de Pero Tafur e no *Embajada* sobre a passagem pelo arquipélago das eólicas, conjunto de ilhas próximo a Sicília, que surgem na Odisseia como lar do Deus dos ventos Éolo e um dos pontos que Ulisses teria aportado durante sua epopeia. A visão das ilhas se concentra no fato de ali se encontrarem, como mencionou Tafur, as três bocas do inferno, que seriam três dos vulcões ativos na região italiana, localizados nas ilhas de Stramboli, Volcano e Salina segundo o relato da embaixada, o que coincide com o relato de Pero Tafur a não ser a última que é identificada pelo cavaleiro como a ilha de Lípari. As descrições desses lugares convergem para montar as ilhas como locais de grandes fumaças, ruídos ensurdecedores e chamas que subiam aos céus, acentuando assim como a importância para o relato tanto pela fama como pela periculosidade que representavam. Para maiores detalhes conferir: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.90-91; TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.156.

[184] CROSBY, A. W. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental - 1250-1600, p.48-49; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.52; FRANÇA, S.S.L., **Mulheres dos Outros**: Os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII-XV). São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 15.

[185] Segundo Navarro González as sereias é o mito mais recorrente por marinheiros da literatura castelhana. NAVARRO GONZALEZ, 1962, opu.cit., p.211-216.

[186] Avistado por Pero Tafur em Bruges. TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.134

[187] Durante a primeira metade da centúria do Quatrocentos o conjunto de ilhas ao largo da costa do atual Marrocos marcaram o limite das navegações castelhanas no Oceano Atlântico, contudo é de amplo conhecimento que em meados do mesmo século navegantes portugueses lograram a transposição de outros marcos vistos como barreiras

muito em torno daquilo que foi legado pelos saberes clássicos, ou seja, a imagem, construída a partir de um conjunto não consensual de saberes, de um misto de lugar tenebroso e maravilhoso.[188] Outrossim, desde o século XIII, pode ser notado um crescimento do interesse pelo diverso. Um dos sintomas desse interesse eram as viagens que buscavam reconhecer, através da experiência, o que se cogitava em relação ao distante.[189] Logo, alguns dos viajantes do Quatrocentos somaram aos conhecimentos estabelecidos olhares advindos de uma vivência adquirida ao longo de suas perambulações, o que transformou paulatinamente o Oceano mítico em um lugar mais familiar.[190]

Os informes do *El Victorial* ilustram como, na primeira metade do século XV, esse maior interesse pelo não habitual.[191] Diaz de Games, ao continuar sua comparação entre os mares, deixa ver tal ampliação. O mar do Poente era "muito bravo, sobretudo para as galeras", sendo "conveniente" que, de tempos em tempos, se buscassem reparos, uma vez que o "mar aberto" era "muito perigoso", porque nele a "calma nunca" durava "muito".[192] O relatório sobre as viagens do cavaleiro pelo Atlântico não é centrado em uma visão sobre povos estranhos ou terras maravilhosas, antes demonstra um apreço pelas novidades que diziam respeito às condições de translado naquele mar não habitual e pouco descrito por seus coetâneos. O ímpeto de informar emerge do confronto entre a navegação por águas mais conhecidas e outras menos, que também eram potencialmente perigosas, o que é exposto na menção de que as galeras –

dos avanços Atlânticos, como o Cabo Não em 1417 e o Cabo Bojador em 1434. Para maiores esclarecimentos ver: ANDRADE, A. A. B. **Mundos Novos do Mundo.** Panorama da difusão, pela Europa, de noticias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972, p.60; AZNAR VALLEJO, E. Nuevas fronteras y viejas miradas. La apertura del Atlántico en los relatos de viajes. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, Nº18, p. 31-54, 2018; LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.89-96; WITTMANN, K.R. Las Islas Afortunadas como frontera hacia lo desconocido. Un estudio desde la cartografía medieval. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, p. 233-255, Nº18, 2018.

[188] Sobre essa imbricação entre o medo e admiração que o Oceano imprimia ver: AZNAR VALLEJO, E. Del Mar Soñado al Mar Hollado. El Redescubrimento del Océano. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, 2007, p. 175-195; ANTELO IGLESIAS, A. El atlântico en la historia y la leyenda. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, História Medieval, Madrid, Nº. 06, 1993, p. 573-586.

[189] FRANÇA, S.S.L. **Mulheres dos Outros**: Os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII-XV). São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.18-19; HOWARD, D. **Writers and pilgrims medieval pilgrimage narratives and Posterity**. Los Ángeles: University of California Press, 1980, p.106.

[190] AZNAR VALLEJO, E. Del Mar Soñado al Mar Hollado. El Redescubrimento del Océano. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº 15, 2007, p. 175-195; LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.23.

[191] BOCHACA, M. Del Mediterráneo al Atlantico: Parla y representaciones marineras em la primera mitad del siglo XV. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, 2014, p.125; BÉLTRAN, R. El caballero en el mar: don Pero Niño, conde de Buelna, entre el Mediterráneo y el Atlántico. **Erebea Revista de Humanidades y Ciencias Sociales**, Huelva, Nº. 3, 2013, p.76.

[192] "La mar de Poniente es muy brava, demás para las galeas […]Conviene que de con ora vaya a buscar reparo, o se meta a la mar a la mar larga, [que] es muy peligrosa para las galeas, porque nunca en ella dura mucho la calma." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.347.

embarcações tipicamente mediterrânicas e muito usuais em Castela[193]– se mostravam frágeis quando expostas às conjunturas mais rigorosas do Mar do Poente. Ao longo das descrições sobre as jornadas marítimas, o relato vai revelando como aquele ambiente era ainda incógnito e desafiador para os viajantes.[194]

Na sua comparação entre os mares, um dos pontos enumerados por Diaz de Games é a ausência de correntes marítimas no Mediterrâneo. Já na descrição sobre o Poente, o nobre descreveu essa característica do Oceano com particular interesse. Ao navegarem pelos portos da Bretanha, fizeram passagem entre a ilha de Ouessent e o cabo de Brest, onde "entraram na corrente[195] que durava vinte léguas" e era "muito perigosa", uma vez que parecia agitar a "água em borbulhas, como uma caldeira de água quando está sobre o fogo", não porque fosse quente, mas porque ali o mar se inquietava em grandes turbilhões.[196] E quando surgia algum vento forte no local, tornava-se "mui perigoso", porque os navios que eram levados pelo vento através da corrente viriam a pique "nesse instante".[197]Após narrar o admirável fluxo de água, Diaz de Games descreve como era navegar por aquelas torrentes, afirmando que não eram "necessárias velas nem remos", apenas os "timões". E a corrente era "tão grande" e levava o navio tão rápido que, se Deus os guardasse de "naufrágio", em "três ou quatro horas" cruzariam aquelas vinte léguas. Sendo seu fluxo tão forte e aterrador, a primeira coisa que faziam ao evadir dele era dar "graças a Deus" pela proteção.[198] No mesmo trecho, é descrito o enorme desafio do fluxo atlântico[199] para embarcações e marinheiros, habituados com águas mediterrânicas. O viajante descreve que, uma vez dentro das correntezas, as ferramentas caras para a navegação

[193] UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. España: Editorial Renacimiento, 2007, p.41; BOCHACA, M. Del Mediterráneo al Atlantico: Parla y representaciones marineras en la primera mitad del siglo XV. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, 2014, p. 118; FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.216-217.

[194] BOCHACA, M. Del Mediterráneo al Atlantico: Parla y representaciones marineras en la primera mitad del siglo XV. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, 2014, p.120.

[195] No original Diaz de Games se refere ao termo em francês "raz" que seria uma corrente marítima violenta. Raz. In. **Dictionnaire Le Robert Poche**. Paris : Le Robert, 2017, p.604.

[196] Neste ponto o narrador se refere a corrente de Blanchart, que tem esse nome justamente pelas bolhas brancas que se formam na sua superfície, tratando-se de uma forte correnteza marítima que se situa entre o cabo de La hague a ilha de Aurigny.

[197]"E ansí navegando por los puertos de Bretania, doblaron el cabo de Samaigo, e entraram en el ras, que dura viente léguas. E aquel ras es muy peligroso, que paresce que ansí ferve allí el agua a borvolones, como una caldera de agua quando esta sobre el fuego; non porque sea caliente, mas porque es allí tal mar que faze allí toda remolinos. E si el viento es allí forçoso, es muy peligroso. E si toma el navio al través, en ese estante es anegado." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.232-233.

[198] "Allí non son menester velas ni remos, sino timones de caxa, que la corriente es allí tan grande, e lieva el navio tan rezio que, si Dios los guarda de pecio, e três oras o quatro se andan aquellas venite léguas. E quando lo na passado, dan gracias a Dios, que los libró." Ibid., p.233.

[199] LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.67.

contemporânea, como remos e velas,[200] tornavam-se inúteis, restando apenas aos navegantes manobrarem com o leme e rezarem para chegar ao fim com vida. Essas correntes eram percebidas pelos viajantes como lugares de grande risco, como o próprio Diaz de Games quis deixar frisado em outra situação, ao mencionar que, nos lugares onde se formavam redemoinhos, o mar era mais "perigoso".[201] A navegação deste trecho devia ser feita com vigilância redobrada, dada a periculosidade e obscuridade de certos pontos. Além das correntezas, os mareantes também se mostravam preocupados em relação à compleição dos trechos navegáveis. A propósito da travessia pelo Canal da Mancha, o mesmo narrador o refere como um "mar mui perigoso", dado que o seu solo era repleto de bancos de areia feitos e desfeitos pelo fluxo das águas. Tais bancos surgem "ora num cabo, ora em outro" e, quando ali sondavam, encontravam lugares com "quatro ou cinco braças, e em outros cem ou mais", e por isso os navios encalhavam e muitas vezes naufragavam ali.[202] O relato refere-se a um trecho onde a passagem era incerta e menciona uma forma de avaliar o espaço por meio de uma sonda, utensílio que consistia em uma corda marcada, com pesos na ponta, que era usada para medir a profundidade como forma de prevenir acidentes. Essa ferramenta foi muito usada no Atlântico devido à profundidade do mar e o receio que provocava nos navegantes.[203] O empenho no aperfeiçoamento das técnicas, bem como a atenção aos aspectos naturais do Poente mostra como esses relatos em prosa tentavam buscar fundar alguma forma de conhecimento em relação ao distante. Nessa tentativa, os informes sobre os perigos tinham um papel de peso na forma de caracterizar esse mar.[204]

Tal como nos meios terrestres, as descrições das condições de se deslocar embasavam, como foi visto, o entendimento dos nobres sobre a via. Assim, conquanto as grandes correntezas fizessem do Atlântico um lugar perigoso, existiam outros fatores que faziam com que qualquer mar fosse temido. Exemplo disso é a síntese de Diaz de Games sobre o Levante, que seria um

---

[200] UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. España: Editorial Renacimiento, 2007, p.11; FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016, p.215.

[201] "En el rax fázese el agua toda remolinos, e por esto es alí la mar más peligrosa." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.346.

[202] "Es aquella mar muy peligrosa, e llaman allí los bancos de Flandes, por que el suelo de la mar es allí toda como unos valladares, e fázelos e desfázelos la mar, a oras en un cabo, oras en otro. Quando sondan allí, en uno lugares fallarán quatro o cinco braças, e en otros ciento o más. Por esto encallan allí navíos, e muchas vezes perescen." Ibid., p.314.

[203] UNALI, A. **Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. España: Editoral Renacimiento, 2007, p.150; LOPES, P. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.192.

[204] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.346; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.146.

mar de marés baixas, mas que, caso a embarcação quisesse descansar, deveria se dirigir para a terra ou alguma rocha que a protegesse do vento, e cujas calmarias duravam "muitas horas e até dias."[205] O nobre refere-se às calmarias típicas do verão mediterrânico,[206] que foram relacionadas pelos viajantes aos atrasos dos trajetos.[207] Assim, a ausência de ventos era um dos problemas a se enfrentar nas navegações, mas também havia destaque para a importância do recolhimento aos portos ou qualquer lugar de proteção, em função dos ventos violentos. Ambos os casos mostram que as viagens marítimas eram sujeitas aos caprichos climáticos, que podiam atrasar ou mesmo pôr um fim aos percursos pelas águas.

As suspeitas em relação ao mar chegaram a fazer parte de outros registros que tinham como objetivo descrever o mundo,[208] a exemplo do *Labirinto de fortuna*, escrito por Juan de Mena (1411-1456)[209] em homenagem ao monarca Juan II. Dentre os versos alegóricos sobre a ida do escritor ao castelo da Fortuna,[210] é dito que, "para quem tem medo da fúria do mar/e receia as tempestades daquele, /a melhor contrapartida é nele não entrar/perder a cobiça do bom navegar/mas aquele que lá dentro presume andar/sem que padeça miséria nenhuma/ ao primeiro sinal da fortuna[211]/deve os portos seguros tomar".[212]Além de apelar para que os pouco corajosos evitassem o mar, as palavras do letrado vão de encontro com a necessidade de se abrigar durante os períodos tempestuosos, recomendada por Diaz de Games. Contudo, havia momentos nos quais essa não era uma saída possível, o que fazia com que os viajantes quatrocentistas tivessem de enfrentar a fúria dos mares.

Pero Tafur escreveu que, certa feita, ao cruzar o golfo de Antália, na costa da Turquia, a embarcação onde se encontrava começou a ser perseguida por mouros. O sevilhano menciona que, durante a fuga, a embarcação foi assolada por um vento tão forte que as ondas investiam

---

[205]"E ay en mar de Levante muchas baxas, mas si la galea quiere tener noche, allégase a la tierra; solamente que aya una peña con que se enecubra del viento tan afortunados, e si comiença a fazer calma, dura muchas oras, e aun días." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.347.

[206] BRAUDEL, F.A. O mar. In. BRAUDEL, F. (org.). **O mediterrâneo**: o espaço e a história. Lisboa: Teorema, 1987, p.45.

[207] Sobre as menções da ausência de ventos como fator de retardo da viagem ver: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, páginas:91; 108; 161.

[208] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.149.

[209] Juan de Mena nasceu em Córdoba, teve seus estudos na universidade de Salamanca, foi nomeado por Juan II como secretário de cartas latinas em 1443 e posteriormente ocupou o título de cronista oficial.

[210] O termo Fortuna se referia a força que regia os acontecimentos no plano mundano, trazendo muitas vezes reveses. PRIETO, J.V. Afrontar el destino: fortuna, providencia y moralidad en los tratados castellanos de la Baja Edad Media. **Erasmo**. Revista de Historia Bajomedieval y Moderna, Valladolid, Nº. 3, p. 157-180, 2016

[211] Fortuna aqui é referido como um sinônimo para os ventos violentos.

[212] "Para quien teme la furia del mar /e las tempestates reçela de aquélla, /el mejor reparo es no entrar en ella/perder la cobdiçia del buen navegar;/mas el que de dentro presume de andar/sin que padesca miseria ninguna, / a la primera señal de fortuna/debe los puertos seguros tomar." DE MENA, J. Labirinto de fortuna. In. DE MENA, J. **Poemas**. Barcelona: Red imprecions SL, 2017, p.44.

"de um lado a outro" do barco. Ao recordar isso, Tafur afirma que "gostaria mais de ter caído em poder dos turcos" do que ter naufragado "em tal lugar!".[213] A situação descrita pelo cavaleiro ilustra dois dos medos suscitados pelo Mediterrâneo: os ataques de mouros e a própria navegação.[214] Se em terra firme as condições climáticas poderiam significar agruras que dificultavam o translado, no mar, elas eram vistas como perigos extremos.[215] O cavaleiro de Sevilha deixa isso bem explícito na sua fala – ainda que com certo exagero –, ao colocar o horror em relação ao ambiente marítimo como maior que o medo dos atacantes; uma opinião difundida entre os homens do Poente.[216] Os destemperos climáticos enfrentados no mar eram sinônimos de perigo e morte e, dentre todos, o que mais ganhou destaque, sem dúvida, foram as tempestades. As referências a esse tipo de fenômeno são abundantes ao longo das descrições das vias marítimas, sendo possível reconhecer alguns pontos em comum frisados nos relatos.

No dia 17 de julho de 1403, os embaixadores castelhanos passavam pelas mediações das ilhas eólicas, no mar Tirreno. Nessa data, eles se deparam com uma "grande tormenta", acompanhada de um vento contrário que rasgou "as velas da carraca" e fez com que a nave se movesse como uma "árvore seca de uma parte a outra", de maneira que se viram "em grande perigo" com o forte vento que se unia às "chamas de fogo", à "fumaça" e ao "grande barulho" vindos dos vulcões Stramboli e Volcano.[217] Assim, após a identificação do fenômeno, é descrita a força descomunal do mar tomado pelos ventos, montando um cenário tenebroso pela proximidade com os vulcões em atividade. De forma um pouco menos ameaçadora, Pero Tafur registra que, ao navegar nas proximidades de Ibiza, em 1438, se deparou com uma grande tormenta e, durante esse episódio, o nobre viu duas carracas se assemelharem a uma "árvore

---

[213] "El comitre catalan dixo que convenia fazer outro mejor mareaje, que la galea tomaria la buelta de la tierra esperando, como era navio pequeno el nuestro, é que nos avrien á las manos; é tomamos la buelta de la mar, é la galea vímosla yr fázia la tierra, é á media noche salto un viento de la mar de Mediodia, que cada onda nos envistíe de banda á banda; quánto yo más quisiera aver caydo en poder de los turcos que non ser anegado en tal lugar! Allí me querían echar un onbre mio á la mar, salvo que lo defendímos muy bien." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.73-74.

[214] MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Serie III, Madrid, Nº 25, 2012, p. 267.

[215] GANDOSSI, C.V. La perception des dangers de la mer au Moyen Âge à travers les textes littéraires et l'iconographie. In. **La violence et la mer dans l'espace Atlantique**. (Org.) AUGERON, M ; TRANCHANT, M. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2015, p. 43 ; DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente** :1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 42.

[216] Paulo Lopes delineia uma hierarquização dos medos entres cristãos durante o fim da Idade Média e o começo da Idade Moderna, essa separação dos temores era organizada com o Mar em primeiro lugar, como o mais temido, sendo seguido depois pelas guerras e peste. LOPES, P. **O medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.178.

[217] "[…]Fizo grand tormenta e ovieron grand viento contrario […] A ora de mediodía, rómpio las velas de la carraca e andudieron a árbol seco de una parte a otra, de manera que se viron en grand peligro […] E duro la dicha tormenta martes e miércoles fasta en dos oras de la noche; e las dichas bocas, señaladamente la de Strangol e Volcan, con el grand Viento lançavan grandes llamas de fuego e fumo con grand roído." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.90.

seca", pela forma como foram arrastadas e perdidas pelo grande vento.[218] O embaixador e o cavaleiro falam sobre o mesmo mar, porém, em momentos diferentes. Pero Niño fez suas viagens em um momento próximo ao de Clavijo, em 1406, ao tentar chegar à costa da Inglaterra. Seu barco sofreu com uma grande tempestade, que levantou de tal modo o mar que "as ondas investiam pela proa até o meio da galera", tão "altas como montanhas", e fizeram com que as embarcações fossem "espalhadas e perdidas" por "muitos dias".[219] Tais situações que mostram a impotência dos homens e de seus aparatos diante desse tipo de perigo, que colocava em risco a própria viagem, são especialmente significativas, por deixarem perceber as experiências dos viajantes, dadas as condições encontradas nos caminhos aquáticos.[220]

Seguindo a ordem do relato *Embajada*, após a exposição do cenário aterrorizante, o narrador relata como o capitão ordenou aos marinheiros que cantassem a "ladainha" e "pedissem mercê a Deus"; terminando as orações, os homens avistaram nos céus os "fogos de santelmo".[221] A tormenta arrastou-se pela noite e alguns marinheiros que mantinham guarda afirmaram ter ouvido ruídos e "vozes como de homens" próximos ao barco, enquanto os embaixadores dormiam. Na medida em que os fogos duravam, a "tormenta cessou". Com a resolução do perigo, os marinheiros afirmavam que os fogos eram obra de "Frei Pero Gonzalez de Tuy", pois tinham se "encomendado a ele".[222] Nota-se que o primeiro ato descrito como forma de lutar contra o revés climático é a ordem para que os tripulantes entoassem cânticos aos santos, bem como a clemência por misericórdia divina. Tal descrição coaduna com uma encontrada no *El Victorial* sobre uma tempestade na costa da Sardenha, que avariou gravemente

---

[218] "E un dia á ora de viespras metióse tan grant fortuna en la mar, que toda aquella noche corrimos con ella, é otro dia fué muy más fuerte, en manera que las dos carracas mayores fueron árbol seco la via de Çerdena, que turó dos meses que non sopieron dellas […]" TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.20.

[219] "El acuerdo avido, arrezío el viento tan flerte e tan bravo, e levanto la mar tanto, que embestían las olas por proa fasta medi galea, e fizo girar las galeas por fuerça. Venían las olas tan altas como sierras, que non tenían ya un con outra. En poca ora fueron todas derramadas e perdidas de vista, que non veia la una a la outra, nin se llegaron dende mucho días." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.236.

[220] NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna : Universidad de la Laguna, 1962, p.171; RAOUL, D.J. L'écriture de la tempête en mer dans la littérature de fiction, de pèlerinage et de voyage. In. **Mondes marins du Moyen Âge**. (Dir.) BORUNE, C.C. Aix-en-Provence : Presses universitaires de Provence, 2006, p.225.

[221] O fogo de santelmo ou fogo fátuos trata-se de um fenômeno atmosférico que ocorria durante as tempestades no mar, quando apareciam nas extremidades dos mastros luzes das descargas eléctricas. LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.263.

[222] "E durando la tormenta, fezo el patrón canatar la ledanía e que todos pidiesen merçed a Dios. E acabada La oraçón, andando en la tormenta, pareció una lumbre de candeia en la gabia […] E no cesava en todo esto la tormenta, e a poca de ora fueron a durmir, salvo el nauchel e ciertos marineros que avíni de guardar; e estando el nauchel e dos marineros que velavan despiertos, oyeron a par de la carraca, un poço arredrado, vozes como de omnes […]E duraron estas lumbres cuanto diria una mais, e luego cesó la tormenta. E estas lumbres que así vieran, dezían que era fray Pero Gonçales de Tuy, que se avían encomendado a él." GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999, p.91-92.

os timões da galera de Niño e, estando o barco prestes a ser perdido, todos os homens suplicavam para que Santa Maria "os acudisse", ao mesmo tempo em que reparavam o leme, diminuíam a vela e lançavam "todas as pessoas para baixo" para protegê-las da intempérie.[223] Esta última descrição mescla as súplicas com algumas medidas técnicas dos mareantes para contornar a tormenta. Ambas as situações, dos embaixadores e de Niño, expõem um traço recorrente dentro das navegações quatrocentistas, a devoção como forma de salvaguarda. Cada uma das situações citadas aponta um defensor diferente: no *Embajada*, o fenômeno atmosférico que antecede o fim da tormenta é relacionado a Pero Gonzalez de Tuy, ou Pedro Gonçalves Telmo, santo galego que teve grande fama na Península Ibérica, entre o século XIV e o XV, como patrono de marinheiros e pescadores;[224] por sua vez, no *El Victorial*, os marujos pedem ajuda a Nossa Senhora, outra santidade que, desde o século XIII, fazia parte do panteão de protetores dos homens do mar,[225] e que começou a conhecer maior sucesso em Castela durante este período.[226] Logo, os riscos dos mares faziam com que se estimulasse o apego a Deus e a seus intermediários.[227]

Ainda sobre a relação entre as práticas devocionais do culto mariano e os perigos marinhos, Diaz de Games descreve que, após se trancarem na parte inferior do barco, os marinheiros continuaram com suas súplicas e promessas, escolhendo na sorte aquele a seguir como romeiro à igreja de "Santa Maria de Guadalupe", caso fossem salvos. Pouco depois, o narrador diz que os ventos começaram a diminuir e "sossegou o mar", e logo os homens souberam que Deus os havia salvo.[228] Vê-se, assim, como os votos de peregrinação a santuários

---

[223] "Toda vía se metía el viento más flerte, e con grand fuerça de las olas trocáronse los timones de caxa en galea del capitán; e era la galea a punto de se perder, llamando todos a Santa Mária que los acorrise. Cobraron los timones, e amainaron la vela, e lançaron toda gente so sota […]" DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.147.

[224] KRUS, L. **O imaginário português e os medos do mar**. In. NOVAES, Adauto (Org). **A Descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.102; LOPES, P. **O Medo do mar nos descobrimentos** – Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média. Lisboa: Tribuna da História, 2009, p.263.

[225] Durante uma tormenta próxima as ilhas da Bretanha Gutierre Diaz de Games menciona lista alguns desses padroeiros, ao passo que o medo de morrer fez com que cada homem pedisse a um santo diferente, como "Santa Maria de Guadalupe", "Santiago de Galícia"; "Santa Maria de Finesterra", "Pero Gonzalez de Tuy" e "São Vicente do Cabo". Para maiores detalhes: DÍAZ DE GAMES, 2014, op.cit., p.348-349.

[226] ELISA VARELA, M. Navegar y rezar devoción y piedad de las gentes de mar barcelonesas. **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Vol. 29, Nº. 01, p.1999 p.1123; BECEIRO PITA, I. De las peregrinaciones al viaje interior. Las transformaciones en la religiosidad nobiliar castellana. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Lyon, vol.30, Nº1, 2007, p.114.

[227] BARROS, A.J.M. **Vida de marinheiro**. Aspectos do quotidiano das gentes de mar nos séculos XV e XVI. In. **Estudos em homenagem a Luiz Antônio de Oliveira Ramos**, Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004, p.261; RAOUL, D.J. **L'écriture de la tempête en mer dans la littérature de fiction, de pèlerinage et de voyage**. In. **Mondes marins du Moyen Âge**. (Dir.) BORUNE, C.C. Aix-en-Provence : Presses universitaires de Provence, 2006, p.221.

[228] "E toda la gente fazían oraciones e votos a Dios e a los santos que los librase, e echaron a suertes quién iria de roméria para Santa María de Guadalupe. "E plogo a Dios que al quarto del alba calmo un poco el viento, e asosegó

sagrados foram umas das formas pelas quais marinheiros buscaram se ver livres dos riscos de morte encontrados no mar.[229] Passado o perigo, sobrava então a dívida. Tafur, após a tempestade perto de Ibiza, menciona sua chegada a Gênova, porto no qual ele e seus companheiros foram muito bem recebidos pelos habitantes, que demonstraram grande tristeza ao saberem das embarcações que tinham se perdido. O nobre conta que, antes de entrar na cidade, ele e os marinheiros seguiram "meia légua" até a igreja de "Nossa Senhora de Corona",[230] como haviam prometido durante a "fortuna no mar".[231] A menção ao cumprimento do voto feito durante a tormenta seria o último estágio da descrição desse infortúnio.[232] As palavras dos viajantes sobre as tormentas endossam a ideia de que as inseguranças naturais eram tidas como as mais preocupantes, principalmente as vividas nos mares, pois fugiam totalmente do controle dos homens e colocavam-nos por completo à mercê da sorte. Porém, ao longo das viagens, os homens não se limitaram apenas a descrever essas intempéries, mas buscaram, em alguma medida, entendê-las.

Por mais que existissem as noções de que ações humanas de cunho sobrenatural[233] poderiam, de forma maléfica, atuar sobre o clima durante as viagens,[234] esses episódios de provação eram relacionados em maior grau à intervenção divina. Mostra disso é a afirmação de Tafur de que, logo após pagar sua promessa, necessitava "repousar", uma vez que se sentia

---

la mar, e torno el viento al norte. El plazer muy grand, dando gracias a Dios que los avía librado." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.147.

[229] BECEIRO PITA, I. De las peregrinaciones al viaje interior. Las transformaciones en la religiosidad nobiliar castellana. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Lyon, Vol.30, Nº1, 2007, p.111.

[230] Optamos por deixar a grafia original uma vez que ainda não se tem confirmação sobre qual a igreja que Tafur se refere neste ponto, Jimenez Espada afirma que possivelmente seria algum santuário que antecedeu a basílica a Nossa Senhora Assunta di Carignano, construída em 1552.

[231] "[…]é fuemos alegremente resçebidos ansí de onbres como de mugeres, pero tales avie que tristes por el fecho de las carracas que non sabíen que seria dellas; é allí deçendimos, é ante de entrar en la çibdat fuemos media légua de allí á Nuestra Dona que Corona, que ansí lo aviamos prometido en la fortuna del mar […]". TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.20.

[232]Embora não possamos falar de um modelo fixo e geral sobre a forma como os escritos tratavam as tormentas, alguns autores elencaram uma certa ordem nas menções acerca das tempestades marítimas dentro dos relatos de viagem, sendo a descrição da tempestade organizada, na maioria das vezes da seguinte forma: surgimento do perigo, súplica, intervenção divina, ações em agradecimento. Para maiores detalhes : RAOUL, D.J. L'écriture de la tempête en mer dans la littérature de fiction, de pèlerinage et de voyage. In. **Mondes marins du Moyen Âge**. (Dir.) BORUNE, C.C. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2006, p.223-226; BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media**. Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011, p.175.

[233]CARDINI, F. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicol. USP**, São Paulo, Vol. 7, Nº 1-2, 1996, p.13 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771996000100001&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 30\07\2017.

[234] Como Pero Tafur registra sobre a arte nigromancia dos mulçumanos no Mar Vermelho que causava uma nevoa negra que cobria o mar causando uma calmaria prolongada, seguida por uma "tormenta afortunada", Diaz de Games também descreveu que ao se dirigirem ao porto de Málaga em 1404 foram surpreendidos por um névoa muito escuro, que seria conjurada por mouros feiticeiros. Para maiores detalhes: TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.66; DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.137.

"bem cansado", "irritado", "marcado" e "removido de toda ufania", dada a tribulação e abalo sofridos. Mas o cavaleiro também menciona que, graças a essa situação, pela primeira vez na vida começou "a conhecer Deus"[235] e interpretar tudo aquilo como parte de algo maior.

Os perigos dos mares eram, mais que quaisquer outros, vistos como uma faceta do comando de Deus sobre a natureza, bem como sobre a vida dos homens, uma vez que ambas eram regidas pela Providência.[236] O relato *El Victorial* traz uma passagem elucidativa dessa relação entre os fenômenos concretos e as forças superiores. Após sobreviver a uma grande tempestade no Poente, Diaz de Games descreve um debate alegórico entre ele, os "ventos" e a "fortuna". O escritor reivindica explicações sobre a inconstância do elemento, indagando quem era esse "Vento tão poderoso" que possuía a terra e o mar, e era capaz de fazer os homens viajarem pelas águas e reinos, possibilitando até mesmo um inglês viver na Etiópia – lugares antípodas um do outro, segundo ele –, mas que, em contraponto, destruía as "obras que grandes homens fabricaram" e levava à pobreza e à morte tantos bons homens.[237]

Essas inquirições são, então, respondidas fazendo uso da razão, dádiva concedida aos homens por Deus. Todas as quatros substâncias que compunham o mundo – fogo, ar, terra e água – faziam parte da criação divina e, por conseguinte, as formas como afetavam a natureza e os homens eram, do mesmo modo, desígnios divinos, segundo ele. Consequentemente, o que causava os perigos enfrentados no mar eram as próprias ações dos homens, que desafiavam a ordem do Criador, contrariando o imperativo de que cada elemento fizesse "seu ofício" e cumprisse "o mistério para qual Deus" os tinha criado. E se, no cumprimento do desígnio das substâncias, morria algum homem, era por sua culpa, visto que era contra a natureza "o homem andar sobre o mar". A fala tem como conclusão o pensamento de que, se por ventura o homem empreendesse algum ato "contra a natureza", essa seria uma razão para que ele perecesse "cruelmente".[238] Ao abrir espaço no seu relato para refletir sobre as intempéries a que os

---

[235] "[...]é venimos á la çibdat, é ya tenía yo una posada por quinze dias que avia de estar allí, é fuíme á reposar bien cansado, é enojado, é marcado, é quito de toda ufania. Aqui fué la Primera vez que començé á conosçer á Dios." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.21.

[236] LEBRERO COCHO, J. Hidrofobia medieval: miedos y peligros vinculados al agua en la literatura castellana del XV. **Medievalismo**, Murcia, Nº 25, 2015, p.263; NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962, p.263.

[237] "¿Quien eres tú, Viento tan poderoso? […] Tu posses la mar e la tierra. Tú crías e tú matas. Tú enriqueces e empobreces. Tú fazes las cosas contra natura: la grand madera, criada en los altos montes, e el fierro, e las piedras pesadas, fazes correr sobre el agua; los hombres, criados de la tierra, fazes vivir en la mar. Tú fazes al de Prusa morador en Chipre, e al inglés vivir en Etiopía […] >> Las obras que los grandes hombres fabricaron, e los sesudos fizieron a muy grandes costas, e en luengos tempos, en una ora gelo desbaratas todo, e ge lo fundes en la mar Quantos Buenos hombres matas e enpobrezes! Amansa ya e cesa, Viento e Fortuna." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.321-322.

[238] "<< ¡O, tú hombre, que tanto te quexas, e que tales querellas das de mi! Pues eres hombre e ánima razonable, ecucha e entiende lo que te diré. Verdad es que Dios me crió, segund que tú dizes, para gobernar el mundo e traer temporales. Pero entiende primeiro e conosce cómo fizo e ordenó las quatro naturas, que son el fuego, el aire, el

quatrocentistas se expunham durante a prática da viagem, Diaz de Games buscou, pois, uma explicação, com forte carga moral, acerca das condições vividas nas viagens; explicação denunciadora das concepções compartilhadas acerca da ordenação do mundo natural como parte da Criação e, por sua vez, regido por ela. Dessa maneira, a viagem pelos mares é colocada como algo antinatural, na qual abundavam os riscos e provações. Os contratempos vividos nos deslocamentos marítimos não figuravam, assim, apenas como os mais temíveis, mas também eram concebidos como parte integrante da obra divina e, por isso, dignos da resignação dos homens que transitavam pelas águas em busca das terras longínquas.

Em suma, pelo que se viu no presente capítulo, os viajantes quatrocentistas ibéricos trataram dos traslados longos não apenas como uma atividade que demandava preparo e previdência, mas buscaram, ao longo das páginas dos seus escritos, denunciar os perigos iminentes, os ataques vindos de várias partes, as doenças previstas e as impensadas, as adversidades inúmeras que pululavam pelas terras e águas de passagem. E, para além de informá-las, não se esquivaram, dentro dos possíveis da sua época, de tentar explicar as intempéries concernentes ao viajar, a partir dos jogos entre o natural e o divino, bem como entre as aspirações dos homens e aquilo que lhes tinha sido legado na ordem da natureza.[239]

agua e la tierra, para que criasen e obrasen en el mundo con su virtude, enfluencia de los cuerpos celestiales[…] Cada una destas rescibe de aquella con quien á mayor vecindad, e cada una dellas tiene su lugar limitado, en que está su sustancia, e non pasa de aquel lugar en que el alto fazedor las puso primero[…] Forçado es que cada un elemento faga su oficio, e cumpla el misterio para lo que Dios le fizo. E si allí perece el hombre, suya es la culpa. Andar el hombre en la mar, contra natura es. Pues él demanda las cosas contra natura, razón es que cruelmente peresca." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.234-236

[239] VEYNE, P. A **História conceitualizante**. In. NOVAIS, F.A, SILVA R.F, **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.505-510; Idem. **Foucault seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.179.

Considerações finais

Nas linhas em que recordou a viagem de seu marido Ruy Gonzalez de Clavijo, sua esposa Dona Mayor Arias conta como esse nobre recebeu a ordem régia para dirigir-se às terras timúridas:

> Tinha meus amores /Que havia conhecido/Mais gentil que flores/Honrado marido/Por servir os senhores, /Você é enviado /Diz-me onde vai? /Donde retornou a vela? [...]/Em sua casa estava/Rico e sossegado/Certo não pensava/De você ser enviado. /O Rei que o amava, /Enviou-lhe mandado/Que ele havia ordenado/No mar carreira.[1]

Sugere, nesses versos, que sair em viagem não era parte dos planos de Ruy Gonzalez de Clavijo, mas que seu lugar próximo ao rei Enrique III, bem como sua posição de fiel servidor, fizera dele o eleito para cumprir a missão dirigida a solos tão distantes. A angústia e tristeza expostas pela esposa deixam entrever que conceber a viagem como uma ocupação própria da nobreza era uma prática corrente dentro dos círculos nobiliárquicos daquela centúria. Não um dever apenas, mas uma espécie de honra concedida a Clavijo por seu papel de bom servidor. Esse e outros registros examinados ao longo dos três capítulos apresentados aqui levam a crer que os nobres e cavaleiros daquela época também pensavam assim, vislumbrando o ato de viajar como parte de seus afazeres e costumes.

Produzidos durante a primeira metade do Quatrocentos, em língua castelhana, os escritos que versam sobre as idas desses gentis homens para as bandas alheias guardam em suas páginas fartos apontamentos acerca das circunstâncias encontradas ao longo de caminhos que eram incógnitos para a grande maioria dos coevos. Essas relações contam sobre um mundo circunscrito, no que diz respeito à sua parte habitável e acessível,[2] não alheio à ordem da Criação, e que poderia ser na sua maior parte reconhecido pelos viajantes por meio de informações legadas por seus antecessores, bem como pelos dizeres dos sábios antigos ou dos doutrinadores cristãos.

---

[1] "Tenía meus amores/(5)/Que auia conoscido,/Gentil más que flores,/Onrrado marido./Por servir señores,/En ti es metido:/(10)¿ Dime adónde es ydo?/¿Dó volvió la vela.?[…]En su casa estava/Rrico e asosegado,/Ciertas non pensaua/ de en ti ser metido./El rey que lo amava, /Enbióle mandado/ Que él tenía ordenado/ En la mar carrera.(25). ARIAS, M. In. Abud. MOREL FATIO, A. Dos poesías castellanas inéditas del siglo XV, **Revista de Archivos**, Bibliotecas y Museos, Nº VI, Madrid,1876, p.292.

[2] LECOQ, D. Au-delá des limites de la terre habitée, Des íles extraordinaires aux terres antipodes (XIº - XIIIº siègles). In. LECOQ, D ; CHAMBARD, A. **Terre à découvrir, terres à parcourir. Exploration et connaissance du monde XIIe- XIXe siècles**. Paris : L'Harmattan, 1998, p. 15; WITTMANN, K.R. Las Islas Afortunadas como frontera hacia lo desconocido. Un estudio desde la cartografía medieval. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, Nº18, 2018, p. 233-235.

Na exposição, aqui realizada, dos desafios e auxílios com os quais os nobres depararam durante suas perambulações, pode-se perceber a predileção pelos lugares que gozavam de algum suporte humano. Os reinos subordinados a certa forma de organização – onde os nobres podiam contar com tratamento e acolhimento dignos de sua posição – eram descritos como preferíveis para se transitar àqueles que desconheciam um poder dominador sobre os homens e suas ações. Não à toa, as raras vezes em que os viajantes retrocederam ou alteraram seus caminhos deveram-se à ausência de lideranças reinantes ou à presença de um mal incontornável e imbatível, como a peste. Tais decisões mostram que esses homens dados ao perambular abominavam a falta da ordem governativa na mesma medida em que temiam as pragas mortais.

Apesar de os avanços sobre o mundo natural terem favorecido o abrandamento do temor dos quatrocentistas em relação aos sítios abertos e desabitados,[3] os nobres que se dispuseram a viajar rumo a outras plagas viram nas porções incultas do mundo as piores ameaças. Contudo, mesmo os contratempos vividos nos espaços desregrados e indômitos poderiam, na visão desses viajantes, ganhar um significado edificante. Como as casualidades naturais, embora mais violentas, eram vistas como o resultado da regência divina, os lugares não dominados pela presença humana serviam igualmente aos desígnios de Deus: esse raciocínio, presente nos relatos deixados pelos viajantes, também não era estranho aos escritos que circulavam entre os nobres de Castela.[4]

Uma tal convicção sobre o domínio e governo dos meios naturais por Deus incluía até o mais temível deles: o mar. É tal crença que fica nítida na descrição de Diaz de Games a respeito de uma grande tempestade que desbaratou uma das investidas castelhanas à costa inglesa em 1407, fazendo a força atacante passar por graves momentos e se dispersar no mar. Após se reagruparem, os marujos compartilharam relatos sobre o desespero vivido durante a tormenta e contabilizaram quantos homens teriam morrido afogados nos porões dos barcos.[5] Ao ver o desânimo de todos, Niño teria proferido as seguintes palavras: “Amigos, demos muitas

[3]ABERTH, J. **An environmental history of the Middle Ages** : The crucible of nature. Londres e Nova York: Routledge Taylor&Francis Group, 2013, p.05-06.

[4] Uma concepção semelhante, que identifica nas eventualidades terrenas uma extensão da vontade divina pode ser observada nas lições contidas no *Libro del cauallero et del escudeiro*, escrito pelo infante D. Juan Manuel no século XIV, em que o cavaleiro ancião, ao contar para o jovem escudeiro sobre as coisas da terra, menciona que: “Ca Dios fizo en ella tales cosas et tan estrannas que avn muchas dellas que omne uee et pareseen, son muy graues de entender. Esto semeja mucho a los juizos de Dios: ca commo quier que todos veemos las cosas commo acaeçesn et sabemos çietamente que todo se faze por la voluntad et por el consentimiento de nuestro señor Dios, con toto esso non lo podemos entender.”, MANUEL, D. J. **Libro del cauallero et de lo escudero**. Barcelona: Red imprecions SL, 2018, p.64.

[5]“Otros dezían que se les avían afogado algunos hombres debaxo de sota, com la granda pretura de la gente.” DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.238.

graças a Deus que nos livrou. Tínhamos de passar esta fortuna, e por isso Deus nos salvou, para que façamos algo bom".[6] Após admoestar todos, ele continua:

> Vede como Deus ajuda esta gente má, os ingleses: não os ajuda porque eles são bons, mas em razão dos nossos pecados, pois nós somos pecadores e eles são maus. E se agora Deus foi contra nós, em outra vez, ser-nos-á favorável, porque Deus é misericordioso. E se tivermos mar revolto, em outra vez, seremos compensados.[7] Nenhum se desespere, pois, as grandes fortunas, os homens hão de superar. Nascido é o homem para trabalhar. Aqueles que conquistaram a terra, ganharam os reinos por muito esforço, e grandes trabalhos passaram. [8]

Para reacender o ímpeto de seus homens a fim de continuar com a viagem rumo à Inglaterra, o discurso do cavaleiro incide sobre uma tópica corrente para explicar as causas do revés vivido pelos castelhanos, seus próprios pecados e fraquezas, denunciados por Deus por meio das tempestades.[9] A elucidação do cavaleiro, entretanto, vai além, ao asseverar que o fenômeno teria o poder de purificar os castelhanos de seus pecados, dado que se mostrava como uma espécie de pagamento de suas dívidas e, concomitantemente, uma prova dos atos valorosos praticados pelos viajantes, sobretudo na guerra contra os ingleses, povo descrito como mau e capaz de cometer faltas horríveis.[10] Essa imagem do adversário como cruel e pecaminoso concedia justeza àquele combate,[11] visto que era contraposta à virtude dos castelhanos nessa empreitada, exaltados por sua capacidade de sobrepujar o fenômeno climático, de lutar bravamente e alcançar a honra. A fala de Niño aponta que adversidades como essa constituíam meios para obtenção de conquistas e honrarias. A exposição ao perigo mortal da tempestade marítima, desse modo, era referida pelo viajante como uma forma de exercitar um comportamento virtuoso, que deveria figurar entre as principais aspirações de um bom cavaleiro. Gutierre Diaz de Games promove, ao longo de todo o relato dos feitos desse nobre, uma defesa dos cavaleiros como defensores legítimos do reino, em razão de suas qualidades

---

[6] "– amigos, demos muchas gracias a Dios que nos libró. Nosostros avíamos de passar esta fortuna, e por eso nos libró Dios: por que fagamos algund bien." DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.238.

[7] Segundo Rafael Béltran neste trecho Gutierre Diaz de Games faz uma construção aliterativa entre as palavras "irada" e "pagada" para construir o sentido de compensação futura. BÉLTRAN, R. In. DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.238.

[8] "– ved como Dios ayuda a esta mala gente de los ingleses: non les ayuda porque ellos son Buenos, mas por nuestros pecados, ca nós somos pecadores e ellos son mallos. E si agora Dios fue contra nóis, outra vez avremos pagado, porque misericordioso es Dios. E si ovimos la mar irada, outra vez la avremos pagada. Ningun non desespere, que las grandes fortunas los hombres las an de passar. Nascido es el hombre para Travajar. Los que conquistaron la tierra ganaron los reinos por mucho afanes e grandes travajos pasaron". DÍAZ DE GAMES, 2014, op.cit., p.238.

[9] RAOUL, D.J. L'écriture de la tempête en mer dans la littérature de fiction, de pèlerinage et de voyage. In. **Mondes marins du Moyen Âge**. (Dir.) BORUNE, C.C. Aix-en-Provence : Presses unicersitaires de Provence, 2006, p.221.

[10] Para maiores detalhes sobre a visão negativa dos ingleses ver: DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014, p.224-229

[11] CONTAMINE, P. **War in the Middle Ages**. Massachusetts: Blackweel, 1986, p.264.

morais elevadas. Assim, um dos aspectos dessa moral era o reconhecimento dos sofrimentos e percalços superados pelos viajantes, uma vez que, através deles, a virtude da fortaleza poderia ser exercitada, tal como foi mencionado por outros escritos destinados à edificação da cavalaria.[12]

O discurso de Niño sugere que a resiliência exteriorizada frente às severidades do mar, bem como as da vida, poderia trazer não apenas proveitos materiais, mas principalmente morais.[13] Não foi, contudo, ele o único a demonstrar interesse de expor-se aos riscos encontrados no percurso para alcançar algo de elevado valor moral para si e para seus pares. Dentre os diversos lugares da Terra Santa visitados por Pero Tafur, um em especial despertou sua atenção, por ser vetado aos cristãos: o Templo de Salomão. Ao saber desse impedimento, o sevilhano buscou uma forma de conseguir conhecer o lugar proibido e, para isso, contratou um "mouro renegado", natural de Portugal, a fim de receber auxílio para entrar no santuário. Utilizando vestes iguais às dos mouros, ele conseguiu, durante a madrugada, adentrar no templo, que descreveu como uma das mais "belas coisas" que existiam "no mundo", mas sem esquecer da perigosa situação em que se encontrava, pois, se sua presença naquele lugar fosse percebida, ele "seria logo morto".[14] O trecho indica que, embora as cidades e demais agrupamentos oferecessem garantias, e mesmo o acesso a sítios sagrados, o contato com outros povos também colocava impasses para os visitantes. Outrossim, nota-se que o cavaleiro peregrino coloca sua vida em risco, não como uma demonstração de bravura e resistência guerreira, mas como meio de evidenciar sua fé mediante o contato com um lugar reconhecidamente importante para os povos devotos das Escrituras. A coragem para enfrentar a morte pelas mãos dos infiéis, tal como a aquiescência dos rigores marítimos, mostra-se como

[12] Essa concepção pode ser vista em um documento anterior mas que buscou sintetizar certas normas de comportamentos dos homens, a *Glosa Castellana*, de 1344, em que é mencionado que "[...]los malos caballeros, ca algunos son tan gloriosos que no facen fuerza de cosa dli mundo, sino de parescer e semejar caballeros e no lo son[...]. Um outro exemplo da mesma centúria, embora posterior, ao *El Victorial*, é o *Doctrinal de los Caballeros* de Alonso de Cartagena que ao mencionar as quatro virtudes necessárias aos cavaleiros escreveu que "[...]fortaleza es virtude que faze al ombre estar fimemente alos peligros que le auiene." Tanto pelo exemplo negativo como pelo positivo as penúrias se mostravam para esses escritos como padrões edificadores da ação dos homens de armas. Para maiores detalhes: GARCÍA DE CASTROJERIZ, J. fr. **Glosa Castellana al "Regimiento de Príncipes" de Egidio Romano**. Edición, estúdio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005, p.1021; CARTAGENA, A. **Doctrinal de los Cavalleros**. Burgos: Biblioteca de Catalunya, 1497, fol.VI.

[13]HEUSCH, C. De la biografía al debate: espejismos caballerescos en el Victorial de Gutierre Díaz de Games. **eHumanista**, Vol. 16, Santa Barabara, 2010, p.323.

[14]"E aquella noche yo rogué á un moro renegado, que fué natural de Portugal, que le daria dos ducados é me metiese aquella noche á ver el templo de Salomon, é fízolo ansí; é á una ora de la noche yo entré con él vestido de su ropa é vi todo el templo […]pero çiercamente oy es una de las buenas que ay en el mundo; si yo allí fuera coñosçido por xpiano luego fuera muerto." TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995, p.45.

uma faceta da piedade cristã recomendada a todos os homens.[15] Do mesmo modo, a narrativa sobre a tempestade marítima, bem como a aventura dentro dos muros de Jerusalém são exemplos de como os viajantes mostraram uma disposição não apenas de encarar os perigos das terras e povos distantes, mas como muitas vezes se colocaram, de bom grado, em situações de perigo de vida, instigados por uma moral compartilhada, sustentada esta sobre os atos de fé e o exercício das virtudes cavalheirescas. Com esses dois últimos exemplos para encerrar a presente dissertação, o objetivo foi vislumbrar de que modo esses nobres, que viajaram em direção a terras distantes e descreveram suas idas e vindas, expuseram suas reações frente aos percalços vividos durante as jornadas.

Ao longo deste trabalho foi possível conjecturar como esses quatrocentistas que percorreram paragens estranhas não tiveram apenas o mesmo ponto de partida e de chegada, mas também compartilharam de um cabedal de saberes e valores comuns, que possibilitava e delineava a descrição das experiências vividas. Esses que escreveram em castelhano sobre as grandes viagens nesse período do Quatrocentos ressaltaram como dispunham então de melhores condições de se proteger e descansar ao longo dos caminhos, bem como contavam com diversos motivos para seguir em frente. Em suma, ao serem mapeadas algumas condições que faziam parte de um deslocamento mais alongado, foi possível avaliar como tais homens que seguiram por caminhos então poucos usuais, fosse em cumprimento do dever, fosse por vontade própria, registraram suas impressões acerca dos elementos que circundavam a prática de viajar. Os informes nesse sentido computam tanto os acolhimentos e suportes recebidos nos locais habitados, como as agressões sofridas e os percalços vencidos nos ambientes devolutos.

[15] LEBRERO COCHO, J. Hidrofobia medieval: miedos y peligros vinculados al agua en la literatura castellana del XV. **Medievalismo**, 25, 2015, p.263.

Referências bibliográficas :

Documentação :

DÍAZ DE GAMES, G. **El Victorial**. Madrid: Real Academia Española, 2014.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, 1999.

LIBRO del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban. (Ed.) SANCHÉZ LESMARÍAS, E. Memorabilia, Valencia, Vol. 11, pp. 01-30, 2008. Disponível em < http://parnaseo.uv.es/Memorabilia/Memorabilia11/PDFs/Portugal.pdf> Acesso em 10/01/2016.

TAFUR, P. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Madrid: Polifemo, 1995.

Documentação auxiliar :

ARIAS, M. In. MOREL FATIO, A. Dos poesías castellanas inéditas del siglo XV. **Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos**, N º VI, Madrid, pp.292-293,1876.

CARTAGENA, A. **Doctrinal de los Cavalleros**. Burgos: Biblioteca de Catalunya, 1497.

GARCÍA DE CASTROJERIZ, J. fr. **Glosa Castellana al "Regimiento de Príncipes" de Egidio Romano**. Edición, estúdio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005.

DE MENA, J. Labirinto de fortuna. In. DE MENA, J. **Poemas**. Barcelona: Red imprecions SL, 2017

EL libro del conoscimiento de todos los reinos. (Ed.) MARINO, N.F, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 1999.

GARCÍA GUAL, C. et al. **Tratados hipocráticos**. Juramento - Sobre la ciencia médica - Sobre la medicina antigua - Sobre la enfermedad sagrada - El pronóstico - Sobre los aires, aguas y lugares - Sobre la dieta en las enfermedades agudas - Sobre la dieta. Madrid: Gredos, 1983.

GENERAL Estoria. Primera parte. SÁNCHEZ- PRIETO, P.B; DÍAZ MORENO, R; TRUJILLO BELSO, E. Edición de textos alfonsíes. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [on line]. Corpus diacrónico del español. http://www.rae.es [02\12\2017]

MARTÍNEZ DÍEZ, G. **Becerro de Behetrías**. Vol. II. León: Centro de Estudios e Investigación 'San Isidoro', 1981.

MANUEL, D. J. **Libro del cauallero et de lo escudero**. Barcelona: Red imprecions SL, 2018.

PÉREZ DE GUZMÁN, F; GALÍNDEZ DE CARVAJAL, G; GARCÍA DE SANTA MARÍA, A. **Crónica del Señor rey Don Juan II en Castila y en Leon**. Valencia: Imprenta de Benito Monfort, 1779.

RUMEU DE ARMAS, A. Colección de Bulas y Letras expedidas por los Pontífices Benedicto XIII, Martín V, Eugenio IV y Nicolás V promoviendo la primera cristianización de las Islas Canarias. La Diócesis de Rubicón. **Anuario de Estudios Atlánticos**, Las Palmas de Gran Canaria, Nº. 52, pp.109-134, 2006. Disponível em http://www.mdc.ulpgc.es/cdm/ref/collection/aea/id/2074 acesso em 18/02/2018

VIAGENS de Jean de Mandeville. Tradução, introdução e notas de Susani Silveira Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

Dicionários:

COROMINAS, J; PASCUAL, J.A. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1984.

COROMINAS, J. **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana**. Madrid : Gredos, 1987.

DICTIONNAIRE Le Robert Poche. Paris : Le Robert, 2017

Estudos :

ABERTH, J. **An environmental history of the Middle Ages**: The crucible of nature. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013.

ARCINIEGA GARCÍA, L. **El Saber encaminado caminos y viajeros por tierras valencianas de la Edad Media y Moderna**. Valencia: Conselleria d'Infraestructures i Transport, 2009.

ANTELO IGLESIAS, A. Caballeros centroeuropeos en España y Portugal durante el siglo XV. **Espacio, tiempo y forma**. Madrid , Serie III, Nº 1, pp. 41-58. 1989. Disponível em < http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/3477 >Acesso em 16/06/2015.

_____. Estado de las Cuestiones sobre Algunos Viajes y Relatos de Viajes por la Península Ibérica en el siglo XV. Caballeros y Burgueses**. Temas medievales**, Buenos Aires, Nº 7, pp.37-58, 1997.

ANDRADE, A. A. B. **Mundos novos do mundo**. Panorama da difusão, pela Europa, de noticias dos Descobrimentos geográficos portugueses. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

AUGERON, M; TRANCHANT, M. (Org.). **La violence et la mer dans l'espace Atlantique**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2015.

ASSIS GONZÃLEZ, F. J; CHIAPPERO, L. El banquete y la identidad noble. Su representación en la literatura de la Baja Edad Media (s. XIV). **RIVAR**, Santiago, Vol. 4, Nº 11, pp.73-87, 2017. Disponível em < http://revistarivar.cl/images/vol4-n11/04_RIVAR11-AssisChiappero.pdf> acesso em 06/01/2018.

AVELAR, A.P. **Representações de um "Mundo Novo" no Portugal de Quinhento**s. Portugal/Chamusca: Cosmos, 2011.

AZNAR VALLEJO, E. Andalucía y el Atlántico norte a fines de la Edad Media. **HID**, Sevilha, Nº 30, pp.103-120, 2003. Disponível em < https://revistascientificas.us.es/index.php/HID/article/viewFile/4265/3710> acesso em 27/09/2017.

_____. Corso y piratería en las relaciones entre Castilla y Marruecos en la baja Edad Media. **En la España medieval**, Madrid, Vol. 2, pp. 407-419, 1997. Disponivel em< https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36132717/Corso_y_pirateria.PDF?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1522461983&Signature=Po1cWbLuFgEmQ%2FecrlxqKY2CVHk%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DCorso_y_pirateria_en_las_relaciones_entr.pdf> acesso em 10\08\2016.

_____. Del Mar Soñado al Mar Hollado. El Redescubrimento del Océano. **Cuadernos del CEMYR**, Laguna, Nº 15, pp.175-195, 2007. Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2666172> acesso em 28/09/2017.

_____. Marinos y pescadores. **Medievalismo**, Murcia, Nº 13-14, pp.229-240, 2004. Disponível em < http://revistas.um.es/medievalismo/article/view/51281/49421> acesso em 27/04/2017.

_____. El Mar: Fuente de conflictos y exigencia de paz. **Edad Media:** Revista Historia, Valladolid, Nº11, pp.63-89, 2010. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3220014.pdf> acesso em 17\02\2016.

_____. **Introducción a los viajes medievales**. Una mirada geográfica y cultural. In. **Viajar en la Edad Media**. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, pp.19-48.

_____. Nuevas fronteras y viejas miradas. La apertura del Atlántico en los relatos de viajes. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, Nº18, pp. 31-54, 2018. Disponível em < https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=AZNAR+VALLEJO%2C+E.+Nuevas+fronteras+y+viejas+miradas.+La+apertura+del+Atl%C3%A1ntico+en+los+relatos+de+viajes.+.+Vegueta.+Anuario+de+la+Facultad+de+Geograf%C3%ADa+e+Historia%2C+Madrid%2C++N%C2%BA18%2C+p.+31-54%2C+2018&btnG=> acesso em 06\11\2017.

_____. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madrid: Síntesis, 1994.

BAU, A.M; FERNANDA CANAVESE, G. "Agua que cura, agua que alimenta". La dietética para sanos y el uso del agua en la sociedad española bajomedieval y moderna. **Cuadernos de historia de España**, Buenos Aires, Vol. 80, pp. 127-146, 2006. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0325-11952006000100006 acessível em 17\01\2018.

BARROS, A. Nas origens de uma respublica marítima e mercantil. O acolhimento ao estrangeiro nos portos medievais e modernos. **CEM Cultura, Espaço & Memória:** revista do CITCEM, Porto, Vol. 6, pp. 61-72, 2015. Dísponivel em < http://ojs.letras.up.pt/index.php/cem/article/view/3056> acesso em 20/12/2017.

BARROS, A.J.M. **Vida de marinheiro**. Aspectos do quotidiano das gentes de mar nos séculos XV e XVI. In. **Estudos em homenagem a Luiz Antônio de Oliveira Ramos**, Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004.

BECEIRO PITA, I. De las peregrinaciones al viaje interior. Las transformaciones en la religiosidad nobiliar castellana. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Lyon, Vol.30, Nº1, pp.109-125. 2007. Disponível em < http://www.persee.fr/doc/cehm_0396-9045_2007_num_30_1_1799 > acesso em 23\02\2016.

_____. **Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval**. Espanha: Nausícaä, 2007.

BÉGUELIM ARGÍMON, V. **La geografía en los relatos de viajes castellanos del ocaso de la Edad Media** Análisis del Discurso y Léxico. Zaragoza: Pórtico, 2011.

_____. El caballero en el mar: don Pero Niño, conde de Buelna, entre el Mediterráneo y el Atlántico. **Erebea**, Huelva, Nº 03, pp. 71-102, 2013. Disponível em < http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/7671> Acesso em 20/08/2015.

BELTRÁN, R. Los libros de viajes medievales castellanos: Introducción al panorama crítico actual: ¿cuántos libros de viajes medievales castellanos? **Filologia Románica**, Madrid, Nº Extra-1. pp. 121-164, 1991. Disponível em http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM9191220121A/12692 Acesso em 23/06/2014.

_____. Para los Antecedentes Literarios de los «Diarios» Colombinos. In. LITERATURA MEDIEVAL, Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Vol. 4, Lisboa,1991, **Ata de congresso**, Lisboa: Cosmos, 1993, pp. 249-255.

BOCHACA, M. Del Mediterráneo al Atlántico: parla y representaciones marineras en la primera mitad del siglo XV. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, pp.109-131, 2014. Disponível em < https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/4219/CC_22_%282014%29_05.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 10/09/2017.

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo** – Séculos XV-XVIII, Vol. 03. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1997.

_____. (org.). **O mediterrâneo**: o espaço e a história. Lisboa: Teorema, 1987.

CAETANO, M. **História do direito Português**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1992.

CASTELNUOVO, G. Difficoltá e pericoli del viaggio. In. GENSINI, S. (Ed.) **Viaggiare nel medioevo**. Pisa: Pacini, 2000, pp.447-464.

CARDINI, F. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicol. USP**, São Paulo, Vol. 7, Nº 1-2, pp. 09-16, 1996, Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771996000100001&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 30\06\ 2017.

CASTRO HERNÁNDEZ, P. Libros de Viaje y espacios Narrativos a Finales de la Edad Media. **Forma**, Barcelona, Vol. 08, pp.39-53, 2013. Disponível em < https://www.academia.edu/5348303/Libros_de_viajes_y_espacios_narrativos_a_finales_de_la_Edad_Media > Acesso em 27/05/2015.

_____. "Un estado de la cuestión sobre las Andanças e viajes de Pero Tafur: discusiones historiográficas y problemáticas de estudio", **Revista Historias del Orbis Terrarum**, Anejos de Estudios Clásicos, Medievales y Renacentistas. Santiago, Vol. 6, pp.27-71, 2013. Disponível em < https://historiasdelorbisterrarum.wordpress.com/2013/11/26/un-estado-de-la-cuestion-sobre-las-andancas-e-viajes-de-pero-tafur-discusiones-historiograficas-y-problematicas-de-estudio/ > Acesso em 08/06/2015.

CASTRO, T. La alimentación castellana e hispanomulsumana bajomedieval ¿dos códigos opuestos? **Estudios de Historia y arqueología medievales**, Cádiz, Nº XI, pp. 33-65, 1996.

CORBELLA DÍAZ, D. Historiografia y Libros de Viajes. **Filología Románica**. Madrid, Anexo I, pp. 101-120, 1991. Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=100796> acesso em 01\06\2015.

CAÑAS GÁLVEZ, F. P. **El itinerario de la Corte de Juan II de Castilla (1418-1454)**. Madrid: Sílex, 2007.

_____. La diplomacia Castellana durante el reinado de Juan II: la participación de los letrados de la cancillería real en las embajadas regias. **AEM**, Madrid, pp. 691-722. Vol. 40, Nº2, 2010. Disponível em < http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/download/321/325.> acesso em 17\93\2016.

_____. La itinerancia de la Corte de Castilla durante la primera mitad del siglo XV El eje Burgos-Toledo, escenario burocrático-administrativo y político de la Monarquía en tiempos de Juan II. **E-Spania**: Revue électronique d'études hispaniques médiévales, Nº. 8, 2009.

CASADO ALONSO, H. Viajes de negocios. Comercio regional y gran comercio en Castilla a fines de la Edad Media. In: **Viajar en la Edad** Media. Instituto de Estudios Riojanos, 2009, pp. 305-334.

CASALDUERO, J. G. La profecía medieval en la literatura castellana y su relación con las corrientes proféticas europeas. **Nueva revista de filología hispánica**, Vol. 20, Nº 1, Cidade do Mexico, pp. 64-89, 1971. Disponível em < https://www.jstor.org/stable/40297939> Acesso em 23\06\2018.

CASTANHO, G.C. G. A polissemia (social) do deserto: uma história do 'tópos' histórico e historiográfico da solidão no contexto latino medieval. **Rev. Hist**. (São Paulo), São Paulo, Nº. 173, pp. 115-139, Dec.2015. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034830920150002001 15&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19\06\2017.

CASTRO, T. La alimentación castellana e hispanomusulmana bajomedieval ¿dos códigos opuestos? **Estudios de Historia y arqueología medievales**, Cádiz, Nº XI, pp. 33-65, 1996.

Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=100659> acesso em 09/02/2018.

VALDALISO CASANOVA, C. La obra cronística de Pero Lopez Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castila. **Edad Media.** Revista Historia, Valladolid, Nº 12, pp. 193-211, 2011. Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3632517> acesso 09\08\2016.

CARLUCCI.F. Recompondo Tamerlão e Samarcanda: a embaixada castelhana de Ruy González de Clavijo (1403-1404). In **Os Viajantes medievais da rota da seda**. (Org.) MACEDO. J. R., Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2011, pp.193-207.

CARRIZO RUEDA, S.M. **Escrituras del viaje**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

CERVIGÓN ORTEGA, J. I. Prestigio Político y oficios reales: La nobleza conquense bajomedieval en el entorno cortesano. **AEM**, Madrid, Vol. 37, Nº.02, pp. 563-595, 2007. Disponível em < http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/view/48> acesso em 14\06\2016.

CHAUNU, P. **La expansión europea** (siglos XIII al XV). Barcelona: Labor, 1982.

CONTAMINE, P. **War in the Middle Ages**. Massachusetts: Blackweel, 1986.

CONTRERAS, J. **Doña Angelina de Grecia**: Ensayo biográfico. Sevilha: Antonio San Martin, 1913.

CORREIA, M.S. **As viagens do Infante D. Pedro pelas quatro partidas do mundo**. Gradiva: Lisboa, 2000.

CROSBY, A.W. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental - 1250-1600. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

DELUMEAU, J. **História do medo Ocidente**:1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

DE LA PEÑA, E, B. Un Regimen Sanitatis contra la peste: el tratado del licenciado Vázquez. **Asclepio**. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia, Madrid, Vol. LXIV, Nº 2, pp. 397-416, 2012. Disponível em http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/526 acesso em 18\ 11\2017.

DIAGO HERNANDO, M; LADERO QUESADA, M. A. Caminos y ciudades en España de la Edad Media al siglo XVIII. **En la España medieval**, Madrid, Nº 33, pp. 347-382, 2009. Disponível em < https: //revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/viewFile/ELEM1010110347A/21157.> acesso em 25\04\2016.

DORÉ, A. Relações entre oriente e ocidente (séc. XIII- XVII): mercadores, missionários e homens de armas. **Biblos**, Rio Grande, Vol. 21, Nº 02, pp. 105-124, 2007. Disponível em https://periodicos.furg.br/biblos/article/download/837/321 acesso em 14\07\2017.

DU JOURDIN, M.M. **A Europa e o mar**. Lisboa: Presença, 1995.

DUBY, G. **A sociedade cavaleiresca**. Lisboa: Teorema, 1990.

DUCELLIER, A; KAPLAN, M; MARTIN, B. **El cercano oriente medieval de los bárbaros a los otomanos**. Madrid: Akal, 1988.

ESCALANTE VARONA, A. La función de la ciudad en un libro de viajes medieval: el Viaje a Oriente de fray Antonio de Lisboa. **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, Vol.4, Número 1-1 (Número Especial), pp. p. 211-235, 2015. Disponível em http://www.academia.edu/18879162/La_funci%C3%B3n_de_la_ciudad_en_un_libro_de_viajes_medieval_el_Viaje_a_Oriente_de_fray_Antonio_de_Lisboa acesso em 14/05/2017.

ELISA VARELA, M. Navegar y rezar devoción y piedad de las gentes de mar barcelonesas. **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Vol. 29, Nº. 01, pp. 1119-1132, 1999.

FERNANDEZ GALLARDO, L. Alonso de Cartagena y el debate sobre la caballería en la castilla del siglo XV. **Espacio, tiempo y forma**, Madrid, Serie III, Historia Medieval, Nº 26, pp. 77-118, 2013. Disponível em < http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/10809> acesso em 02/03/2017.

FRANÇA, S.S.L. Andanças de viageiros medievais pelo "Outro Mundo", **Notandum**, São Paulo / Porto, Ano XII, Nº 21, pp. 31-38, 2009. Disponível < http://www.hottopos.com/notand21/NOTANDUM21.pdf#page=31> acesso em 12\11\2014.

_____. **Mulheres dos outros**: os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII e XIV). São Paulo: Editora Unesp, 2015.

FERREIRA PRIEGUE, E. Saber viajar: arte y técnica del viaje en la Edad Media. In**:** IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994, p. 45-69.

FLANDRIN, J.L; MONTANARI, M. (Dir.). **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FLORES DÍAZ, M. **Castilla y el dominio del mar en la Edad Media (1248-1476)**. 2015. **Tese** (Doutorado em História) – Universidad Complutense de Madrid Facultad de Geografía e História, Madrid, 2016.

FONSECA, L.A. O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16. **Estudos Avançados**, São Paulo, Vol. 6, Nº. 16, pp. 35-51, 1992. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141992000300004&lng=en&nrm=iso acesso em 19\ 06\2016.

FUENTE PÉREZ, M. J. El impacto de la peste en una ciudad castellana en la Baja Edad Media, Palencia. **Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses**, Palencia, N.º 59, pp. 415-432, 1988.

HALBWACHS, M. **La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris: Press universitaires de France, 1941.

GALLEGOS, F. La tolerância con los peregrinos en la Europa medieval. **Revista de Inquisición**, Madrid, Nº14, pp. 09-46, 2010. Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3602609.pdf> acesso em 19/11/2017.

GALLENT MARCO, M. El riesgo sanitario en la sociedad medieval. In. MORENO CASTRO, C. (Ed.) **Comunicar los riesgos**. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información, Madrid: Biblioteca Nueva, 2009, pp.37-64.

GARCEZ VENTURA, M. Espelhos de Espelhos... D. Duarte na Companhia de D. Afonso de Cartagena entre a cultura, a moral e a política. **História Revista**, Mariana, Vol. 18, Nº 2, pp. 37-51, 2013. Disponível em < https://www.revistas.ufg.br/historia/article/download/29840/22713. > acesso em 20/04/ 2016.

GARCIA DE CORTAZAR, J.A. El hombre medieval como "homo viator": peregrinos y viajeros. In: IV Semana de Estudios Medievales, Nº 4, 1993, Najera, **Ata de congresso**, Najera: Instituto de Estudios Riojanos, 1994.

_____. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996

GARCÍA DE CASTRO, F.J. **La marina de guerra de la corona de Castilla en la baja Edad Media**. Desde sus Orígenes hasta el reinado de Enrique IV. 2011. **Tese** (Doutorado em História)– Universidad de Valladolid, Valladolid, 2012.

GARCÍA MARTÍNEZ, P. **El cara a cara con el otro**: la visión de lo ajeno a fines de la Edad Media y comienzos de la Edad Moderna a través del viaje. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Edition, 2015.

_____. Desplazarse en el siglo XV: movilidad y condiciones del viaje. **ActaLauris**, Valladolid, N.º 03, pp. 95-108, 2016. Disponível em < https://www.researchgate.net/profile/Pedro_Martinez_Garcia2/publication/323583744_Desplazarse_en_el_SXV_movilidad_y_condiciones_del_viaje/links/5a9ec4f60f7e9badd99e6cea/Desplazarse-en-el-SXV-movilidad-y-condiciones-del-viaje.pdf> acesso em 19\06\2017.

GÁRCIA SANCHÉZ, E. Libros de viaje en la península ibérica durante la Edad Media: Bibliografía. **Lemir,** Valencia, Nº14, pp. 352-402, 2010. Disponível em< http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3971546 > Acesso em: 03/11/2013.

GOMES. R.C. "A curialização da nobreza", In: **O tempo de Vasco da Gama**. (Dir.) Diogo Ramada Curto, Lisboa: Difel, pp. 179-188, 1998.

GONÇALVES, R. A. **Cristãos nas terras da Cã**: as viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XVI. São Paulo : Editora Unesp, 2013.

GONÇALVES, I. Viajar na Idade Média: através da Península em meados do século XIV. **ARQUIPÉLAGO**-Revista da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Nº2, pp. 119-142, 1980. Disponível em < http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/562> acesso em 25/02/2106.

_____. **Imagens do mundo medieval**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

GONÇALVES, J. **O Infante D. Pedro das sete partidas**: e a gênese dos descobrimentos. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1995.

GONZÁLEZ ROLÁN, T. La Carta del Preste Juan de las Indias. Un ejemplo de la superación de las fronteras culturales y del interés europeo por el mundo maravilloso de Oriente. **Cuadernos de CEMYR**, Laguna, Nº22, pp.11-28, 2014. Disponível em < https://riull.ull.es/xmlui/handle/915/4214 > acesso em 17\05\2016.

HEUSCH, C. De la biografía al debate: espejismos caballerescos en el Victorial de Gutierre Díaz de Games. **eHumanista**, Santa Barbara, Vol.16, pp.308-327, 2010.

HOWARD, D. **Writers and pilgrims medieval pilgrimage narratives and posterity**. Los Ángeles: University of California Press, 1980.

LEBRERO COCHO, J. Hidrofobia medieval: miedos y peligros vinculados al agua en la literatura castellana del XV. **Medievalismo**, Murcia, Nº 25, pp. 261-284, 2015.

LACARRA DUCAY, M.J. La imaginación en los primeros libros de viajes. In: Actas del III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Salamanca, 1989. **Ata de congresso**. Salamanca: Departamento de Literatura Española e Hispanoaméricana, 1994. pp. 501-509.

JIMÉNEZ ALCÁZAR, Juan. Francisco. Castilla y el mar Mediterráneo: Encuentros y desencuentros en la baja Edad Media. **Intus-Legere Historia**, Viña del Mar, Vol. 5, Nº 2, p.07-33, 2011. Disponível em < https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4019429.pdf> acesso em 18/03/2017.

LADERO QUESADA, M. A. La Fiesta en la Europa Mediterránea Medieval. In. II tempo libero. Economia e società. Sec. XIII-XVIII: Atti della" ventiseiesima settimana di studi", Nº27, 1994, **Ata de congresso**, Florença: Ist. Storia Economica Datini, 1995, p.83-110. Disponível em < http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20CEMYR/021994/01%20(Miguel%20%C3%81ngel%20Ladero%20Quesada).pdf > acesso em 11\10\2016.

LA LLAVE, R.C. Violencia cotidiana en Castilla a fines de la Edad Media. In: **Conflictos sociales, políticos e intelectuales en la España de los siglos XIV y XV**: XIV Semana de Estudios Medievales, Nájera, de 4 a 8 de agosto de 2003.IGLESIA DUARTE, J. G. (coord.). La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, 2004.

LE GOFF, J. El Occidente medieval y el Océano Índico: un horizonte onírico. In: Le Goff, J. (org.). **Tiempo, trabajo y cultura en el Occidente medieval**. Madrid: Taurus,1983, p.263-280.

_____. **O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval**. Lisboa : Edições 70, 1985.

LECOQ, D. Au-delá des limites de la terre habitée, Des íles extraordinaires aux terres antipodes (XIº - XIIIº siègles). In. LECOQ, D.; CHAMBARD, A. **Terre à découvrir, terres à parcourir.**

Exploration et connaissance du monde XIIe- XIXe siècles. Paris: L'Harmattan, 1998, pp.14-41.

LÉON RODILLA, M. J. Laudibus Urbium: Ciudades Orientales en libros de viaje. **Medievalla**, Cidade do México, Nº 34, pp. 03-08, 2002 Disponível em < https://revistas-filologicas.unam.mx/medievalia/index.php/mv/article/view/125>

LOPES, P. C. A concepção do espaço no Livro do Conhecimento. **Memoria Europae**, San Juan, Vol.01, Nº 01, pp. 04-41, 2015. Disponível em https://run.unl.pt/handle/10362/19397 Acesso em 14\03\2017.

_____. Os livros de viagens medievais. **Medievalista on line**, Lisboa, Nº 2, pp. 01-32, 2006. Disponível em https://run.unl.pt/handle/10362/16116 acesso em 21\04\2013.

_____. **O medo do mar nos Descobrimentos**. Lisboa: Tribuna da Historia, 2009.

LÓPEZ GÓMEZ, O. Correos, mensajeros y estantes en la Castilla del siglo XV. Algunas consideraciones. **De Medio Aevo**, Madrid, Vol. 4, nº 1, pp.01-26 2015.. Disponível em < http://capire.es/eikonimago/index.php/demedioaevo/article/view/109 > acesso em 17\11\2016.

MACEDO, J.R. Os caminhos da Rota da Seda e os relatos de viajantes medievais. In. **Os Viajantes medievais da rota da seda**. (Org.) MACEDO. J. R., Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2011, pp.09-28.

MARTÍN PRIETO, P. Las huellas del miedo en la literatura de viajes medieval: una aproximación metodológica. **Espacio, tiempo y forma**, Madrid, Serie III, Nº 25, pp. 255-284, 2012. Dísponivel em < http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/1686> acesso em 13/09/2017.

MARQUES, A.H.O. **Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença, 1987.

MARQUES, J. **Peregrinos e peregrinações medievais do ocidente peninsular nos caminhos da Terra Santa**. Porto: Universidade do Porto Faculdade de Letras, 2001.

MARQUES, J.F. Os mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a evangelização portuguesa no Norte de África até ao século XVI. In Congresso internacional Bartolomeu Dias e a sua época Vol. V, **Ata de Congresso**, Porto: Universidade do Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses ,1989, pp.343-368 Disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20888/2/jfmarquescongressoV000087351.pdf acesso em 13/01/2018.

MATTOSO, J. **A nobreza medieval portuguesa a família e o poder**. Lisboa: Estampa, 1980.

MOLLAT, M. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MOLINA MOLINA, A.L, Pedro Tafur, un hidalgo castellano en tierra santa y Egipto. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 27, pp. 641-662, 2011. Disponível < http://revistas.um.es/turismo/article/view/140141 >acesso em 29\07\2016.

_____. Viajeros y caminos medievales. **Cuadernos de turismo**, Murcia, Nº 4, pp. 111-126, 1999. Disponível em < http://revistas.um.es/turismo/article/view/22861> acesso em 26\09\2016.

MOURA, D.A.S. CARVALHO, M.M. LOPES, M.A. **Consumo e abastecimento na História**. São Paulo: Alameda, 2009.

MONSALVO ANTÓN, J.M. **Atlas histórico de la España medieval**. Madrid: Sintesis, 2014.

NAVARRO GONZALEZ, A. **El mar en la literatura medieval castellana**. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1962.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M.V. "Falsos amigos" y "verdaderos amigos" en el Livro do Infante D. Pedro de Portugal (1644), **Revista de Filología Románica,** Madrid, Nº. 22, pp.59-95, 2005. Disponível em < https://core.ac.uk/download/pdf/38841222.pdf> acesso em 12\03\2016.

NIETO SORIA, J.M. **Iglesia y génesis del Estado moderno en Castilla (1369-1480)**. Madrid: Complutense, 1993.

NOVAES, A.(Org). **A Descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OCHOA, J. A. La embajada a Tarmolán. Su ruta del Peloponeso a Roda**. Byzantion** Revue internationale des Études Byzantines, vol. 60, Bruxelas, pp.213-231, 1990.Disponível em < http://www.jstor.org/stable/44171966> acesso em 09/02/2017.

_____. La Embajada a Tamorlán. Su recorrido por el Mediterráneo occidental. **Dicenda**. Cuadernos de Filología Hispánica, Madrid, Nº 10, pp.149-168, 1991. Disponível em <http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/download/DICE9192110149A/13250> acesso em 21/08/2106.

PEREZ MARTÍN, I. Ficción y realidad en las narraciones hispanas de viajes a Bizancio. In. ARCAZ POZO J.L; MONTERO, M. (ed.). **Mare Nostrum** viajeros griegos y latinos por el Mediterraneo, Madrid: SEEC, 2012, pp.175-197.

PHILLIPS, J.R.S. **La expansión medieval de Europa**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994.

PÉREZ PRIEGO, M. A. Encuentro del viajero Pero Tafur con el humanismo florentino del primer cuatrocientos. **Revista de literatura**, Madrid, Vol. LXXIII, Nº145, pp. 131-142, 2011. Disponível em <http://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/view/255> acesso em 12\03\2017.

_____. Estudio literario de los libros de viajes medievales, **Epos**, Madrid, N°01, pp.217-239, 1984. Disponível< http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/03/aiso_3_3_012.pdf > Acesso em 18/08/2015.

POPEANGA, E. El discurso medieval en los libros de viajes. **Filología Románica**, Nº 8. Madrid, pp. 149-162, 1991. Disponível em<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM9191120149A/12741>. Acesso em 05/ 06/ 2014.

_____. Lectura e investigación de los libros de viajes medievales. **Filología Románica**, Anejo I. Madrid, pp. 09-26, 1999. Disponível em<http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/RFRM9191220009A/12673>. Acesso em 27/07/2014.

PORQUET, L. **La peste en Normandie du XIVe au XVIIe siècle**. Paris : Alexandre Coccoz, 1898.

QUEVEDO, E. Cuando la higiene se volvió pública. **Revista de la Facultad de Medicina**, Bogotá, Volº 52, Nº. 1, pp. 83-90, 2004. Disponível em < https://revistas.unal.edu.co/index.php/revfacmed/article/view/43310> acesso em 20\12\2017.

RICHARD, J. **Les récits de voyages et de pèlerinages**. Turnhout: Brépols, 1981.

RIQUER, M. **Caballeros andantes españoles**. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

_____. **Vida Caballeresca en la España del siglo XV**. Barcelona : Marina S. A. 1965.

RAOUL, D.J. L'écriture de la tempête en mer dans la littérature de fiction, de pèlerinage et de voyage. In. BORUNE, C.C. (Dir.) **Mondes marins du Moyen Âge**. Aix-en-Provence : Presses universitaires de Provence, 2006, pp.217-229.

RAMOS, M. J. et al. **Carta do Preste João das Índias**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

RODRIGO ESTEVAN, M.L. Compartir alimentos en las sociedades medievales : usos y significados. In. **Sharing Food** (coord.) GARINE, E; RODRIGO ESTEVAN, M.L; RAIMOND, C; MEDINA XAVIER, F. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2016, pp.191-214.

RODRÍGUEZ VELASCO, J. D. Para una Periodización de las ideas sobre la Caballería en Castilla (1250-1500). Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de literatura Medieval, Alcalá de Henares, 1995, **Ata de congresso**, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1997, pp. 1335-1346.

ROGERS, F.M. **The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal**. Massachusetts: Harward University press Cambrindge, 1961.

ROJAS DONAT, L. La potestad apostólica in spiritualibus en las bulas ultramarinas portuguesas del siglo XV. **Temas Medievales**, Buenos Aires, Vol. 15, 2007 Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0327-50942007000100007&lng=es&nrm=iso. Acesso em 10\11\2017

ROUX, J. P. **Les explorateurs au Moyen Age**, Paris : Fayard, 1985.

RUBIO TOVAR, J. **Libros españoles de viajes medievales**. Madrid: Taurus, 1986.

RUCQUOI, A. Entre la espada, el arado y la patena: las tres órdenes en la España medieval. **Dimensões**, Vitória, Nº. 33, pp. 10-35, 2014. Disponível em < http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9092> acesso em 16\09\2016.

_____. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. Peregrinos de España a Jerusalén y Roma (siglos X-XIII). In. Peregrino, ruta y meta en las 'peregrinationes maiores', VIII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos, Nº 8, Santiago de Compostela, **Ata de Congresso**, Santiago de Compostela: Secretaría Xeral da Presidencia. S.A. de Xestión do Plan Xacobeo, 2012, pp.41-60.

RUIZ DE LOIZAGA, S. **La peste en los reinos peninsulares**. Según documentación del archivo vaticano. Bilbao: Museo Vasco de historia de la medicina y de ciencia, 2009.

RUIZ DE TOLEDO, F.J. V. El encuentro de Pero Tafur y Niccoló del Conti. **Isimu**, Madrid, Nº14-15, pp.151-164, 2011. Disponível em < https://revistas.uam.es/isimu/article/view/3327> acesso em 13\06\2016.

SHARRER, H. L. "Evidence of a fifteenth-century Libro Del Infante Don Pedro de Portugal and its relationship to the Alexander cycle". **Journal of Hispanic Philology**, Santa Bárbara, Vol. I, Nº 02, pp. 85-98, 1977.

SILVA, V. D. **Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990.

SOUZA, M.T. S. **O regimento do corpo em Portugal no século XV**. Franca: [s.n.], 2014 185 f. **Tese** (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2014.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, L. **História de España**. Madrid: Gredos, 1978.

_____. **Los trastámaras y los reys Católicos**. Madrid: Gredos, 1985.

_____. **Nobleza y monarquia**: entendimiento y rivalidad. El proceso de la construcción de la corona española. Valladolid : Ed. de Valladolid, 1975.

SPULER, B. **Les Mongols dans l'histoire**. Paris: Payot, 1961.

UNALI, A**. Marineros, piratas y corsarios catalanes en la Baja Edad Media**. Espanha: Editoral Renacimiento, 2007.

VAL VALDIVIESO, M.I. (coord.). **El agua en el imaginario Medieval los reinos ibéricos en la Baja Edad Media**. Alicant: UNE, 2016.

_____. (Ed.) **La percepción del agua en la Edad Media**. Alacant: publicacions de la Universisat d'Alavant, 2015.

VALDEÓN BARUQUE, J. **La dinastía de los trastámara**. Madrid: El Viso, 2006

_____. La Corte en Castilla en Época Trastámara. **Aragón en la Edad Media**, Zaragoza, Vol. 02, Nº14-15, pp. 1597-1608, 1999. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/10410 > acesso em 17\08\2016

VEAS ARTESEROS, F. A. **Itinerario de Enrique III**. Murcia: Universidad de Murcia, 2003.

VERDON, J. **Sombras y Luces de la Edad Media**. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2006.

VERDON, J. **Voyager au Moyen Age**. Paris: Perrin, 2007.

VEYNE, P. A. **História Conceitualizante**. In NOVAIS, F.A, SILVA R.F, Nova História em Perspectiva. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. **Como se Escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **Acreditavam os gregos em seus mitos**? Ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VIAJES y viajeros en la España medieval, Actas del V Curso de Cultura Medieval, Nº 5, 1993, Palencia, **Ata de congresso**, Madrid: Polifemo, 1997.

VIGARELLO, G. **História das práticas de saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Noticias, 1999.

_____. **Lo limpio y lo sucio**. La higiene del cuerpo desde la Edad Media. Madrid: Alianza, 1991.

VILHENA, M. D. C.O Preste João: mito, literatura e história. **ARQUIPÉLAGO**. Açores, 2ª série, Vol. 5, pp. 627-649, 2001. Disponível em < https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/357 > acesso em 07\01\2017

WEBB, D. **Pilgrims and pilgrimage in the medieval West**. London- New York : IB Tauris, 2001.

WITTMANN, K.R. Las Islas Afortunadas como frontera hacia lo desconocido. Un estudio desde la cartografía medieval. **Vegueta**. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, Madrid, Nº18, pp. 233-255, 2018. Disponível em < http://revistavegueta.ulpgc.es/ojs/index.php/revistavegueta/article/view/418> acesso em 01/02/2018

YULE, H. (Ed.). **Cathay and the way thithe**r, being a collection of medieval notices of China. Vol III, Nova Delhi: Asian Educational Services, 2005.

Y RONNA, E.O (Ed.). **Colección de poesías castellanas anteriores al siglo XV**. Baudry, 1842.

ZUMTHOR, P. **La Medida Del Mundo** - Representatión del espacio en la Edad Media. Madrid: Cátedra, 1994.